

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
ICHF - INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUCIANA DA SILVA RODRIGUEZ

**ENTRE O PESO DA GORDURA E O DAS VULNERABILIDADES NO TRABALHO:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBESIDADE MÓRBIDA NA ATUALIDADE**

NITERÓI  
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
ICHF - INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUCIANA DA SILVA RODRIGUEZ

**ENTRE O PESO DA GORDURA E O DAS VULNERABILIDADES NO TRABALHO:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBESIDADE MÓRBIDA NA ATUALIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do título de Doutorado em Psicologia. Área de concentração: Clínica e Subjetividade

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Teresa Cristina O. C. Carreiro

Niterói  
2016

R696e Rodriguez, Luciana da Silva.

Entre o peso da gordura e o das vulnerabilidades no trabalho: considerações sobre a obesidade mórbida na atualidade / Luciana da Silva Rodriguez. - Rio de Janeiro, 2016.

210f.

Orientadora: Teresa Cristina Othênio Cordeiro Carreiro.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciência Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2016.

LUCIANA DA SILVA RODRIGUEZ

**ENTRE O PESO DA GORDURA E O DAS VULNERABILIDADES NO TRABALHO:  
CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBESIDADE MÓRBIDA NA ATUALIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do título de doutorado em Psicologia. Área de concentração: Clínica e Subjetividade

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreiro – UFF

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dominique Lhuilier - CNAM

---

Prof. Eugène Enriquez – Université Paris VII

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Junia de Vilhena – PUC-RJ

---

Prof. Dr. Hélder Pordeus Muniz - UFF

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo conforto nos momentos de angústia.

Aos meus pais, Cesareo e Lucia, pelos valores, educação, orientação e incentivo aos estudos ao longo da minha história de vida.

A minha irmã Rachel pelo apoio em momentos difíceis, e pelo trabalho e carinho investidos na confecção da capa da tese.

Ao meu namorado Rodrigo pelo companheirismo, paciência e carinho, com quem dividi em grande parte os incômodos sobre o tema e o percurso de escrita.

A Teresa Cristina Carreiro, minha orientadora, tutora e amiga, a quem muito estimo e admiro pela gentileza e carinho, tendo sido uma grande incentivadora, e a quem devo grande parte do meu percurso acadêmico.

A Bruna de Oliveira, Daniele Vargas, Renee Borges, Carolina Rodrigues, Ana Maria Vale e Luciana Martins, equipe de pesquisa que me acompanhou em diferentes períodos de escrita. Pessoas muito queridas, que contribuíram imensamente nas discussões, análises, bibliografia e revisão do texto, e agradeço principalmente pelo suporte amistoso e divertido que tornaram o percurso do doutorado mais leve.

A CAPES, órgão de fomento por ter concedido a bolsa de doutorado.

Aos participantes da pesquisa pela disposição, disponibilidade e confiança para dividir parte de suas trajetórias de vida, pois sem elas não seria possível essa investigação.

Aos professores Eugène Enriquez, Junia de Vilhena e Hélder Pordeus Muniz pela participação na qualificação e defesa dessa tese, tendo contribuído imensamente para a sua discussão.

A professora Dominique Lhuillier pelo interesse pelo tema da pesquisa, pelo esforço da leitura em português da tese e pelo aceite em participar da defesa.

Aos meus amigos queridos, companheiros de todas as horas, pela compreensão quanto à ausência dos eventos sociais por causa da tão custosa escrita da tese.

A todos, o meu Muito Obrigada!!!!

## RESUMO

A obesidade é apontada pela Organização Mundial da Saúde como uma doença crônica, de etiologia multifatorial e de proporções epidêmicas. O seu incremento nos últimos anos tem lhe caracterizado como um grande problema de saúde pública. Dentro deste cenário, a obesidade, grau III ou mórbida constitui uma versão patológica grave, em que o excesso de gordura atinge níveis que afetam a saúde física aumentando o risco de problemas associados, com repercussões psíquicas importante. Atualmente, observa-se uma hipervalorização da aparência, onde reinam um grande apelo estético e forte incentivo à magreza. Neste contexto, a obesidade é um estado que destoa, fazendo prevalecer uma visão negativa e pejorativa, produzindo um imperativo ao emagrecimento. Há um discurso sobre forma e saúde que se conjugam e que na sua reprodução provocam diversas e complexas situações de preconceito e discriminação no dia-a-dia e que também tem implicações no campo do trabalho. É nessa direção que esta pesquisa objetiva problematizar e discutir os processos de vulnerabilização sofridos por esses sujeitos obesos graves no campo do trabalho. Tendo a psicossociologia como aporte teórico e sendo a metodologia qualitativa, a pesquisa aqui abordada se apoia em 13 entrevistas semidirigidas baseadas no método de história de vida laboral realizadas com usuários do Centro de Referência em Obesidade /RJ. As análises das entrevistas mostram que se trata de um grupo que independente da problemática obesidade, tem em comum momentos de fortes restrições financeiras em suas histórias e mostra como essa vivência influenciou em parte o ganho de peso, bem como as diferentes formas de inserção no trabalho. Eles destacaram a complexidade das situações vividas e os processos de vulnerabilização, que levam a um desgaste psicossocial e dificuldades de inserção, manutenção de emprego e reinserção quando desempregados ou afastados. Revelam também as estratégias de enfrentamento com a indicação e a autonomia.

**Palavras-chave:** obesidade, processos de vulnerabilização, trabalho, psicossociologia

## ABSTRACT

Obesity is appointed by the World Health Organization as a chronic, multifactorial and epidemic proportions. It has been considered as a major public health problem in recent years. This scenario shows how the third's grade obesity, or morbid one is a serious pathological version, in which excess fat reaches levels that affects physical health by increasing the risk of problems associated and important psychological repercussions. In these days, there is an overestimation of appearance, where reigns a great aesthetic appeal and strong incentive to thinness. There is a discourse about form and health that come together and its reproduction provokes complex situations of discrimination daily and that also has implications in work's field. It is in this direction that this research aims to problematize and discuss vulnerabilization processes suffered by these severely obese subjects in the meeting with the exigences of work. The psychosociology is the theoretical approach and the methodology is qualitative. This research is based on 13 semi-structured interviews based on working life history method. They are conducted with users of the Reference Center for Obesity / RJ. The analysis of the interviews show that it is a group that, independent of the obesity problem, has in common moments of strong financial constraints in their stories and shows how this experience influenced in part the weight gain, as well as the different ways to enter the labor. They talk about the complexity of the situations encountered and the increasing vulnerability's processes that live every day. The integration on work's field is hard, and also it is to maintain jobs and go back to it when get unemployed. They also reveal the coping strategies with the indication and autonomy.

**Keywords:** obesity, vulnerabilization's processes, work, social psychology

## LISTA DE ABREVIACÕES

AMS – Assembleia Mundial de Saúde

AOASO –Asia-Oceania Association for the Study of Obesity/Associação Ásia-Oceania para o Estudo da Obesidade

APS – Atenção Primária à Saúde

CC – Circunferência de Cintura

CNA – Comissão Nacional de Alimentação

CNDSS - Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

CRO – Centro de Referência em Obesidade

DCNT – Doenças Crônicas Não Transmissíveis

DM2 – Diabetes *Mellitus* tipo 2

DSS – Determinantes Sociais da Saúde

ENDEF – Estudo Nacional sobre Despesas Familiares

FLASO – Latin American Federation of Societies of Obesity/ Federação Latino-Americana de Sociedades de Obesidade

HAS – Hipertensão Arterial Sistêmica

IASO – International Association for the Study of Obesity/ Associação Internacional para o Estudo da Obesidade

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMC – Índice de Massa Corporal

INAN – Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição

IOTF – International Obesity Task Force

ITA – Instituto de Tecnologia Alimentar

MEV – Mudança de Estilo de Vida

MS – Ministério da Saúde

NUPENS/USP – Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde da Universidade de São Paulo

OMS – Organização Mundial da Saúde

PCCNE – Programa de Combate às Carências Nutricionais Específicas

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNAN – Política Nacional de Alimentação e Nutrição

PNIAM – Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno

PNSN – Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição

PRONAN – Programa Nacional de Alimentação e Nutrição

POF – Pesquisa de Orçamentos Familiares

PPV – Pesquisa sobre Padrões de Vida

RCQ – Relação Cintura-Quadril

SAPS – Serviço de Alimentação da Previdência Social

STAN – Serviço Técnico de Alimentação Nacional

VIGITEL – Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** – Prevalência de déficit de peso, excesso de peso e obesidade na população com 20 ou mais anos de idade, por sexo. Brasil – períodos 1974-1975, 1989, 2002-2003 e 2008-2009.

**Figura 2** – Classificação de estado nutricional em adultos

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	6
<b>LISTA DE ABREVIACÕES</b> .....	8
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	10
<b>SUMÁRIO</b> .....	11
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO E A OBESIDADE</b> .....	19
1.1 O CORPO SOCIAL E CULTURAL .....	19
1.2 O CORPO E O COMER PARA ALÉM DA FUNÇÃO PRIMORDIAL.....	20
<b>1.2.1 Grécia Antiga</b> .....	21
<b>1.2.2 Idade Média</b> .....	23
<b>1.2.3. Modernidade</b> .....	26
1.3 CORPO E A OBESIDADE NA ATUALIDADE .....	29
<b>2 O PESO DO PATOLÓGICO</b> .....	32
2.1 O OLHAR MÉDICO SOBRE O CORPO E A OBESIDADE .....	34
2.2 INSTITUCIONALIZAÇÃO DA OBESIDADE COMO PATOLOGIA .....	39
<b>2.2.1 Obesidade e saúde</b> .....	39
<b>2.2.2 A OMS e a obesidade</b> .....	41
<b>2.2.3 Obesidade como um problema de saúde pública no Brasil</b> .....	43
2.3 A OBESIDADE E O CONSUMO.....	45
2.4 A CULTURA LIPOFÓBICA .....	47
<b>2.4.1 Espelho, espelho meu</b> .....	48
<b>2.4.2 A vivência do olhar: “Tá olhando o quê?!”</b> .....	50
<b>2.4.3 O contrato rompido no olhar do outro: “É só fechar a boca...!”</b> .....	52
2.5 PROCESSOS DE VULNERABILIZAÇÃO .....	52
<b>3 QUAL BALANÇA SE USA PARA MENSURAR O PESO DA OBESIDADE NO TRABALHO?!</b> .....	55
3.1 O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO IDENTITÁRIO .....	55
3.2 TRABALHO E DIREITOS SOCIAIS .....	59
<b>3.2.1 Trabalho e Direitos Sociais no Brasil</b> .....	60
3.3 VULNERABILIZAÇÃO E DESFILIAÇÃO PELO TRABALHO .....	62

<b>4 TRABALHO DE CAMPO E CAMPO DE TRABALHO</b> .....	67
4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....	67
<b>4.1.1 Campo de trabalho</b> .....	68
<b>4.1.2 Trabalho de campo</b> .....	68
4.1.2.1 Negociação com a gerência do serviço .....	68
4.1.2.2 Dos critérios de seleção e abordagem .....	69
4.1.2.3 As entrevistas.....	70
4.1.2.3.1 <i>História de vida laboral</i> .....	71
4.1.2.3.2 <i>Eixos temáticos</i> .....	73
4.1.2.4 Definição da amostra .....	74
4.1.2.5 Análise das entrevistas .....	74
4.1.2.6 Análise de prontuário .....	76
4.1.2.7 Diário de campo .....	77
<b>5 AS ANÁLISES</b> .....	78
5.1 SÍNTESE DAS ENTREVISTAS.....	81
<b>5.1.1 Viviane</b> .....	84
<b>5.1.2 Lidiane</b> .....	86
<b>5.1.3 Veridiana</b> .....	88
<b>5.1.4 Rosana</b> .....	90
<b>5.1.5 Eunice</b> .....	93
<b>5.1.6 Luiz</b> .....	94
<b>5.1.7 Marilene</b> .....	98
<b>5.1.8 Helena</b> .....	101
<b>5.1.9 Alana</b> .....	104
<b>5.1.10 Gilson</b> .....	106
<b>5.1.11 Antônio</b> .....	109
<b>5.1.12 Marcelo</b> .....	112
<b>5.1.13 Carlos</b> .....	116
5.2 HISTÓRIAS QUE SE ENCONTRAM .....	121
<b>5.2.1 O psíquico e o social na balança: marcas e inscrições psicossociais</b> .....	122
5.2.1.1 O precoce início da vida laboral.....	123
5.2.1.2 A aprendizagem do trabalho pela experiência prática .....	130
5.2.1.2.1 <i>“O único curso de capacitação foi martelo e serrote na mão”</i> .....	130

5.2.1.2.2 “Era o que eu sabia fazer” .....	132
5.2.1.3 Trabalho e estudo como valores familiares .....	134
5.2.1.4 A memória e ameaça da fome .....	141
5.2.1.5 Processos de vulnerabilização provocados pela obesidade .....	145
<b>5.2.2 Os encontros da subjetividade obesa com o trabalho .....</b>	<b>166</b>
5.2.2.1 Trabalho, obesidades e preconceitos .....	167
5.2.2.2 O peso do uniforme .....	174
5.2.2.3 O trabalho que participa no engordar e emagrecer .....	176
5.2.2.4 Algumas estratégias de “sobrevivência” no campo do trabalho .....	183
5.2.2.4.1 A rede de relações como modo privilegiado de inserção no campo laboral ...	184
5.2.2.4.2 Autonomia – ser patrão de si mesmo .....	190
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>195</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>204</b>
<b>ANEXO I .....</b>	<b>211</b>

## INTRODUÇÃO

As discussões em torno da obesidade têm tido bastantes repercussões, principalmente pelo fato de sua incidência ter aumentado consideravelmente nos últimos anos. A Organização Mundial de Saúde (OMS<sup>1</sup>, 2004) aponta para as proporções epidêmicas que tem alcançado e a classifica como uma doença crônica e de etiologia multifatorial. Essa complexidade da condição de obesidade a introduz como um problema social grave, que atinge populações em diversas partes do mundo, inclusive o Brasil. Ela se torna uma grande preocupação no campo da saúde pública fazendo necessária a instituição de diretrizes para a atenção à saúde, prevenção e assistência ao portador de obesidade no Brasil (BRASIL, 2007a, 2007b).

Se o sobrepeso e a obesidade já são considerados grandes problemas, a obesidade grau III<sup>2</sup>, também conhecida como obesidade mórbida, constitui uma versão patológica grave, em que o excesso de gordura atinge níveis que afetam a saúde física e mental, aumentando o risco de problemas associados e reduzindo o tempo de vida. Com vistas ao tratamento clínico dos portadores de obesidade grave, o município do Rio de Janeiro inaugurou em 2011 a primeira unidade do Centro de Referência em Obesidade (CRO) no bairro de Acari, onde compoño enquanto psicóloga equipe interdisciplinar – enfermeiros, psicólogos, nutricionistas, educadores físicos e médicos endocrinologistas. Atualmente o município do Rio de Janeiro conta com outras duas unidades em funcionamento.

Considerando minha participação enquanto profissional de psicologia da equipe, a grande preocupação que os usuários do serviço têm em relação à dificuldade de inserção no mercado de trabalho e/ ou o seu retorno após afastamento são visíveis. São recorrentes as falas sobre a falta de oportunidades, a baixa produtividade, humilhações sofridas, o fato de se sentirem julgados e excluídos do mercado de trabalho devido à aparência. Foi a partir da identificação deste sofrimento nos usuários deste serviço e a fim de investigar esses movimentos de vulnerabilização da categoria “trabalho” e ao mesmo tempo uma filiação à categoria “doença”, que esta investigação se dirige.

Esta é uma pesquisa que, como se pode ver, articula duas problemáticas bastante complexas na atualidade: trabalho e corpo. Ambas foram foco de estudos anteriores,

---

<sup>1</sup> Nas referências bibliográficas, OMS apresenta-se em inglês, como World Health Organization (WHO).

<sup>2</sup> Essas caracterizações são feitas a partir do cálculo de IMC com resultado igual ou maior que 40kg/m<sup>2</sup>.

respectivamente graduação<sup>3</sup> e mestrado<sup>4</sup>, e hoje se conjugam no doutorado. Vale destacar que esses temas têm recebido bastante atenção das ciências humanas em geral nos últimos anos, porém são raros os trabalhos que os articulem a partir da obesidade grau III.

Na dissertação de mestrado, intitulada “À flor da pele: considerações sobre o corpo na atualidade através do uso da tatuagem”, as problemáticas do corpo e subjetivações atuais em torno da aparência e visibilidade foram abordadas. Este trabalho pôde evidenciar como os usos e significações do corpo se modificaram ao longo do tempo e têm sido objeto de interesse das ciências humanas em geral. Analisando diferentes recortes históricos, foi possível verificar o lugar que o corpo ocupava dentro da sociedade e para quais agenciamentos ele era veículo nestes diferentes períodos de tempo. Atualmente, na sociedade ocidental, percebe-se um movimento curioso em relação ao tratamento dado ao corpo. Vive-se a valorização da imagem e do tempo imediato. O tratamento destinado a ele inclui essas transformações sociais do contexto mais amplo e com isso, traz consequências às subjetivações atuais.

Vários estabelecimentos comerciais voltados para a estética são inaugurados, o que demonstra a preocupação de muitas pessoas preocupadas em se manterem magras, jovens, bonitas e saudáveis. Esta preocupação é fortalecida por vários estudos científicos que além de incentivar, oferecem aprimoramento técnico-científico para esses procedimentos voltados para a estética. O corpo passa, assim, a ser tanto palco para cuidado como para práticas de modificações corporais, que o redesenham, manipulam, aprimoram e reconstróem (ALMEIDA, 2006).

É frente a esse quadro que se vê a gordura e o seu excesso adquirirem estatuto de doença. Ela recebe essa caracterização justamente em um momento onde o corpo é hipervalorizado como sede dos acontecimentos e há um imperativo para que seja visto e apreciado. Está em jogo um processo de subjetivação em que há um grande apelo estético e as pessoas são impelidas a uma escravidão em relação a sua própria aparência. Aqueles que não estão de acordo com esses padrões de “peso”, “beleza” e “saúde”, como é o caso dos sujeitos portadores de obesidade grau III, não apenas sentem-se excluídos, como se percebem excluídos: desde o deslocamento através de transporte público até concorrer a uma vaga de emprego. Eles pouco usufruem dos espaços públicos; há a dificuldade de encontrar roupas que lhes caibam; a lentidão e o cansaço os incomodam; é desconfortável se deslocar em

---

<sup>3</sup>RODRIGUEZ, L. S. **Trabalho, Emprego e Mal-Estar**/ Monografia – Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF/ICHF, 2006.

<sup>4</sup>RODRIGUEZ, L. S. **À Flor da Pele: considerações sobre o corpo na atualidade através do uso da tatuagem**/ Dissertação – Universidade Federal Fluminense Niterói: UFF/ICHF/PPGP, 2011.

transportes públicos e o olhar de horror e ojeriza dos outros os ferem narcisicamente. Os processos de vulnerabilização são grandes e decorrentes da produção de uma crucificação social do sujeito obeso.

A problemática do trabalho na atualidade também é extremamente complexa. Este tema foi abordado na monografia de graduação em psicologia intitulada “Trabalho, Emprego e Mal-estar”. É possível notar nos últimos anos diversas alterações formais nas relações de trabalho, em que os contratos são cada vez mais flexíveis, instáveis e precarizados. Palavras como emprego e estabilidade, cedem lugar ao trabalho informal, terceirização de serviços, trabalhos temporários e subcontratação. Assim sendo, a incerteza e a falta de segurança ocupam lugares centrais nos modos de vida dos trabalhadores contemporâneos. Essa situação se agrava em enormes proporções quando se trata de casos de sujeitos superobesos, considerando que eles normalmente são acompanhados de diversas comorbidades que aumentam as chances de absenteísmo, afastamento do trabalho por doenças e baixa produtividade devido à própria lentidão decorrente do excesso de peso.

Como se pode notar, o ganho progressivo de peso “empurra” essas pessoas para uma zona de vulnerabilidade que desemboca em vários processos de desfiliação social (CASTEL, 1998) para o sujeito obeso. Para o referido autor, a desfiliação significa ruptura de vínculo. Essa ruptura não implica em ausências de vínculos, mas sim a falta da inscrição do sujeito em estruturas que tem um sentido. E o trabalho, que é um aspecto muito valorizado socialmente pela sua presença ou pela falta dele, acaba sendo um dos laços que são cortados ou impedidos. É fato que as temáticas corpo, obesidade e trabalho são extremamente complexas e merecedoras de um estudo mais aprofundado e que articule contribuições em uma perspectiva inter e transdisciplinar.

A psicossociologia (CARRETEIRO, 2001; 2005; BARUS-MICHEL, ENRIQUEZ, LEVY, 2005) é a perspectiva teórica que embasa essa investigação. Ela corresponde a um ramo da psicologia social de forte inspiração psicanalítica, refletindo, portanto, atributos teóricos e metodológicos da sociologia e psicanálise. Isso significa dizer que as análises articulam as dimensões psíquicas, sociais e políticas de um determinado objeto.

A primeira questão-chave proposta por essa abordagem é a da dupla constituição do sujeito. De um lado há os diversos elementos intrapsíquicos singulares, e, por outro, um sujeito inscrito em um universo social. A psicossociologia atua principalmente na investigação das reciprocidades entre o individual e o coletivo, entre o psíquico e o social (LHUILIER, 2011). Aqui, privilegia-se o termo entre. Sua função é tensionar as relações do homem na sociedade e postular a indissociabilidade de ambos.

É fato que não existe sujeito fora do social, e para a psicossociologia interessa as situações sociais reais nas quais um indivíduo participa. São situações que existem com ele, fora dele, pelas quais é influenciado e que também reforça (LHUILIER, 2011). Não se trata, dessa maneira, de investigar as influências do social no individual, pois os indivíduos não vivem estas situações de modo passivo, visto que todo indivíduo é produto de uma história e ele busca se tornar sujeito da mesma (GAULEJAC, 2001).

Destaca-se que a psicossociologia concebe os objetos de investigação em sua complexidade e permite articular contribuições de disciplinas distintas, levando-se em consideração os limites epistemológicos (MORIN, 1996) de cada uma. A intenção é a de estabelecer um diálogo, que considere a importância do pensamento complexo, em uma proposta de criação de um conhecimento que seja multidimensional. Nessa direção, o levantamento bibliográfico articula diferentes contribuições em uma perspectiva inter e transdisciplinar. Autores da história, sociologia, psicologia e psicanálise contribuem com suas diferentes ferramentas para pensar a problemática do corpo, trabalho e obesidade na contemporaneidade.

No primeiro capítulo é feito um breve apanhado histórico de forma a destacar os diferentes lugares que o corpo e a obesidade ocupavam dentro da sociedade ocidental em diferentes períodos. Esse movimento subsidia a compreensão das bases que permitiram a emergência das atuais concepções associadas a eles e as práticas que deram suporte para seu estabelecimento.

O segundo capítulo problematiza a captura da condição obesidade como uma categoria clínica médica, que culmina na sua concepção de doença crônica. Destaca-se o fato de que na contemporaneidade a visão sobre o corpo se tornou cada vez mais mediada pela medicina e isso tem forte impacto nas produções subjetivas atuais. O olhar patologizante sobre a obesidade tem trazido fortes consequências subjetivas para aqueles que a portam e, que sem medo de parecer piegas com o trocadilho, “pesam” sobre esses sujeitos.

O terceiro capítulo problematiza de forma breve questões referentes à categoria trabalho, a sua participação no seu processo de construção do processo identitário, as exigências atuais.

O quarto capítulo apresenta a passagem do campo de trabalho para o de trabalho de campo. Ele corresponde à apresentação da metodologia e das etapas de execução do trabalho de campo. O capítulo seguinte apresenta as entrevistas realizadas. Cada uma delas foi transcrita e lida diversas vezes, destacando-se diversos elementos que compuseram as sínteses. Estas são remontagens da história narrada por cada entrevistado feita pela

pesquisadora de forma a apresentar cada um desses sujeitos, bem como já destacar aspectos relacionados ao recorte desta investigação. Segue-se com as categorias sócio-clínicas de análise. De forma geral, a linha que costura a análise é a aproximação de uma subjetividade obesa grave com as exigências do mundo de trabalho atual, considerando as dificuldades, constrangimentos, mas também as estratégias de resistência e enfrentamento.

## 1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO E A OBESIDADE

Atualmente, a OMS (2004) define obesidade como uma doença crônica, não transmissível e de etiologia multifatorial, que pelas proporções epidêmicas, constitui um grande problema de saúde pública, requerendo dos países a construção e consolidação de uma linha de cuidado (MERHY, FRANCO, MAGALHÃES JR, 2003; FRANCO, MAGALHÃES JR, 2004) para essa condição. Isso significa instituir diretrizes que definam fluxos assistenciais para a atenção à saúde, prevenção e assistência ao portador de obesidade.

Essa perspectiva patologizante é bastante recente e faz prevalecer uma visão negativa e pejorativa, gerando um imperativo ao emagrecimento. Há um grande apelo estético, produtos e serviços são disponibilizados para o tratamento e modificação do corpo físico. Nota-se, dessa forma, que a concepção que toma a obesidade como doença se consolida justamente em um momento em que diversos e complexos movimentos que enfatizam o prazer, o consumo, a aparência, a instantaneidade estão em jogo na sociedade ocidental.

Sabe-se que o imaginário social sobre os cuidados com o corpo, o peso e a obesidade nem sempre foram os mesmos. Evidências da arte e da antropologia mostram que o tema obesidade acompanha a humanidade desde os tempos remotos, transitando entre os séculos afora comportando sentidos distintos, ora como signo de beleza, ora como prosperidade e poder. Em outros momentos como vício e como pecado de gula. Sendo assim, apesar da obesidade ser uma condição orgânica, nela está imbuída uma série de valores e construções que variam segundo os diferentes contextos sociais e subjetivos em que está inserida.

É nessa direção que este capítulo se propõe a retornar, mesmo que brevemente, ao aspecto histórico. A proposta é a de localizar em determinados recortes históricos o lugar que o corpo e a obesidade ocupavam dentro da sociedade e compreender as bases que permitiram a emergência das atuais concepções associadas a eles e as práticas que deram suporte para seu estabelecimento.

### 1.1 O CORPO SOCIAL E CULTURAL

Muitos autores, dentre eles Lévi-Strauss (2003) e Marcel Mauss (1974), destacam a dimensão social do corpo. Para o primeiro, o corpo corresponderia à melhor ferramenta para aferir a vida social de um grupo, pois a ele cabe uma linguagem que sustenta uma série de discursos, fato este que o torna um grande analisador da sociedade. De forma semelhante, Mauss (1974) atesta que o corpo está na base da experiência social, sendo mediador de

práticas e discursos. Isso implica dizer que ele é instrumentalizado em cada cultura, possuindo, portanto, um uso que é social e culturalmente construído a partir da valorização de certos atributos e comportamentos, que atendem às expectativas de um modelo gerado pela sociedade na qual está inserido.

Este último autor mostra como as “técnicas corporais”: os modos de caminhar, vestir, parir, comer variam de uma cultura para outra, englobando diferentes dimensões da experiência social e individual. Ele conclui sua tese atestando que essas técnicas fazem parte de representações coletivas, tendo como objetivo o controle sobre o corpo.

Se o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais e étnicos, ele não é algo dado a priori, nem mesmo é universal. Ele é produto e produtor do meio, se constrói e reproduz práticas específicas segundo determinadas significações que lhes são atribuídas. No rastro das ideias de Mauss (1974), tem-se que a construção e as valorações atribuídas ao excesso de gordura corporal estão diretamente associadas às representações sobre o corpo, construídos, portanto, em determinados momentos sócio históricos.

A obesidade, nos tempos atuais, carrega sentidos bastante negativos, visto haver uma forte valorização de alguns atributos de aparência física. Ela se opõe, ocupando o outro extremo dos ideais de corpo físico magro, do que é considerado belo e mais ainda dos discursos sobre saúde. E é essa associação que se estará atento na retomada histórica para a compreensão das bases que permitiram a consolidação da atual caracterização da obesidade.

## 1.2 O CORPO E O COMER PARA ALÉM DA FUNÇÃO PRIMORDIAL

Se o excesso de peso se apresenta atualmente sob sua versão patológica – a obesidade – não se pode dizer que o mesmo se atribuía à mesma composição corporal há 25000 a. C., data estimada da Vênus de Willendorf. Esta pequena estatueta de apenas 11 cm, caracterizada pelo seu corpo volumoso, é considerada a principal referência artística no que diz respeito à história da obesidade por ser a mais antiga encontrada. Parece também que no Período Neolítico - 10000 anos a. C. – as “deusas” eram admiradas e cultuadas por seus quadris, coxas e seios volumosos. Outras evidências quanto a essa protuberância corporal foram encontradas em múmias, nas civilizações do antigo Egito. Pinturas e porcelanas chinesas também sugerem essa condição na era pré-cristã.

Não se sabe ao certo se são representativas da realidade da época ou se refletem um ideal artístico, estando articuladas às ideias de abundância e a fertilidade (BRUCH, 1973 apud

LOLI, 2000). Essa hipótese é corroborada por se tratar de um longo período histórico humano em que a fome e a escassez de alimentos eram consideradas fortes ameaças à espécie humana. É possível inferir que a condição de obesidade não se relacionava apenas à fome, mas que, saciada a fome, a gordura acumulada era uma estratégia de sobrevivência e ocupava um lugar de ideal de corpo.

Partindo, portanto, da ideia de que a obesidade é uma condição orgânica profundamente marcada por significações diversas, tem-se que os hábitos alimentares expressam características importantes da sociedade nos seus aspectos culturais, políticos e econômicos. Nessa direção, Flandrin e Montanari (1998) apresentam uma revisão sobre a história da alimentação, de onde se podem destacar três momentos específicos: a dinâmica da alimentação no mundo antigo, os sentidos da alimentação na sociedade cristã da Idade Média e a virada nos hábitos alimentares a partir da modernidade. Vale destacar que cada período é marcado por fenômenos políticos, sociais, culturais e econômicos específicos. Como adverte Foucault (1997), a história é feita em discontinuidades.

### **1.2.1 Grécia Antiga**

A história grega costuma ser dividida em quatro grandes períodos: Cretense, Micênico, Helênico e Helenístico. No período helênico, o corpo ganhou certa relevância junto à ideia de verdade, dando origem à filosofia e o cuidado com a cidade (*polis*) fazendo surgir a política. As preocupações com a natureza deram origem à física, enquanto que a preocupação com o agir humano deu origem à ética. É nesse contexto que o discurso e as práticas sobre saúde (*hygeia*, *hygieinê*) formaram bases para o desenvolvimento da ginástica e dietética (MATTOS, 2014).

Sabe-se que uma das grandes características do período clássico é a dicotomia existente entre corpo e alma, apresentados como partes separadas: o corpo, como materialidade, uma ordem física; e a alma, como espírito ou intelecto. Essa distinção era bem delimitada pelas próprias práticas e organização social pela separação entre os chamados cidadãos e os escravos. A grande característica que marcava os sujeitos do primeiro grupo, os considerados homens livres, era a participação nas atividades coletivas, participação na vida pública, na polis. Aos escravos cabia o esforço corporal para manter a sua subsistência ou por serem obrigados a fazê-lo eram destituídos da possibilidade de participação das decisões da polis.

Nota-se, nesse período, uma hierarquia moral entre mente e corpo. Prevalece a ideia de que o corpo é lugar das paixões e que é importante se libertar dos prazeres corporais para alcançar um equilíbrio. Há uma valoração do mundo do pensamento, de forma que Platão atestava que somos bons quando a razão governa, e maus quando dominados pelos desejos (FUGANTI, 1991). No entanto, se, por um lado, Platão apresentava a relação corpo-alma de forma negativa, como se o corpo fosse a limitação da alma, por outro, apresentava uma visão positiva ao indicar que o corpo torna possível a mediação entre o mundo sensível e o mundo das ideias (FUGANTI, 1991). O corpo era também cuidado e enaltecido tendo em vista que ele é o suporte por onde os homens livres vão pensar o mundo e expor suas ideias e inclusive defender seu território.

Sendo assim, os jovens frequentavam ginásios na última etapa da adolescência. Nesse local, além de modelarem seus corpos, cuidarem dos músculos e desenvolverem força e agilidade, eles também se “adestravam no uso das palavras, essencial à sua participação democrática na cidade” (SENNETT, 2003, p. 45). A ideia era a de equilibrar os poderes em seus corpos, onde cabe a ideia platônica de “corpo são, mente sã”. O ginásio ateniense ensinava que o corpo era parte de uma coletividade maior, a polis, e que pertencia à cidade. Sendo assim, um rapaz forte, tornar-se-ia um bom guerreiro e uma voz bem projetada, firme e com bons argumentos garantiriam sua participação nos negócios públicos.

Entre os antigos gregos o corpo desnudado mostrava quem era “civilizado” (CLARK apud SENNETT, 2003), distinguia aqueles que cuidavam de seu corpo e mente. Os homens helênicos não se envergonhavam de exibir-se despidos em jogos e danças, ao contrário, gostavam de se admirar. Essa dedicação especial ao corpo além de caracterizar um sentimento de pertença social, desenvolver habilidades para soldados fortes e resistentes, entrava em jogo também uma busca divina. A atividade física permitia aos gregos conquistar corpos mais próximos à “perfeição”, fator que poderia aproximá-los aos deuses. Estes apesar de semelhantes aos homens em virtudes e defeitos eram dotados de imortalidade e de força, velocidade e beleza superiores. Sendo assim, desejar um corpo belo, forte e rápido se constituía como forma de elevar o corpo e o espírito a uma condição superior (SENNETT, 2003).

Na mesma direção, havia uma grande valorização dos encontros em torno da comida, o banquete. Estes eventos se dividiam em dois momentos: o *convivium* e o *symposium*. O primeiro era o jantar propriamente dito. Nele imperava o silêncio, pois era o momento de apreciação da comida. O *convivium* era desfrutado somente por homens, cidadãos livres, em salas exclusivas e tradicionalmente mobiliadas com divãs, tendo-se em vista o hábito de se

comer estando reclinado. O segundo era o momento das bebidas, da música, da dança, da diversão e também das discussões de ideias.

Vale destacar que esses encontros tinham também um caráter artístico, ultrapassando a necessidade física da alimentação. Os banquetes eram momentos de nutrir os homens para a guerra, reuni-los em tempos de paz, de diversão e de tomada de decisões. Dessa forma, eram espaços para a agregação e coesão social, bem como para a demarcação do status e hierarquia dos frequentadores. A ele era atribuído grande relevância por sua estreita ligação com o processo de reprodução do corpo social. Sendo uma atividade coletiva, participar dela era fazer parte também das tomadas de decisões. A comensalidade era, então, marcadamente uma estrutura identitária (SEIXAS, 2009).

Como se pode perceber, a concepção de corpo neste período está diretamente relacionada à construção do corpo social. O corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante. Havia uma busca incessante por um chamado “equilíbrio”. Este seria um sinônimo para a saúde, que deveria ser alcançada cuidando-se do corpo e da alma através de leituras, meditações, regimes rigorosos de atividade física e dietas (FOUCAULT, 1984a).

Os gregos consideravam a alimentação o meio mais eficaz de combater as doenças, opondo-se aos desequilíbrios do organismo. Quanto a essa questão, Hipócrates foi uma figura importante nesse período. Ele, médico, que viveu no fim do século V a.C., dedicou-se às questões da dietética, escrevendo um conjunto de tratados sobre a matéria. As prescrições apresentavam cinco componentes principais: a alimentação, os exercícios, a atividade profissional (e, por conseguinte o grupo social), o entorno geográfico e climático (ALSINO, 2009).

Nesses escritos, ele já alertava para os perigos do excesso de peso, apontando que indivíduos com excesso de gordura apresentavam maiores riscos de morte súbita. Nessa direção, a moderação sempre foi a orientação desde a Antiguidade para combater a gordura. Nota-se que aqui já aparece a ideia mecanicista de que o acúmulo de gordura ocorre em função de um desequilíbrio energético.

O importante nesse período é que essa “dietética” estreitava a relação entre alimentação e a conduta moral. Não se tratava apenas de uma orientação alimentar, mas sim de um conjunto de regras de conduta, de uma ética afinada com os preceitos políticos e filosóficos daquela sociedade.

### **1.2.2 Idade Média**

Apesar de não se observar grandes modificações até o século VI d.C. (MAZZINI, 1998 apud SEIXAS, 2009) no que diz respeito aos princípios dietéticos, as concepções e preocupações com o corpo se modificaram e diferentes discursos sobre eles e a obesidade atravessavam a sociedade da época. Nesse período, essa característica corporal “avantajada” era vista como sinal de poderio, ascendência. Ela era a encarnação da abundância, da riqueza e inclusive de saúde.

Segundo Vigarello (2012), esse prestígio do corpo gordo estava vinculado ao contexto da fome, das restrições e escassez recorrente de alimentos. Isso se dava por diversos motivos: esgotamento do solo, dificuldades quanto ao armazenamento e estocagem de produtos, precariedade quanto ao transporte. Frente a este quadro, “a saúde supõe barriga cheia” (VIGARELLO, 2012, p. 21). O referido autor se utiliza da literatura, cantigas de trovadores, e mitos medievais para mostrar como a corpulência estava associada à beleza, saúde e à força, pouco sendo dirigidos a ela insultos, principalmente nos séculos centrais da idade média.

No entanto, é também possível perceber que esse “prestígio” cedia frente a um julgamento de excesso. Segundo o referido autor, a análise dos recursos textuais da época indicou uma diferenciação do “gordo” para o “muito gordo”. Não há uma avaliação que define o limite do aceitável, mas havia descrições sobre uma disformia, limitações e incapacidades de realizar certas atividades como a de montar, de ir à guerra. “O gordo poderia ser apreciado, mas o muito gordo condenado” (VIGARELLO, 2012, p. 29).

Nos séculos centrais da idade média nota-se uma mudança de percepção a esse que come em excesso. Aumenta-se a crítica à gordura comum ainda que de forma imprecisa. E aqui, o discurso do clero tem papel importante. Sabe-se que a ética da superioridade da razão, do espírito em relação ao corpo foi incorporada pela teologia cristã ainda na Roma Imperial (Séc. III d.C.), período em que o cristianismo começa a ganhar status de prestígio e de poder entre as classes dominantes da época. Mas o discurso do clero e seu impacto tomam maior força e proporção nos séculos centrais da idade média. A austeridade que por muito tempo ficava mais circunscrita aos mosteiros e claustros se abre para a cidade por volta dos séculos XII e XIII. O corpo já não é mais enaltecido como um suporte através do qual os homens livres vão pensar o mundo e expor suas ideias, como na Grécia Antiga, e sim para uma compreensão de que ele seria lugar suscetível a “contaminação moral”.

O estabelecimento da supremacia da Igreja Católica reforça não apenas a dicotomia alma e corpo, mas a necessidade de controle deste último e de ter suas paixões contidas. O sofrimento e as paixões, e o cuidado e respeito com o corpo como gesto de fidelidade ao ato de criação divino têm grande repercussão. Muitos tabus foram endossados pela Igreja.

Inúmeras eram as proibições e vasta a lista de punições. Aqui, não figuram a beleza ou feiura, o cerne da crítica é o vício, o pecado que leva ao “desmoronamento” do corpo.

Nesta direção, a sociedade cristã ocupou um importante papel na proliferação das orientações alimentares e do seu impacto social, quando associou a comida ao pecado da gula. Da regra monástica ao poder absoluto dos reis e soberanos, a sociedade cristã medieval se estruturava em torno da prevenção e punição do pecado, desenvolvendo todo um sistema a partir do qual a prática da dieta passou a ser um recurso de vigilância e regulação social (Seixas, 2009).

Nesse momento, o próprio modelo médico passa por transformações. A figura do médico amplia sua presença nas cidades, deslocando suas recomendações das figuras mais importantes para generalizar recomendações sobre os “regimes de saúde” (VIGARELLO, 2012, p. 47). Após o século XIII, os textos médicos sinalizam sinais de alerta quanto ao ganho de peso, introduzindo uma vigilância. No entanto, não se trata ainda de uma vigilância quanto a estética, mas sim o mal-estar percebido no corpo.

Um terceiro ponto de mudança nesse período diz respeito ao modelo cortesão, que passava a ser confrontado com as exigências de habilidade e precisão. Com isso, os lanceiros e cavaleiros eram cobrados a demonstrar maior agilidade e flexibilidade, o que exigia maior “finura e leveza corpóreas” (VIGARELLO, 2012, p. 49).

Vale destacar que na Idade Média ficou evidenciada uma mudança postural importante: o uso de mesas e cadeiras, em detrimento do comer deitado – característica fortemente marcada dos banquetes helênicos. As orientações alimentares, nesse período, passaram a definir as classes sociais a que cada pessoa pertence. Aos nobres cabia certa dietética, gastronomia e maneiras de se portar à mesa; aos camponeses outras.

A Idade Média foi um período longo, envolto de várias nuances. Ela apresentava problemas recorrentes com a produção de alimentos, dificuldade vinculada às penúrias periódicas da falta de cereais, principalmente do trigo. Este era o principal ingrediente do pão branco consumido pelos mais abastados, feitos com farinha superior, de preço mais elevado. Aos pobres restavam os cereais secundários, como a cevada, a aveia, o centeio e o milho, dos quais se produzia o chamado “pão da escassez”. Os utensílios para cozimento e de servir os alimentos eram distintos em quantidades e variedades segundo a hierarquia social.

A disponibilidade dos alimentos, principalmente vegetais, era muito mais escassa no inverno, o que aumentava o risco de doenças. Esses alimentos praticamente desapareciam das empobrecidas refeições dos servos e a caça nem sempre era permitida pelos senhores, além do fato da igreja sugerir a restrição quanto ao consumo de carnes vermelhas. Essa falta crônica

de alimentos em certas regiões europeias ocasionava a desnutrição e foi responsável por uma grande parte da dizimação da população pela peste negra.

Como pode ser visto, a mesa e a alimentação foram grandes instrumentos para corroborar e manter a ordem estabelecida (FLANDRIN, MONTANARI, 1998. O alimento, bem como o ato de alimentar-se, apresentavam um valor muito mais amplo que o “nutrir-se”, se inscrevendo na hierarquia social (SEIXAS, 2009).

Inclusive, essa característica se aperfeiçoou ainda mais no século XII, quando os primeiros documentos dedicados às boas maneiras e as regras do comportamento à mesa, os chamados manuais de etiqueta e normas de conduta, foram estruturados (ELIAS, 1993). Esses manuais se dirigiam às classes altas, atendendo às necessidades da nobreza provinciana de se informar sobre o comportamento na corte.

Ainda no intuito de manter uma forte diferenciação das classes sociais, no final do período medieval, os cardápios contavam com comidas mais elaboradas e passaram a ter maiores preocupações com a apresentação dos pratos. Quanto às grandes festas, banquetes, eles passaram a ter características mais ritualizadas com grandes riquezas de detalhes, utensílios, separação clara entre anfitriões e convidados, tendo estes últimos lugares marcados à mesa etc. Além disso, passou a haver uma diminuição das refeições públicas por parte da realeza e da nobreza como uma tática para reforçar diferenças em relação às classes em ascensão.

### **1.2.3. Modernidade**

A transição para o período chamado de modernidade foi um longo e lento processo. Muitas transformações de costumes foram instituídas e deram destaque as camadas sociais mais altas. Como dito anteriormente, esse processo evidenciava o interesse em distinguir os estratos da sociedade. Consequentemente se estabeleceu uma separação entre aqueles que incorporaram esses costumes ditos “nobres” e aqueles que não acompanharam essas mudanças, marcando as diferenças econômicas e sociais.

Com as modificações em relação ao sistema feudal, que abriu espaço para novas configurações em relação ao mercado e a implantação do capitalismo, observou-se a emergência de um novo conjunto de preceitos religiosos diferentes do existente na Idade Média. Já havia um movimento em que se instaurava uma sociedade que valorizava o lucro como relação social e de trabalho e a igreja, por sua vez, também passou a se posicionar de uma maneira diferente.

Os questionamentos levantados neste período levaram a um reordenamento das propostas religiosas e deram origem a vários movimentos: anglicano, luterano e calvinista. Houve, dessa maneira, uma quebra gradativa dos compromissos assumidos pelas populações de base cristã católica quanto aos jejuns e as restrições alimentares.

Da mesma forma, o período Renascentista foi marcado pela ideia de ampliação do conhecimento sobre o mundo, das fronteiras, e enfatizava a catalogação e descrição dos novos reinos e de seus produtos. Vale destacar que dentre esses últimos estavam os alimentos e uma alternativa para lidar com a sua escassez no mercado em determinados períodos, era a gradual incorporação de alimentos provenientes de outros continentes.

Gradativamente, as elites permitiram um afrouxamento nas regras alimentares (FLANDRIN, MONTANARI, 1998), o que favoreceu a entrada desses novos alimentos no cardápio. A apropriação das especiarias à preparação dos alimentos favoreceu a valorização do gosto e da satisfação pela comida. A preocupação com o equilíbrio do corpo e a “boa saúde” entram em declínio, dando espaço para o culto da “boa cozinha” e a “liberação da gula” (FLANDRIN, MONTANARI, 1998).

A passagem do século XVIII ao século XIX apresentou um grande crescimento demográfico, o desenvolvimento das cidades, ampliação dos mercados, o advento da Revolução Industrial e a ascensão da burguesia. Esses fatos somados conferem à “gordura” certo valor social, principalmente à figura da burguesia ascendente. A gordura, símbolo de riqueza e distinção social em oposição aos pobres que sofriam com a carência alimentar, mais vulneráveis a toda sorte de doenças e pestes (SEIXAS, 2009). No entanto, vale destacar que apesar do prestígio social a ela vinculada, isso demonstra que ela era mais tolerada e não que era desejada por todos (PINTO, BOSI, 2010).

Essas mudanças alimentares no cardápio europeu, como a introdução da batata pela a sua fácil adaptação em diferentes solos, possibilidade de estocagem e larga utilização em diversos pratos, ou mesmo a introdução e popularização do uso do açúcar, consequência direta das transformações econômicas e sociais, fizeram com que o corpo e os ideais de corpo mudassem consideravelmente. Os ideais de beleza passaram a ser mediados, dessa forma, por esse novo referencial capitalista que valorizava o consumo de alimentos de luxo. Vê-se surgir um culto ao consumo que qualificava as pessoas pela sua possibilidade de acesso a produtos.

Ao mesmo tempo, circulava um discurso em que se colocavam críticas às figuras mais corpulentas, ainda com o foco na ação, na agilidade e na destreza. Os “cuidados” com o corpo gordo gradativamente se acentuavam, concentrando-se nos regimes e inclusive contenção física por meio de cintas e corpetes, por exemplo, principalmente às mulheres.

O aumento de peso passou a ser associado à lerdeza, em um momento onde a “atividade” adquiria novo valor (VIGARELLO, 2012, p. 65). Apesar de paradoxal, visto que ainda havia forte segregação social e desprezo da nobreza frente aos esforços manuais, é justamente à “inatividade” e ao ócio que se vinculava a estigmatização do corpo excessivamente gordo. Os próprios manuais e orientações de “boas maneiras” passaram a indicar modelos de postura, o cultivo da aparência e o modelo esbelto e magro passou a se impor.

Esse aumento do desprezo pelo corpo protuberante em termos de gordura foi assumido pela linguagem na fabricação de expressões e passou cada vez mais a ser declarada verbalmente pelas pessoas. Definitivamente, o “gordo” passou a representar algo negativo, “encarnado na aparência uma debilidade de gestos e condições” (VIGARELLO, 2012, p. 74). No entanto, a oposição gordura e magreza ainda não apresentavam limites precisos. Os contrastes eram realçados, mas atingiam com maior impacto aqueles “muito gordos”, mas não deixavam de atingir também os excessivamente magros. Parece que as exigências se dirigiam a um suposto equilíbrio. Segundo Vigarello (2012, p. 80), “o perigo da magreza era fazer sumir o que uma gordura “normal” supostamente promoveria, ou seja, o volume e a modulação das formas”. Havia um medo difuso circundando a figura da magreza. A ela cabia uma memória da fome, das doenças, em especial a peste, e fazia persistir o imaginário de que ela se oporia às forças vitais.

Vale destacar, que apesar dessa dualidade entre magreza e gordura, é em torno dessa última que o discurso médico se empenhava mais. As observações aumentavam e havia uma preocupação crescente com o tema, que acabava por dar base à construção de um novo discurso. Não mais se tratava do pecado da gula, mas da degradação física. Passava-se a captar nuances entre diferentes estágios, definindo gradações. Paulatinamente nas referências médicas passaram a aparecer referências numéricas e um escalonamento dos volumes corporais. A associação que se estabelecia entre o excesso de peso e uma “fragilidade” fazia com que a gordura, no seu excesso, fosse colocada no campo das doenças, e a designação “obesidade” substituiu a “corpulência” (VIGARELLO, 2012, p. 164). Tratados sobre obesidade difundiram-se no início do século XIX, mas se centravam nos casos mais graves, de maior protuberância.

Os números e as medições passaram a ter destaque, dados e associação de variáveis como peso e altura foram tabulados produzindo inferências nesse campo, sem que a estética fosse priorizada. O interesse estava em melhorar o desempenho e não na estética. Esses números e medidas acentuaram as nuances e ajudaram a estabelecer categorias. Cada vez

mais se consolidava um discurso médico e “técnico”, que se distanciava do saber popular, e se ocupava não mais com a investigação dos sintomas externos, mas aumentava a atenção às alterações internas, atentando-se aos aspectos fisiológicos. E esse processo fez “do corpo obeso um corpo mais sensível às morbidades” (VIGARELLO, 2012, p. 230).

Neste ponto pareceu começar a figurar não apenas um sofrimento físico, mas também moral e psicológico visto as humilhações que se colocavam. Não era o pecado da gula, o caso do glutão inconsequente, nem o doente que penava com as dificuldades. Era o sofrimento frente às mudanças de paradigmas e as novas exigências sociais que se colocavam. Introduziu-se uma preocupação com a perda de peso na segunda metade do século XIX, acentuadas principalmente por práticas sociais. No final do referido século os corpos desnudaram-se mais, como o aumento do lazer em áreas de praia e o uso de roupas de banho por exemplo. Esses trajes mais despojados para a época davam a sensação de corpos mais expostos. O que tem por consequência o aumento da vigilância dos corpos e em especial do corpo obeso. O olhar fazia a denúncia da gordura, aumentando a pressão sobre aquele sujeito que está acima do peso. A estética passou a ter um lugar privilegiado.

Os antigos tratados que se voltavam para os extremos da gordura são revisitados, como produtor e também reflexo das práticas sociais em torno da obesidade. Fez baixar a tolerância, tomando o corpo “gordo” como objeto de inquietude, transpondo o “muito gordo” para um extremo mais “trágico” (VIGARELLO, 2012, p. 297). Isso significa dizer que se produz uma “polícia do olhar” em que os casos de obesidade são denunciados mais precocemente, e os extremos vão ser “olhados” pelo discurso científico.

### 1.3 CORPO E A OBESIDADE NA ATUALIDADE

Como demonstrado acima, as preocupações com o corpo e as significações atribuídas à gordura e seu excesso apresentaram variações importantes ao longo da história da humanidade. Na antiguidade, os gregos defendiam rígidos cuidados com o corpo e com a alimentação através das prescrições dietéticas como forma de alcançar um corpo saudável e conseqüentemente uma mente “sã”. Na Idade Média, essa preocupação persistiu, no entanto, vinculada a questões religiosas. A igreja endossava uma série de proibições, restrições alimentares através de jejuns e atribuíu ao excesso de comida um valor moral negativo: o pecado da gula. Neste momento, os prazeres da carne deveriam ser reprimidos, enquanto que na transição para a modernidade outros valores começaram a emergir. As transformações econômicas da modernidade tiveram importantes implicações nas mudanças alimentares,

incentivando fortemente o consumo de alimentos, ao mesmo tempo em que diminuiu a preocupação com os cuidados corporais e a saúde, sendo retomada posteriormente.

Da mesma forma que a valorização da gordura, na modernidade, pela via do acesso a alimentos e consumo, constituiu uma base importante para o aumento exponencial da obesidade na atualidade, nota-se que não é a despreocupação com os cuidados com o corpo e saúde que se vê atualmente. Ao contrário, uma lenta construção se deu ao longo dos anos de forma que se estabelecesse uma hipervalorização da magreza. E nesse momento diversos produtos e serviços são oferecidos para se alcançar tal objetivo.

Assim como os avanços na modernidade levaram a um aumento da disponibilidade de alimentos e do consumo, o mesmo verifica-se atualmente com o incremento da indústria alimentícia e o acúmulo do capital: produz-se e consome-se em um ritmo muito voraz. O ritmo de velocidade que atravessa o conjunto da sociedade tem contribuído e incentivado o consumo de alimentos industrializados, semiprontos, congelados, e *fast foods*, ofertados sob o *slogan* do “poupe tempo” e “seja prático”. Não se pode esquecer que os avanços tecnológicos e serviços, que se propõem a ajudar e facilitar a vida, como a presença do controle remoto, uso de carros, escadas rolantes e elevadores, interferem cada vez mais no exercício das atividades rotineiras. Isso gera um modelo de comportamento marcado pelo sedentarismo, onde há, em longo prazo, a diminuição do gasto energético. Nesse contexto, a inatividade corporal e o aumento do consumo de alimentos ricos em gordura e açúcares têm importante participação no aumento nas taxas de sobrepeso e obesidade, que chegam a alcançar proporções epidêmicas no mundo.

Vive-se, portanto, em um momento marcado pelo excesso de gozo, onde há o incentivo para o consumo ilimitado em um “aqui e agora”. No entanto, há também um processo de subjetivação em andamento em que se observa um grande apelo estético e que impele as pessoas a uma escravidão em relação a sua própria aparência. A beleza, a jovialidade e a magreza são atributos que recebem destaque. Sant’anna (2000) aponta uma tendência na proliferação de produtos, tecnologias e saberes especializados dirigidos para o embelezamento do corpo, com ênfase na ideia de bem-estar.

É importante destacar que esta preocupação é fortalecida por vários estudos científicos que além de incentivar, oferecem aprimoramento técnico para esses procedimentos. Nessa direção, o corpo tem sido suporte para muitos procedimentos voltados para cuidados corporais e modificação do mesmo, como as academias, clínicas de estética, cirurgias plásticas, lipoaspirações, cirurgia bariátrica. O corpo “em forma” e à mostra são marcas contemporâneas. Este fato corrobora com os movimentos de atribuir ao corpo maior

“visibilidade” e de sua “espetacularização” na esfera pública. Essa configuração foi particularmente analisada por Guy Debord (1997): a emergência da sociedade do espetáculo, em que ele aponta uma passagem do controle da imagem pelo homem para o controle da imagem sobre o homem.

Nesse sentido, consolida-se um processo de consumo dessa imagem. As propagandas e reportagens nas mídias – escrita e televisiva – também contribuem para esse processo na medida em que reproduzem o desvio da questão saúde para a “forma” do corpo (MATTOS, 2012). Ou melhor, dizendo, estabeleceu-se um discurso sobre o corpo, em que há associação direta entre saúde e forma. Inclusive, saúde e beleza são temáticas que caminham juntas nos jornais, revistas e TV. Parece não ser suficiente um corpo, há um incentivo constante pela busca de um corpo “perfeito” a ser reconstruído segundo o “*design do momento*” (LE BRETON, 2008, p. 28). Como também nos adverte Baudrillard (1970), há uma passagem do “corpo natural” ao “corpo artificial”.

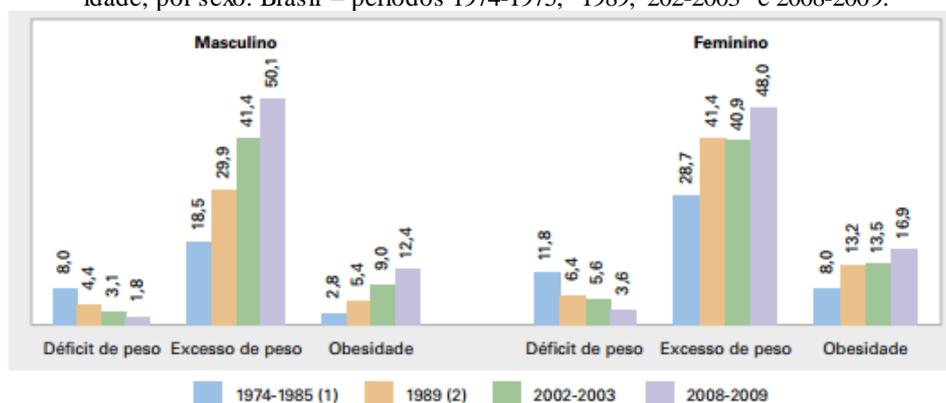
Nesse contexto, a supervalorização da magreza transforma a obesidade em um grande “espetáculo sem glamour”. Apresentar excesso de peso em uma sociedade onde o corpo é “sede do espetáculo” e da performance (DEBORD, 1997) gera um grande mal-estar. Este é um mal-estar duplo: tanto para aquele que o porta quanto para aqueles que olham para ele. Evoca uma visibilidade, mas que desperta horror, críticas, culpabilização, uma verdadeira lipofobia (ROCHA, VILHENA, NOVAES, 2009). O ganho progressivo de peso “empurra” essas pessoas para uma zona de vulnerabilidade desembocando em vários processos de desfiliação social (CASTEL, 1998) para o obeso.

## 2 O PESO DO PATOLÓGICO

A condição “obesidade” tem se apresentado como um crescente nos últimos anos. Devido à magnitude e rapidez com que aumentaram os números de pessoas com obesidade em vários países do mundo, ela tem sido considerada uma pandemia (BRASIL, 2006), atingindo muitos países, inclusive o Brasil. De acordo com dados da OMS (2012), a prevalência mundial da obesidade duplicou no intervalo de 1980 e 2008, passando a acometer 10% da população masculina e 15% da feminina, afetando quase 500 milhões de adultos maiores de 20 anos. No Brasil, este cenário não é muito diferente.

Wanderley e Ferreira (2010) analisaram o agravamento deste quadro no Brasil com base nos dados de quatro estudos de base populacional, a saber: Estudo Nacional sobre Despesas Familiares (ENDEF) no período entre 1974-1975; Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição (PNSN) em 1989; Pesquisa sobre Padrões de Vida (PPV) no período de 1996-1997 e Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) entre 2002-2003, evidenciando a velocidade com que ela aumentou nos últimos anos. No primeiro estudo, a obesidade estava presente em 2,8% dos homens e 8% das mulheres, enquanto que a POF 2002-2003, a prevalência entre homens era de 9% e de 13,5% em mulheres. Segundo dados da última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2008-2009 (IBGE, 2010), 49% dos adultos maiores de 20 anos de idade apresentava excesso de peso, dentre os quais 14,8% apresentam obesidade. Destes últimos, 12,4% são homens e 16,9 são mulheres. O conjunto desses dados reitera o aumento vertiginoso da obesidade no Brasil e aponta que proporcionalmente o número de mulheres obesas continua sendo maior que os homens, apesar desses últimos terem mais que quadruplicado como se verá mais à frente.

Figura 1 – Prevalência de déficit de peso, excesso de peso e obesidade na população com 20 ou mais anos de idade, por sexo. Brasil – períodos 1974-1975, 1989, 202-2003 e 2008-2009.



Fonte: IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009, 2010.

Em uma parceria entre o IBGE e o Ministério da Saúde, com a cooperação do Banco Mundial (IBGE, 2010), elaborou-se na POF 2008-2009 a seção de antropometria e estado nutricional, com a função de analisar o perfil nutricional da população residente no Brasil. O objetivo era o de auxiliar na formulação, implementação e avaliação das políticas de saúde. Os resultados deste último estudo verificaram que as prevalências de excesso de peso e de obesidade têm aumentado continuamente nos dois eixos ao longo dos inquéritos realizados até hoje. Nos 34 anos decorridos de 1974-1975 a 2008-2009, a prevalência de excesso de peso em adultos aumenta em quase três vezes no sexo masculino (de 18,5% para 50,1%) e em quase duas vezes no sexo feminino (de 28,7% para 48,0%). No mesmo período, a prevalência de obesidade aumenta em 4,43 vezes para homens (de 2,8% para 12,4%) e em 2,11 vezes para mulheres (de 8,0% para 16,9%).

Os dados estatísticos mais recentes no Brasil sobre a obesidade são do Ministério da Saúde a partir da Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL), feito em todas as capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. Ela foi implementada pela Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) com o apoio e suporte técnico do Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde da Universidade de São Paulo (NUPENS/USP). Desde 2006 trabalham de forma a acompanhar as mudanças do perfil epidemiológico da população brasileira, estando atentos aos diferentes fatores de risco para as Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT). No conjunto das 27 cidades investigadas, a frequência de adultos obesos foi de 17,9%, sem diferença significativa entre os sexos (VIGITEL, 2014).

Estes dados confirmam, portanto, o aumento acelerado do problema e se mostram alarmantes, uma vez que a obesidade vem sendo reconhecida como um dos fatores de maior risco para o adoecimento de adultos (BRASIL, 2014). Ela está associada a outras condições como hipertensão arterial sistêmica, diabetes mellitus tipo II, dislipidemia, hipotireoidismo, alguns tipos de câncer. Com isso, sobrecarrega-se o sistema de saúde com uma demanda crescente de doenças correlacionadas o que traz repercussões importantes nos custos das ações de média e alta complexidade no tratamento da obesidade e das doenças associadas (BAHIA, ARAÚJO, 2014; OLIVEIRA, 2013), conferindo à obesidade o status de grande problema de saúde pública.

Nota-se desta forma, que todo esse cenário se pauta na captura da condição “obesidade” como uma categoria da clínica médica. Ela é observada, categorizada e definida como uma doença.

## 2.1 O OLHAR MÉDICO SOBRE O CORPO E A OBESIDADE

A construção de um olhar médico sobre a obesidade remonta à própria história da ciência médica ocidental e à aposta no conhecimento sobre o corpo. Ortega e Zorzanelli (2010) ao abordarem o modo como na contemporaneidade a visão sobre o corpo se tornou cada vez mais mediada pela medicina, fazem um apanhado histórico sobre a ascensão do corpo como valor e o impacto desse olhar médico nas produções subjetivas atuais.

Os autores destacam que os gregos na época de Homero sequer possuíam a noção de corpo enquanto unidade organizada. Os aspectos somáticos estavam sempre vinculados às relações sociais, de forma que não se diferenciavam doenças individuais e coletivas. Ao contrário, a tradição hipocrática já concebia a ideia de corpo unificado. Havia a prática da dietética dirigida para as doenças internas e a prática cirúrgica voltada para as doenças externas. O “corpo cirúrgico” de Hipócrates, no entanto, não tinha ainda uma concepção de corpo anatômico. O conhecimento morfológico e as descrições anatômicas não incluíam o interior do corpo. Não havia lugar para a dissecação de cadáveres, devido à preocupação com a dignidade do corpo e os tabus religiosos que recaíam sobre ele (ORTEGA, ZORZANELLI, 2010).

O processo de desenvolvimento da medicina científica ocidental foi bastante lento. A teoria dos humores, de Hipócrates, foi o grande paradigma médico no período. A partir do século IV a.C., a influência platônica, que separava a alma do corpo, fazia diferenciar o homem do seu cadáver. Após a morte, aquele corpo por não mais ser o veículo de expressão de ideias e sentimentos poderia ser estudado. Essa mudança de percepção abriu caminho para as primeiras dissecações humanas praticadas em Alexandria no século III a. C.. No entanto, logo voltaram a ser proibidas no século I a.C..

A figura de Galeno se destaca neste meio devido às grandes contribuições que fez. No entanto, as mesmas apareceram apenas 500 anos depois de Hipócrates e influenciou na ciência médica ocidental por mais de um milênio até se tornarem estagnados durante a Idade Média (RABELLO, 2010). Devido às proibições de dissecação em humanos, ele a fazia em animais e procurava aplicar os resultados obtidos à anatomia humana.

O século XVII ficou marcado pelo advento das universidades: Montpellier em 1220; a de Pádua em 1222 e a de Paris em 1253. A emergência dessas instituições pouco alterou a doutrina médica da época. A exceção aparece apenas na Universidade de Pádua, que manteve uma longa tradição e reputação nos estudos anatômicos. Essa configuração só foi possível devido à “liberdade científica e sabedoria política da Sereníssima República de Veneza, um

Estado liberal e tolerante no meio de uma Europa feudal, imperial e pontifical” (RABELLO, 2010, p. 40).

O desenvolvimento da medicina ao longo dos séculos XV e XVI foi um resultado tímido do florescimento dos estudos anatômicos e do que era ensinado nas escolas médicas. As descrições de Galeno eram inquestionáveis até Andreas Vesalius, em 1543, publicar o livro “*De Humani Corporis Fabrica*” (“Da Organização do Corpo Humano”), livro de anatomia humana, considerado um dos mais influentes livros científicos de todos os tempos devido aos detalhes das descrições e principalmente ilustrações xilografadas. As descrições das dissecações humanas feitas por ele marcaram o nascimento da anatomia científica moderna (ORTEGA, ZORZANELLI, 2010) e de um ensino sistemático, bem como, pesquisa científica na anatomia (ANDRIOLI, TRINCIA, 2004 apud RABELLO, 2010).

Essa marca se destacou na passagem do século XVIII para XIX, onde a observação, tanto na medicina quanto em outras ciências tornou-se “operação essencial” (FAURE, 2008, p. 14). Começou-se a delinear um movimento em que a medicina se transformava em um guia de leitura do corpo e da doença. Destaca-se aqui, que essa ciência se elaborava no seio da sociedade como resposta às suas necessidades. Foucault (1994) adverte que frente à grande explosão demográfica do século XVIII e o crescimento do aparelho de produção, o corpo era tomado como objeto e alvo do poder. Neste campo, a tecnologia disciplinar e o biopoder formavam uma engrenagem que se integrava perfeitamente ao processo de desenvolvimento da economia capitalista, forjando uma determinada organização sobre a vida.

Com vistas ao melhor desempenho do corpo, o arranjo social apostava no “corpo” vivo, “um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo” (FOUCAULT, 1988, p. 131). Esta é uma visão positiva do poder, já que ele não é uma “coisa em si” ou está localizado em um centro organizador. Ao contrário, ele se dá sob a forma de práticas. Ele é algo que se exerce, se efetua e funciona, e neste momento se dirige à vida. Foucault (1988) demonstra a riqueza estratégica do investimento em conhecimento e na formulação de técnicas para o aprimoramento, ampliação e potencialização das forças corporais, biológicas.

Se a disciplina permite decompor, classificar e medir, a medicina, enquanto um saber e prática, ela reproduz esse funcionamento na medida em que toma como roupagem um caráter classificatório. A doença recebe uma organização hierarquizada em famílias, gêneros e espécies. Estabelecer a diferença entre o “normal” e o “patológico” (CANGUILHEM, 2002) permitiria às intervenções a possibilidade de corrigir e otimizar os desempenhos do corpo. O patológico, portanto, receberia sua designação a partir do normal, e a convicção da medicina

se depositaria em poder restaurá-lo cientificamente, “anulando” o que seria da ordem do patológico. A doença torna-se objeto de estudo para o teórico da saúde. Nota-se que o interesse está focado nos processos de adoecimento e não nos de saúde.

Este é o cenário em que se vê vigorar a ideia de que a verdade das doenças se encontraria no interior do corpo, preconizando o conhecimento pela via do olhar, da observação. As necessidades, a partir do século XIX, quanto a vencer as doenças e adiar a morte, impuseram uma demanda social de cuidados com a saúde, a qual a anátomo-clínica e o desenvolvimento de instrumentos e tecnologias biomédicas ofereceram uma resposta interessante.

Como consequência, tem-se que o manejo dos limites do corpo e as possibilidades de aperfeiçoamento tornaram-se valores almejados. A noção de risco passou a ter destaque e evitá-los tornou-se um imperativo que cada um deveria seguir. Há, portanto, um processo de subjetivação, que continua em curso, em que se produz uma obrigação individual em calcular as escolhas, os passos a dar, e a responsabilização por elas.

Esse percurso de construção do olhar médico e sua configuração atual trazem consequências ao tratamento dirigido ao corpo e à obesidade. Como visto no capítulo anterior, a preocupação com o excesso de peso já figurava na Antiguidade através dos tratados dietéticos de Hipócrates, em que as “orientações preservavam a percepção da natureza do corpo” (SEIXAS, 2009, p. 26). Ele já apontava a associação entre obesidade, infertilidade e morte precoce e destacava os benefícios trazidos pelas mudanças alimentares, antecipando a ideia de balanço energético positivo, amplamente utilizado nos dias atuais (HASLAN, 1998 apud SEIXAS, 2009). Galeno não apenas se destacou por tantas contribuições à medicina, mas também descreveu um dos primeiros casos de manejo clínico da obesidade (SEIXAS, 2009). As recomendações gerais também incluíam a melhoria na dieta e a prática de exercícios físicos como recomendações necessárias para manter a saúde.

Na Idade Clássica, a medicina esbarrava em limitações concretas, tanto em termos diagnósticos quanto em termos técnicos. Baseava-se muitas vezes nas descrições hipocráticas e galênicas dos temperamentos e humores para designar o tratamento a ser seguido. Sob a influência cristã, a construção do conhecimento e a prática clínica se apoiavam em conhecimentos inconsistentes forjados a partir de uma visão mística do mundo e do corpo.

O desenvolvimento e triunfo da anatomia patológica e a conseqüente transposição desses conhecimentos para o campo da clínica, iniciaram o processo de patologização de certas condições, dentre elas a obesidade. Ela começou a receber uma compreensão de caráter patológico e a localização da gordura no todo corporal passou a ser considerada fundamental

(SEIXAS, 2009). Com isso, tudo passa a ser objeto de medidas no século XIX. Primeiro as circunferências: braço, coxa, pescoço, ventre, seguindo com as comparações entre peso e altura. Estas últimas são submetidas ao cálculo estatístico em meados desse século. As referências mudam e tem impacto nas formas de olhar e avaliar o outro. A obesidade entra, dessa maneira, no “seu período científico, submetida à experiência e ao cálculo, explorada pela química e a fisiologia” (VIGARELLO, 2012, p. 267).

As tentativas em localizar a sede da doença têm consequências no campo da dietética, pois se até então os sintomas eram tomados isoladamente ou tidos como características pessoais, eles são agora associados à condição de obesidade. Além disso, houve desdobramentos no campo da dietética após a definição e utilização das calorias como unidade de medida energética dos alimentos, corroborando com a hipótese do balanço energético positivo.

Nota-se, portanto, um momento crucial onde aparecem conceituações sobre as condições orgânicas. O paradigma “preservação da saúde” dá lugar gradativamente ao paradigma “patologia”. Há aqui, a construção de um se tornar “doente”. Foucault (2004, p. 01) atesta que “a coincidência exata do “corpo” da doença com o corpo do homem doente é um dado histórico e transitório”. Isso significa dizer que o espaço de configuração da doença na experiência médica teve sua emergência no século XIX, onde privilégios foram concedidos à anatomia patológica. Esse processo denuncia um problema, pois a introdução dessas novas concepções e práticas teria feito “desaparecer o ser humano doente da relação terapêutica” (FAURE, 2008, p. 26). Esse conhecimento objetivante por via dos sentidos e das tecnologias de apoio – utensílios, exames etc. – ocasionou uma diminuição da atenção dos médicos aos aspectos subjetivos do adoecimento.

Se ao longo do século XIX as medições, as verificações, o estabelecimento de graus e níveis de obesidade foram sendo delineados, as explicações desse processo de “engorda patológica” também se colocaram. Os casos se multiplicaram, principalmente porque houve uma mudança do olhar sobre os corpos e sobre o excesso de peso. Como consequência, aquilo que não era notado e muito menos avaliado como problema ou patologia, o passa a ser. Com isso, multiplicaram-se os novos tratamentos com vistas ao emagrecimento. No início do século passado consolidaram-se os estudos sistemáticos da obesidade e a qualificação cada vez mais detalhada dos diversos graus. Nesse campo, o que se conhece hoje como obesidade grau III ou obesidade mórbida incorpora moralmente uma inquietude que faz a denúncia de uma tragicidade: o *status* de monstruoso.

Segundo Vigarello (2012), a preocupação médica muda de “tom” se apropriando da cultura da magreza. Inclusive o próprio uso da concepção de obesidade foi renovado, passando a designar condições menos extremas. Essa mudança se pauta na ideia de um “tarde demais”. O que antes era valorado como obesidade estava em um extremo maior de protuberância corporal, e por consequência em uma gravidade maior e poder de intervenção menor. Passa a ser considerado mais interessante que as intervenções fossem feitas em graus de gravidade menores. O que aqui se arrisca dizer, por oposição, que começa um processo de estabelecer um olhar “cedo demais”. A atenção se volta para as sutilezas, para os silêncios do corpo e suposições e suspeitas sobre ele. As propostas terapêuticas se dissipam e são apropriadas nas rotinas das pessoas a começar pela utilização doméstica da balança e a criação de um mercado voltado para o excesso de peso.

A obesidade é investida por técnicas, tratamentos e produtos que visam o emagrecimento. Ofertas com supostas “soluções” antiobesidade ganham respaldo gradativamente: alimentos, medicações, atividade física, massagens, cirurgias. Mas a grande originalidade que se coloca é a visão que perpassa esse discurso: o compromisso do cuidado consigo próprio. Aqui, se delineiam movimentos que dão base para se pensar na “gestão de si mesmo”, em que cada um é responsável por si e pelos resultados que alcança. E frente à exposição de um corpo que não alcança as mudanças esperadas, um sofrimento se inscreve. A falha denuncia uma insuficiência face às exigências sociais, a da falta de controle sobre si. Ao mesmo tempo em que o emagrecimento seria um “sinal de uma conduta ‘adaptada’” (VIGARELLO, 2012, p. 316).

Essa concepção perdura até os dias atuais. Aumenta cada vez mais o nível de conhecimento sobre a visceralidade e há um bombardeio de novidades biotecnológicas a serviço da modificação do corpo (ORTEGA, ZORZANELLI, 2010). Os diálogos com os considerados adoecidos têm o espaço diminuído, dando lugar ao exame físico, às perguntas objetivas, buscando respostas ao máximo precisas, sem dar vazão a interpretações. E nota-se que de forma geral que a construção da obesidade como uma patologia médica se articula diretamente às produções subjetivas atuais. Ao mesmo tempo em que há um aumento das exigências quanto à magreza e isso se articula à aparência, coexiste o aumento das denúncias quanto ao corpo gordo, o que provoca que ele seja pensado como um indicador de uma ameaça sanitária (VIGARELLO, 2012).

Apontar a obesidade como uma doença é valorá-la como desviante e incentivar um esforço por uma espécie de correção por via do emagrecimento restabelecendo um estado em que a saúde está associada ao corpo magro. A obesidade é estudada, dissecada, discursos e

técnicas se direcionam a ela na perspectiva de torná-la passível de controle. Discursos e práticas surgem e estatutos legais passam a assegurar direitos e acesso a tratamentos.

## 2.2 INSTITUCIONALIZAÇÃO DA OBESIDADE COMO PATOLOGIA

### 2.2.1 Obesidade e saúde

As estatísticas referentes ao quadro de obesidade apontam para um crescimento acentuado já na primeira metade do século XX. As primeiras discussões sobre a necessidade de uma organização que abordasse o tema obesidade ocorreram na Grã-Bretanha em 1961. Porém, foi apenas em 1966 que um comitê foi formado (WORLD OBESITY FEDERATION, s/d). A primeira reunião do “Obesity Association” foi realizada em Londres, em 1967, e no ano seguinte promoveram um Simpósio sobre Obesidade.

Na década de 70 aumentou o número de pesquisas sobre a obesidade na Europa e levantou-se a necessidade de se articular uma série continuada de congressos internacionais sobre o assunto. O 1º Congresso Internacional sobre Obesidade foi realizada em Londres, em outubro de 1974, com mais de 500 participantes de 30 países. Aos poucos se conseguiu que até o final da década de 70 um padrão de três congressos anuais e uma publicação trimestral. A década de 80 foi um período de construção e consolidação de organismos voltados para a problemática da obesidade. Foi em 1985 que foi criada a “International Association for the Study of Obesity” (IASO).

Pode-se dizer que a década de 90 foi um período de amadurecimento dos estudos neste campo. A IASO propiciou a criação de duas novas associações regionais: a “Latin American Federation of Societies of Obesity” – Federação Latino-Americana de Sociedades de Obesidade (FLASO) – em 1990, no Chile, e em 1999, a “Asia-Oceania Association for the Study of Obesity” – Associação Ásia-Oceania para o Estudo da Obesidade (AOASO).

Este momento foi bastante importante para discutir os estudos epidemiológicos em populações latino-americanas que revelaram que após grandes investimentos para se diminuir à miséria das camadas mais pobres e combater a desnutrição, a condição de obesidade despontou de forma alarmante, se tornando um problema mais grave que a própria desnutrição (COUTINHO, 1999). Esse aumento tem alarmado e mobilizado os sistemas de saúde de vários países e esse fenômeno da transição nutricional levou a que no final da década de 90, se elaborasse o Consenso Latino Americano de Obesidade.

Este documento foi idealizado por lideranças de diversos países, na perspectiva de elaborar um guia terapêutico para profissionais de saúde envolvidos com o tratamento do paciente obeso. Esse processo se iniciou em 1997 quando delegados da FLASO elegeram o Brasil para sediar a Convenção do Consenso. Houve uma reunião pré-consenso em julho de 1998 na Colômbia durante a qual foram constituídas as comissões de trabalho e distribuídas as tarefas. E outra reunião foi feita em agosto do mesmo ano, por ocasião do Congresso Internacional de Obesidade. Avaliados os problemas e impasses até aquele momento e dando continuidade ao processo de confecção dos capítulos, concretizou-se o documento durante a convenção do consenso entre 8 e 11 de outubro de 1998 no Rio de Janeiro.

Nele, especialistas de 12 países latino-americanos, das áreas de Medicina, Nutrição, Psicologia e Educação Física levantaram diversos aspectos relacionados com a obesidade e seu tratamento, como prevalência, seus riscos e custos. Foram sugeridas medidas que pudessem contribuir para a prevenção da doença e analisaram os métodos disponíveis para a avaliação e o tratamento do paciente obeso.

O documento formulado no Consenso Latino-Americano de Obesidade (COUTINHO, 1999), se propõe a ser um ponto de referência, um guia científico e prático a todos os profissionais atentos à questão da obesidade. Ele apresenta, portanto, recomendações ampliadas para o combate da obesidade como métodos diagnósticos e terapêuticos, medidas preventivas de saúde pública e estratégias de vigilância ética na abordagem do paciente obeso. Destaca-se neste documento também, que a responsabilidade deve ser compartilhada por diversos profissionais de maneira coordenada. A abordagem integral deve incluir diversos aspectos como a manutenção do peso saudável, a prevenção e a estabilização do ganho de peso, o manejo das comorbidades e a perda de peso. É essencial que se identifique a situação existente e os fatores que interferem nessa condição, de forma que se possa definir as etapas e níveis de intervenção necessários.

Foi a partir do lançamento oficial desse documento que se instituiu o dia 11 de outubro como “Dia Internacional de Luta Contra a Obesidade”. No ano seguinte o Governo Federal assumiu a data como “Dia Nacional de Combate à Obesidade” e em 2008, sob a lei nº 11.721, ela se tornou oficialmente “Dia Nacional de Prevenção da Obesidade”.

Vale destacar que as diretrizes definidas nesse Consenso contaram com apoio oficial da Federação Latino Americana de Sociedades de Obesidade (FLASO), da Associação Brasileira de Estudo da Obesidade (ABESO), International Association for the Study of Obesity (IASO), International Obesity Task Force (IOTF) e principalmente, no caso brasileiro, com o Ministério da Saúde.

A chamada epidemia de obesidade (BRASIL, 2006; 2014) tem preocupado autoridades mundiais. Estas requisitaram aos membros da Assembleia Mundial de Saúde (AMS) de 2002, através da OMS, a formulação de um documento orientador de ações de prevenção e controle do excesso de peso das populações em diferentes países. Nessa direção, a OMS lançou na Assembleia Mundial da Saúde de 2004, a Estratégia Global para Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde (Global Strategy on Diet, Physical Activity and Health).

### **2.2.2 A OMS e a obesidade**

Atualmente, a definição que a Organização Mundial da Saúde (2004) propõe para a obesidade é a de que seria um acúmulo anormal ou excessivo de gordura, que pode ser prejudicial à saúde. Ela está incluída no grupo das doenças crônicas, não transmissíveis e é, também, um fator de risco para outras morbidades. Sua etiologia é complexa e multifatorial, resultando da interação de questões biológicas, ambientais, econômicas, sociais, culturais e políticas (BRASIL, 2006).

Sabe-se que a OMS é um organismo internacional de saúde pública de alcance mundial, subordinada a Organização das Nações Unidas. Isso significa dizer que ela expressa a opinião de um grupo de países por debates e consenso, o que lhe garante legitimidade em nível mundial. Apesar disso, essa concepção que atribui o estatuto de doença à obesidade é polêmica e vem sendo questionada por alguns autores (ANJOS, 2006). A justificativa se baseia no fato de que no ponto de vista tradicional, uma doença pressupõe a existência de um grupo de sinais e sintomas e grande alteração funcional. No caso da obesidade, ela é definida através de um valor antropométrico ou de gordura corporal acima de um ponto de corte. Embora ela seja uma ameaça à saúde e à longevidade, ela não se comportaria como uma doença e sim como um fator de risco para outras doenças. Independentemente dessa controversa, o que fica evidenciado é que a obesidade é um quadro que vem atualmente ocupando um grande lugar nas discussões e preocupações médicas. Os números são alarmantes e à medida que se está inserido em uma sociedade altamente marcada e mediada pelo discurso médico, em que a saúde se tornou um valor fundamental, há um peso sobre considerar a obesidade uma patologia e tomá-la como passível de correção.

Atualmente, o critério mais utilizado para avaliação da obesidade na prática clínica e em nível populacional é o Índice de Massa Corporal (IMC), que apresenta boa correlação com desenvolvimento de doenças crônicas e mortalidade (CALLE et al., 1999). O cálculo do IMC

é um padrão reconhecido internacionalmente cujo valor é o peso, em quilogramas, dividido pela altura, em metros, ao quadrado:  $\text{kg/m}^2$ . Os resultados deste cálculo definem o estado nutricional da pessoa avaliada. Quando esse valor resulta em  $30\text{kg/m}^2$  ou mais, a pessoa é considerada obesa e classificada segundo a gravidade em grau I (IMC entre 30 e  $34,9\text{ kg/m}^2$ ), grau II (IMC entre 35 e  $39,9\text{ kg/m}^2$ ) ou grau III (acima de  $40\text{ kg/m}^2$ ).

**Figura 2 – Classificação de estado nutricional em adultos**

<b>Classificação do estado nutricional</b>	<b>Pontos de corte</b>
Baixo peso	$<18,5\text{ kg/m}^2$
Eutrófico	$\geq 18,5$ e $<25\text{ kg/m}^2$
Sobrepeso	$\geq 25$ e $<30\text{ kg/m}^2$
Obesidade I	$\geq 30$ e $<35\text{ kg/m}^2$
Obesidade II	$\geq 35$ e $<40\text{ kg/m}^2$
Obesidade III	$\geq 40\text{ kg/m}^2$

**Fonte:** BRASIL. Ministério da Saúde. *Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: obesidade*, 2014.

Este critério é muito utilizado devido à simplicidade dos recursos utilizados: balança e estadiômetro, presentes em quaisquer unidades básicas de saúde. Em estudos epidemiológicos a adoção deste critério facilita em termos de coleta de dados. As correlações feitas entre as faixas de IMC e outras doenças também apresentam validação, o que reforça o seu uso. No entanto, admite-se que ele é um bom recurso frente à ausência de outro indicador que seja tão simples e porque não dizer, conveniente.

As limitações desta forma de avaliação se iniciam com o fato dele não medir a quantidade de gordura corporal. O instrumento não oferece a possibilidade de distinguir a composição de massa magra e gordura no peso aferido. Duas pessoas com o mesmo peso e a mesma altura podem apresentar composições corporais diferentes, ou seja, pessoas com elevada quantidade de massa muscular podem apresentar elevado IMC, mesmo que a gordura corporal não seja excessiva. Essa diferença teria impactos também distintos nas condições de saúde e doenças.

Outra de suas limitações é a não indicação da distribuição da gordura. O acúmulo de gordura visceral com distribuição central ou abdominal predominante – perfil androide – é metabolicamente diferente e traz maiores prejuízos se comparado ao acúmulo de gordura periférica ou glúteo-femural – padrão ginecoide. Dessa maneira, a OMS (2004) recomenda a

utilização da medida de circunferência de cintura (CC) e a relação cintura-quadril (RCQ) para complementar o cálculo de IMC. Quando o resultado da CC é maior ou igual a 94cm e/ou quando a RCQ é maior ou igual a 1,0, considera-se maior a gravidade no caso avaliado. Outro aspecto quanto ao IMC de adultos é que ele não é diferenciado segundo o gênero e abrange uma ampla faixa etária, a saber: 20 a 59 anos, não comportando as mudanças de constituição corporal inerentes às diferentes faixas etárias e as mudanças hormonais que também acontecem.

Como se podem ver, esses instrumentos apresentam os problemas metodológicos intrínsecos ao estabelecimento de qualquer ponto de corte. Há muitas variáveis como gênero, idade, diferenças nos grupos populacionais, composição corporal. Apesar dos problemas levantados, a OMS orienta a utilização do cálculo do IMC devido sua praticidade, seu baixo custo e uma estimativa aceitável quanto ao estado nutricional da pessoa avaliada. Outros métodos incluiriam custo elevado, dificuldades técnicas para seu treinamento e sua execução.

Para a OMS (2004), o excesso de peso é decorrente do balanço energético positivo, ou seja, a relação entre o padrão alimentar e o gasto energético. No Brasil, algumas pesquisas (ANJOS, 2006; BRASIL, 2014) evidenciam o fenômeno da transição nutricional na população brasileira, caracterizada pelo alto percentual de consumo de alimentos ricos em açúcar, gorduras saturadas, trans e sal através dos produtos ultraprocessados<sup>5</sup> como embutidos, refrigerantes, biscoitos, etc. e pela diminuição de consumo de carboidratos complexos e fibras, alimentos básicos como ovos, peixe, leguminosas, raízes e tubérculos e arroz. Ao que concerne ao gasto energético, é fato que há diversos serviços e produtos disponíveis de forma a aumentar o conforto e comodidade da vida cotidiana, como controle remoto, vidros elétricos, telefones sem fio, elevadores, que contribuem para a diminuição do gasto calórico nas atividades cotidianas.

### **2.2.3 Obesidade como um problema de saúde pública no Brasil**

A obesidade sendo um agravo já instalado, com organizações e associações criadas com vistas a pesquisas na área, os países se organizaram para desenvolver ações de prevenção e tratamento. No âmbito das políticas públicas brasileiras, o Ministério da Saúde segue as recomendações do Consenso Latino Americano de Obesidade (COUTINHO, 1999) e o documento Estratégia Global para Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde (OMS,

---

<sup>5</sup> Produtos ultraprocessados correspondem a fórmulas produzidas pela indústria, muito longe do alimento na forma original.

2004b). Ao setor saúde hoje cabe realizar a vigilância alimentar e nutricional, ações de promoção da saúde e garantir acesso e atenção integral à saúde dos indivíduos com sobrepeso e obesidade, além de atuar no controle e regulação da qualidade dos alimentos.

Em uma breve retomada histórica no campo das políticas públicas brasileiras no campo da alimentação e nutrição, as primeiras ações e práticas relacionadas à alimentação no Brasil datam do fim da década de 30, no período Vargas (PINTO, BOSI, 2010). Duas medidas se destacam: o salário mínimo, criado para satisfazer as necessidades do trabalhador e sua família e o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS). Este último foi criado em 1940 e é considerado o primeiro órgão de política de alimentação no Brasil. A ele estavam associados a instalação de refeitórios em empresas de grande porte, o fornecimento de refeições para as menores, a venda de alimentos a preço de custo a trabalhadores com família numerosa. Além disso, deveria proporcionar educação alimentar, formar pessoal técnico especializado e apoiar pesquisas sobre alimentos e situação alimentar da população (SILVA, 1995 apud PINTO, BOSI, 2010). Ainda na mesma década, foram criadas outras três agências da política nacional de alimentação: o Serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN) em 1942, o Instituto de Tecnologia Alimentar (ITA) em 1944, e a Comissão Nacional de Alimentação (CNA) em 1945.

Apenas 30 anos depois, durante o governo do presidente Médici, foi criado em 1972 o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN). Este órgão passou responder pela política alimentar, formulando e executando vários programas nacionais de nutrição. O primeiro deles foi o “I Programa Nacional de Alimentação e Nutrição” (I PRONAN). Ele tinha como objetivos prioritários a assistência alimentar aos grupos vulneráveis e a promoção de programas de educação nutricional. O II PRONAN entrou em vigor em 1976, caracterizado por uma estrutura dirigida aos grupos mais carentes, urbanos e rurais (LIMA, OLIVEIRA, GOMES, 2003 apud PINTO, BOSI, 2010).

Durante a década de 80, o governo federal ainda era assolado pelos problemas de desnutrição. Alguns institutos foram implantados com vistas à suplementação alimentar de grupos da população. Nos anos subsequentes, as políticas e programas se voltaram para assistência alimentar e nutricional ao grupo materno infantil e aos escolares. Destacaram-se o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno – PNIAM; Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, Programa de Combate às Carências Nutricionais Específicas – PCCNE. Em 1989 foram divulgados os resultados da Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição (PNSN). Essa pesquisa, junto a outras publicações do período, começou a alertar a

expressiva redução da prevalência da desnutrição, ao mesmo tempo em que se elevava a incidência da obesidade.

Em 1999 foi aprovada a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), que já mostrava preocupação com a prevalência de sobrepeso e obesidade na população brasileira adulta (Brasil, 2003), propondo a promoção da alimentação saudável.

Atualmente, o Ministério da Saúde propõe ações no campo da promoção da saúde sobre alimentação saudável e a prática de atividades físicas. Alguns programas foram criados especificamente para isso como a Academia da Saúde, o Amamenta e Alimenta Brasil, Prevenção e Controle dos Agravos Nutricionais, Promoção da Saúde e da Alimentação Adequada e Saudável, Programa Saúde na Escola, e Vigilância Alimentar e Nutricional.

Nota-se pelo número de programas e ações voltadas para a chamada Mudança do Estilo de Vida (MEV) a relevância que o excesso de peso e obesidade tomou nos últimos anos. Inclusive o próprio Ministério da Saúde destinou duas publicações específicas para a obesidade: Caderno de Atenção Básica – Obesidade, em 2006 e Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: obesidade, em 2014.

### 2.3 A OBESIDADE E O CONSUMO

Apesar de a alimentação estar ligada a uma necessidade orgânica, ela não se limita a isso. Ela exerce uma função social. O ato de comer apresenta várias dimensões: come-se para festejar, come-se por prazer, come-se para anestesiar emoções desagradáveis etc. Os sujeitos obesos reconhecem a comida como uma grande fonte de prazer e também que o exagero é também responsável por levá-los a essa condição. A obesidade não é um quadro agudo<sup>6</sup>, é uma condição que se “produz” ao longo de anos e parece que, em muitos casos, a comida é utilizada como objeto propulsor da satisfação e recurso imaginário de contenção de sofrimento.

Há atualmente um forte incentivo ao consumo de bens e a busca de prazer imediato. A chamada “sociedade de consumo” é uma tentativa de compreender as mudanças que vêm ocorrendo nas sociedades contemporâneas, referindo-se à importância que o consumo tem ocupado na construção das relações sociais na formação e fortalecimento das identidades culturais. Nessa direção, percebe-se que tudo se transforma em mercadoria (BAUMAN, 2008).

---

<sup>6</sup> Agudo é uma terminologia médica para definir quadros de evolução rápida, de até três meses, acompanhado de convalescença e/ou morte.

Assim, a ética do consumidor e a estética do consumo (BAUMAN, 1998) reinam, produzindo subjetividades baseadas naquilo que se pode comprar, consumir. Nesse processo, associa-se a vivência do tempo, que marca a satisfação na sua imeditiicidade. Há uma incessante busca por uma satisfação imediata e completude via consumo de objetos. No entanto, o que acontece é que “devora-se” uma série deles sem que essa satisfação de fato aconteça (NOVAES, 2006).

O próprio culto ao corpo tem como base “um consumismo hedonista e narcisista” (COSTA, 2005, p. 131). O autor aponta que na teoria de Arendt é possível encontrar as premissas comuns à maioria das explicações do consumismo. A prática econômica deu origem ao hábito de consumir, sustentada na demanda emocional por prazer e ausência de dor, resultando na insatisfação psicológica permanente do comprador. Costa (2005) propõe alguns questionamentos e comentários em relação a essas premissas. Para o autor, o comprador compactua com a lógica consumista, pois aprendeu a associar o consumo à felicidade e se prende a essa ilusão. A crítica tecida a Arendt é que ela resolveria uma questão pela suposta determinação econômica de consumo, porém, o modo de produção de objetos após a Revolução Industrial não explicaria por si só a motivação consumista. A questão deixada em aberto seria, portanto, a da insatisfação.

Para avançar neste debate, Costa (2005) se apoia em Baudrillard pelo fato de afirmar explicitamente que a insatisfação emocional é o motor do consumismo. A análise de Baudrillard (1970) atesta um tipo específico de consumo: o consumo de signos. Neste caso, a mercadoria se descola do seu valor de uso e se prende ao seu aspecto simbólico. O autor propõe uma desvinculação do consumo, da abundância de produção. O consumo não cresce em ambientes de riqueza generalizada, ao contrário, cresce em meio à desigualdade e escassez relativa a bens materiais e culturais. O sistema de consumo baseia-se em diversas formas de hierarquização e produção de diferenças entre os indivíduos. Sendo assim, quando a grande massa passa a ter acesso a determinado bens, novas modalidades e qualidades são criadas reestabelecendo as diferenças de acesso novamente.

O imaginário consumista se perpetua pela difusão do sentimento de “pauperização psicológica”, correspondendo ao estado de insatisfação crônica que torna o indivíduo um consumidor modelo. Dessa forma, para Arendt (apud Costa, 2005) há uma autonomia da insatisfação emocional em relação ao consumismo, enquanto que para Baudrillard (apud Costa, 2005), a insatisfação psicológica faz parte do hábito de consumir. Para este último, toda a sociedade leva os indivíduos à busca da diferenciação e, por conseguinte, à insatisfação.

Nota-se que nesse processo de constituição do homem consumidor aparece uma grande ênfase não apenas no incentivo de consumo de bens duráveis, mas principalmente de produtos de consumo imediato, como alimentos, bebidas alcoólicas e tabaco. Curiosamente, todos esses produtos impulsionam, na esfera neurofisiológica, mecanismos de compulsividade que atuam na região cerebral mais primitiva do ser humano, o sistema límbico, que é a estrutura principal responsável pelas emoções e fontes de prazer. Assim como as drogas, os alimentos também atuam nesses centros cerebrais.

Para Dalgarrondo (2008), há algumas características que se repetem nos sujeitos obesos graves, que permitiriam a sinalização de uma espécie de perfil obeso. Dentre eles, dá-se destaque para aspectos emocionais, onde a comida é tomada como uma forma de compensação e defesa. Haveria pouca tolerância às frustrações e, em geral, qualquer mal-estar ou desconforto são falsamente percebidos como fome. Sabe-se que esses mecanismos também estão presentes em pessoas não obesas, não se tratando, portanto, de uma definição rígida. Mas o que se destaca é a exacerbação desse quadro no contexto na obesidade grave.

O alimento acaba por ocupar um papel de instrumento que alivia os momentos de ansiedade e medo. E isso associado à questão da satisfação imediata e também de uma insatisfação permanente, como apontado anteriormente, gera um excesso, em um aqui e agora. Essa característica é consonante com a lógica do consumo e da urgência e ambos estão articulados à acentuação do individualismo. O que vale é a suposta satisfação imediata e a temporalidade é marcada por um presente permanente. Nunca se está satisfeito.

Ao mesmo tempo em que esse é um corpo que consome, devora e deglute no aqui e agora, estando consonante com a lógica do mercado, ele está na contramão de outras exigências atuais. Frente ao individualismo vivenciado atualmente, cada um é responsável por gerir e dosar as informações desconcertadas: consuma, coma, goze e, ao mesmo tempo, seja magro, jovem e “saudável”. Delineiam-se movimentos aparentemente contraditórios e que dividem o mesmo tempo-espaço.

## 2.4 A CULTURA LIPOFÓBICA

Até o momento abordou-se a construção do olhar médico sobre o corpo e como esse olhar passou a ocupar um papel de destaque nos processos de subjetivação atuais, de forma que a visão da sociedade sobre o corpo passa a ser fortemente mediada pela medicina. Nesse contexto a obesidade passa a ser definida como uma patologia e como tal deve sofrer

intervenções para a sua prevenção, o seu controle e o seu tratamento. Com vistas a alcançar esses objetivos, vários programas governamentais e portarias se dirigem a isso.

Sob o slogan da “saúde” e do “bem-estar”, esse discurso médico se difunde e o cuidado com o corpo, com a alimentação, bem como a prática de exercícios físicos passam a ser pauta tanto das consultas dos profissionais de saúde, como estão presentes em reportagens e propagandas. Esse trio compõe o conceito de mudança de estilo de vida (MEV) muito preconizado atualmente, e que vem sendo alimentado pelas mídias – escrita, televisiva, e as redes sociais. Fica evidenciado um discurso em que corpo e forma estão associados (MATTOS, 2012). Nota-se que a ideia de saúde acaba por se prender a certos padrões de beleza, tanto que produtos e tecnologias são oferecidos submetendo à corporeidade a todo tipo de manipulação.

Cada vez mais imperam exigências, mensagens e apelos voltados ao corpo e as formas de exibi-lo. Imagens de corpos “sem defeitos”, jovens, bonitos, “malhados” são veiculados nas capas de revistas, nos outdoors, na televisão, no cinema, nas clínicas de estética e nas academias. Configura-se um sistema que incentiva o enquadre em uma serialização de imagens, associando a eles símbolos de beleza, erotismo, sucesso e realização pessoal.

A carne e a pele passam a corresponder à vitrine e à propaganda que se faz de si mesmo. O corpo e a aparência roubam a cena, se apresentando como um cartão de visita. No entanto, cabe uma diferenciação, não se trata de um cartão de visita que apresenta e sim representa (STROZEMBERG 1986 apud NOVAES, 2010). “Em meio à ‘crise de valores’, ao ‘declínio da função paterna’, ao ‘desaparecimento das metanarrativas’ e ‘da multidão solitária’, o corpo se tornou um abrigo ou uma prisão” (NOVAES 2010, p. 16).

Certas características físicas são eleitas e representam padrões valorizados e aceitos socialmente. Le Breton (2003, p. 29) adverte que atualmente “o corpo se torna emblema do self”. Isso significa dizer que ele tem impacto na construção identitária dos sujeitos e na estruturação das relações sociais, afinal o individual e o social são faces indissociáveis da mesma moeda. O distanciamento dos padrões considerados desejáveis engendra relações de violência, exclusão e discriminação. De fato, frente à hipervalorização da magreza, a condição de obesidade traz muito sofrimento para quem a porta, visto que é tido como um anti-padrão.

#### **2.4.1 Espelho, espelho meu...**

Sant’Anna (1995), ao abordar a questão da beleza e do embelezamento feminino, aponta que até a primeira metade do século XX ela era valorizada pela sua “natureza”, as

intervenções corporais pautadas unicamente em questões estéticas e caprichos da moda não tinham espaço. É só posteriormente que esta concepção se transforma e a beleza passa a ser concebida como resultado de um investimento sobre si próprio. Não há apenas uma grande valorização do corpo, mas também sua exploração, visto que as ações sobre o corpo são estimuladas, fazendo recair sobre si mesmo o peso da responsabilidade pela sua aparência física.

Esse culto ao corpo, que rompe com o passado de restrições e tabu (religioso, moral) é, segundo Sant`anna (2000), parte de um movimento mais amplo de liberação progressiva do corpo, cuja consequência é a emergência de novas experiências de subjetividade. Abre-se espaço para um excesso de liberdade para agir sobre o próprio corpo em uma busca incessante por uma dita “perfeição” estética.

Todo investimento do cuidado com o corpo vem associado às ideias de bem-estar, saúde e jovialidade e são atravessadas pelas relações com o olhar e ser olhado, de forma que o corpo e a aparência passam a corresponder à vitrine e à propaganda que se faz de si mesmo. A vivência do espelho pode, portanto, ser extremamente prazerosa ou persecutória segundo padrões estabelecidos e reforçados socialmente, visto que o corpo passou a ser o representante daquilo que se é. Retornando à ideia que o corpo é uma construção social (MAUSS, 1974) e que não existe uma “natureza humana” independente da cultura (GEERTZ, 1978, apud NOVAES, 2010), tem-se que o comportamento humano é uma ação simbólica e por isso, é importante estar atento aos processos e movimentos que fazem estabelecer determinados padrões culturais.

Neste sentido, é na segunda metade do século XX que o corpo se torna objeto de uma intervenção médica voltada para a dietética e a estética. Isso se relaciona diretamente com o desenvolvimento de um modo de vida e de relação com os outros implicando no “desenvolvimento de um modo de relação do sujeito consigo mesmo” (PRADO FILHO, TRISOTTO, 2008, p. 119). Apoiados em Foucault, os autores apontam que as relações do sujeito com o seu próprio corpo, em termos da própria estética e da própria existência, são éticas. E a ética moderna é não só racionalista e utilitarista, como é também extremamente individualista. O que no final do século XX se exacerba em um narcisismo sem igual na história de ocidente (PRADO FILHO, TRISOTTO, 2008). Isso culmina em uma hipervalorização da estetização física e no culto ao corpo que preconiza um determinado físico corporal: magro e esculpido por exercícios.

E é nesses termos que as transformações sociais trazem consequências às produções de subjetividade atuais. A obesidade frente a esse quadro é um estado que destoava desses padrões, sendo o outro extremo do ideal de beleza do corpo magro, saudável, “malhado” e ágil.

O corpo é, portanto, veículo através do qual a ordem política e social vigente se manifesta. E, atualmente vê-se a estética se associar ao campo da saúde, o que passa a lhe dar também maior visibilidade, visto que os discursos da medicina passam a permear a compreensão social do corpo e os investimentos sobre ele. Esses parâmetros estão cada vez mais incorporados na mídia, na publicidade, promovendo sua incorporação na vida cotidiana.

Há um bombardeio de discursos em torno do que se espera de um corpo saudável e as pessoas são cobradas a administrar essas informações. Fala-se de bons alimentos e de seus vilões; as calorias; os alimentos *diet* e *light*; a forma de preparo dos alimentos; os alimentos orgânicos e transgênicos, os alimentos que se transformam em remédios; os sucos que secam; os exercícios que eliminam a barriguinha; os remédios que ajudam a emagrecer, dentre outros. Tudo isso engloba o controle social da balança. E nesse quadro “aquele que dorme ao lado” te vigia, te cobra, te aponta. Forja-se uma grande mobilização moral contra a obesidade, em que se promove a mensagem: emagrecer, só depende de você!

#### **2.4.2 A vivência do olhar: “Tá olhando o quê?!”**

Se atualmente se gera uma expectativa crescente de que o ser humano magro e “malhado” é o saudável, belo e bem-sucedido e há uma grande responsabilização individual por essa condição, a gordura e o seu excesso ocupam cada vez mais um lugar marginalizado na sociedade ocidental. Pelo o que foi visto até o momento, “mais do que uma condição orgânica, a obesidade é um fato social” (MATTOS, 2012, p. 26).

Sendo assim, a construção social da identidade dos sujeitos é permeada de juízos de valor quanto à imagem desse corpo. Há quase um “estatuto moral” acerca do corpo que implica em um cuidado de si e constante de vigilância para o controle da aparência. Aqui, vale destacar que se trata de uma vigilância de si mesmo, do outro e sobre o outro.

A obesidade, e principalmente a obesidade grave está longe de aproximar do *script* do corpo belo ou saudável preconizado nos dias atuais. E a ela se associam uma série de valores pejorativos, fazendo com que esses sujeitos obesos vivenciem um pesado processo de estigmatização. Quanto a isso, Goffman (1988, p. 12) atesta que “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”. O processo de estigmatização não ocorreria,

dessa forma, devido à existência do atributo em si, mas pela relação incongruente entre os atributos e os estereótipos. E essas expectativas sociais só podem ser construídas e consolidadas nas relações. O estigma corresponde a uma marca. Marca, apontada como “desviante”, que revela normas não cumpridas. Nesse processo, Goffman (1988) fala de uma redução desses indivíduos a essas marcas, características “desviantes”. Assim, outras qualidades sociais se tornam secundárias, fazendo prevalecer a marca estigmatizadora.

Muitas vezes essas pessoas que sofrem esse processo de estigmatização se fecham em um círculo vicioso, ao assumir e aceitar esse julgamento. Acontece uma alteração da autoimagem de forma que o indivíduo passa a considerar legítimos os tratamentos discriminatórios e os preconceitos dos quais são vítimas. E com isso, vítimas se tornam culpados.

Por isso, muitas vezes tenta-se encobrir essas marcas estigmatizantes, visto que a “visibilidade é, obviamente, um fator crucial” (Goffman, 1988, p. 58). No caso da obesidade grave, isso não é possível. Se o olhar das pessoas é um grande incômodo, e as críticas muito duras, o sentimento de “vergonha” decorrente disso os faz desejar passar despercebidos pelos lugares. No entanto, a protuberância dos corpos os torna indisfarçáveis, atraindo o olhar dos outros.

O feedback proporcionado pelos outros que olham, avaliam e julgam esse corpo tem consequências importantes na vida desses sujeitos. A vergonha, o sentimento de humilhação e, muitas vezes, inutilidade estão presentes nos seus cotidianos. Isso se dá principalmente, pois a obesidade acaba por refletir “qualidades morais do indivíduo. (...) Nota-se aqui que o raciocínio vai de uma característica física ao julgamento moral” (POULAIN, 2013, p. 117), como se tratasse de falta de vontade, falta de controle, falta de confiança. Eles não se sentem apenas excluídos, como se percebem excluídos. Para Poulain (2013), em função das consequências sociais negativas que provoca, a obesidade pode ser considerada uma “deficiência social” nas sociedades ocidentais e ainda destaca que as mulheres são impactadas mais fortemente que os homens quanto aos imperativos da estética corporal.

Há um grande preconceito estético e uma culpabilização individual exacerbada pela condição de pessoa obesa grau III. As formas corporais grandes, flácidas, e esteticamente feias para os padrões de beleza atuais geram uma repulsa e acusação de que eles seriam pessoas preguiçosas, sem força de vontade. O questionamento por trás dessa repulsa é: “como essas pessoas se permitiram chegar a essa situação?”, que é carregado moralmente de culpabilização individual. O excesso de gordura se transforma em um símbolo de falência moral (MATTOS, 2012) frente ao incentivo social da magreza.

### 2.4.3 O contrato rompido no olhar do outro: “É só fechar a boca...!”

O ideal de corpo contemporâneo é um corpo mais etéreo (LAZZARINI, 2013). Há uma exigência social de cuidado com o corpo e o ditame implícito de cumprir as regras sociais que sustentam o cuidado. A pessoa obesa parece não cumprir com esse “contrato”. Ela seria como uma burladora, por isso acaba tendo sua imagem associada ao desleixo, ao não cuidado não só com a aparência física, mas com a saúde.

Em uma sociedade cuja valoração se deposita fortemente na realização de projetos individuais, esbarrar com sujeitos que não se empenhem – também individualmente – no projeto da boa aparência, desperta sentimentos de antipatia e pouca solidariedade. Eles são considerados desprovidos de obstinação para a contenção das suas medidas, culpados por manterem um comportamento transgressor.

Nesse contexto, chama atenção a ascensão dos campos da nutrição e dos exercícios físicos nos últimos anos. Estas são disciplinas que controlam o que e como o sujeito deve realizar as escolhas alimentares e, por meio de grande disciplina, como deve desgastar e reverter o efeito das calorias consumidas (NOVAES, 2006). O cuidado com o corpo recebe, portanto, a imposição de uma ascese rígida e constante de si (ORTEGA, 2006). O que tem excesso de gordura aqui figura como um “desviante” que transgide as regras pelos maus hábitos. Acaba, dessa forma, sendo considerado como uma imperfeição que requer uma reeducação “eficiente”.

A preocupação estética aparece de forma quase tirânica, propondo privação de alimentos, submissão a “mutilações” nas cirurgias, e fortes exercícios. Ortega (2006, p. 45) nos adverte que “o imperativo do cuidado, da vigilância e da ascese constante de si, necessário para atingir e manter os ideais impostos pela ideologia da saúde exige uma disciplina enorme”. Trata-se de um grande esforço social e moral. Além disso, os resultados são em longo prazo, a manutenção da perda de peso é bastante difícil e em grande parte dos casos há pouca adesão ao tratamento.

## 2.5 PROCESSOS DE VULNERABILIZAÇÃO

O que foi desenvolvido até o momento aponta para um mal-estar associado ao corpo obeso. Quando a sociedade não os ignora, os agride, a começar pela expressão “obesidade mórbida” cunhada pela medicina. Como se já não fôssemos pesados o suficiente para carregar consigo a

atribuição “mórbido”, é difícil o acesso aos espaços públicos em geral. Nota-se cada vez mais um deslocamento dos espaços públicos para o recolhimento do espaço privado de suas casas.

Na perspectiva do obeso mórbido, esse mal-estar se evidencia quando o corpo apresenta limites. Trata-se de um mal-estar localizado no corpo (LAZZARINI, 2013), por vezes, difuso e a nomeação difícil de ser feita. O corpo toma a frente e fala através das dores físicas, do cansaço, da falta de ar, da dificuldade para dormir, da dificuldade de realizar ações antes tão simples.

Pequenas ações como caminhar ou subir degraus muitas vezes causam grande cansaço e os deixam ofegantes. Além disso, subir e descer degraus das escadas das estações de metrô ou de ônibus são atos dificultados quanto maior a protuberância corporal. Se deslocar para distâncias maiores passa a depender da disponibilidade de carro particular ou implica em um gasto financeiro maior com o uso de táxis. Para muitos, isso significa se afastar aos poucos da vida social, restringindo seu círculo social e de apoio.

Se os degraus dos transportes públicos se apresentam como obstáculos para essas pessoas, o que dizer das roletas? Ao que parece, ela é a grande prova. Passar ou não passar? O pensamento quanto a possibilidade de “entalar” na roleta já traz um sofrimento e constrangimento enormes, o que leva a alguns a não utilizar esses transportes.

O acesso às unidades de saúde, direito garantido pela constituição, é outro aspecto que chama atenção. Esses locais não apresentam, em geral, nem mobiliário nem instrumentos adequados para o atendimento desse perfil de pacientes. Tomando como exemplo as unidades da Atenção Primária à Saúde (APS), as próprias balanças suportam até 150 kg, os aparelhos de aferição da Pressão Arterial não alcançam a circunferência do braço, sem contar a ausência de cadeiras ou macas que suportem o peso. A execução de exames também fica prejudicada, pois alguns aparelhos não suportam o peso. O mesmo acontece com vagas para internação, são pouquíssimos os leitos destinados a pessoas com obesidade severa e nem todos os hospitais contam com essa disponibilidade. Além das questões objetivas de acesso aos equipamentos de saúde, tem-se da parte dos profissionais certa persistência em um sentimento de impotência que incorre em desinvestimento e desistência no atendimento desse perfil de usuário. É comum já no primeiro atendimento que certa discriminação se revele e perdure nos subsequentes, pois na obesidade, o sujeito é julgado como sendo o único responsável por sua condição. Esse posicionamento impede a escuta das especificidades daquele sujeito, e as possibilidades de existência de outras que não apenas a do corpo obeso. De forma geral, o processo de emagrecimento é colocado pelos médicos como a única forma de existência

aceitável. O corpo é destinado a sofrer uma “correção” e “transformação”, de forma a se enquadrar em parâmetros considerados normais e saudáveis.

No que diz respeito à vida laborativa, este é um campo com prejuízos enormes para estas pessoas. Atualmente, a incerteza é uma palavra que ronda a vida dos trabalhadores em geral e há um movimento em que cada vez mais aqueles que são expulsos do mercado de trabalho por qual motivo sejam, encontram grandes dificuldades de se reintegrarem.

Esse é o quadro da grande maioria de pessoas obesas grau III. Elas têm dificuldades em serem admitidas, se manterem empregadas e se reinserirem no mercado de trabalho. A obesidade não é apenas uma doença como também um fator de risco para outras morbidades como cardiopatias, artrite, artrose, insuficiência venosa, diabetes, o que aumenta as chances de maior absenteísmo e afastamento do trabalho. A própria protuberância corporal devido ao excesso de gordura também contribui para uma maior lentidão, o que pode desembocar em uma menor produtividade dependendo do cargo que ocupe ou que pretenda ocupar. E há, sem dúvidas, a questão da própria aparência. Há pessoas que são selecionadas para um emprego por via do currículo e dispensadas na entrevista devido à aparência, ou por via de concursos públicos e são dispensadas devido à condição de saúde, ou melhor, doença.

Essas são algumas das inúmeras situações que os obesos mórbidos passam todos os dias e que somadas levam a um desgaste psicossocial. Esse movimento os faz se afastarem progressivamente dos espaços públicos, o que os leva progressivamente a uma morte social. Mais do que um sofrimento decorrente dos problemas de saúde que a obesidade acarreta, é no campo das aparências que se deposita o maior peso. É na radicalidade deste último que a corporeidade é vivida como exclusão.

### **3 QUAL BALANÇA SE USA PARA MENSURAR O PESO DA OBESIDADE NO TRABALHO?!**

Como foi visto, diversos e complexos movimentos da sociedade ocidental vêm desencadeando processos de vulnerabilização e isolamento social para pessoas obesas graves. O cotidiano dos sujeitos obesos tem se revelado um cotidiano difícil, cheio de dificuldades, sendo a maior delas talvez, a acessibilidade. Em muitos setores da vida, eles têm o seu direito de ir e vir violado. No campo do trabalho, as consequências são devastadoras.

Vários autores (ANTUNES, 1995; CASTEL, 1997, 1998; DEJOURS, 2001; CARRETEIRO, 2009) discutem a importância do trabalho como categoria social. Ele é uma forte fonte de filiação à sociedade e a desvinculação dele leva a um desligamento, uma quebra, que tem diversas consequências para aqueles que dela sofrem. Dentre elas está a perda dos suportes sociais que garantem o exercício de direitos iguais em uma sociedade democrática, além do desengajamento material e simbólico dos indivíduos no laço social.

Hoje, se constata uma classe de trabalhadores sem-emprego, com enormes dificuldades de relocação, o que pode levá-los a uma invalidação social, em que se institui uma classe dos “inempregáveis”. Neste grupo se incluem também aqueles portadores de obesidade severa. Eles são desconsiderados de serem futuros trabalhadores ou de se reincorporarem no campo laboral, o que traz consequências consideráveis à vida dessas pessoas.

#### **3.1 O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO IDENTITÁRIO**

As concepções e sentidos atribuídos ao trabalho se modificaram ao longo da história da humanidade. Na Grécia Antiga ele recebia uma conotação negativa, de inferioridade. Já na Idade Média se caracterizava por relações servis e produção, que aos poucos cederam lugar para o comércio, a produção artesanal e a obtenção de lucro. Nos fins da Idade Média prevaleciam os trabalhadores independentes (artesãos), que vendiam o produto de seu trabalho, mas não a sua força de trabalho. As relações assalariadas só passaram a ser valorizadas pelo capitalismo. Houve, então, uma nítida separação entre aqueles que detêm os meios de produção e os que apenas possuem a força de trabalho (RODRIGUEZ, 2006).

Até a Revolução Industrial, o lucro se concentrava nas mãos dos comerciantes, intermediários entre o produtor e o consumidor. Lucrava mais aquele que comprava e vendia a mercadoria e não quem a produzia. Dessa maneira, o capital se acumulava na circulação, no

comércio, e não na produção. É na segunda metade do século XVIII que o capital acumulado na circulação de mercadorias passa a ser investido na produção, principalmente na Inglaterra onde o capitalismo industrial se desenvolveu mais rapidamente. O capital industrial passou a dominar o conjunto da produção, distribuição e circulação de riquezas. A concorrência quanto à rapidez de produção era desigual em termos de trabalhos manuais e o sistema fabril, com suas máquinas movidas a vapor e a divisão do trabalho. O trabalho assalariado se instalou definitivamente, em prejuízo dos artesãos, separando claramente os detentores de meios de produção (a burguesia) e a massa dos trabalhadores (o proletariado).

As novas condições econômicas e sociais geradas pelo industrialismo criaram novas necessidades de consumo e de ampliação dos mercados, dando subsídios para que o trabalho pudesse ocupar um lugar de destaque na construção do processo identitário. A Revolução Industrial se mostrou, então, como um marco para que o trabalho representasse a relação social fundamental, sendo considerado o centro das representações que a sociedade faz dela própria.

Alguns autores apontam o Trabalho como organizador da sociedade. Barel (1985 apud CARRETEIRO, 2006) o denomina “grande integrador”, uma vez que se apresenta como um princípio de ação e de organização concreta na vida das pessoas, imbuído de manter a ordem, regular os conflitos, favorecer o desenvolvimento econômico e do bem-estar das pessoas. No entanto, devido às enormes transformações ocorridas principalmente no último quarto do século XX, com a diminuição do trabalho formal, o aumento do trabalho informal, os trabalhos provisórios, os precários, os subempregos e os desempregados, alguns autores (GORZ, 1985; OFFE, 1989) atestam que a crise do sistema capitalista culminaria no “fim da centralidade do trabalho”.

Barel (1985 apud CARRETEIRO, 2006) reconhece as grandes mudanças que o mundo do trabalho vem sofrendo, mas aponta essa suposta fragilidade do mundo do trabalho como um paradoxo. Se o trabalho já não se constitui como um “grande integrador”, também não haveria outro que o substituísse. Nessa direção, ele continuaria a ser representado dessa forma. O referido autor aborda essa situação laboral “como se”. O trabalho toma outra configuração, não desempenhando mais o mesmo papel, porém não haveria outra categoria pregnante que o substituísse.

Ao contrário do que Gorz (1985) e Offe (1989) argumentam, Antunes (1995) e Castel (1998) encaram a nova configuração laboral, como estabelecimento de novas relações e não como o seu aniquilamento. Não se poderia falar no fim do trabalho, mas sim, do emprego regular nos moldes tradicionais. Para Antunes (1995), enquanto a sociedade for produtora de

mercadorias, a centralidade do trabalho pode ser afirmada. Sua justificativa fundamenta-se na tese de que o trabalho abstrato<sup>7</sup> (que transforma tempo em mercadoria), embora vivenciando reduções quantitativas, cumpre papel decisivo na criação de valores de troca. Destaca a necessidade de ter uma noção ampliada da categoria trabalho, que contemple as diversas formas de atividades desempenhadas pelas pessoas, com o fim de garantir a sobrevivência, e o processo de sociabilidade do ser humano.

Com isso, a *classe-que-vive-do-trabalho* (ANTUNES, 1995) ganha então uma nova configuração, composta por precarizados, terceirizados, informais, dentre outros. Ocorre uma significativa heterogeneização, fragmentação e complexificação da classe-que-vive-do-trabalho. O que o autor chama de redefinição das relações entre capital e trabalho.

Castel (1998) também não concorda com as afirmações sobre a diminuição do espaço e da importância do trabalho na vida das pessoas. O trabalho e os suportes sociais que a ele associam são a garantia do laço social na sociedade contemporânea, de sua integração e coesão social. Conceber o fim da centralidade do trabalho, diz o autor, consiste em confundir a perda da consistência do emprego com a perda de sua importância. O que ocorreu foi uma fragmentação dos assalariados e a ameaça do desemprego. A relação com o trabalho mudou, mas ele continua a ser hoje em dia importante para a grande maioria dos atores sociais, quer o tenha ou não.

O trabalho ocupando o lugar de uma atividade extremamente valorizada socialmente tem consequências intrapsíquicas importantes para o ser humano. Dejours em entrevista com Cardoso (2001) ao tratar da construção da saúde mental aponta para a questão da identidade, da realização de si mesmo que é alcançada através do trabalho. Defende a tese de que a identidade não pode ser construída, exclusivamente, no espaço privado das relações amorosas. Aquilo que não se realiza na escala amorosa é lançado em outra esfera socialmente valorizada. No caso da sociedade ocidental, o trabalho.

O trabalho desempenha um papel importante na formação do espaço público, pois trabalhar é mais do que simplesmente produzir e receber uma remuneração pela sua força de trabalho; é também “viver junto” (DEJOURS, CARDOSO, 2001, p. 91). Esse “viver junto” pressupõe uma atenção e respeito em relação ao outro. Há uma remuneração social pelo trabalho no que se refere ao fato de que integra o indivíduo a determinado grupo com certos direitos sociais. Além disso, possui uma função psíquica, uma vez que é um dos grandes

---

<sup>7</sup> “Enquanto o trabalho, criador do valor de troca, é trabalho geral, abstrato e igual, o trabalho, criador do valor de uso, é trabalho concreto e especial que, pela forma e pela matéria, decompõe-se em maneiras de trabalho infinitamente diversas” (Marx, Contribuições à crítica da economia política, p. 30 apud Antunes, 1995).

alicerces de constituição do sujeito e de sua rede de significados. Questões como a do reconhecimento e de gratificação estão ligadas à produção identitária. “O trabalho é oportunidade insubstituível de aprender o respeito pelo outro, a confiança, a convivência, a solidariedade (...) o trabalho pode ser uma situação propícia ao exercício da democracia” (DEJOURS, CARDOSO, 2001).

O trabalho é um mediador privilegiado entre o singular e o coletivo, entre a subjetividade e o campo social. É um modo privilegiado para o sujeito singular atribuir organização à sociedade. O trabalho estável garante aos indivíduos valores quanto à inserção social, o plano de ascensão através de uma carreira e de sua qualificação social. No entanto, aqueles que não se encontram empregados têm seu sentimento de pertencimento ameaçado pelas incertezas e fluidez do mercado. O seu reconhecimento social fica abalado e diversas formas de sofrimento social se fazem presentes.

As práticas sociais e econômicas enfatizam o “lugar social” ocupado pelos sujeitos singulares. Prioriza-se o sujeito individual em detrimento do sujeito coletivo (GAULEJAC, TABOADA apud CARRETEIRO, 2003). Aquele que tem o seu reconhecimento social, abalado por infortúnios no cenário do trabalho tem maiores probabilidades de experimentar formas de sofrimento social, que deixam marcas psíquicas no indivíduo.

Carretero (2003) trata de certas dimensões do sofrimento social como humilhação, vergonha e falta de reconhecimento como facetas do imaginário de inutilidade presente nas sociedades contemporâneas. Ela analisa essas questões pela via do narcisismo. Apoiada em Aulagnier (1978 apud CARRETEIRO, 2003), ela atesta que o contrato narcísico dá possibilidades de pensar as lógicas estabelecidas entre o sujeito e o conjunto social. Quando o contrato narcísico não é sustentado positivamente acaba por produzir marcas no psiquismo individual e grupal que contribuem para a formação de um déficit narcísico, a vertente negativa do reconhecimento social. As marcas da humilhação, da desonra e do não reconhecimento trazem consequências para o indivíduo, reações que visam recompor uma imagem narcísica e obter respeito do grupo do qual faz parte.

O trabalho é um dos responsáveis por manter a coesão social, e é ainda o principal elemento para assegurar aos indivíduos o “lugar social”. Dejours (2001) aponta para a importância do reconhecimento para a formação da identidade e conseqüentemente para a saúde mental. A constituição da identidade é permanente. Ela se dá ao longo de toda a vida, pois é a partir do “olhar do outro que nos constituímos como sujeitos; é justamente na relação com o outro que nos reconhecemos em um processo de busca de semelhanças e diferenças” (LANCMAN, 2008, p. 34). Sendo assim, as relações cotidianas, através das trocas materiais e

afetivas, permitem a construção da identidade individual e social. Essas trocas permitem que os sujeitos constituam suas singularidades em meio às diferenças. E na vida adulta, o espaço do trabalho é palco privilegiado dessas trocas. O trabalho “aparece como mediador central da construção, do desenvolvimento, da complementação da identidade e da constituição da vida psíquica” (LANCMAN, 2008, p. 34).

### 3.2 TRABALHO E DIREITOS SOCIAIS

A categoria trabalho tem grandes implicações na subjetividade dos indivíduos por se manter como uma atividade socialmente valorizada, e assim o é também, pois a ela está vinculada uma série de direitos sociais.

Castel (1998), ao problematizar questões referentes à “crise” da sociedade salarial, denuncia as novas formas pelas quais o capitalismo “encolhe” sociabilidades à medida que aumenta o desemprego, precarizam-se os trabalhos, e aumentam as formas informais de trabalho. Para o referido autor, a sociedade salarial seria a forma mais avançada e próxima de uma democracia na história ocidental, pois é nela que se encontra uma distribuição da propriedade social.

Castel (1998) traça um panorama histórico da constituição da sociedade salarial moderna e atesta que nas sociedades pré-industriais a segurança era garantida pela pertença à comunidade, o que ele chama de proteção de proximidade. Na realidade, a individualização até o fim do feudalismo se associava à posição social e ao fato de se ter propriedade privada. O servo não era um indivíduo por excelência e nem proprietário de si, uma vez que servia a um outro. Sendo assim, era a propriedade privada, principalmente, que dava suporte para a existência do indivíduo.

Já nas sociedades modernas, a marca característica desse período foi justamente a promoção do indivíduo. A Revolução Francesa e a Revolução Industrial foram importantes marcos históricos nesse processo, e que permitiram a consolidação dessa passagem. No entanto, essa sociedade de indivíduos, que se estruturaria em torno do ideal de igualdade, fraternidade e liberdade não firmou a possibilidade de os indivíduos usufruírem de direitos iguais. A questão da sobrevivência levava os cidadãos “livres e iguais” a se submeterem a relações de trabalho altamente perversas. Apesar de a Revolução Francesa ter concedido direitos políticos iguais aos cidadãos, aos trabalhadores essa igualdade não se efetivava, uma vez que ocupavam ainda a condição de “não proprietários” e estariam, portanto,

“despossuídos de si mesmos”. A sobrevivência dependia da venda da sua força de trabalho sem haver condições de negociar uma remuneração mais justa.

A superação dessa condição apenas foi possível no século XX com a concretização da propriedade social, principalmente na França, como forma de suporte para a existência dos indivíduos. Seria ela a responsável por tornar possível a eles o gozo igualitário de direitos. A propriedade “pública” marca a superação da propriedade privada como suporte do indivíduo. Segundo Castel (1998, p. 468), “as posições socialmente dominadas poderiam até mesmo ser asseguradas por ‘puros’ assalariados, isto é, por pessoas cujos salários e cuja posição na estrutura social dependeriam exclusivamente seu emprego”.

Essa forma de organização se consolidou apenas na Europa do pós-guerra, pela via da construção do Estado Social. Isso significa dizer que os indivíduos se apropriam de suas próprias vidas na medida em que se encontram relativamente protegidos pelas instituições do Estado Social. A materialização dos suportes sociais é adquirida pela legislação trabalhista e social, como o direito à aposentadoria, ao seguro desemprego e à assistência à saúde. Nessa direção, a filiação à sociedade salarial se dá pela forma de emprego estável. É através da condição de assalariado e dos suportes sociais que a ele se vinculam, que o indivíduo moderno se tornou um indivíduo positivo<sup>8</sup>, cuja existência se assegura pela propriedade social. Esta propriedade não representa simplesmente a venda da força de trabalho, mas ela é portadora de direitos.

### **3.2.1 Trabalho e Direitos Sociais no Brasil**

Retomando a discussão sobre os suportes sociais relativos à sociedade salarial (CASTEL, 1998) tem-se que seria o emprego formal o responsável por definir os direitos sociais e também corresponder a um dos fundamentos da identidade social. Entretanto, não se pode deixar de pensar a grande diferença entre os países no que se refere às formas de proteção social implantadas.

No caso do Brasil, a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) que rege o mercado de trabalho brasileiro, foi promulgada por Getúlio Vargas em 1943. Ela representou uma grande conquista dos trabalhadores naquele tempo. Ela instituiu em lei garantias importantíssimas

---

<sup>8</sup> "indivíduos que possuam capacidade de desenvolver estratégias pessoais, de dispor de uma certa liberdade de escolha na condução da própria vida, não estando na dependência de uma outra pessoa" (CASTEL, HAROCHE, p.48 apud NARDI, 2002).

aos trabalhadores. No entanto, é necessário salientar que essa legislação trabalhista cria seguridade social restrita aos trabalhadores com carteira assinada.

Desde então, estas leis sofreram mudanças, adequações e atualizações. A Constituição de 1988 tentou instituir princípios que universalizariam as proteções próprias à sociedade salarial e ao Estado Social (NARDI, 2003). De qualquer forma, o modelo de 1988 foi desmantelado pelas políticas sociais neoliberais que o sucederam. O mercado de trabalho evoluiu rapidamente, com alterações profundas em sua dinâmica e em suas relações. O advento da sociedade do conhecimento e da globalização econômica trouxeram novas questões e novos conflitos, que clamavam por novas soluções e maior flexibilidade do sistema. A abertura comercial e os esforços para se integrar à competitividade do mercado globalizado obrigaram as empresas a ganharem produtividade e a se modernizarem, ocasionando uma importante diminuição dos postos de trabalho. O processo de privatização e de fusão de diversas empresas foi outro grande fator responsável por aumentar as taxas de desemprego.

O trabalho passou a aparecer sob formas precárias, frágeis e eventuais. Grande parte da população brasileira passou a contar com situações não estáveis, biscates e tarefas ocasionais. Estas são formas de trabalho informal, onde não se conta com a Carteira de Trabalho assinada e, portanto, não se tem acesso aos direitos a ela vinculados, aprofundando formas de vulnerabilização e exclusão social.

A fragilização dos vínculos estáveis do trabalho traz consigo uma conjuntura de incerteza, geradora de sofrimento. Há uma queda generalizada dos rendimentos e do poder aquisitivo das famílias. Uma vez que o indivíduo tenha sido expulso do mercado formal de empregos a sua possibilidade de reinserção fica dificultada. Exige-se cada vez mais um perfil polivalente frente à flexibilização das tarefas, ao mesmo tempo em que recai sobre o trabalhador maior responsabilidade sobre a gerência de seu trabalho, sua presença, ausência, qualificação e produção. Tudo é de responsabilidade do sujeito, seus sucessos e seus fracassos, cabendo a eles fazer a sua própria gestão. Quanto a isso, Gaulejac (2007) discute a problemática da gestão na atualidade e mostra como ela se tornou um modo de relação com o mundo e consigo mesmo. Todos são cobrados a racionalizar e otimizar o tempo, o corpo, a mente, as próprias relações, visando a rentabilidade, a utilidade e a competitividade na perspectiva de empregabilidade.

Se as revoluções tecnológicas permitiram produzir mais em menos tempo, as ferramentas comunicacionais que vieram com elas intensificaram as cobranças e estreitaram o tempo para a execução das tarefas, característica da chamada “sociedade da urgência”. Há

grande pressão para que se produza em quantidade, em qualidade e principalmente na agilidade. A pressão sobre o trabalhador é enorme, de forma que nunca é o suficiente. Não existem posições seguras. Prevalece uma produção subjetiva pautada na excelência, na performance. O alto nível de exigências leva a uma “obrigação da excelência” (GAULEJAC, HANIQUE, 2015). Superar a si mesmo passa a ser um imperativo, no qual um “sempre mais” se coloca. Segundo Gaulejac e Hanique (2015) esse funcionamento se torna insustentável, levando a falhas e à exaustão. Essa seria a linha final, mas antes disso, essas exigências são incorporadas e impactam diretamente o comportamento dos indivíduos, levando ao que os autores chamam de “paradoxo da liberdade”. Se os trabalhadores são convidados a exercer sua autonomia, mas internalizam as cobranças quanto a obrigação da alta performance, dela passa a depender o reconhecimento, fazendo emergir uma “servidão voluntária”, não havendo efetivamente uma liberdade.

É fato que os ideais de alta performance e excelência produzem uma sobrecarga no trabalhador, o que Lhuilier (2009) chama de “atividade aprisionada”. Se um imaginário da excelência (CARRETEIRO, 2003; ENRIQUEZ, 1999; ERHEMBERG, 1998; GAULEJAC, HANIQUE, 2015) tem prevalecido nas sociedades contemporâneas, ao mesmo tempo produz-se uma subjetividade permanentemente insuficiente.

### 3.3 VULNERABILIZAÇÃO E DESFILIAÇÃO PELO TRABALHO

A valorização da categoria trabalho no último quarto de século XX deu ao indivíduo que ocupa um lugar privilegiado no processo de produção a garantia de identidade e de ocupação em um lugar social. Em contrapartida, aquele que se encontra à margem dessa produção sofre com a nova configuração tomada. Atualmente, a flexibilização das relações de trabalho, e a precarização delas decorrentes, apontam como questão social o individualismo negativo<sup>9</sup> devido à destruição dos suportes sociais associados ao trabalho (CASTEL, 1997). A fragilização da condição salarial, marcada pela desestabilização nas condições de trabalho, com os trabalhadores informais, terceirizados, temporários, irregulares, conduzem a uma vulnerabilização de posições seguras.

---

<sup>9</sup> “Podemos falar do advento de um individualismo negativo: quando as pessoas se desligam da proteção geral ou da participação nos grandes coletivos, elas se tornam cada vez mais indivíduos, mas indivíduos sem suporte, e, portanto, desprovidos, que carregam sua individualidade como um fardo” (Castel em entrevista a François Ewald, 1997). Castel fala de indivíduos negativos em contraposição ao conceito de indivíduos proprietários de si mesmos. Isso significa que para que um indivíduo se tome um sujeito de fato (indivíduo positivo) ele deve dotar de suportes sociais que lhe assegurem maior independência.

Este quadro faz surgir a angústia de um futuro incerto diante do crescente desemprego e da possibilidade de estar à mercê de qualquer eventualidade uma vez que a propriedade social, no Brasil, privilegia aqueles que possuem empregos formais. Aquele que não “contribui” para o “progresso econômico da nação” enfrenta maiores dificuldades e vulnerabilidades, inclusive porque são restritos os outros critérios para o recebimento de auxílio governamental. De forma geral, eles estão associados ao trabalho: o auxílio doença, o auxílio maternidade e a aposentadoria. Em todos esses casos é necessária a inscrição na previdência social; são benefícios diretamente ligados ao trabalho. E mesmo o LOAS, que está vinculado à assistência social, tem como um dos critérios básicos a comprovação da impossibilidade de trabalhar. Seja pela presença ou ausência, as formas de proteção social tomam o trabalho como parâmetro.

As transformações das relações de trabalho no capitalismo trazem consequências nefastas para uma parcela bastante grande dos trabalhadores. As políticas sociais do Estado neoliberal pouco se direcionam aos desempregados e continuam associando ao trabalho legalizado grande parte dos *direitos sociais*. Castel (1997) problematiza, diante desse quadro complexo, os diferentes processos que atravessam a sociedade contemporânea que levam os indivíduos a passarem de uma situação de integração para uma situação de extrema vulnerabilidade social. Esse autor pensa em forma de processos de desfiliação social, que significa ruptura de pertencimento, de vínculo societal, “(...) desfiliação não é o equivalente necessariamente a uma ausência de vínculos, mas à ausência de inscrição do sujeito em estruturas que tem um sentido” (CASTEL, 1997, p. 416).

Se a filiação à sociedade salarial se dava através do emprego, essa desvinculação leva a um rompimento de vínculos, trazendo diversas consequências para aqueles que dela sofrem. Dentre elas está a perda dos suportes sociais que garantem o exercício de direitos iguais em uma sociedade democrática e o desligamento material e simbólico dos indivíduos no laço social.

O movimento que se observa atualmente é que cada vez mais aqueles que são expulsos do mercado de trabalho sejam pela exigência de maior qualificação, seja pela idade, ou pela baixa empregabilidade, encontram impossibilidades de se reintegrarem ao mundo do trabalho formal, reforçando a instabilidade. Cabe, portanto, discutir sobre o lugar que ocupam aqueles que estariam à margem do sistema de produção. Se um trabalhador com plenas condições físicas e mentais de realizar seu trabalho já sente todas as dificuldades desse mercado instável e exigente, quais são as reais possibilidades de inserção, reinserção e reintegração de um trabalhador obeso grave?

O que Castel (1997; 1998) aponta é que surge uma categoria de trabalhadores “sem-emprego”. E estes sentem o peso da invalidação social e também, o encolhimento da cidadania (HORTA, 1999). Dejours (2001), analisando o cenário francês, assemelha a atual conjuntura social a uma espécie de guerra econômica e aponta os métodos cruéis no mundo do trabalho contra as pessoas, nos quais se excluem aqueles que não estão aptos a combater, os velhos que perderam a agilidade, os jovens que são considerados mal preparados. E incluem-se aqui, aqueles que são portadores de obesidade severa, grau III.

Neste quadro a prioridade é a produtividade e, conseqüentemente a competitividade, na qual são exigidos sempre desempenhos superiores, disponibilidade, disciplina e abnegação. Sobreviverão nesse mundo aqueles que se superarem e se tornarem mais eficazes que os concorrentes. Lhuilier (2012) fala de uma prevalência de uma concepção gestonária no trabalho que se alimenta de um imaginário social que combina individualização, culto da excelência e negação dos limites. E frente a esse quadro, sujeitos obesos grau III apresentam uma imagem que denuncia uma condição de doença, uma gravidade e junto a isso um julgamento moral que desvaloriza as potencialidades.

As exigências produtivas, a seleção na contratação, o rigor do controle e do enquadramento eliminam os sujeitos cujo estado de manifesta por uma queda, uma redução das performances profissionais. Os mecanismos de seleção formal ou informal só conservam em seus postos de trabalho os trabalhadores que não apresentam perturbações na saúde. (...) A alteração da saúde comporta sempre um risco de exclusão do mundo do trabalho, temporário ou permanente (LHUILIER, 2012, p. 16).

Como se pode ver existe uma fragilidade bastante grande no encontro de uma pessoa com obesidade muito grave e o mundo do trabalho. Isso se dá não apenas porque se vive num momento de cobranças ascendentes em termos de capacitações, produtividade e superação, mas principalmente porque esse corpo obeso, pela própria imagem que apresenta desperta no empregador dúvidas quanto a sua real condição e capacidade para o trabalho. Independentemente se existe alguma verdade nesse julgamento ou não, o fato é que frente à acirrada concorrência, um sujeito nessas condições está muito mais vulnerável e tendencioso a perder a disputa.

O contexto geral do mundo do trabalho é marcado por uma grande ansiedade. Este sentimento está presente, de formas diferentes, em todos devido à incerteza do amanhã, a imprevisibilidade do que pode vir a ser exigido e como se fará para acompanhar todas essas mudanças e exigências. É fato, que em cada época histórica há manifestações específicas de um sofrimento, de um mal-estar. O que temos atualmente é um cenário onde se tem uma

grande produção e circulação de bens materiais e simbólicos, mas que gerou também uma sociedade de consumidores e excluídos.

E esses sujeitos obesos vivenciam essas questões de forma bastante doída. Sua inserção depende de um sobre-esforço para comprovar sua capacidade laborativa, pois a visão é o primeiro dos sentidos a ser afetado numa entrevista de seleção para um emprego, seja ele formal ou não. E a imagem, que também “vale por mil palavras” como dizem, abala seu resultado, tornando necessário que a comprovação dos requisitos para a referida vaga esteja pautada na excelência e que muito se destaque em comparação aos outros concorrentes. Outro aspecto é a própria limitação física, que a depender da vaga, é critério básico para a exclusão.

Há os casos em que a inserção no campo do trabalho já existe, mas que pelos mesmos motivos já apontados tornam a ocupação do cargo muito frágil. Ao contrário da realização, reconhecimento e valorização no campo do trabalho, esses sujeitos sofrem de discriminação, prejuízos decorrentes do estigma (GOFFMAN, 1988). Ligado a ele há uma crença de que são menos capazes, menos dispostos, mais descuidados. Características valoradas negativamente, muito distantes das exigências atuais. Isso significa viver uma ameaça constante (velada ou não), que pode corresponder ao que Lhuillier (2012) chama de “ativos precários”. Eles são aqueles que se esforçam por manter a atividade a qualquer custo, mesmo em detrimento da saúde devido à precariedade de emprego e a fragilidade de sua empregabilidade.

É comum que pela gravidade da condição de obesidade e comorbidades associadas esses sujeitos apresentem um alto índice de absenteísmo. O complexo conjunto de doenças impõe a necessidade de acompanhamento médico. Quando não o fazem, na tentativa de preservar suas atividades e emprego, em geral há um agravamento dos problemas de saúde. Ambos os casos podem culminar em afastamentos do trabalho. No caso de empregos formais, a carteira de trabalho assinada permite, em caso de adoecimento, afastamento remunerado ou aposentadoria antecipada àqueles que comprovem incapacidade laborativa nas perícias do INSS. Este cenário coloca como questão problemática o lugar que pessoas portadoras de obesidade grau III ocupam nesses processos.

Ao mesmo tempo em que a OMS a postula enquanto doença, as representações sociais em torno dela pendem com mais força para o julgamento moral de que se trata de uma condição decorrente de “falta de vergonha”, “de determinação”, “de força de vontade”. Como consequência, muitas dessas pessoas são reprovadas nos exames de perícia com recomendações prescritivas para que emagreçam ou quando a conseguem são pautadas em outras morbidades graves, como cardiopatias ou problemas graves de coluna ou circulação. Esses sujeitos ou retornam aos seus postos de trabalho mesmo não havendo condições para tal

ou a avaliação para o afastamento se pauta na gravidade das outras comorbidades, não considerando as limitações e as obstruções que a obesidade grave impõe à vida dessas pessoas.

No primeiro caso, geram-se problemas em vários níveis. Do ponto de vista do trabalhador, os sentimentos de injustiça e violação dos direitos são acionados, visto que sofrem no real do corpo com as limitações que a obesidade lhes impõe. No campo da previdência, surge uma sobre fila nos agendamentos de perícia, pois esta é a via legal de acesso aos direitos ligados ao trabalho e frente a uma negativa, as pessoas reagendam sucessivamente com vistas a terem sua condição reconhecida. No campo do trabalho, as negativas de afastamento geram uma contradição entre o que o médico do trabalho avalia e recomenda – o afastamento – e aquilo que a perícia determina – a liberação. A ameaça passa não apenas pela fragilidade do vínculo de emprego, mas principalmente de um lugar socialmente reconhecido como de valor, o de trabalhador. As consequências subjetivas são grandes, pois esse processo reforça a ideia de um não-direito, “como se” as limitações não fossem verdadeiras ou legítimas.

Quando esse afastamento ou um desligamento se colocam, o retorno ao mundo do trabalho fica também prejudicado, pois a fragilidade da saúde está mais explícita. Isso faz com que ocupem atividades muito mais precárias ou que ocupem zonas de assistência. Longe de valores positivados, esses sujeitos vivenciam situações de desqualificação social, que reforçam um imaginário da inutilidade (CARRETEIRO, 2003), experienciando vulnerabilidades múltiplas que podem desembocar em processos de desfiliação. Castel (1998) fala em “inúteis no mundo” ou “extra-numerários”. Isso significa que não haveria para essas pessoas zonas de inclusão social portadoras de sentido ou que oferecessem um sentimento de pertencimento na organização social.

Sabe-se que a carteira de trabalho assinada é um símbolo do direito, mas nem sempre pode ser vivida como tal, como pôde ser visto acima. Grupos que sofrem com maiores vulnerabilidades têm sido contemplados com programas sociais, que tem minimizado algumas condições de vulnerabilidade. Porém, sendo programas eles podem ter uma continuidade ou não, podendo ser por isso considerados protótipos de direitos. Nota-se também que a condição de obesidade severa é nesse complexo processo previdenciário uma questão também problemática. Quando se ultrapassa a ideia moral, estigmatizante e culpabilizadora de que esse sujeito obeso está nessa condição porque quer ou porque não tem vergonha, e passa a ser encarada como de fato uma doença, abre-se espaço para outras formas de intervenção, orientação e formulação de políticas públicas mais eficientes nesse quesito.

## 4 TRABALHO DE CAMPO E CAMPO DE TRABALHO

Visto que o objetivo principal desta investigação é discutir e problematizar os processos de vulnerabilização e desfiliação da categoria trabalho sofridas por pessoas obesas grau III e partindo da concepção psicossociológica de que aspectos subjetivos interferem no contexto social e que a dimensão coletiva produz efeitos na experiência individual (RHÉAUME, 2009), não se poderia optar por uma metodologia que não fosse qualitativa.

Nessa abordagem, podem-se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos nas suas intrincadas relações sociais, pressuposto base da psicossociologia. Tendo até o momento caminhado por diversas disciplinas de forma a iluminar as questões da obesidade e do trabalho, apresenta-se nesse capítulo a caixa de ferramentas metodológicas utilizadas no trabalho de campo desta investigação.

Para tanto, utilizou-se como procedimentos para a coleta de dados: entrevistas semidirigidas, as observações registradas no diário de campo e de forma complementar, a análise de prontuários. A partir desse mapeamento, lançou-se mão de leituras exaustivas do material de forma a pinçar e destacar aspectos convergentes e divergentes encontrados principalmente nas entrevistas realizadas. A escuta clínica extensa foi ferramenta privilegiada em todo esse processo.

### 4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Aportado na psicossociologia e em uma metodologia qualitativa, essa investigação direciona sua escuta atenta a aspectos múltiplos do processo progressivo de ganho de peso e suas implicações no campo do trabalho para os sujeitos pesquisados. Isso pressupõe um grande desafio: o de integrar um olhar plural na análise do material coletado. Vale destacar que se compreende a ambição do desafio que se coloca, estando-se atenta aos limites epistemológicos de cada ferramenta utilizada, concernente a toda e qualquer investigação. Esclarece-se, portanto, que não se tem a ilusão de esgotar essas problemáticas, mas de realizar indicações importantes e potenciais para discussões sobre elas.

A pesquisadora sendo também profissional de psicologia de uma das unidades CRO tem atuação direta com os usuários do serviço, o que a torna vigil a determinadas questões. Esses elementos foram incluídos e alimentaram o diário de campo e a tornou mais sensível à escuta de determinados aspectos do discurso dos entrevistados. A entrevista, em si, foi o principal instrumento de coleta e foi estruturada com base no método de história de vida

laboral, que será melhor explicitado abaixo. A análise de prontuários é secundária e complementar às entrevistas, podendo ou não acrescentar informações relevantes à pesquisa.

Segue-se apresentando o percurso da negociação com o campo de trabalho e como ele se transforma de fato em um trabalho de campo.

#### **4.1.1 Campo de trabalho**

A pesquisa de campo se desenvolveu no Centro de Referência de Obesidade (CRO). Como dito no início, ele é um serviço da Prefeitura do Rio de Janeiro voltado para o tratamento clínico-ambulatorial da obesidade grave através de equipe interdisciplinar: enfermeiros, psicólogos, nutricionistas, educadores físicos e médicos endocrinologistas. É um serviço relativamente novo, visto que a primeira unidade foi inaugurada em julho de 2011, no bairro de Acari, zona Norte do Rio de Janeiro. No ano seguinte foram inauguradas outras duas unidades, respectivamente em janeiro e março, nos bairros Penha e Madureira.

O serviço se destina à assistência de sujeitos obesos grau III e tem como critérios e ponto de corte para a admissão sujeitos com IMC acima de 40 kg/m<sup>2</sup> tendo diabetes como comorbidade ou IMC acima de 50 kg/m<sup>2</sup>, independente de quaisquer outros problemas de saúde. Durante o seu tempo de funcionamento, as três unidades juntas somam 1102 usuários.

A proposta de trabalho envolve estratégias como consultas individuais, grupos educativos, grupos terapêuticos e interconsulta, baseando-se na construção compartilhada do projeto terapêutico.

#### **4.1.2 Trabalho de campo**

##### **4.1.2.1 Negociação com a gerência do serviço**

A aproximação com os usuários do serviço e as diversas falas quanto aos sentimentos de humilhação, de impotência, de falta de reconhecimento social, de preconceito e de afastamento da vida laborativa apontavam para um terreno profícuo para o desenvolvimento dessa pesquisa. Sendo assim, o doutorado se apresentou como um veículo interessante para desdobrar essas questões e a execução do trabalho de campo pôde ser negociada com a gerência do CRO.

O projeto foi apresentado, lido e considerado pertinente ao serviço, contribuindo para uma melhor compreensão e atenção integral aos usuários que participassem da pesquisa. O

serviço, entendendo suas corresponsabilidades como instituição coparticipante desta pesquisa, ofereceu infraestrutura para realização das entrevistas e se comprometeu no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos recrutados para a investigação, auxiliando no cumprimento das Resoluções Éticas Brasileiras. Quanto a isso, os usos das informações prestadas estiveram devidamente submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), do Ministério da Saúde, sob o número de inscrição 15565214.5.0000.5243.

As três unidades do CRO, colaborativamente, cederam espaço para a realização das entrevistas. Todas elas contavam com consultórios equipados com mesa e cadeiras especiais adequadas para suportar o excesso de peso dos participantes da pesquisa.

#### 4.1.2.2 Dos critérios de seleção e abordagem

Os critérios usados nesta pesquisa são os mesmos estabelecidos para a inserção na referida unidade, já acima mencionados. Isso significa dizer que só participam da pesquisa pessoas obesas grau III, inseridas em algum dos CRO's. Associa-se a eles o histórico laboral do sujeito participante, de forma que ele tenha tido pelo menos uma experiência laborativa, seja ela formal ou informal. Estão excluídos, portanto, menores de 18 anos e homens e mulheres que nunca trabalharam. A hipótese que acompanha esta investigação é a de que a obesidade grau III distancia os sujeitos do mundo laboral. Isso se coloca à medida que a cultura da alta performance e a obrigação da excelência (GAULEJAC, 2015) arraigada no campo laboral no encontro com sujeitos obesos graves, evidenciam menos as potencialidades e denunciam as limitações desse corpo pesado e lento. Ele parece atender menos ao mercado competitivo e nas disputas no mundo do trabalho são excluídos, como atesta Dejours (2001). Se a prioridade é a produtividade, em que desempenhos cada vez maiores são exigidos, coloca-se o foco na ação e a lentidão do corpo obeso não se enquadra, produzindo um movimento de vulnerabilização social que também tem impacto negativo na subjetividade desses sujeitos.

A abordagem e o convite para a participação da pesquisa inicialmente se deram através do acesso a parte da história de vida dos sujeitos colhida ao longo dos atendimentos clínicos ou aqueles sugeridos por outros profissionais no caso das outras duas unidades. Nestes casos, a pesquisa foi explicada e o convite para a participação foi feito e a entrevista foi agendada. Esta opção rendeu poucos frutos ao longo do processo. Nove entrevistas foram agendadas desta maneira e apenas duas (02) foram realizadas. Das sete restantes, uma foi desmarcada e

nas outras seis eles não compareceram. Quando um segundo contato foi feito, as justificativas para a falta incluíram a dificuldade de deslocamento, fortes dores nos membros inferiores e esquecimento.

Face a esta dificuldade, outra estratégia utilizada foi frequentar aleatoriamente as unidades em dias que não coincidisse com os de trabalho e abordar os usuários presentes no serviço que estavam aguardando consultas, explicar a pesquisa, verificar a adequação dentro dos critérios e realizá-las mediante o aceite. Com esta configuração, foram realizadas outras oito (07) entrevistas. A terceira forma de abordagem foi realizar agendamentos que coincidisse com os dias de consultas no serviço, somando quatro (04).

Em todas as opções, a partir do momento que eles aceitaram participar da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO I), feito em duas vias, foi entregue, as poucas dúvidas e questionamentos foram respondidos e depois de assinado, uma das vias foi devolvida enquanto a outra ficou em posse de cada participante.

#### 4.1.2.3 As entrevistas

A entrevista enquanto estratégia metodológica foi escolhida para essa investigação, pois caracteriza uma situação de encontro. Ela acaba por ser um meio privilegiado de acesso a representações, mas muito mais àquilo que se produz no encontro com o pesquisador. Optou-se pela entrevista semidirigida (TURATO, 2013), pois previamente pensou-se numa estrutura a partir de eixos temáticos a serem contemplados durante a mesma. Isso significa que havia um objetivo e, portanto, uma direção, porém uma direção flexível em que entrevistadora e entrevistados poderiam indicar o encaminhamento da entrevista. Havia um grau de liberdade maior na fala dos interlocutores, de forma a propiciar que memórias e afetos fossem mobilizados e que entrassem associativamente na narrativa, sendo também valorizada pelo entrevistador. É justamente nessa direção, que se optou por entrevistas semidirigidas, baseadas na história de vida laboral.

As entrevistas realizadas somaram em treze (13), sendo oito (08) mulheres e cinco (05) homens. Apesar de, em princípio, ter como planejamento equalizar a participação entre homens e mulheres, essa diferença numérica reflete a dificuldade de entrevistar pessoas do sexo masculino. Ela se deve principalmente à desproporção numérica existente nos inscritos nos serviços. O número de mulheres é mais do triplo do número de homens: 837 mulheres e 265 homens. Frente a essa desproporção era mais difícil encontrar homens nos dias em que frequentava espontaneamente as unidades em busca de candidatos, levando a que

majoritariamente fossem justamente os homens aqueles a terem as entrevistas agendadas. Estratégia que nesta pesquisa não se mostrou muito eficiente. Esse problema foi minimizado, mantendo-se os agendamentos, porém, fazendo-os coincidir com consultas já marcadas no serviço.

#### 4.1.2.3.1 *História de vida laboral*

O método “história de vida”, como o próprio nome sugere, consiste basicamente em solicitar que se narre sua trajetória de vida. Mas é importante nesse processo destacar diferentes aspectos desse discurso, seja de um indivíduo e/ou de um grupo: aspectos pessoais, familiares, laborais, sociais e/ou históricos. Segundo Ferrarotti (1983), cada vida é ao mesmo tempo singular e universal, pois a história pessoal é também representativa de um determinado tempo, cultura, lugar social, de um grupo. Para o autor, cada pessoa faz uma reapropriação particular do universo social e histórico que a circunda e isso transparece quando é suscitado que se conte sua história.

Gaulejac (2007), em uma direção semelhante, atesta que a narrativa permite ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador. Evidencia-se nesse processo narrativo o que foi vivido por esses sujeitos, recuperando memórias e experiências, penetrando em sua trajetória e compreendendo a dinâmica das relações estabelecidas ao longo de sua existência. Trata-se, dessa maneira, de uma forma de coleta de dados no contexto das relações sociais.

Para Gaulejac (2014, p. 24),

Tal como uma boneca russa, a história individual está aninhada em uma história familiar, ela própria inserida em uma história social. Cada um se inscreve nessa rede que estabelece o seu lugar, a sua identidade. Nesse sentido, *o homem é história*. (grifo original do autor).

E ele argumenta sobre essa fórmula em três planos. O primeiro em que o “indivíduo é produzido pela história” inclui a construção da identidade a partir dos acontecimentos biográficos que costuram a trama de sua biografia, junto aos elementos comuns à sua família e à classe de pertencimento que o marcam como um ser sócio histórico. O segundo, “o indivíduo é um ator da história”, aponta para a capacidade de intervir na sua própria história, o coloca como produtor, como sujeito. O terceiro, “o indivíduo é produtor de histórias”, trata das ferramentas que cada sujeito tem de operar uma reconstrução do passado.

A possibilidade de narrar sua história é uma chance de reconstruí-la e também de compreender a articulação entre a sua história pessoal e sua história social na qual se inscreve. Aqui está a importância de pensar o homem em situação, visto que a história de vida não existe fora de um contexto. Ao narrar sua vida, o sujeito fala do processo por ele experimentado, intimamente ligado à conjuntura social onde ele se encontra inserido.

Outro aspecto importante deste método é a implicação do pesquisador, à medida que pressupõe um encontro. A relação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado influencia a forma de narração. Para Ferrarotti (1988, p. 27), “toda entrevista é uma interação social completa, um sistema de papéis, expectativas, de injunções, de normas e valores implícitos, e por vezes até de sanções”. Sendo uma fala dirigida a alguém, desenvolve-se uma interação social. E as diferentes formas em que esse encontro pode se dar impactam na maneira que o entrevistado se apresenta e vai se dar a conhecer. Há sempre uma escolha dos fatos a serem relatados, bem como a organização dependerá dessa interação construída entre entrevistador e entrevistado. Cabe ao entrevistador questionar os discursos que surgem, tensionando e aprofundando aquilo que julgue necessário. Deixando ao entrevistado a possibilidade de responder ou não.

O protagonista deve ser o sujeito entrevistado e, portanto, o pesquisador não deve de forma alguma ocupar a posição de detentor do saber. Sua função é ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo, aquilo que ele próprio julga importante, procurando aprofundar o que for interessante para sua investigação. Há sempre uma invocação à memória, que corresponde a uma reconstrução do passado pela perspectiva do presente, e que é atravessado por marcas sociais. É muito mais que um relato de fatos, assim como adverte Bosi (2001, p. 413), “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”.

Ao que concerne ao entrevistado, o ato de contar a sua história mobiliza sentimentos, e consiste em uma oportunidade de reconstrução da sua própria história. O sujeito se vê obrigado a organizá-la e muitas vezes lhe atribui novos sentidos. Nessa direção, as entrevistas podem ter também valor de intervenção, pois sempre provocam reflexão e possibilidade de reconstrução.

Neste percurso, o pesquisador pode privilegiar um recorte temático, aquilo que se refira ao seu eixo analítico. No caso desta pesquisa, o recorte proposto é o campo laboral e suas relações com o ganho progressivo de peso e a obesidade grave. Portanto, solicita-se ao entrevistado que conte sua história de vida com e no trabalho, bem como o processo de ganho de peso e seu impacto no campo laboral.

O desafio do profissional é manter uma dupla atenção ao singular e a conjuntura mais geral. Nesse estilo de entrevista, as explorações mais abertas são mais adequadas, para garantir que o participante tenha liberdade para encadear sua história como quiser. Por isso, não há um roteiro rígido, mas eixos temáticos. Bosi atesta que essa liberdade é uma questão ética da pesquisa, pois “a memória é não passividade, mas forma organizadora, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo de sua experiência e da experiência do seu grupo” (BOSI, 2003, p. 56).

#### *4.1.2.3.2 Eixos temáticos*

As entrevistas tiveram uma orientação temática, mas sua condução tinha por objetivo permitir um maior grau de liberdade ao entrevistado. A realização das entrevistas contribuiu para uma compreensão ampliada sobre a vida de cada usuário, as redes de apoio que possuem, constroem, as filiações e desfiliações quanto às mesmas, e principalmente suas inserções e/ou rompimentos de vínculos no campo laborativo.

Os eixos temáticos foram:

- I. Trajetória de trabalho: experiências laborativas; motivos e motivações para o engajamento ou rupturas no campo do trabalho.
- II. Trabalho e formação profissional: formação escolar; cursos de capacitação profissional; interesses e investimentos realizados.
- III. Trabalho e influências familiares: construção das representações em torno do trabalho e as influências familiares neste processo.
- IV. Formalidade x informalidade no trabalho: vínculos laborativos; interesse ou preocupação com a contribuição ao INSS; recebimento de auxílio ou benefício fornecido pelo governo federal.
- V. Redes de apoio em relação ao trabalho: redes de sociabilidade; redes de proteção social.
- VI. Trabalho, relação corporal, limites e possibilidades: facilidades e/ ou dificuldades de inserção no mercado de trabalho; avaliação pessoal acerca dessas situações; articulação com o início ou agravamento do ganho de peso.

A hipótese desta investigação era que os sujeitos dessa pesquisa sofrem processos de vulnerabilização que muitas vezes se tornam desfiliações da categoria “trabalho”, mas que são reafiliações na categoria de “doentes” (CARRETEIRO, 1999). Assim, eles ocupariam uma

zona de assistência, seja por auxílio doença e aposentadoria quando tiveram alguma vinculação formal no trabalho ou contariam com auxílio familiar, de instituição religiosas ou ONGs.

#### 4.1.2.4 Definição da amostra

A amostragem desta investigação foi feita “por variedade de tipos” (TURATO, 2013, p. 365). Isso significa que a inclusão dos sujeitos se deu pelo critério da homogeneidade fundamental, que corresponde a pelo menos uma característica ou variável comum a todos os sujeitos da amostragem. No caso desta pesquisa enumeram-se três: 1. Ser obeso grau III; 2. Estar em acompanhamento clínico-ambulatorial no CRO; 3. Ter tido pelo menos uma experiência laborativa. No entanto, a seleção procurou contemplar tipos diversificados quanto ao gênero, idade, vínculo atual de trabalho (empregado, autônomo, aposentado, licenciado). Essa opção permite a captura de eventuais semelhanças e/ou diferenças entre os sujeitos participantes.

Os “tipos” de sujeitos definidos *a priori* eram aqueles estivessem exercendo atividade laborativa remunerada e aqueles que se nomeassem desempregados. No entanto, outros tipos emergentes chamaram atenção e atendendo ao interesse da pesquisa foram incluídos. Quanto a estes últimos, podem-se citar: aqueles licenciados pelo INSS, os que não mais estão em busca de trabalho, os empregados formais, informais e autônomos.

Ao mesmo tempo, houve uma forte influência do método “amostragem por saturação” (TURATO, 2013, p. 363), uma vez que foi possível notar a pregnância de algumas questões caras aos objetivos da investigação. Com isso, os critérios de saturação ou redundância ajudaram, inclusive, a definir o tamanho final da amostra. Mostrando desnecessária a insistência ou persistência na coleta de dados, pois as informações trazidas por outros participantes pouco acrescentariam ao recorte estabelecido pela investigação.

Sabe-se, no entanto, que há certa arbitrariedade na decisão desse encerramento, visto que cada entrevistado apresenta uma história singular e que por isso cada nova entrevista necessariamente traz novos elementos. Mas o que está em jogo são os parâmetros de avaliação “de que os elementos colhidos darão conta de satisfazer à discussão para atingir os objetivos apontados no projeto” (TURATO, 2013, p. 363).

#### 4.1.2.5 Análise das entrevistas

À medida que as entrevistas foram realizadas, elas foram transcritas e procurou-se destacar os aspectos principais da trajetória de cada um, fazendo uma síntese. Existe uma primeira construção da narrativa no encontro com a pesquisadora. Ela contempla as indas e vindas da narrativa, os insights, as reconstruções da memória. Não necessariamente a história é contada de forma linear, e em geral não o é, pois, o encontro com um entrevistador possibilita inclusive que novos sentidos possam emergir no momento em que se rememoram os eventos e mobilizam sentimentos.

A interação que se estabelece tem implicações nesse ato de narrar; fala-se para alguém. E a análise parte justamente da escuta que pode ser oferecida. Ela é a que permite que uma segunda reconstrução – a síntese – seja feita. Essa é uma reconstrução na perspectiva da pesquisadora, que apresenta os protagonistas da história a partir dos sentidos que puderam ser apreendidos naquele encontro. A síntese tem por principal objetivo apresentar ao leitor esses personagens e apontar, de forma geral, os principais percursos de suas trajetórias no trabalho e quanto ao ganho de peso.

Não se pode deixar de falar que esta investigação, estando apoiada na psicossociologia e no método história de vida laboral, aposta na integração das contribuições da clínica e da sociologia e como consequência a análise sócio-clínica procura estar atenta aos atravessamentos da cultura, da história, dos valores, e das práticas onde este sujeito se encontra. Por isso fala-se de uma escuta plural, disponível para abraçar os sentidos múltiplos que emergem, levando em consideração o conjunto de eixos que atravessam as situações pesquisadas (CARRETEIRO, PINTO, RODRIGUEZ, 2015).

Para Barus-Michel (2005, p. 242), o trabalho do “psicossociólogo se inscreve entre a clínica e o sentido”. O sentido, segundo a autora, corresponde a como aquilo que é vivido como a “coerência unificante de uma situação” (BARUS-MICHEL, 2005, p. 247). Não existe um sentido intrínseco, eles se produzem, portanto, num dado momento a partir de elementos significantes elaborados pelos sujeitos (individual ou coletivo) e as construções coletivas que as atravessam, e que podem tomar outras conotações quando se recontam essas vivências.

Dá-se destaque, dessa maneira, à escuta clínica plural e à dimensão relacional que se constrói entre pesquisador e participante da pesquisa, em um processo co-constutivo de sentidos. Pode-se dizer que acaba por se aproximar da perspectiva da Análise de Discurso Francesa (GIUST-DESPRAIRIES, LEVY, 2005), que também prioriza aquilo que é situacional. Não se esteve rigidamente presa nesta investigação à tradicional análise do discurso pautada majoritariamente na linguística. Ao contrário, reconhece-se que nela nasceu e floresceu, porém, a grande influência dessa forma de análise é a que se aproxima da

psicossociologia: a interdisciplinaridade. Nesta última, o processo de análise interroga os sentidos que se produzem no entrecruzamento de diferentes elementos. Ele não prioriza o conteúdo e sua “tradução” e sim o sentido produzido. A Análise do Discurso Francesa se propõe a ir para além do texto e refletir sobre os “ecos da memória do dizer” (CAREGNATO, MUTTI, 2006, p. 681), ou seja, o interdiscurso, a memória coletiva.

Nesse ponto, o pesquisador tem papel fundamental, pois se não há um sentido “colado” no enunciado, ele é sempre incompleto e é ele quem vai buscar os efeitos dos sentidos. Aqui é onde se abre espaço para a interpretação. O analista é sempre um intérprete, que por sua vez, também vai fazer uma leitura discursiva afetada por sua posição, crenças, experiências e vivências. O encontro é que produzirá um sentido e por isso é fundamental ter claro as implicações e os objetivos. Dito de outra forma, não se trata de desvelar sentidos ocultos e sim encarar a complexidade e a polissemia com vista a um deslocamento do significado (GIUST-DESPRAIRIES, LEVY, 2002). Inclusive podem-se colocar questões nas quais o locutor não expressou ou se absteve de formular. Nesse quadro, o pesquisador assume uma postura de não aceitar a “sua oferta de comunicação (a carta apresentada) para olhar para as outras cartas do jogo” (GIUST-DESPRAIRIES, LEVY, 2002, p. 234).

O pesquisador-analista nesse processo de análise pode ouvir e ler as transcrições das entrevistas gravadas e na repetição poderá identificar eixos temáticos. Estes emergem num movimento “em que o enunciado leva ao enunciável e vice-versa, explorando-se marcas linguísticas cujo funcionamento discursivo irá trabalhar, fazendo os recortes das formulações nas quais aparece tal ênfase” (CAREGNATO, MUTTI, 2006, p. 682). A leitura repetitiva permitirá pinçar do material algumas marcas linguísticas para a interpretação, correlacionando-as com o contexto sócio-histórico. Definidos os eixos temáticos, é importante realizar “recortes discursivos”, que seriam resultantes de uma construção teórica.

#### 4.1.2.6 Análise de prontuário

De forma complementar a essa investigação, utilizou-se o recurso da análise dos prontuários, de forma a coletar informações gerais como idade, renda pessoal e familiar, hipóteses diagnósticas e tratamento. Essa análise permitiu identificar não apenas dados objetivos já citados, mas fornece indícios quanto à evolução dos quadros frente ao tratamento, as dificuldades e as principais queixas. Questões essas que se articulam muitas vezes a histórias narradas.

#### 4.1.2.7 Diário de campo

O diário de campo é um instrumento utilizado para manter um registro da dinâmica da pesquisa. Neste caso ele foi utilizado para registrar os agendamentos com os entrevistados, aqueles que faltaram, observações e impressões das entrevistas feitas, observações na própria dinâmica do serviço, algumas questões que mobilizam a equipe. Nem todas as informações foram incluídas nas análises, mas revelam o percurso da investigação, apontando os impasses, problemas, hipóteses. Ele nada mais é do que o registro daquilo que se observou durante o trabalho de campo, com potencial de sistematização e passível de contribuição às análises.

O trabalho sobre as entrevistas transcritas é um esforço mais duro. A leitura sistemática permite notar os movimentos do discurso, alguns vacilos, contradições, porém ela não comporta detalhes sobre as mudanças do tom de voz, a postura corporal, os olhos lacrimejados. Esses aspectos estão presentes na memória da pesquisadora e o diário de campo é um instrumento que ajuda no registro desses detalhes, das impressões e inclusive incômodos que apareceram ao longo da pesquisa, sejam nas entrevistas propriamente ditas, seja em relação ao funcionamento do serviço, sejam nos comentários dos funcionários das unidades, que apresentassem alguma pertinência ao tema da pesquisa.

## 5 AS ANÁLISES

Como descrito no capítulo anterior, o Centro de Referência em Obesidade foi o espaço onde os sujeitos da pesquisa foram abordados e convidados a participar dessa investigação. Como visto no capítulo anterior, a abordagem dos participantes se deram de duas formas: agendamento das entrevistas e realização das mesmas na mesma data do convite. Foram realizados vinte (20) convites, porém, apenas 13 entrevistas foram realizadas. O agendamento das entrevistas independente das marcações de consultas na unidade não se mostrou como um bom recurso, visto que das nove (9) entrevistas agendadas, apenas duas (2) foram realizadas. Nas outras sete, (7), os participantes não desmarcaram e também não compareceram. Nesses episódios foram feitos contatos telefônicos posteriores para fazer um levantamento dos motivos que os levaram a não comparecer. As justificativas podem ser vistas no quadro abaixo:

Quadro síntese dos convidados a participação da pesquisa e os motivos do não comparecimento à entrevista agendada					
Identificação anônima <sup>10</sup>	Sexo	Idade	Profissão	Vínculo atual de trabalho	Motivos
1	F	43	Professora de inglês	Emprego formal	Estava recém-empregada em um curso de inglês e sofreu mudanças no seu horário de trabalho, coincidindo com o dia da entrevista.
2	F	49	Cozinheira	Licenciada do INSS	Tem dificuldades de locomoção, e por isso depende da filha para levá-la de carro aos lugares. Na data, sua filha não estava disponível.
3	M	50	Administrador	Motorista autônomo	É motorista autônomo e na data da entrevista foi chamado para levar um cliente a Rio das Ostras/RJ.
4	F	49	Empregada doméstica	Aposentada	Apresentava grande inchaço e dores nas pernas, o que dificultava o seu deslocamento na data.

<sup>10</sup> Optou-se por utilizar números para a identificação dessas pessoas pois não compreendem efetivamente sujeitos participantes da pesquisa.

5	M	28	Ajudante de caminhão	Desempregado	Esqueceu o agendamento da entrevista.
6	F	57	Rodoviária/ Cobrador de ônibus	Desempregada	Referiu ter visto no noticiário da TV atuação da polícia na comunidade local e sentiu-se intimidada pela violência.
7	M	52	Rodoviário/ Motorista de ônibus	Licenciado pelo INSS	Sofreu um infarto no dia anterior à entrevista e estava internado.

Nos telefonemas realizados, com exceção apenas do último que estava convalescendo, foi perguntado novamente se haviam interesse em participar da pesquisa e todos responderam afirmativamente. Frente a isso, foram questionados sobre a melhor forma que cada um avaliava ser a melhor estratégia para viabilizar a sua participação. As respostas estão listadas abaixo:

Quadro de sugestões para viabilizar a participação desses sujeitos			
Identificação anônima	Sexo	Idade	Sugestões de estratégias
1	F	43	Gostaria de conciliar a entrevista em uma data que já compareça ao CRO para alguma consulta, pois assim teria como justificar no seu trabalho sua ausência.
2	F	49	Alegando a dificuldade de deslocamento, sugeriu que a entrevista fosse feita na mesma data de alguma consulta, pois já comparece pelo menos 2 vezes ao mês no CRO.
3	M	50	Referiu dificuldades com os agendamentos, visto que os horários de trabalho são imprevisíveis, o que lhe prejudica também no agendamento e comparecimento nas consultas do serviço. Sugeriu que aproveitasse o agendamento de alguma consulta e que fosse telefonado antes para confirmar o seu comparecimento e disponibilidade para a entrevista.
4	F	49	Referiu preferência por participar da pesquisa conciliando com consultas no

			serviço.
5	M	28	Sugeri que no dia anterior ao agendamento telefonasse para lembrá-lo ou que aproveitasse uma data que já estivesse no serviço.
6	F	57	Preferiria que o agendamento coincidissem com uma consulta já agendada no serviço.
7	M	52	A ele não foi questionado nem sugerido um reagendamento, visto estar se recuperando de um infarto e estar hospitalizado.

Como pôde ser visto, esses sujeitos-convidados apresentaram preferência para que as entrevistas fossem feitas associando-as a datas em que já comparecem ao serviço. Em nenhum momento cogitaram que ela fosse realizada em horários fora do funcionamento do serviço. Quando essas opções foram oferecidas, apontaram, em geral, que seria mais cômodo que fosse realizada lá.

Como já dito anteriormente, das entrevistas agendadas apenas dois (2) participantes compareceram e foram realizadas sem intercorrências. Uma participante se sentiu mobilizada e sensibilizada pela problemática da pesquisa e levou consigo, para entregar nesse encontro, uma carta feita a próprio punho contando sua história. Outras quatro entrevistas foram agendadas fazendo coincidir propositalmente com datas de consultas marcadas na unidade e as sete (7) restantes foram realizadas na mesma data do convite para a participação da pesquisa. Esses sujeitos estavam aguardando consulta e foi neste contexto que os convites foram feitos. As entrevistas foram realizadas após as suas consultas e tiveram uma duração média de 90 min. A entrevista mais curta durou 50 min e a mais longa 140 min.

Destaca-se que dos 13 entrevistados, cinco são do sexo masculino, reflexo do fato de que o número de mulheres inscritas no serviço é muito maior que o número de homens. Os CRO's têm por rotina sistematizarem tabelas alguns dados sobre os usuários do serviço. Quando se faz uma breve análise dos dados dessa planilha, é possível visualizar não só a discrepância entre os gêneros: o número de mulheres chega a ser 3,16 vezes maior que o número de homens, mas também demonstra que dentre eles – homens – há uma concentração numérica maior na faixa de IMC entre 50 e 70. Esses dados sugerem que os homens procuram o serviço quando seu estado de saúde já está bastante comprometido, não apenas pela questão

do peso, mas também e principalmente pelas comorbidades existentes. Essa diferença numérica impacta as entrevistas na medida em que a disponibilidade para abordar mulheres é bem maior que homens. Isso coloca como necessidade uma maior organização de forma a frequentar as unidades CRO em dias em que alguns usuários homens tivessem agendamentos de consulta.

### 5.1 SÍNTESE DAS ENTREVISTAS

De forma a apresentar sucintamente a situação dos entrevistados quanto à gravidade da obesidade (IMC) e vínculo de trabalho atual de cada um dos entrevistados, optou-se por um quadro síntese. Os dados organizados neste quadro fornecem uma base inicial de articulação das diferentes variáveis presentes nas análises.

Quadro síntese dos dados principais dos participantes							
Identificação	Sexo	Idade	IMC kg/m <sup>2</sup>	Comorbidades	Trabalha atualmente?	Última Atividade Exercida	Vínculo atual de trabalho
Viviane	F	31	61,30	*HAS *Insuficiência Venosa *Erisipela	Sim	Comerciante em estabelecimento próprio/familiar	Autônoma
Lidiane	F	47	51,30	*HAS *Insuficiência venosa *Erisipela	Não	Auxiliar de costureira	Do lar
Veridiana	F	34	64,74	*HAS *Apneia *Bronquite *Dificuldades na locomoção	Não	Auxiliar Administrativo	Desempregada
Rosana	F	46	50,69	*HAS *Lordose *Insuficiência venosa	Não	Costureira	Autônoma/ Licenciada pelo INSS

				*Erisipela *Dificuldades de locomoção			
Eunice	F	32	54,26	Nenhuma	Sim	Auxiliar administrativo	Emprego Formal
Luiz	M	35	57,99	*HAS *Apnéia do Sono * Dificuldades de locomoção	Não	Encarregado de estoque em Supermercado	Desempregado
Marilene	F	58	61,43	*HAS *Problemas articulares *Insuficiência Venosa *Dificuldades de locomoção	Não	Auxiliar de Serviços Gerais	Pensionista
Helena	F	44	43,62	*HAS *DM2 *Dislipidemia * Esteatose hepática *Dificuldades de locomoção *Erisipela	Sim	Professora primária/ Auxiliar Administrativo	Emprego Formal
Alana	F	41	51,93	*HAS *DM2	Não	Costureira	Desempregada/Dolar
Gilson	M	42	56,34	*HAS *Dificuldades de mobilidade	Sim	Encarregado de obras em construção civil	Emprego Formal
Antônio	M	43	53,28	*HAS	Sim	Marceneiro	Emprego Formal/

				*Pré-DM			Autônomo
Marcelo	M	42	44,34	*HAS *DM2 *Dislipidemia *Doença Arterial Coronariana	Sim	Comerciante	Autônomo
Carlos	M	45	51,59	*HAS *DM2 *Dislipidemia *alteração nas taxas de ácido úrico *3 hérnias de disco	Sim	Rodoviário/Despachante	Emprego Formal

Em um primeiro olhar, nota-se que dos treze (13) entrevistados, apenas dois (2) se encontram na faixa de IMC entre 40 e 50kg/m<sup>2</sup>, isso significa que são os que apresentam menor relação peso x altura. Todos os outros ase encontram na faixa de IMC acima de 50 kg/m<sup>2</sup>, sendo três (3) deles maior que 60 kg/m<sup>2</sup>, apontando o aumento proporcional de gravidade e riscos associados. Percebe-se também, que com a exceção de uma (1) entrevistada que não apresenta comorbidades associadas, todos os outros apresentam pelo menos duas (2).

Todos os entrevistados apresentam um quadro de obesidade grave, são todos sujeitos obesos grau III. No entanto a avaliação de gravidade é mais complexa, visto que várias variáveis se entrecruzam e impactam a rotina desses sujeitos. Podem-se considerar aspectos objetivos como quanto maior o IMC mais grave é a condição. No entanto, não é uma regra que quanto maior o IMC maior o número de comorbidades, apesar ser o mais comum a acontecer. A idade é um fator que influencia, bem como o histórico familiar de hipertensão e diabetes, ou o tipo de atividade laborativa desempenhada. Nem todas essas variáveis objetivas são decorrentes do excesso de peso, mas é fato que a obesidade é um fator de risco para outras doenças. Ao mesmo tempo, estas últimas aumentam a predisposição ao ganho de peso, formando um círculo vicioso.

Para além dos aspectos objetivos da avaliação, têm-se os aspectos subjetivos, e no fim das contas, são esses que tem maior peso. É a possibilidade de fala e de escuta que se podem alcançar de fato quais são os impactos dessas variáveis objetivas, junto a outros elementos do

contexto sócio-familiar-cultural-econômico na vida desses sujeitos, afetando seu dia-a-dia, a funcionalidade, a autonomia.

Quanto à questão do trabalho, verifica-se que sete (7) participantes da pesquisa encontram-se exercendo uma atividade laborativa remunerada no momento. Dentre esses sete (7), três (3) são mulheres jovens na faixa dos 30 a 45 anos em plena idade produtiva. Uma delas é autônoma, trabalhando em negócio próprio. As outras duas compartilham a mesma função, a de auxiliar administrativo, em um regime formal de emprego. A única entrevistada que ainda se incluiria nesta faixa etária é a entrevistada de maior IMC e apresenta quatro comorbidades, o que fragiliza muito sua condição. Os outros quatro (4) entrevistados que se encontram empregados são todos homens na faixa dos 40 anos. Um deles é autônomo em negócio próprio, dois possuem empregos formais e um deles associa um emprego formal em paralelo a um negócio próprio. Aqui vale destacar que num universo de cinco (5) homens entrevistados, apenas um não se encontra vinculado a uma atividade laborativa. Ele também é aquele que dentre os homens apresenta maior IMC e três comorbidades. Enquanto que num universo de oito (8) mulheres entrevistadas apenas três (3) estão trabalhando. Os outros seis (6) entrevistados se dividem em 3 desempregados, 1 licenciada pelo INSS, 1 pensionista e 1 do lar, não estando à procura de outra atividade.

Abaixo, apresenta-se uma síntese das histórias de vida dos entrevistados desta pesquisa, destacando as questões referentes ao trabalho e ao ganho de peso e como esses aspectos se articulam. A função da síntese é a de reorganizar a história narrada com as informações colhidas, integrando elementos da história de vida, da inserção no campo de trabalho, das influências familiares na construção de suas representações sobre essa temática e as consequências do ganho de peso na sua trajetória.

### **5.1.1 Viviane**

Viviane é uma jovem de 31 anos, que mora com companheiro há 14 anos na casa de sua mãe. Todos os três trabalham informalmente. Viviane é responsável pelo turno da tarde em um pequeno comércio de propriedade da família. Trata-se de um pequeno espaço na parte da frente da casa onde moram. No local vendem bebidas e alguns artigos alimentícios. Sua mãe responde pelos turnos da manhã e noite. Seu companheiro, por sua vez, trabalha como moto-taxi na comunidade em que moram.

Viviane começou a trabalhar aos 13 anos auxiliando sua mãe, que na época era manicure, também lavava roupas “para fora” e auxiliava a mãe no comércio da família.

Viviane assumiu parte da responsabilidade pelas tarefas de casa e atendia às solicitações que a mãe fazia enquanto realizava as atividades de manicure, como servir água e café para as freguesas. Elas viviam com a avó, detentora do comércio. Em 2005, com o falecimento de sua avó, a mãe de Viviane herdou o comércio e abandonou as outras atividades. Aos poucos, Viviane foi assumindo também responsabilidades nesse comércio e passou a receber por este trabalho. Ela não se refere ao dinheiro recebido como um salário, chama de “ajuda de custo”. Ela vincula sua atividade como uma “ajuda” a sua mãe, assim como sua mãe fazia com a avó.

Viviane reconhece a importância de ter a carteira de trabalho assinada ou de realizar contribuições para o INSS como autônoma, para uma segurança no seu futuro. No entanto, esta parece ser uma preocupação maior para sua mãe e não para ela. Viviane apenas pensa na contribuição como autônoma por incentivo de sua mãe, mas nunca se mobilizou a efetivamente fazê-lo. Sua mãe o fez ao longo de anos, interrompendo apenas em um momento de dificuldades financeiras.

Viviane apesar de ter começado a trabalhar ainda adolescente, o comércio é a única atividade mais sistematizada que ela realizou e sua fala não demonstra qualquer interesse por outra atividade fora do circuito “casa-comércio”. Entende que o herdará, assim como ocorreu com sua mãe, e este será sua segurança. Considera que procurar empregos “fora” a tornaria empregada de alguém, o que poderia lhe colocar em uma posição de ser criticada, maltratada ou subjugada por algum empregador. Nessa situação hipotética, ser empregada de alguém significa, pela necessidade financeira de se sustentar, ter que se submeter a “caprichos” de patrões. O comércio, ao contrário, se apresenta para ela como um trabalho seguro e protegido, onde ela é sua própria chefe e tem autonomia para definir seus horários e atividades.

Viviane foi muito incentivada a estudar pela sua mãe, que possui apenas o primeiro segmento do fundamental. Ela estudou sem intercorrências até os seus 16 anos, quando assumiu responsabilidades maiores no comércio e passou a estudar a noite. Acabou abandonando seus estudos no 2º ano do Ensino Médio à revelia da mãe. Viviane admite que caso se interessasse por “trabalhos fora”, ela teria problemas por não ter completado o colégio, no entanto, para o que exerce hoje, não sente que terminar o Ensino Médio lhe agregaria valor. A única atividade extracurricular que fez foi um curso de informática gratuito incentivado pelo próprio colégio. Viviane constrói suas representações sobre trabalho atribuindo valores como satisfação de conquistar suas coisas, esforço próprio e honestidade, principalmente vinculados a ensinamentos recebidos da mãe.

Quanto ao seu pai, ele pouco participou de sua criação. Seus pais começaram a se relacionar enquanto ele ainda era casado e trabalhavam numa fábrica de macarrão. Depois que

sua mãe engravidou de Viviane, seu pai se separou da primeira esposa para viver e construir uma nova família com as duas. Vale destacar que moravam na casa atual de Viviane, que na época era de propriedade da avó, o que parece ter contribuído para a separação deles quando Viviane tinha seis anos. Sua mãe deixou de trabalhar fora para poder cuidar melhor de Viviane e ajudar sua mãe. Ele só reapareceu em sua vida quando ela completou quinze anos. Ressentida pela ausência dele durante esses anos, teve dificuldades em aceitar que seus pais reatassem. Nova separação se deu, bem como novo reatamento e novo abandono. Nesses intervalos, ele casou-se novamente e teve um filho de cada casamento somando três irmãos por parte de pai. Viviane enfatiza que sua mãe foi a única mulher com quem não casou. E a atribui o “papel de boba apaixonada” que o aceitou de volta todas as vezes que quis. Essa série de separações mobiliza Viviane negativamente, que se esforça por negar a possibilidade de aceita-lo. Fala em termos de tolerância em consideração à mãe. Mas destaca refutar qualquer colocação ou crítica que ele fez ou viesse a fazer. Faz dois anos que não tem notícias dele.

Em relação ao seu peso, Viviane atesta ter sido “gordinha” desde muito nova. Sua avó e sua mãe também apresentavam excesso de peso e diz que sua mãe vive em dietas. Para ela, seu ganho de peso foi gradual e não o considerava incômodo até os seus 19 anos, quando passou a ser criticada pelas pessoas ao seu redor, que diziam que era muito nova para estar “naquele estado”. Descreve reações reativas, mas admite ter se magoado muito.

Atualmente, a sua condição de obesa não impede o exercício de suas atividades, mas as dificulta. No período da manhã, é responsável pelo cuidado com a casa e atos como se abaixar e subir em degraus são muito difíceis. No turno da tarde, fica no comércio a maior parte do tempo sentada. Considera que a inatividade contribui para o seu excesso de peso e piora seus problemas circulatórios. O inchaço e a erisipela em ambas as pernas tem atrapalhado seus movimentos e também sua vida social. Mal consegue vestir sandálias para sair devido ao grande edema nas pernas. Vem, portanto, se afastando cada vez mais da vida social. E atualmente se vê preocupada com sua saúde, com as suas limitações e, principalmente, com a cobrança do marido de que engravide. Alguns profissionais de saúde lhe falaram que o tratamento para todas as suas queixas incluíam o emagrecimento, inclusive a futura gestação.

### **5.1.2 Lidiane**

Lidiane tem 47 anos, é casada há 24 anos e possui 03 filhos. Filha de nordestinos, via sua mãe ser proibida de trabalhar por seu pai, a quem chama de machista. Ele era o provedor da casa. Trabalhava como servente e depois como ascensorista e aposentou-se nesta função. Foi apenas com a separação de seus pais, que sua mãe entrou no mercado de trabalho. As discussões eram muitas e as desavenças cresciam, até que ele optou por voltar para o nordeste, deixando-as no Rio de Janeiro. Lidiane tinha 21 anos quando seu pai saiu de casa e foi nesse período que começou a trabalhar como forma de ajudar sua mãe a sustentar a casa, já que seu pai deixou de contribuir financeiramente.

Ao contrário da proibição feita a sua mãe, seu pai incentivava os filhos a trabalharem desde cedo para custear suas coisas. Sua irmã mais velha começou a trabalhar aos 15 anos como empregada, depois como lojista em fábrica de roupas íntimas. Apesar de incentivada, Lidiane não se sentia pressionada a trabalhar até a separação de seus pais. Ela apresentava dificuldades de aprendizagem e teve diversas repetências no colégio. Aos 16 anos passou a estudar à noite, cursando o 6º ano do fundamental. É possível que devido a estas dificuldades ela ocupasse uma posição mais protegida neste contexto familiar. A justificativa que ela dá é o fato de ser a caçula. Chega a dizer que com o salário dos que trabalhavam “*dava para viver*”, como se trabalhar estivesse vinculado à necessidade. A grande função de Lidiane era a de cuidar dos afazeres de casa. Foi justamente a necessidade o motivo que levou sua mãe a trabalhar fazendo biscates como faxineira e cobrasse que Lidiane também trabalhasse para ajudar. Sua mãe parou de trabalhar assim que começou a receber a pensão do ex-marido, depois de abrir um processo. A inserção no mercado de trabalho foi então uma imposição a partir da alegação da maioridade. Lidiane começou sua busca, questionando seus conhecidos sobre empregos até que foi indicada para uma vaga em uma fábrica de roupas. Acabou por abandonar o colégio no 9º ano no período em que iniciou o trabalho. Suas dificuldades ficaram aumentadas pelo cansaço de trabalhar de dia e estudar a noite.

Lidiane ocupava a função de arrematadeira e em sua atividade tinha a função de cortar as linhas excedentes das roupas costuradas. Gostava do trabalho que fazia e ficava satisfeita por poder comprar suas próprias coisas. Ela se manteve na função por 3 anos. Nesse intervalo de tempo, ela se casou e engravidou. Seu vínculo de trabalho era informal e foi dispensada assim que voltou a trabalhar. Desde então não trabalhou mais. Seu marido manteve a fala de que ela deveria cuidar dos filhos e ela acatou à proposta. A renda familiar é, portanto, prioritariamente composta pelo salário do marido.

Lidiane gosta do trabalho de cuidar da casa e dos filhos, considera não lhe faltar muita coisa, o que a permite viver tranquila e honestamente. Seu afastamento do mundo laboral não

é visto como um problema, tratando-o com bastante naturalidade. Ela não refere interesse em retornar ao mundo do trabalho e justifica falando da dificuldade que seria retornar, visto que se aproxima dos 50 anos, tem pouca escolaridade e pouca experiência laborativa. Apesar disso, ela valoriza o ato de trabalhar fora e receber uma remuneração por isso. Incentiva sua filha mais velha a fazê-lo. Ela, enquanto cursava o ensino normal para professores se inscreveu para o “jovem aprendiz” e trabalha atualmente em um escritório. Ela utiliza seu salário para gastos pessoais ou presentes que compra para seus irmãos, mas sem compromisso com as contas fixas da casa.

Lidiane repete o discurso de que a maioria deve vir acompanhada do trabalho e associa a idade à ideia de autonomia, apesar dela não ter feito essa opção. Ela não teve nenhum registro em sua carteira de trabalho e nunca pagou sua contribuição como autônoma para o INSS. No entanto, fica satisfeita de que o marido, assim como seu pai, provedor da casa, possua um emprego formal como motorista de ônibus. Diz que a carteira de trabalho lhes dá maior segurança em caso de doenças ou mesmo a aposentadoria.

O seu rompimento com o campo laboral não esteve relacionado ao seu ganho de peso. Este teve início após a 1ª gestação e foi neste período em que deixou de trabalhar. Seu ganho posterior foi progressivo, com aumento exponencial na segunda gestação. Ela atribui a ele dificuldades para realizar tarefas simples de casa, as quais diz serem suas funções. Sente-se cansada com facilidade e apresenta dificuldades para sentar, abaixar, subir escadas, necessitando de auxílio para executá-las.

### **5.1.3 Veridiana**

Veridiana tem 34 anos e atualmente mora com os dois filhos em uma casa herdada de sua mãe. Seu pai também é falecido. Teve uma úlcera hemorrágica quando ela tinha 7 anos. Sua mãe sempre trabalhou como doméstica e Veridiana descreve a rotina dela como muito árdua. Aos seus 9 anos sua mãe sofreu o primeiro AVC. Recuperou-se e continuou trabalhando para sustentá-la. Quando Veridiana já estava com 12 anos sofreu outro AVC. Este a debilitou mais que o primeiro, forçando-a a reduzir o seu ritmo. No terceiro, ela já não podia mais trabalhar. Como forma de ajudar sua mãe e melhorar a renda se inscreveu em um curso de auxiliar administrativo no PRODERJ e nele estava incluído um curso de informática. O curso teve duração de 8 meses e foi logo encaminhada a uma empresa, ficando lá até completar os 18 anos, quando o vínculo com o projeto termina.

Veridiana foi indicada por uma funcionária para a seleção de uma vaga de auxiliar administrativo e recepção. No entanto, foi vetada na entrevista e ouviu diretamente do empregador que ela de fato tinha habilidades necessárias para o cargo, porém sua aparência (leia-se obesidade) “não colaborava”. Sentiu-se muito humilhada e a partir daí ela nunca mais procurou emprego como auxiliar administrativo ou em recepção.

Passou a buscar empregos em vagas para a limpeza, como auxiliar de serviços gerais. Para essas vagas também não era chamada. Passava por entrevistas e pediam que aguardasse em casa, pois não havia numerações de uniformes que lhe coubessem. Discorre sobre diversas situações em que se sentiu muito humilhada devido ao seu peso e há 5 anos deixou de buscar por empregos formais, seja na parte administrativa, seja na limpeza.

Exerceu duas atividades informais depois disso. Não possuía registro em carteira de trabalho, mas trabalhou em “casa de família” cuidando da casa e de uma criança com Síndrome de Down. Ficou apenas dois meses, pois a família se mudou de bairro e ficava muito distante e custoso o deslocamento. Sua outra atividade foi como cuidadora de idosos. Enquanto acompanhava uma das internações de sua mãe, conheceu um fisioterapeuta que avaliando o quão bem tratava e cuidava da mãe, a convidou para trabalhar nessa área. Inicialmente cuidava da avó desse fisioterapeuta e depois disso, ele foi indicando outras pessoas. Trabalhava em esquema de plantão de 24h. Porém, chegou um momento em que começou a ser exigida que tivesse uma capacitação na área. E naquele momento, o investimento financeiro não era possível, o que a fez perder oportunidades. Sua mãe veio a óbito e hoje não tem contato com sua família extensa. Além dos seus filhos, sua mãe era a única família que tinha.

Conheceu o pai de seus filhos no último ano do Ensino Médio e seis meses depois engravidou. Nunca se casaram. Engravidou dois anos depois do seu caçula. Se queixa dele não trabalhar e não contribuir financeiramente. Também descobriu que ele estava fazendo uso de drogas ilícitas. Ele não queria responsabilidades com ela e com os filhos e as brigas eram recorrentes. Há 10 anos ela optou por terminar o relacionamento e desde então nunca mais se relacionou com alguém. Sua renda hoje é composta de R\$ 150,00 que recebe pelo Bolsa Família e do que recebe quando trabalha com “bicos” de fritar salgados para um buffet de festas. Atualmente, vem sofrendo com graves restrições financeiras. Não recebe nenhuma ajuda financeira do pai de seus filhos ou da família dele.

Veridiana chama de bloqueio o fato de não mais se relacionar com outros homens, e o mesmo diz das tentativas de emprego. Coloca ambas as situações no campo da rejeição e da vergonha. Os chamados “bicos” que faz são sempre atividades ofertadas por outras pessoas.

Apenas as realiza quando é convidada, justificando pelo fato de ter que priorizar o que fazer com o pouco dinheiro que recebe: ou compra comida para dentro de casa ou gasta em passagens para ir a entrevistas nas quais julga que será vetada. Ao mesmo tempo em que aponta este arranjo como uma defesa contra uma possível “humilhação”, ela também fala com pesar do fato de não ter registro de nenhum emprego na carteira de trabalho, pois não tem comprovação de uma inscrição no campo laboral. A carteira de trabalho é, para ela, um símbolo da possibilidade de um reconhecimento social. No entanto, ela associa o trabalho à uma atividade fixa que lhe dê uma remuneração, com a qual possa contar para montar e executar seus projetos. É o salário que lhe proporcionaria oferecer melhores condições de vida para os filhos, assim como julga ter recebido de sua mãe. Para ela, um trabalho fixo, mesmo que informal, lhe daria possibilidades de pagar sua contribuição como autônoma e teria certa segurança em caso de doenças.

Nesse contexto, a obesidade se coloca como um grande empecilho. Ela dificulta e limita muitos dos seus movimentos para a realização de atividades em casa, até mesmo o próprio caminhar. A opção por buscar tratamento no CRO surgiu de uma conversa que teve com um amigo na instituição religiosa que frequenta, em que ressoou nela a frase “enquanto você não emagrecer, você não vai alcançar os seus objetivos. Não é uma questão de merecimento, é você ter condições de trabalhar”. Ela reconhece o seu peso como limitador para muitas atividades, porém valoriza mais a falta de oportunidades para demonstrar capacidades outras que não estão vinculadas ao seu peso. Conta inclusive que quando estava trabalhando, ela perdia peso. A ociosidade a faz comer em maior quantidade e consequentemente engordar.

Em relação aos filhos, procura incentivá-los a estudar, se capacitar e trabalhar. A grande herança que refere ter recebido de sua mãe é o esforço. Por isso, tenta passar para os filhos que o investimento nos estudos e no trabalho honesto (em contraposição à irresponsabilidade e vício em drogas do pai) vai lhes dar melhores oportunidades. Ela tem incentivado seu filho mais velho a se inscrever no mesmo curso que ela fez. Estão aguardando que ele complete os 14 anos, idade mínima para a inscrição no curso.

#### **5.1.4 Rosana**

Rosana tem 46 anos, é casada, e possui 02 filhas. Casou-se duas vezes e cada filha é fruto de um casamento. Sua filha mais velha mora com avó materna e justifica essa escolha

pela questão financeira, acesso e oportunidades melhores, tendo em vista que ela própria vive com grandes restrições financeiras.

Quanto à sua vida laboral, ela refere seu início aos 15 anos por cobranças de sua mãe. Foi ela própria quem lhe arranhou seu primeiro emprego como recepcionista em uma agência de empregos. A justificativa dessa imposição era a de que ela deveria manter os seus custos. Rosana atesta que sempre foi mais alta, mais gorda, calçava mais e isso fazia com que seus custos também fossem maiores. Sua irmã mais velha, na época com 17 anos, também já trabalhava e tinha vida mais independente. Ela casou cedo e logo se separou. Por ter voltado a morar na casa de sua mãe, ouvia recorrentemente que devia trabalhar para arcar com suas despesas, uma vez que não tinha mais um marido provedor que lhe sustentasse. Considerava os irmãos homens mais protegidos, pois os dois jogavam futebol, tinham uma ocupação, apesar de não receberem remuneração por isso. Sua prima, que também morava com elas (desde os 13 anos) também era cobrada a trabalhar.

A hipótese de Rosana é que seu avô materno obrigou sua mãe a trabalhar aos 13 anos em casa de família. Lá permaneceu até casar. A partir daí o pai de Rosana assumiu todos os custos da casa. Ele era funcionário do antigo BANERJ. Iniciou sua vida laboral servindo café neste banco aos 14 anos. Aos poucos foi promovido a outros cargos e faleceu 1 semana antes de receber a promoção a gerente. Após seu falecimento, a mãe de Rosana passou a receber uma pensão, que lhe garante uma situação financeira estável sem que precise trabalhar.

Rosana faz uma diferença importante quanto ao trabalho dos seus familiares. Como seu pai trabalhava em banco e sua irmã já trabalhou na Prefeitura do Rio de Janeiro e na secretaria de um CIEP, os considera seguindo o caminho do serviço público, que forneceria maior estabilidade. No entanto, atesta não ser este o seu “perfil”. Considera-se mais autônoma, realizando atividades diversas, “mais liberais”, como ela chama. Dos 15 aos 17 anos trabalhou como recepcionista, passando a estudar à noite em um curso técnico de contabilidade. Ao sair de lá encontrou muita dificuldade em encontrar outro emprego, segundo ela, devido preconceito por ser negra e obesa. Entrou em uma outra empresa também para recepção, porém atesta que apenas foi admitida devido à indicação de uma prima que trabalhava lá.

Aos 20 anos engravidou da primogênita e casou-se, saindo da casa de sua mãe. Esse casamento durou 10 anos e foi marcado por conflitos. Conta que ele era alcoolista e agressivo, além de tê-la traído por diversas vezes. Chegou a desconfiar quanto ao uso de drogas, mas nunca confirmou. Ele a proibiu de terminar o último ano do ensino técnico e também a proibiu de trabalhar. Quando optou pela separação, procurou uma casa para alugar e teve a

ajuda da cunhada que a indicou para trabalhar em uma marmoraria, anunciando dessa forma, que sairia de casa. Ela trabalhou nessa marmoraria por 4 anos até a dissolução da empresa.

Refere ter sido muito difícil a sua reinserção no mercado de trabalho. Atribui essa dificuldade ao fato de apresentar excesso de peso e por ser negra. A forma encontrada para contornar essa dificuldade foram os trabalhos informais, com os quais se ocupa há 11 anos. Trabalhou como faxineira, cozinheira e vendedora de salgados. O fato de ter trabalhado com comida: bolos e salgados agravou bastante sua condição de obesa. Sua escolaridade incompleta também atrapalhava bastante. Considera que as exigências do mercado de trabalho eram menores antigamente, de forma que priorizava o primário, depois o ginásio e hoje qualquer pessoa precisa apresentar no mínimo o ensino médio completo. Ela própria voltou a estudar para terminar o segundo grau e fez diversos cursos complementares, como secretariado, datilografia etc. Mas continuava a encontrar muita dificuldade em ocupar cargos em que precisava lidar com público.

Passado um ano de sua separação do primeiro marido, conheceu seu atual, que na época era casado. Há 10 anos optaram por viver juntos e há 3 casaram-se oficialmente. Desse relacionamento nasceu sua filha caçula de 10 anos. Ele a apoiou nos momentos de dificuldade valorizando inclusive seu interesse pela costura, lhe dando de presente 2 máquinas de costura. Procurou cursos na área, foi se aperfeiçoando e transformou a costura na sua profissão e seu sustento. Atualmente presta serviços para uma confecção de roupas fitness.

Ela, apesar de casada, continua recebendo pensão do ex-marido. Não sabe explicar o porquê e simplesmente aceita, agradecendo a Deus por não terem cortado sua pensão. É com este dinheiro que, há dois anos, paga sua contribuição como autônoma ao INSS. Desenvolveu outros problemas de saúde devido ao seu excesso de peso: hipertensão, diabetes, problemas circulatórios, problema articular no joelho e um desvio importante na coluna. Sente muitas dores e foram os problemas de saúde que aguçaram a preocupação com a contribuição à previdência. Há 6 meses entrou com solicitação de afastamento do trabalho e está licenciada pelo INSS. Nas perícias médicas precisa levar laudos e exames que comprovem sua incapacidade para o trabalho na função de costureira e muitas vezes se sente humilhada e destrutada. Ela recebe o auxílio-doença no valor de um salário mínimo, o que representa uma renda muito menor do que a que tinha. Não se orgulha, portanto, de estar afastada do trabalho. Diz que não pode se *“dar ao luxo de não trabalhar”*, e segue fazendo um grande esforço para continuar na sua função, de forma a complementar a renda em casa, inclusive porque seu marido, que era auxiliar de serviços gerais, ficou desempregado. No entanto, suas limitações

devido ao seu quadro fizeram sua produção cair em 70%, o que resulta em prejuízos financeiros importantes.

Para Rosana, o trabalho lhe dá dignidade, bem-estar e é através dele que pode contribuir para o sustento de sua casa e oferecer algum conforto à sua família. Refere inclusive que quando não estava trabalhando sentia-se muito mal, com autoestima prejudicada. Refere se sentir humilhada pelas limitações que seu corpo está lhe conferindo. Fala de um “querer poder fazer mais” que é impedido por um corpo que sente dores. Sentar à máquina de costura é testar os limites físicos do corpo e da dor física e emocional do não poder fazer.

### **5.1.5 Eunice**

Eunice é uma jovem de 32 anos. Atualmente mora com a mãe e seu filho de 9 anos. Seu pai faleceu quando ela tinha 18 anos, período em que conheceu o pai de seu filho, com quem se relacionou por 4 anos. Ele foi seu primeiro namorado e em poucos meses foram morar juntos na casa da sua mãe. Chegaram a alugar uma casa, porém com pouco menos de um ano retornaram para a casa da mãe de Eunice. O relacionamento foi bastante conturbado e conflituoso. Ele começou a apresentar mudanças de comportamento com o uso de cocaína e álcool. Eles se separaram há 8 anos e há 5 ele faleceu, foi assassinado.

O tempo em que moraram juntos contribuiu inclusive para o seu ganho expressivo de peso. Ela já apresentava sobrepeso desde a infância, porém este período foi significativo nesse sentido. Além do uso da cocaína, ele se envolveu em algumas atividades ilícitas e gerou dívidas. Sendo assim, as brigas entre eles eram recorrentes, bem como pessoas procuravam por ele e faziam ameaças a Eunice. Ela começou a ter dificuldades para dormir e a “válvula de escape” que usava era comer: de dia e à noite.

Ela iniciou sua vida laboral aos 22 anos, após a separação do companheiro. Até então ela apenas estudava, cursava contabilidade. A renda familiar era composta da pensão de sua mãe e do salário e comissão do companheiro, que trabalhava na época em uma concessionária. Eles dividiam os custos da faculdade de Eunice, até que ela engravidou e saiu no 3º período. Seu filho nasceu e após um ano houve a separação. Eunice nunca recebeu pensão, nem fez questão disso. Ela já vinha em um movimento de procurar emprego, pois via que a situação só piorava.

Conseguiu seu primeiro emprego através da indicação de uma amiga. Ela conhecia o proprietário de um escritório contábil, que estava precisando de alguém para auxiliar nas

tarefas. Eunice se apresentou e ficou com a vaga, permanecendo lá por 3 anos. Enquanto estava lá, procurava por outro emprego, pois não estava satisfeita com o salário e lhe incomodava o fato de não ter sua carteira de trabalho assinada. Aos 24 anos voltou a estudar, cursando matemática pelo CEDERJ. Seu cunhado lhe inscreveu sem que soubesse e prestando a prova de seleção, foi aprovada. Conciliava, portanto, trabalho e estudo à distância. Aos 25 anos, novamente por indicação de um amigo, foi contratada para a vaga de auxiliar administrativo na FAETEC. Demitiu-se do escritório e assumiu a vaga na FAETEC, trabalhando como recepcionista por 5 meses. Ela logo foi transferida para o setor de compras. Acredita que isso se deva ao fato de ter tido formação inicial em contabilidade e ter experiência pelo escritório contábil. Continua nesta atividade até hoje. Quanto aos estudos, optou por abandonar o curso à distância aos 26 anos e continuar em uma faculdade particular, para ter acesso a aulas presenciais. Interrompeu o curso faltando apenas um semestre para concluir devido a questões financeiras.

Eunice parece ter recebido grande investimento familiar no campo da educação. Apesar de atestar um relacionamento ruim com o pai, pois o mesmo era alcoolista e agredia sua mãe, ela reconhece que ele sempre a incentivou a estudar e financiava os cursos que a interessavam, como inglês e informática. Seu pai trabalhava como motorista do exército.

Para ela, trabalhar representa esforço, ter responsabilidades, sustentar sua família e ter mais autonomia. Essas parecem ser heranças de sua mãe, que frente aos grandes conflitos familiares, as agressões do marido, sempre se ocupou do trabalho. Inclusive diz recorrentemente para Eunice que o *“seu melhor marido vai ser sempre o seu contracheque”*. Para ambas, o trabalhar foi uma forma de libertação de situações opressoras.

### **5.1.6 Luiz**

Luiz tem 35 anos e está em um relacionamento estável há 2 anos. Este é seu segundo relacionamento desse tipo. Aos 18 anos morou com uma companheira por 4 anos, e teve sua filha, que hoje tem 14 anos. Esse primeiro relacionamento foi conturbado devido ao excesso de ciúmes e de controle da ex-mulher, o que acabou em separação. Ele não admitia que ela tentasse controlar seu dinheiro. Ela própria não aceitava a gravidez, por isso depois da separação, quando saiu de casa, deixou a filha com ele. Ele retornou à casa da mãe e irmã. Se descreve como muito farrista e a participação que teve na criação da filha foi majoritariamente financeira. Tanto que após o casamento dessa irmã, sua filha lhe disse que caso a avó viesse a falecer ela se mudaria para a casa dessa tia, irmã de Luiz. Foi o que

aconteceu. Após o falecimento de sua mãe, Luiz propôs à segunda companheira que alugassem uma casa juntos e ela aceitou. Sua filha se mudou para a casa da tia.

Seus pais nunca moraram juntos. Seu pai, em suas palavras, “fugia” dele, não contribuindo em nada na sua formação. Sua mãe, ao contrário, sempre esteve presente, foi participativa e trabalhava como doméstica para sustentá-lo. Seu pai era mecânico de motos, não refere saber muito da vida dele. Apenas fala de certo ressentimento, pois se sentia rejeitado e se lembra de vê-lo sempre alcoolizado. Luiz não aceitou ir ao seu enterro, quando tinha 6 anos de idade. O relacionamento com a mãe era bem mais estreito e tinha grandes preocupações com ela, pois, apresentava graves problemas de saúde, dentre eles um quadro bastante grave de obesidade. Ela se aposentou bastante cedo, aos 45 anos por invalidez, devido ao excesso de peso e problemas circulatórios graves. Ela faleceu há quatro anos de embolia cerebral.

O nível de escolaridade de Luiz é o fundamental incompleto. Refere ter interrompido os estudos no último ano do fundamental por conta do trabalho. Ele costumava perder aulas com frequência para jogar bola, ficar com os amigos, o que o levou a repetir alguns anos. Ele começou a trabalhar aos 11 anos, em um supermercado pequeno no seu bairro. Havia uma dificuldade financeira e trabalhar era uma opção para ter acesso a produtos que queria. Na época havia um projeto chamado “marrequinho” desenvolvido na antiga rede SENDAS, que empregava jovens e esse supermercado do seu bairro criou uma versão semelhante chamado “Lula mirim”, do qual participou. Nessa atividade, ele trabalhava como empacotador, mas também realizava atividades de varrer e repor produtos em estantes. Saiu de lá no ano seguinte devido ao encerramento do projeto nesse estabelecimento.

Voltou a trabalhar aos 13 anos em um armarinho de propriedade de um tio. Ele atendia os clientes aos fins de semana e recebia um determinado valor em dinheiro semanalmente pelo trabalho. Seu tio mudou de ramo, abrindo uma farmácia. Conta que por não entender nada de medicações, passou a participar da manutenção do estabelecimento, pintando, varrendo, trocando lâmpadas, e fazendo a parte das instalações elétricas. Ele diz que sempre foi curioso e aprendeu a fazer as instalações elétricas por observação e experimentação, explodindo muita coisa até se aperfeiçoar. Até começar a trabalhar na farmácia conciliava o trabalho com os estudos no turno da tarde. Ao entrar na farmácia, aos 15 anos, passou a estudar à noite, pois trabalhava todos os dias. Depois de certo tempo passou a receber por serviço prestado. Ficou nessa atividade por pouco mais de 2 anos.

Aos 18 anos ainda cursava o 9º ano do fundamental, interrompendo, sem concluí-lo, pois, começou a trabalhar em um supermercado da rede Carrefour como repositor de

mercadorias. Nesse período, também se apresentou ao exército e solicitou dispensa, pois só assumiria no quartel no início do ano seguinte, alguns meses depois, e sua ex-mulher já estava grávida. Sua intenção era buscar a segurança de um trabalho formal. O emprego nesse supermercado apareceu como sugestão de uma prima que já trabalhava lá. Passou por uma entrevista e foi admitido. Para ele, a mudança foi interessante devido à diminuição do esforço físico que tinha que fazer. Enquanto autônomo, ele realizava todo o trabalho sozinho. Na nova atividade, o esforço era menor, uma vez que normalmente as empresas enviavam os promotores dos seus produtos e eles faziam a arrumação e reposição dos produtos nas prateleiras. Sua função ficava sendo supervisionar o que faziam. O outro ganho era o fato de ter acesso aos benefícios que o emprego formal ofereceria: carteira de trabalho assinada, plano de saúde ticket alimentação e vale transporte. Considera que esses dois aspectos compensavam a diferença de valores que recebia em um tipo de trabalho e no outro. Ficou nesta empresa apenas 1 ano e 6 meses. Foi demitido devido a problemas com a chefia. Recebeu o dinheiro do fundo de garantia e seguro desemprego durante 4 meses, quando se empregou em outro supermercado da rede Multimarket na mesma função de repositor. Exerceu essa função no primeiro ano, sendo promovido a chefe de mercearia e depois a subgerente, totalizando 3 anos e meio nesta empresa. Saiu de lá, pois a empresa faliu.

Luiz refere não ter tido dificuldades em empregar-se novamente. Foi admitido como salgador em outro mercado de bairro. Ele era responsável pelo setor de carnes salgadas. Ele atesta ter reorganizado e limpado todo o setor. No momento em que ele considerou ter estruturado a área de sua responsabilidade, ele foi transferido para fazer o mesmo em outro mercado da rede. No entanto, este último ficava não apenas muito distante, como também em uma área de risco. No primeiro dia de trabalho na nova loja, houve um confronto entre policiais e traficantes e decidiu por não mais trabalhar lá. Tentou negociar com a chefia seu retorno, e frente a negativa solicitou que o demitissem, o que também foi negado, forçando-o a pedir demissão.

Trabalhou por dois meses como autônomo fazendo obras e logo foi chamado para a vaga de subgerente em um supermercado do Rede Economia. Um amigo foi promovido a gerente e o convidou para ocupar esta vaga, a qual prontamente aceitou, porém ficou apenas três meses. Atribuiu sua demissão à intrigas dentro do trabalho e problemas com a chefia, as quais se coloca com injustiçado. A partir daí, relata diversas passagens em supermercados, sempre em um padrão de pouco tempo de serviço e problemas com a chefia.

Seu último emprego foi em um supermercado de bairro próximo a sua casa, onde trabalhou por seis meses como responsável pelo hortifruti. Foi a indicação de um amigo que

trabalhava como supervisor. Esporadicamente ele ajudava esse amigo cobrindo a ausência de algum funcionário no estoque recebendo a descarga das mercadorias, logo depois assumiu a função de conferente e começaram os problemas. Descobriu alguns esquemas de desvio de mercadorias, e segundo ele, começou a receber ameaças. Pediu demissão devido ao incômodo com essa situação somado às dificuldades físicas com o excesso de peso. Ele já apresentava muita dificuldade para se locomover e sua tarefa exigia que andasse muito, ficasse muito tempo em pé e que usasse sapatos fechados. O excesso de peso e os problemas circulatórios o faziam sentir fortes dores e aumentavam o inchaço das pernas. Optou por pedir demissão e cuidar da saúde. Deu entrada também na solicitação de avaliação da perícia pelo INSS e está aguardando ser chamado. Acredita que teria direito de receber auxílio doença e que isso lhe daria possibilidades de “descansar” e cuidar da saúde. Atualmente a renda da casa é o salário da esposa que é operadora de caixa de supermercado e não recebe ajuda de parentes, amigos ou instituições religiosas.

Em relação ao seu peso, considera que ele nunca havia sido um problema na sua vida laborativa até poucos anos atrás. Sua mãe era obesa grau III e devido aos hábitos familiares (refeições em grandes quantidades e muito gordurosas) ele sempre apresentou sobrepeso, que aumentou levando a uma condição de obesidade moderada. Por volta dos 20 anos começou a beber com maior frequência e quantidade. Saía frequentemente com os amigos para festas e churrascos, o que contribuiu para o aumento progressivo do seu peso. Foi devido ao agravamento da situação de saúde de sua mãe, que ele passou a se “revoltar”, como chama, por achar que a quantidade de ingestão de alimentos que sua mãe tinha não justificava o seu ganho de peso. A forte identificação com sua mãe o fez, de forma distorcida, comer “exageradamente” como um teste. Para ele, era importante saber o que aconteceria. Chegou aos 98 kg, e segundo ele, verificando associação entre comer muito e engordar, fez com que buscasse tratamento para a mãe de forma a investigar os motivos que a levavam a ganhar peso. Além de todos os aspectos relacionados ao estilo de vida, ela apresentava uma alteração hormonal devido a um cisto na tireoide, o que também contribuiu para o seu ganho de peso. Nesse momento, ela já mostrava uma série de complicações, inclusive trombose, e veio a óbito há cinco anos devido a uma embolia cerebral. O falecimento materno foi o segundo marco para o seu ganho de peso de forma exponencial, engordando 60 kg nesse intervalo de tempo.

Antes de chegar aos 100kg já se percebia mais cansado e com menos disposição para realizar as atividades laborativas, apesar de se descrever como muito esforçado. Não considera que o peso tivesse sido um impeditivo para que trabalhasse, mas admite que o

ganho excessivo dificultou suas atividades e o inchaço das pernas começou a se mostrar como um elemento negativo nesse processo. Este é o momento em que refere ter considerado um problema em sua vida. Ele estima que a obesidade hoje é um aspecto que dificulta seu retorno ao trabalho. Chega a dizer que nunca o aceitariam nessas condições em uma empresa grande. Inclusive seus últimos vínculos empregatícios foram todos em supermercados menores, o que ele chama de supermercado de bairro e em grande parte por indicação. Para ele essa seria a única forma de conseguir atualmente um emprego: contar com amigos que o indiquem para alguma vaga em um comércio de menor porte.

### **5.1.7 Marilene**

Marilene tem hoje 58 anos e atualmente mora com um neto. Seus pais são falecidos tem 13 irmãos, sendo 3 já falecidos. Sua história familiar é bastante conflituosa devido alcoolismo do pai e a agressividade decorrente do uso excessivo de álcool. O padrão conflituoso persistiu ao longo de sua trajetória de vida.

Ela estudou até o 5º ano do ensino fundamental, interrompendo aos 13 anos quando começou a trabalhar. Seus pais foram completamente contrários a que ela abandonasse seus estudos. Ela conta inclusive que levou uma grande surra por tê-lo feito. Sua mãe era analfabeta, mas fazia questão que os filhos estudassem para que tivessem melhores oportunidades na vida. Quanto ao seu pai, Marilene desconhece sua escolaridade, apenas menciona que ele tinha uma bela caligrafia. O relacionamento com ele não era bom. O alcoolismo e a agressividade geravam grandes conflitos em casa. Ela guarda muita mágoa do fato dele ter dado para outros criarem alguns dos seus irmãos e ela própria aos seus 11 anos. Ela foi dada a um casal, porém não aceitou ficar lá e foi devolvida antes de completar um ano. A hipótese que ela criou para si foi a de que seu pai não gostava de trabalhar, não sustentava a casa e todos aqueles filhos traziam muitos gastos. Isso fez com que tomasse a decisão de distribuí-los. Sua mãe não apoiou sua atitude, mas pouco pôde fazer para impedi-lo.

Marilene sempre viu sua mãe trabalhar muito lavando roupas e como diarista para sustentá-los e pensava que trabalhar seria uma forma de ajudá-la e ao mesmo tempo ter acesso aos objetos de seu interesse: comida e produtos e serviços de beleza. Algo que favoreceu também para que abandonasse o colégio, eram as dificuldades com as disciplinas que levaram a que repetisse um ano e também o fato de estar acima do peso e os outros alunos implicarem com ela. Até seus 10 anos era “gordinha”, emagrecendo depois.

Aos 13 anos, pouco tempo depois de ter voltado para a casa dos pais, começou a trabalhar em uma casa como doméstica por indicação de uma conhecida. Era um casal recém-casado e a mulher estava grávida. Para Marilene, trabalhar lá era uma grande brincadeira. Sua patroa tinha 18 anos e lhe dava muita atenção, incentivava sua vaidade, fazendo suas sobrancelhas e lhe dava esmaltes e cremes. Essa configuração mudou quando o bebê nasceu. Marilene reconhece sua imaturidade e nomeia como ciúmes o fato de ter pedido demissão. Ela ficou um tempo afastada do trabalho. Considerava que financeiramente estava mais tranquilo em casa. Seu pai estava trabalhando informalmente, sua mãe continuava lavando roupas para fora e com o trabalho de diarista e, parte das irmãs também trabalhava. Chegou a fazer alguns trabalhos esporádicos, mas não muitos. Voltou a trabalhar em casa de família aos 17 anos, também por indicação de uma conhecida. Nesse período, seus pais se separaram e ele voltou para o nordeste e sua mãe pouco tempo depois casou de novo.

No ano seguinte, aos 18 anos ela engravidou do pai da filha mais velha. Por conta dessa gestação foram morar juntos. A família dela pressionou para que ele a assumisse. Ela parou de trabalhar pouco antes da bebê nascer. No entanto, ela diz que ele era muito irresponsável, não gostava de trabalhar e passavam por graves restrições financeiras. Frente a este quadro, optou por iniciar a vida laborativa como forma de ter um retorno financeiro e poder dar melhores condições à sua filha. Passou então a trabalhar com faxinas até engravidar de sua 2ª filha, quando passou a trabalhar como manicure. Seu marido costumava pegar seu dinheiro e gastar com bebida, o que a deixava muito irritada. Acabou engravidando do 3º filho e quando ele completou 8 meses, decidiu se separar, voltando para a casa da mãe.

Voltou a trabalhar em casa de família, no entanto, por pouco tempo. Ela considera ter sido dispensada desse trabalho por ter começado a namorar um rapaz negro. Ela engravidou pela 4ª vez e quando sua filha estava com 9 meses de idade, eles se casaram, separando-se 2 meses depois. Conta que ele era viciado em cocaína e que discutiam muito. Houve um episódio de quase agressão, seu padrasto impediu que acontecesse e esse foi o limite do relacionamento. Apesar de tudo isso, ele a ajudava financeiramente. Mesmo separados de corpos, ele achava que ela não devia trabalhar, sendo casada “no papel”, ele provia suas necessidades.

Depois desse relacionamento, seu cunhado a assediava com frequência e na primeira relação sexual que tiveram, engravidou. Foi um grande transtorno quando sua irmã descobriu, mas logo depois ela faleceu, tinha sido diagnosticada com câncer no útero. Ele já mantinha relacionamento com outra mulher, a quem acusa de ter feito “macumba” para ela e sua

família. Ela continuou tendo um caso com ele e novamente engravidou da caçula. O cunhado ajudava na manutenção das necessidades dos filhos.

Quanto ao marido, ele continuava pagando suas contas. A justificativa dele é que eles tinham uma filha em comum e ele achava que ela devia estar presente para educar a ela e aos outros filhos. Ele sempre fez questão de ser o grande provedor e não gostava que os pais das outras crianças participassem, nem mesmo pagassem pensão. Inclusive foi ele quem registrou a filha caçula de Marilene, que veio a óbito com apenas dois meses de vida. Pouco tempo depois engravidou novamente desse marido “no papel”.

Ela estava morando no mesmo quintal da sua mãe, mas os conflitos eram grandes, mesmo elas não dividindo a mesma casa. A solução que encontrou foi trabalhar para se afastar daquele ambiente. Retornou ao trabalho em casa de família e se mudou para a casa de uma irmã para um bairro da zona oeste do Rio de Janeiro como forma também de fugir desse cunhado. O relacionamento com o marido não deu certo novamente. Ele continuava usando drogas e álcool. Depois disso, voltou a se relacionar com o primeiro marido, engravidando da caçula. O relacionamento não foi adiante devido ao excesso de álcool e agressividade. Ela optou por fazer ligadura de trompas e nunca mais se relacionou com outro homem.

Quando sua caçula estava com dois anos conseguiu seu primeiro emprego de carteira assinada, trabalhando como auxiliar de serviços gerais em uma firma. Foi indicação de uma vizinha. Passou por diversos lugares: escolas, hospitais, estações de trem. Chegou a ser promovida a encarregada. Narra conflitos com chefias que contribuíram para essas transferências. Ao mesmo tempo diz que foi muito querida em lugares por onde trabalhou e isso impediu que fosse demitida algumas vezes por insubordinação.

Parou de trabalhar em 2001, ano em que seu marido “no papel” faleceu, deixando uma pensão. Conta que no ano anterior estava sofrendo perseguição de uma chefe e fala com pesar de ter sido acusada de roubo de material. Nega o fato e sofre com a vergonha da acusação. Passou a cuidar apenas da casa com os trabalhos domésticos que consegue realizar.

Refere nunca ter sido magra. Desenvolveu “corpo” cedo, vestindo manequim 42 já na adolescência. Suas gestações contribuíram para o seu ganho de peso e o falecimento de alguns familiares também marcam os períodos de ganho expressivo. Seu peso não era uma questão até ter sido recusada numa entrevista de emprego com o argumento de que não caberia no uniforme. Refere ter passado por essa situação algumas vezes. Ser confrontada ao fato de um uniforme manequim 46 não lhe caber, trouxe sofrimento e alimentou um sentimento de inutilidade. Sua forma de se adequar foi a de procurar antigos empregadores que conheciam o

seu serviço para que pudessem lhe recomendar. Assim que financeiramente foi possível ela interrompeu a procura por empregos e manteve um ganho progressivo de peso.

### **5.1.8 Helena**

Helena tem 44 anos e mora atualmente com seus pais. Possui um irmão mais velho, o qual chama de irresponsável e de quem guarda certo rancor por ter se afastado da família. Sua mãe faleceu quando era muito pequena, tinha apenas 1 ano de idade. Ela teve um tumor cerebral e era jovem. Seu pai teve um novo relacionamento e sua esposa, a quem ela se refere como mãe, ajudou a criá-la desde os seus 5 anos. Refere um relacionamento maravilhoso com ela.

Helena diz que sempre recebeu um forte investimento paterno na questão dos estudos. Ele teve uma história difícil. Seu pai faleceu quando ele tinha 10 anos, sua mãe sempre trabalhou muito para sustentar os 10 filhos e por isso, ele foi impelido a parar de estudar para trabalhar aos 14 anos. Devido às dificuldades pelas quais passou, tentou ao máximo poupar os filhos de viverem o mesmo. Por isso, sempre incentivou que estudassem muito. Helena se apropriou desse investimento e apresenta um percurso educacional sem queixas ou dificuldades até o ensino médio. Ela fez formação de professores e entre estágio e empregos, trabalhou 5 anos com educação infantil.

Quando decidiu trabalhar, seu pai foi contra, pois ela começou a fazer um ano adicional à formação de professores, voltada para alfabetização. Para ele, essas eram etapas distintas e que ela deveria terminar seus estudos para apenas depois iniciar a vida laboral. Ela sustentou sua posição por entender que era necessário aumentar sua autonomia e independência. Esse também era um momento de restrições financeiras, pois seu pai havia saído de um emprego na empresa Cisper depois de 20 anos, faltavam apenas 2 anos para se aposentar. Sua mãe também não trabalhava e contavam apenas com a ajuda de uma tia paterna.

Seu primeiro emprego foi aos 18 anos, em uma escola em Irajá, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, por indicação de uma amiga de turma que já trabalhava lá. Ela passou em 3 escolas nesse período de 5 anos, sendo que apenas a última lhe proporcionava a segurança da carteira de trabalho assinada. Na primeira, trabalhava muito, a estrutura que a escola oferecia era precária, além de ser desorganizada. Aumentaram os conflitos com a diretora e acabou pedindo demissão. Foi novamente indicada para outra escola, que ficava em Vicente de Carvalho, outro bairro da zona norte do Rio de Janeiro. Aceitou a proposta, pois considerava a

experiência importante. Tinha preocupações devido à segurança, pois era muito próxima de uma comunidade bastante violenta daquela área, o Morro do Juramento.

Aos 20 anos sofreu um acidente de carro com um namorado seu, ficou bastante ferida. Ficou hospitalizada algumas vezes ao longo do ano subsequente. Teve problemas na coluna e na perna direita. Passou quase um ano sem poder andar. Aponta esse momento de sua vida como referência para um ganho expressivo de peso, em uma média de 20kg, referindo a diminuição da atividade. Levou mais de um ano para retornar à sala de aula. Também por indicação, assumiu duas turmas em uma escola no bairro de Marechal Hermes. No entanto, abandonou o magistério, pois já estava apresentando alterações importantes de humor devido ao uso de anfetaminas que estava tomando para emagrecer. Considerava estar se alterando com as crianças, apesar de ser um trabalho que gostava bastante. Justamente por isso, optou por se afastar. Além disso, sendo recém-formada, recebia pouco e atrasado, o que aponta como decepção. Nesse período, também prestou concurso e viu que sua colocação caiu devido também à sua idade, outros candidatos com a mesma pontuação, segundo os critérios estabelecidos em edital, tinham prioridade para serem convocados por serem mais velhos que ela.

Helena começou a namorar no período em que ainda estava nessa escola e foi um relacionamento importante, porém bastante desgastante. Sentia-se muito sufocada e após 4 anos ela propôs que se separassem. Esse também foi um período marcante no que diz respeito ao seu ganho de peso, ela começou novamente a usar medicação, porém sentia todos os efeitos colaterais referentes ao uso de anfetaminas. Interrompia o uso quando atingia o corpo que queria, sempre com reganho posterior, o que refere ser quase o dobro. Descreve uma situação, ao seu ver, constrangedora em que seu namorado fazendo o pedido em um restaurante falou para o garçom: *“então moço, está vendo como ela está gordinha?! Ela está grávida e com desejo. Vê se adianta para a gente?!”*. Essa frase, apesar de não ter sido usada como o insulto, foi tomada assim por ela. A consequência disso foi sentir-se envergonhada por seu corpo, o que afetou muito a sua vida sexual. Ela atesta ter depositado na comida boa parte das suas frustrações e verbaliza de forma clara que a sua compulsão alimentar serviu para se defender dos homens, que para ela vão lhe magoar. Diz que mulher gordinha nenhum homem quer, dificilmente vai ser olhada e paquerada a não ser que esse outro já a conheça e reconheça outras qualidades que tem.

Após o término, ele se manteve muito próximo enquanto amigo da família. Eles ainda continuaram saindo sem compromisso por mais ou menos dois anos. Até que ela resolveu dar uma basta final. Nessa época já havia abandonado o magistério, passando a trabalhar na área

administrativa por indicação de um primo. Seu primeiro emprego como auxiliar administrativo apareceu enquanto ainda recebia o seguro desemprego e solicitou que a empresa não assinasse sua carteira naquele momento. No entanto, a empresa logo faliu e ela foi dispensada. Diz que um dos grandes arrependimentos que tem é ter trabalhado tanto tempo sem registro em carteira. Valoriza a segurança, a estabilidade e a importância disso para aposentadoria futura.

Saindo de lá, através de anúncio em jornal, passou por uma seleção para uma empresa de manutenção de balanças, localizada no bairro da Penha. Gostava muito do trabalho desenvolvido e destaca o relacionamento com os colegas de trabalho. Infelizmente, ficou apenas um ano. Diz que havia problemas internos com os próprios sócios. Isso se refletia nas cobranças feitas aos funcionários. Houve episódio em que ouvia da chefe que eles “*deviam dar o sangue pela empresa*” e a isso ela respondeu: “*então eu devo estar anêmica*”. Depois disso, ela foi demitida. Pouco tempo depois ela foi chamada para voltar a trabalhar lá como reconhecimento do seu trabalho. A sua ausência refletiu nos números da empresa. Ela aceitou retornar, pois estava desempregada e precisava de dinheiro, porém não perdeu de vista a procura por outras e novas oportunidades. Assim que surgiu, saiu de lá e assumiu um cargo em uma empresa no Centro.

Helena nunca fez nenhuma capacitação na área administrativa ou financeira. Diz apenas que apresenta facilidade na aprendizagem e normalmente é muito interessada em aprender. Isso fez com que exercesse e dominasse diversas atividades em um mesmo local. Destaca sua polivalência e sabe que essa é uma característica valorizada pelos empregadores. Ela agradece ao fato de ter encontrado na sua trajetória pessoas com disposição e boa vontade para ensiná-la. Ela se apoia, portanto, na experiência de trabalho quando se apresenta nas entrevistas de emprego.

Vale destacar que ela refere ganho de muito peso pelo fato de trabalhar em escritório. Passa muitas horas do dia sentada. Tem um processo de trabalho exigente e corrido que tem implicações nos horários e na qualidade do que come. Diz que aumentou a frequência de comportamento beliscador, resultando em um grande ganho de peso para ela. Seu trabalho na empresa incluía o lançamento dos pedidos de linha dos planos-empresa dessa operadora telefônica. Diz que era recorrente chegar às 8h da manhã e ainda estar na empresa às 23h, principalmente em período de fechamento de mês, ou mesmo quando o sistema ficava fora do ar. Eram situações fora do controle em que não podia planejar sua alimentação. E o fato é que naquele momento também não era uma questão para ela. Os funcionários normalmente faziam

pedido de *fast food*, pizza e refrigerante e esta foi a base de sua alimentação por um bom tempo.

Nesse momento, ela tinha 33 anos, voltou a fazer uso de medicação, emagreceu e conheceu seu marido com quem morou por 4 anos. Novamente o reganho veio e com o agravo de seu companheiro trabalhar com comida. Ele trabalhava em uma empresa de fabricação de massas e depois de um tempo resolveu abrir seu próprio negócio as fabricando em casa. Começou a vender no bairro e depois passou a fornecer massas frescas para um restaurante no Centro do Rio de Janeiro. Ela fazia as entregas antes de ir para o trabalho. E quando voltava auxiliava também no preparo. Foi um período bastante desgastante em termos de trabalho. Seu relacionamento terminou devido à uma traição do marido, a qual não perdoou.

Não se relacionou com mais ninguém depois dele. A partir daí ela diz que se abandonou, foi tomada por um humor deprimido, que junto com a gordura lhe afastou da vida social. Depois de ter trabalhado na VIVO, onde foi dispensada por redução do quadro de funcionários, passou para um sindicato, em que a grande maioria dos colegas de trabalho eram mulheres e casadas, o que a entristecia, lembrando-a de que seus relacionamentos não deram certo. Também foi demitida com a justificativa de redução de custos.

Para ela, a obesidade não foi necessariamente um impeditivo para que conseguisse um emprego, mas reconhece que aumenta as dificuldades. Relata situações em que entregou currículos e atribui ao seu peso e à aparência os motivos da não contratação. Menciona um julgamento no olhar de algumas pessoas e, neste caso, de entrevistadores que eliminam do processo pessoas que se apresentam acima do peso. Já houve casos de ter sido perguntada diretamente sobre como ela se sentia em relação ao seu peso. Ela admite que a obesidade de fato lhe trouxe um maior cansaço, maior inchaço nos membros inferiores, menor disposição para executar suas atividades. Ela reconhece que o processo de indicação funcionava muito bem para sua admissão nesses empregos.

Helena ficou alguns meses desempregada e focou seus esforços na saúde de seu pai, que está atualmente debilitada, porém, há um mês voltou a trabalhar na parte administrativa de outra empresa de manutenção de balanças próximo à sua casa. Está satisfeita de ter retornado ao trabalho. Ela refere um bem-estar estando integrada ao mundo do trabalho.

### **5.1.9 Alana**

Alana tem 41 anos. É casada há mais de vinte anos e nesse percurso teve 7 filhos. Ela é a terceira filha em uma prole de cinco filhos. Seus pais são ambos vivos, porém separados desde os 10 anos de Alana. Após a separação, seu pai teve um novo relacionamento e dele teve outro filho. Descreve seu pai como uma figura sempre presente e participativa. Ele não apenas continuava suprimindo as necessidades da casa como também foi participativo na criação e educação dela e dos irmãos.

Alana começou a trabalhar aos 13 anos como doméstica, em “*casa de família*”. Seus pais trabalhavam na época. Sua mãe era doméstica com registro em carteira de trabalho, enquanto seu pai era gari pela COMLURB. Seus dois irmãos mais velhos já trabalhavam, iniciando aos 15 anos de idade. Alana não refere cobranças por parte dos pais, mas conta que foi apoiada nas suas escolhas. Para ela, não havia necessidade financeira. Ela descreve a escolha de trabalhar cedo como uma opção pessoal de busca por maior autonomia e independência.

Algumas amigas do colégio apresentavam interesse por trabalhar, o que gerou nela essa expectativa de um emprego. Costumavam se apresentar às seleções para vagas em fábricas e observou que suas amigas eram chamadas e ela não. Nesse período já sofria com o excesso de peso, de forma que já não encontrava roupas que lhe coubessem e sua mãe aprendeu a costurar para pudesse ter acesso a roupas “*para a sua idade*” e se sentir menos excluída. Pensa que o peso lhe atrapalhava para ser aceita nos cargos para os quais se inscrevia, visto que suas amigas eram facilmente contratadas. Depois de muitas negativas aceitou trabalhar como doméstica por indicação de uma amiga de sua mãe, onde ficou por dois anos. Gostava do serviço que fazia, bem como do ambiente. Porém o fato de não ter registro em carteira, fez com que desse preferência a um emprego em uma fábrica de roupas, para o qual sua tia lhe indicou e foi aceita. A ideia da carteira de trabalho assinada, assim como seus pais tinham, era muito valorizada por ela, pois atribui a ela um sentimento maior de segurança.

Alana ficou 5 anos nessa fábrica. Ela começou como arremateira, depois separadeira, e em seguida a chefe a promoveu para auxiliar, onde ela ordenava as tarefas na produção. Ali, aprendeu a costurar nas horas vagas. Em geral, esteve satisfeita neste emprego. Pediu demissão depois da primeira gestação, pois não tinha quem cuidasse da sua primogênita para que trabalhasse. Sua mãe e seu marido a incentivaram a sair de lá. Ela conta que se inscreveu em um curso de corte e costura gratuito de 4 meses depois que saiu de lá. Mas não praticou na época.

Esporadicamente, ela trabalhava por conta própria fazendo e vendendo bolos e doces. Essa atividade contribuiu ainda mais para o seu ganho de peso e para o desenvolvimento do diabetes *mellitus*, visto que consumia o que produzia. Diminuiu essa atividade quando soube do diagnóstico de diabetes. E atualmente raramente aceita encomendas. Durante seu acompanhamento do CRO, ela apresentou perda de 23 kg, o que representou mudanças importantes na sua vida. Estas incluem a realização de atividades antes impedidas como calçar um par de tênis ou realizar higiene dos pés, mas também na forma de se vestir, cuidar dos cabelos e principalmente na construção de outros projetos. Nesse contexto, ela aceitou ajudar uma amiga que costurava para uma facção de roupas. Os pedidos aumentaram e ela estava com dificuldades para entregar as roupas no prazo. Alana aceitou trabalhar com ela recebendo pouco menos de 1 salário mínimo por mês. Ficou nessa atividade apenas 3 meses. Seu marido sempre se posicionou como o grande provedor da casa e nunca a incentivou a voltar a trabalhar fora. Este processo de voltar a trabalhar gerou alguns conflitos no casamento e a forma que seu marido encontrou para amenizar a situação foi presenteá-la com duas máquinas de costura. Sendo assim, continuou trabalhando, porém em casa. Em dezembro se viu obrigada a interromper novamente suas atividades, pois na enchente que houve em dezembro de 2013 alagou sua casa e a fez perder móveis, eletrodomésticos e também, suas máquinas de costura.

Seu marido se ofereceu a comprar outras novas. No entanto, ela reluta justificando haver necessidades prioritárias como terminar as obras da casa. Admite que o real motivo é, na verdade, não comprar as máquinas, pois não gostaria mais de vincular seu trabalho à sua casa. Ela prefere sair, conhecer outras pessoas, ser mais independente, ter mais liberdade. É à serviço disso que, para ela, o trabalho está.

#### **5.1.10 Gilson**

Gilson tem 42 anos, é casado há 26, possui 4 filhos e 1 Neto. É o penúltimo de uma prole de 07 filhos. Seu pai faleceu aos 33 anos após ter sofrido um AVC. Ele era o provedor da casa. Trabalhava como motorista de ônibus, enquanto a mãe de Gilson cuidava da casa e dos filhos. Ela, atualmente recém-falecida, começou a trabalhar após ter ficado viúva. Exercia a atividade de auxiliar de serviços gerais. A renda da casa era composta de seu salário, a pensão deixada pelo pai de Gilson e a aposentadoria da avó paterna. Seus dois irmãos mais velhos também trabalhavam com pequenos biscates e na feira de domingo.

Para Gilson, era comum ver crianças desde cedo recebendo um pequeno valor em dinheiro ao executar tarefas como varrer quintal, capinar terrenos etc. Referia fortes restrições financeiras em casa e, por isso, diz ter começado a trabalhar cedo, assim como seus irmãos. Em relação a sua mãe e avó, ele nega qualquer incentivo direto ao trabalho. Era incentivado a estudar. Ele deposita em si próprio um ímpeto ao trabalho. Refere ter pedido para acompanhar e aprender a consertar bicicletas numa oficina próxima a sua casa. Fez um combinado de que ao sair do colégio passaria o turno da tarde ajudando na oficina. Sua mãe, que trabalhava fora, pouco acompanhou essa trajetória. Sua avó, mais presente, ficava satisfeita, pois julgava melhor estar trabalhando a ficar ocioso na rua. Pouco tempo depois passou a receber um valor semanal pelo trabalho. Aos 13 anos ele deixou a oficina para trabalhar numa sorveteria/lanchonete de propriedade da tia de um amigo. Ele buscava outras atividades que fossem melhor remuneradas ou que oferecessem carteira de trabalho assinada. Assim o foi nesse posto na sorveteria/ lanchonete. Ficou 3 meses em experiência e só depois teve sua carteira de trabalho assinada. Durante o tempo que ficou lá, desenvolveu diversas tarefas, desde a preparação dos lanches até o trabalho de atendimento no balcão. Esse período foi mais difícil para conciliar trabalho e estudo. Trocou o turno na escola algumas vezes e ficou reprovado em dois anos.

Gilson saiu desse emprego quando se alistou aos 17 anos. Serviu na aeronáutica, permanecendo lá por 7 anos. Nesse período interrompeu seus estudos não concluindo o ensino médio. Saiu da aeronáutica numa demissão coletiva de 3000 funcionários. Durante seus 7 anos lá, exerceu diferentes atividades e fez diversos cursos de capacitação. Começou com serviços gerais e, em pouco tempo, após ter feito cursos de digitação e de secretariado, passou a trabalhar no hospital da aeronáutica na área de faturamento. Tinha bom relacionamento com os outros funcionários e em especial com o coronel, a quem atribui ter lhe dado liberdade para solicitar em seu nome tudo o que precisasse, incluindo alimentos e lanches à cozinha.

Antes de sair de lá já apresentava problemas nas articulações, tendinite, devido a sua atividade. Por conta disso, buscou trabalho como segurança, pela disponibilidade e praticidade. O fato de ter servido tantos anos no serviço militar lhe facilitou o acesso e em menos de 20 dias já estava empregado numa loja da rede Carrefour. Apesar de ter ficado 2 anos nesse emprego, este não lhe agradava. Diz que trabalhava muitas horas, em horários diversos, sentia-se preso e cansado. Pediu demissão e se voltou para a construção civil. Usou os conhecimentos técnicos aprendidos nos cursos do período da aeronáutica e começou a trabalhar como eletricitista. Diz que sua curiosidade e interesse facilitavam seu aprendizado

prático e seu percurso sugere que era reconhecido por isso, visto que mudava de função e melhorava sua renda, mantendo vínculo empregatício com a mesma empresa.

Ele ficou desempregado por 7 meses em 2003 e nesse período trabalhou como autônomo. Ele acredita que a autonomia lhe dava uma renda maior, porém era mais instável. Acabou optando pela segurança de emprego formal. Há 16 anos está empregado na mesma empresa, tendo exercido nela diversas funções. Sofreu um acidente em 2007. Caiu de uma escada e fez uma grande lesão no joelho direito. Ficou afastado pelo INSS por 3 anos. Descreve o período como difícil tanto físico como emocionalmente. Mesmo afastado formalmente do trabalho, refere ter recebido a proposta de continuar exercendo sua função. Quanto a isso, recebia o valor do auxílio-doença fornecido pela Previdência Social e a empresa continuava lhe pagando um salário – extraoficialmente – para que fiscalizasse as obras em andamento. Diz que isso foi mediado pelo engenheiro responsável que confiava em seu trabalho. Para viabilizar esse arranjo, esse engenheiro chefe enviava alguém para busca-lo e leva-lo em casa todos os dias. E os outros funcionários deveriam cumprir suas solicitações, inclusive as de ir comprar “comida” para ele.

Em relação ao seu peso e ao processo de ganho, ele não refere maiores preocupações e/ ou incômodos, salvo as dores, principalmente no joelho machucado. Ele nega ter tido sobrepeso ou obesidade na infância. Mas reconhece que o trabalho contribuiu para o seu aumento. O trabalho na lanchonete lhe dava muita liberdade com comida e foi um marco para uma piora importante na alimentação. Passou a consumir com muita frequência e em grandes quantidades, lanches, salgados e sorvetes como substitutos de refeições. O ganho de peso não foi expressivo, porque se considerava muito ativo. Ele frequentava academia e jogava futebol.

O trabalho na aeronáutica também lhe dava o que chama de liberdade com a comida. Conta que telefonava para a cozinha/ refeitório e levavam à administração tudo o que solicitasse, pois o fazia em nome do coronel. Sendo assim, passava o dia comendo e bebendo refrigerante enquanto trabalhava. Como a atividade física era limitada, seu ganho de peso ficou mais visível, chegando a pesar 115kg quando saiu de lá, sendo que pesava 76kg quando entrou. Seguindo com o trabalho no Carrefour, refere liberdade no consumo de alimentos com a justificativa de que o mercado acreditava ser melhor disponibilizar produtos a que eles fossem roubados pelos funcionários. Em outro momento menciona que à noite, os funcionários se aproveitavam para consumir produtos, preparar refeições e consumir bebidas na loja sem autorização.

Outro grande marco no seu ganho de peso foi seu acidente. Era muito ativo e ficar sem andar foi vivido como uma mutilação. O tempo que passou em casa foi praticamente

preenchido pela comida. E quando mesmo afastado trabalhava, iam buscá-lo e ele coordenava a obra sentado e sempre tinha alguém que levava ou a quem ele pedia para comprar comida e lhe servia. Chegou a pesar 167 kg. Devido à gravidade do problema no joelho, a necessidade de realizar exames e cirurgia, foi-lhe exigido que perdesse peso. Fez uma grande restrição alimentar perdendo 40kg. Assim que se sentiu liberado de cumprir essa exigência voltou a ter reganho de peso.

A bebida alcoólica passou a ser também mais frequente e em maior quantidade. Chegou a diminuir por uma preocupação com a saúde. Porém não conseguiu manter a diminuição e houve piora exponencial após falecimento de sua mãe.

Sua esposa começou a trabalhar há pouco tempo. Ele diz que não se importa com isso, mas sua postura corporal denuncia o contrário. O pouco que diz sobre isso é que ele não acha que haveria necessidade, pois ele provê a casa. A busca por trabalho, segundo ele, foi orientação médica após o falecimento da mãe dela, seria uma forma de se ocupar. Seus filhos também não trabalham, apenas estudam. O argumento que ele usa novamente remonta à necessidade, ou melhor, à falta dela, fazendo um contraponto com a necessidade que percebia quando ele era jovem.

#### **5.1.11 Antônio**

Antônio tem 43 anos, é casado há 14 anos e tem desse relacionamento uma filha. Sua esposa engravidou há pouco tempo, porém sofreu um aborto espontâneo. Ele é o filho caçula, mas atesta ter assumido a responsabilidade pela casa desde adolescente, frente ao adoecimento do pai. Antônio costumava acompanhá-lo no trabalho de marceneiro desde seus cinco anos, ajudando-o segundo as orientações que recebia. Inicialmente buscava e ajudava a guardar ferramentas. Com o tempo passou a ajudar a envernizar e nos acabamentos. Parece ter se apropriado dos conhecimentos que adquiriu para fazer brinquedos e presentes, aprimorou a técnica e esteve mais atento aos detalhes, ganhando paulatinamente mais responsabilidades e recebendo uma pequena quantia por isso.

Ele não atribui a esse dinheiro recebido o valor de um salário. Ele só passa a designar dessa forma o dinheiro recebido, quando seu pai adocece. Devido a um coágulo no cérebro ele sofreu dois AVC's. Seu pai levou quase dois anos para se recuperar e com isso ficou afastado da marcenaria. Esse acontecimento reestruturou a dinâmica da casa. A irmã mais velha de Antônio começou a trabalhar como promotora de vendas de uma bandeira de cartão de crédito, sua mãe começou a trabalhar como auxiliar de serviços gerais num hospital e Antônio

assumiu a marcenaria, finalizando as encomendas já existentes. Aos dezesseis anos dirigia mesmo sem habilitação para fiscalizar as obras. Tomou a iniciativa de vender o carro e comprar outro mais antigo, penhorar a linha telefônica, que na época custava dinheiro, para poder manter as despesas da casa, o pagamento do terreno onde a marcenaria funcionava e parte dos custos do tratamento de seu pai.

Terminadas as encomendas, optou por fechar a marcenaria. Iniciou buscas de emprego via anúncios no jornal e começou a trabalhar como manobrista de carros numa agência de automóveis. Foram oito meses nessa função. Recebia um salário mínimo, mas não tinha a carteira de trabalho assinada, nem recebia o adicional de transporte. Fazia uma carga horária estendida sem receber hora extra e que também atrapalhava seus estudos. Saiu de lá quando conseguiu uma vaga de ajudante numa oficina mecânica. Usou os conhecimentos que aprendeu na concessionária e os aprimorou na oficina nas atividades de lanternagem e pintura. Após pouco mais de um ano, aceitou a indicação de um vizinho para trabalhar na fábrica da Hermes, pois a contratação era formal, diferentemente das suas atividades anteriores. Nos quase quatro anos de trabalho lá, exerceu diversas funções e recebeu promoções. Iniciou como auxiliar de expedição, passando pelo setor de embrulho, maquinista, chegando ao cargo de conferente. Em 93 sofreu um acidente de trabalho, cortou a mão. Ficou afastado por 15 dias e quando voltou, sua destreza já não era a mesma e não conseguia acompanhar a velocidade de produção. Foi trocado de setor, onde tinha a função de colocar “bolhas de ar” nas caixas. Como não conseguia manter a agilidade exigida para a função e já tinha um salário mais alto do que a função que exercia, foi demitido um ano depois.

Ficou poucos meses desempregado e amadureceu junto a seu pai a ideia de voltar a trabalhar com marcenaria. Seu pai tinha voltado a trabalhar numa empresa onde ele já havia sido empregado na década de 80 e propôs a Antônio que ele assumisse novamente a marcenaria. Durante 3 anos, ele respondeu por todo o trabalho e gerência da marcenaria. O acordo era que seu pai terceirizaria parte do serviço de marcenaria do seu trabalho para o filho e receberia por isso uma comissão. Nesse período, Antônio não fez nenhuma contribuição ao INSS. Conta que com o surgimento e a ampliação de lojas de móveis que facilitavam o pagamento com parcelamentos menores, fez cair as encomendas recebidas, tornando difícil a manutenção dessa marcenaria. Ele passou então a trabalhar na mesma empresa que seu pai. Entrou como encarregado e foi sendo promovido nas funções, porém sem mudanças salariais. A falta de reconhecimento gerou um descontentamento, somado ao fato de ter descoberto que não depositavam seu fundo de garantia como deviam. Ele abriu um processo contra a empresa e logo depois saiu de lá. Ficou empregado durante oito meses numa outra empresa, porém por

desvios de dinheiro, a mesma faliu. Voltou a buscar emprego no jornal e se candidatou a uma empresa de móveis concorrente e lá ficou por mais 8 anos. Em 2012 a empresa iniciou um processo de redução de custos, demitindo empregados, mudando-se de endereço para um espaço menor e essas mudanças culminaram com a sua saída de lá. Segundo Antônio só havia espaço para um marceneiro e seu companheiro de função já estava na empresa há 25 anos, o que lhe deu prioridade na hora de demitirem um dos dois. Apesar da demissão, ele refere bom relacionamento com o ex-patrão de forma que mantém contato até hoje.

Antônio voltou a procurar novas vagas em jornal, mas começou a lançar mão de buscar anúncios online, enviar currículos. Acabou por ser chamado para uma empresa de manutenção, prestadora de serviços. Começou cobrindo férias e logo depois foi efetivado. Concomitantemente ele mantém aberta a marcenaria. Faz anúncios na OLX, divulga seu trabalho nas redes sociais e trabalha por encomenda. Faz uma diferença entre trabalhar como contratado fazendo manutenção e fazendo moveis. Em termos de esforço físico, trabalhar com manutenção lhe permite manter em paralelo a produção de móveis por encomenda, o que não aconteceria se ainda trabalhasse empregado produzindo móveis. O desgaste físico é muito maior.

Este é o momento em que introduz a questão da sua obesidade, que até então não era apontada como algo limitador. Descreve-se como muito ativo, fazendo sua própria propaganda. Mas admite que já há alguns anos declina de alguns serviços pela dificuldade de realizar certas tarefas. Serviços como colocação de pisos, rodapés, rebaixamento de teto com lambri, ele já não se compromete em fazer. Abaixar, ajoelhar e subir em escadas é não apenas custoso fisicamente como perigoso. Ele reconhece muitas de suas dificuldades e as atribui muito mais aos problemas de coluna do que à obesidade. Esta aparece como secundária no seu discurso, inclusive pelo fato de dizer que o excesso de peso o acompanha desde a infância. Seus pais e sua irmã também apresentavam um quadro parecido. Inclusive sua irmã fez cirurgia bariátrica há 6 anos. Como a obesidade esteve presente na maior parte de sua vida, desenvolveu estratégias para conviver com ela e destaca que fez o mesmo para executar suas tarefas no trabalho. Descreve estratégias como trocar o trabalho realizado no chão pelo feito na mesa e o uso de imãs para pegar pregos e parafusos caídos no chão, por exemplo.

Antônio naturaliza a problemática da obesidade dizendo que sempre esteve acima do peso, que era algo compartilhado pelos outros membros da família, e que nunca foi um impedimento para que trabalhasse, afinal na sua trajetória de vida sempre esteve ocupado trabalhando como autônomo ou empregado em alguma empresa. Ao mesmo tempo, ele

evidencia as limitações que a obesidade lhe traz e as estratégias que precisou desenvolver para conviver com ela.

Em relação ao seu corpo, queixa-se das dores e o seu agravamento que acompanham o peso. As pernas inchadas e a erisipela de recorrência, bem como as hérnias de disco na região lombar e o pressionamento do nervo ciático, o deixaram acamado por várias vezes, impactando seu trabalho. Atribui ao bom relacionamento que estabeleceu com as últimas chefias, que em reconhecimento ao seu bom trabalho, compreendiam a necessidade do seu afastamento nesses períodos. Aponta para uma disposição ao trabalho que o seu corpo parece não mais acompanhar, de forma que chega a dizer que a aposentadoria seria um momento em que poderia trabalhar de forma “mais light”, pois gosta do que faz. A aposentadoria aparece não como um fim da atividade laborativa, mas introduz uma diferença entre trabalhar por uma necessidade financeira e trabalhar porque gosta.

#### **5.1.12 Marcelo**

Marcelo tem 42 anos, é casado há 13 anos e tem 2 filhos. Seu pai faleceu depois de um AVC, sua mãe casou-se novamente e mudou-se para outro estado. Marcelo tem um irmão mais novo. Durante 26 anos moraram numa comunidade da zona oeste do Rio de Janeiro, onde o tráfico de drogas era muito presente e uma opção muito atrativa para os jovens dali. É nesse contexto que seus pais sempre exaltaram valores morais vinculados a ocupação, em especial com os estudos e o trabalho. Seu pai era rodoviário, trabalhava como cobrador de ônibus, enquanto sua mãe trabalhava informalmente com vendas.

Ele refere ter nascido com sopro no coração, fato que impôs a sua mãe parar de trabalhar para cuidar dele nas várias internações que sofreu e no início de sua primeira infância. Mas mantém uma forte lembrança de sua mãe vendendo roupas, cerâmicas, colchas de cama. Aos seus 12 anos, ele e seu irmão passaram a acompanhar sua mãe até a praça para a venda de picolés. Essa era uma alternativa para que não ficassem em casa sozinhos, visto que a comunidade onde moravam influenciava os jovens a atividades ilícitas. E nesse processo começou a trabalhar como ajudante de sua mãe. Refere nunca ter recebido dinheiro por isso, mas que em contrapartida nunca faltou nada do que quisessem em casa.

Marcelo trata desse início da trajetória laboral de forma ambígua. Em parte, diz que fez aflorar nele não apenas o gosto por trabalhar, mas a habilidade de empreender que o acompanha até hoje e que lhe propiciou certa ascensão social. Por outro lado, fala de um forte sentimento de vergonha. Aparece uma cota de dor quando descreve diferentes cenas desse

trabalho com vendas, queixando-se da exposição. Os olhares são vividos como a humilhação da necessidade.

Ele e o irmão continuaram acompanhando a mãe, que começou a vender café e pasteis em frente a um sacolão. Esse estabelecimento durante um certo período da manhã fazia promoções, de forma a tentar fazer concorrência com os valores da feira. Eles aproveitavam a fila que se formava para realizar suas vendas e seguiam com as vendas para os feirantes. Logo foi chamado para ajudar um feirante que vendia “churrasquinho”. Tempo depois, Marcelo, aos seus quinze anos, começou a trabalhar ainda nessa feira, numa barraca que vendia linguiças. Nesse momento, ele afirma ter notado seu “tino” para negócios. Ele passou a aproveitar os conhecimentos que aprendeu como selecionar a peça, avaliar a qualidade, pesar, embalar e, principalmente os contatos de fornecedores e começou a comprar seu próprio material e revende-lo a vizinhos e no colégio onde ainda estudava, retirando daí lucro maior do que recebia na feira. A partir daí, considerava que o dinheiro proveniente do seu trabalho era seu e começou a arcar com suas próprias despesas.

Marcelo marca que até esse momento ele não apresentava excesso de peso, inclusive considerava-se ativo e frequentava academia. Seu aumento de peso teve início após seus 16 anos, quando começou a trabalhar numa padaria. Ele avaliou que a impossibilidade financeira de fazer um bom investimento no negócio das linguiças não o permitia aumentar seus lucros. Optou por aceitar a indicação de um amigo para trabalhar como assalariado numa fábrica de pães. Começou como embalador, passando a ajudante de forneiro, forneiro, depois foi para o setor de biscoito de polvilho. Aos 19 anos saiu de lá devido a um desentendimento com o padeiro. Recebeu a proposta de ir para a outra fábrica, porém não aceitou.

Nesse momento recebeu a proposta de um tio para trabalhar com ele em Salvador no ramo de produtos para cabelos. Em contrapartida, seu tio lhe daria moradia, alimentação e pagaria sua faculdade. Acordo que não aconteceu. Marcelo fala com mágoa desse período. Saiu do Rio de Janeiro, onde em três anos havia sido promovido na fábrica de pães, que teve seu salário aumentado em quatro vezes, e que era mais alto que o de seu pai, para ir para Salvador, onde não tinha reconhecimento nem verbal, nem financeiro, nem em termos educacionais. Decidiu por voltar para o Rio de Janeiro depois de um grande desentendimento com esse tio. Ele era bem-sucedido nos negócios, porém perdia muito dinheiro em apostas de jogos. Marcelo estava muito incomodado por trabalhar há quase dois anos sem ter recebido nem o investimento na faculdade, praticamente “trabalhando por comida”. Anunciou seu desejo para voltar e seu tio disse que lhe pagaria uma passagem para Vitória, onde ele pediria carona a outro tio que é caminhoneiro. Indignado com a proposta, Marcelo pegou as notas de

clientes e resolveu fazer as cobranças sozinho, enquanto seu tio viajava num feriado. Com esse dinheiro voltou para o Rio de Janeiro para a casa dos pais. Sua atitude foi avaliada como roubo por esse tio, o que gerou mal-estar na família. Para Marcelo, o dinheiro que recebeu em nome da empresa não paga a “indenização” que ele acha que deveria receber tanto pelo acordo quebrado quanto pelo tempo de trabalho não remunerado. O mínimo aos seus olhos era poder voltar para o Rio de Janeiro com decência, sem precisar pedir carona.

Ao voltar, seu pai lhe apoiou e financiou seu primeiro investimento em perfumaria. Compraram os materiais, Marcelo começou a fabricar e vender. Novamente aproveitou os conhecimentos que adquiriu no trabalho para empreender. Ao mesmo tempo, assumiu um cargo de ajudante de padeiro numa padaria, onde logo aprendeu e assumiu tarefas de padeiro, sendo pouco depois alocado nesta nova função. Em pouco tempo abandonou os perfumes e se dividiu em duas padarias. Dormia pouco, considerava cansativo, mas entendia que era um esforço necessário para se reerguer.

Nesse período, estava se planejando para sair do trabalho na padaria com vistas a abrir um depósito de bebidas. Conta que havia comprado há algum tempo uma arma de um amigo e devido aos planos de abrir o depósito resolveu vendê-la para arrecadar dinheiro. Segundo conta, sua prima deixou a arma cair no chão e a mesma disparou. Nesse acidente ela veio a óbito. Apesar de a família tê-lo apoiado, o filho de sua prima lhe jurou de morte. Frente a essa situação sua mãe o enviou para a casa de uma tia em Vila Velha no estado de Espírito Santo. Lá, ele ficou durante dois anos e trabalhou em uma pizzaria. Foi um período muito difícil pelo relacionamento com o esposo de sua tia. Sentia-se humilhado e maltratado por ele.

Marcelo fazia visitas regulares a sua família no Rio e foi numa delas que conheceu uma mulher com quem mais tarde veio a morar junto. Ela foi o motivo pelo qual voltou para o Rio. Voltou a trabalhar como padeiro e depois como promotor de vendas da Coca Cola. Ele precisou se dedicar e se esforçar muito para provar sua capacidade de executar as tarefas. Isso se coloca, pois já apresentava um quadro de obesidade grave e refere situações em que pessoas questionavam sua capacidade por conta do peso. Conta que andava longos trechos e subia muitas escadas, pois precisava fazer reposição de prateleiras nos mercados. Era reconhecido verbalmente pela chefia pelo trabalho, pois conseguia realizar um bom planejamento e cálculos quanto às quantidades necessárias para a reposição, economizando tempo de deslocamento de ir e voltar do depósito, o que acontecia com muitos colegas de trabalho. Saiu desse emprego depois de ter sofrido um acidente de carro. Marcelo descreve sua trajetória laboral sempre tratando como um forte investimento. Na maior parte do tempo ele se ocupava com dois trabalhos. Nesse momento, vendia bebidas na praia aos fins de

semana e foi a caminho de lá que se acidentou. Ficou um mês afastado e financeiramente foi difícil, pois seu salário era composto de comissão por produção. Durante sua recuperação ficou na casa de sua mãe, onde recebia visitas e orações de membros de uma igreja evangélica, a qual se vinculou após sua recuperação.

Esse foi um momento de reflexão sobre suas conquistas, avanços e retrocessos. E decidiu por parar de beber e se batizar. Costumava ter uma vida que chama de “*farrista*”, gastando dinheiro com roupas e sapatos caros, muita bebida, comida e mulheres. Deu-se conta que não havia planejamento para o seu futuro, a segurança de uma casa própria por exemplo. Nesse período também optou pela separação. Voltou a trabalhar como padeiro. Pela manhã fazia pão e a tarde os vendia numa Kombi de seu patrão, tirando para si uma pequena porcentagem pelas vendas.

Já bastante apegado à sua fé, conta que fez questão de participar de uma semana de oração na sua igreja e incluiu nela o pedido por uma Kombi que lhe permitisse trabalhar para si. Conta de forma emocionada como de fato surgiu a oportunidade de comprá-la. Uma pessoa lhe ofereceu, ele não tinha o valor em dinheiro para compra-la, recebeu negativas de empréstimo para que pudesse compra-la e ainda assim foi possível agenciar sua compra, parcelada. Seu patrão, aos seus olhos, começou a sabotá-lo. Como recebia por comissão das vendas, passou a deixar menor quantidade para que Marcelo vendesse, priorizando outros vendedores. Sendo assim, Marcelo teria dificuldades em terminar de pagar a Kombi e a venderia a ele. Ao mesmo tempo, seu ajudante na padaria lhe falou de um ex-patrão que estava vendendo um maquinário de padaria. Marcelo negociou na época um empréstimo com seu padrasto e tornou esse empreendimento um projeto familiar. Sua mãe cedeu a casa para montar a fábrica de pães, o padrasto entrou com o capital inicial, Marcelo entrou com o conhecimento, o trabalho e a Kombi. Aos poucos ampliaram, comprando outra Kombi e seu irmão foi incluído. Ele segue dizendo que sua fé lhe ajudou muito, que oportunidades de crescimento foram aparecendo. Chegaram a abrir 2 padarias. No entanto, também havia os problemas de se trabalhar em família e a dificuldade de separar os papéis família e trabalho. Por desentendimento com a sua mãe, se afastou da padaria e foi o tempo suficiente para que falassem o negócio. Durante esse tempo ele se dedicou à igreja. Dormia, comia e trabalhava lá. Quando foi chamado para retornar a padaria, já não havia muito o que ser feito, entregaram o ponto e recolheu o maquinário.

Marcelo já estava noivo da atual esposa e mesmo com as dificuldades conseguiu alugar uma casa antiga a qual reformou, ganhou todos os móveis e eletrodomésticos de familiares e amigos, bem como a festa de casamento foi feita com apoio dos mesmos. Montou

sua pequena fábrica de pão nessa mesma casa e voltou com as vendas na Kombi que lhe restava. Menciona a crise econômica em 2000 e 2001, em que se viu obrigado a fechar seu negócio. As contas estavam atrasadas e eles estavam recebendo ajuda da sogra. Neste momento sua esposa que já o ajudava, passou a se ocupar de um brechó de roupas e este foi o sustento da casa durante algum tempo. Marcelo vendeu seu maquinário por um baixo preço, pagou as dívidas e reinvestiu o pouco que sobrara no brechó da esposa. Concomitantemente, voltou a procurar emprego e também trabalhava fazendo e vendendo pizzas na rua, voltou a trabalhar com churrasquinho na feira, investiu num pula-pula que alugava. Retornou ao setor de vendas como promotor na rede Nissin e à noite trabalhava na pizzaria Dominos.

Refere que seu esforço lhe permitiu dar à família a possibilidade de sair da comunidade, e de ter o seu próprio negócio. Em 2005 alugou uma loja onde montou uma lanchonete. Aos poucos ampliou o negócio, alugando as lojas ao lado. E hoje mantém dois estabelecimentos próximos a um hospital estadual: uma lanchonete e um estacionamento. Apesar de ainda morar de aluguel, terminou de pagar por um terreno, onde estão em fase de construção seis casas, as quais pretende alugar para aumentar sua renda. Para ele, esta seria uma forma de diminuir as tarefas que tem, vislumbrando não apenas diminuir o ritmo de trabalho, mas poder usar seu tempo para evangelizar, por exemplo.

Seu ganho de peso foi gradativo e acompanhou seus empregos que envolviam comida e bebidas. Sua trajetória é marcada por altos e baixos, de forma que suas habilidades, conhecimentos, capacidade de arriscar e empreender favoreceram que tivesse certa ascensão financeira e social. É curioso como o seu envolvimento com a comida lhe gerou o ganho de peso, mas também uma forma de prover sua família.

### **5.1.13 Carlos**

Carlos tem 45 anos, é casado há 25 anos e tem desse casamento três filhos. Seus pais são falecidos e é o caçula dos irmãos. Sua mãe teve um primeiro casamento, em que teve três filhos. Seu segundo casamento foi com o pai de Carlos, de onde nasceram outros três. Viviam forte restrição financeira, o que levou aos seus irmãos começarem a trabalhar por volta dos 15 anos. Isso nunca foi exigência de seus pais, mas havia um entendimento que seu pai, que trabalhava como padeiro, mal podia manter o básico da casa: a comida e o pagamento das contas. A imagem que Carlos tem de seu pai trabalhando é a de que ele só folgava no Natal e que não tinha condições de trabalhar mais pra prover as necessidades da casa. Como forma de

aumentar a renda familiar e gerar a possibilidade de consumo com menos restrição, os irmãos de Carlos começaram a trabalhar e ele próprio seguiu esses passos.

Carlos foi, dentre os irmãos, aquele quem começou a trabalhar mais cedo, aos 12 anos. Seus dois irmãos mais velhos já haviam saído de casa e já não mais contribuíam financeiramente para as despesas. Conta que um amigo do colégio havia se inscrito num programa chamado Globinho e estava trabalhando como entregador de jornal. Interessado na atividade se inscreveu para começar a trabalhar. Sua mãe não era favorável, pois considerava perigoso que saísse de casa tão cedo e dizia temer que atrapalhasse seus estudos. Ao mesmo tempo, era importante que trabalhasse para ajudar a compor a renda familiar. Recebia na época o equivalente a meio salário mínimo. Este valor era dividido ao meio de forma que uma parte ajudava em casa e a outra parte ele usaria para comprar suas coisas, mantendo seus gastos. Diz ter recebido apoio da família de forma geral, exemplificando o investimento deles a medida que seu pai lhe disponibilizou a sua bicicleta para que pudesse trabalhar. Este era um critério de seleção para a vaga – ter bicicleta para realizar as entregas. No entanto, ele, que também possuía uma mobylette e que a usaria para trabalhar se deparou com um problema mecânico, o que o teria feito tomar de volta a bicicleta de Carlos. Seu irmão mais velho, a quem chama de paizão, o ajudou lhe comprando de presente uma bicicleta.

Trabalhou nessa atividade por um ano. Período difícil em que começava a trabalhar as 4h da manhã e estudava a tarde. Seu rendimento caiu e chegou a perder de ano, pois ia à aula num dia e faltava no outro, pois vezes “matava aula” e quando ele e sua mãe deram conta ele já estava prestes a reprovar. Saiu deste trabalho apenas quando um conhecido foi assassinado num assalto enquanto fazia entrega. Sua mãe exigiu que saísse desse serviço. Seu irmão mais velho que trabalhava como eletricitista pediu a um de seus empregadores uma vaga de office boy para Carlos. Ele ficou nessa função por quatro anos, saindo de lá quando a TV Tupi estava prestes a falir e fechar. Nesse período já estudava à noite e por despreocupação com os estudos, acabou abandonando o colégio no oitavo ano do fundamental. Inclusive foi no colégio onde conheceu sua esposa.

Sua saída coincidiu com o período de se apresentar ao serviço militar obrigatório. Inicialmente não apresentava interesse em servir, mas ficou muito incomodado em ter sido dispensado e questionou o responsável por essa dispensa. A justificativa era o excesso de contingente. Não satisfeito, questionou os critérios de avaliação, e teve como resposta ter sido dispensado porque era “*cheinho*”. Esta foi a primeira vez em que recebeu mais diretamente uma queixa sobre seu peso. De forma geral não achava que era um problema. Em primeiro lugar porque sempre esteve acima do peso, em segundo lugar porque sua família também

estava acima do peso e em terceiro lugar porque isso nunca lhe impediu de realizar nenhuma tarefa. Enquanto entregador fazia muita atividade visto que andava de bicicleta a maior parte da manhã e nos quatro anos de *office boy* andava o dia inteiro. Apesar da naturalização desse excesso de peso familiar, reconhece os exageros dos pais, devido à profissão de seu pai. No meio das restrições, o pão representava a abundância. Inclusive conta que trabalhar e ter seu próprio dinheiro era também poder comer o que queria.

Seu irmão mais velho foi um grande padrinho no campo do trabalho. Era ele quem lhe abria oportunidades. Novamente lhe conseguiu um emprego numa empresa de ônibus. Começou como cobrador, fiscal e por fim despachante. Ficou um ano contratado como cobrador, porém descreve a função como muito estressante. Além do manuseio do dinheiro e da responsabilidade, havia o risco de assaltos e ainda os calotes devido às pessoas que forçavam a roleta e a pulavam, o que gerava cobranças sobre ele. Foi também por intermédio de seu irmão que ele foi trocado de função. Ele era bem relacionado dentro da empresa devido a muitos serviços prestados e costumava ser atendido nos seus pedidos. Ao mesmo tempo, Carlos diz que construiu seu próprio percurso dentro da empresa. Se baseia no fato de ser funcionário há 23 anos e que por mais que seu irmão fosse bem relacionado, esses anos todos não se sustentariam se ele não fosse um bom funcionário.

Inicialmente ficou 6 anos na empresa. Durante algum tempo trabalhou concomitantemente à noite no bar desse irmão, ao qual era muito próximo. Considerava uma forma de auxiliar na renda familiar. Sua esposa estava grávida na época e sua gestação era de risco. Durante um mês ela precisou ficar internada para evitar perder o bebê e Carlos custeava a internação na rede particular. Foi um período difícil e desgastante, pois se mantinha na função de despachante, dobrava sua carga horária sempre que possível e ainda trabalhava a noite no bar. Acabava tendo pouco tempo para dormir e para ficar com a esposa. Seu irmão lhe fez a proposta de fazer um acordo<sup>11</sup> com a empresa, receber o dinheiro e trabalhar exclusivamente para ele no seu bar. Carlos prontamente aceitou, pois financeiramente era favorável. No entanto, em pouco tempo começaram a ter problemas. A dificuldade em separar os papéis de empregado e empregador e o de irmãos não se sustentou. Carlos sentia-se sobrecarregado e cobrado mais que as outras pessoas que trabalhavam com ele. Ele assumiu muita responsabilidade de forma que seu irmão e sobrinho não apareciam mais no bar e exigiam que trabalhasse sem horário e sem folga de “domingo a domingo”.

---

<sup>11</sup> A expressão “acordo com a empresa” é uma prática comum em empresas que simplificada significa o uma negociação entre empregado e empregador de forma que o primeiro seria demitido, no entanto o valor a ser recebido segundo os direitos trabalhistas seria dividido, segundo uma porcentagem acordada, entre ambas as partes. Apesar de comum, essa prática é oficiosa e ilegal.

Depois de um ano e seis meses Carlos decidiu que não era mais possível ficar no bar, comunicou sua saída ao seu irmão, que mediu sua contratação novamente na mesma empresa de ônibus. Quando ele já estava na função de despachante, seu irmão o procurou exigindo que ele realizasse as cobranças do livro de vendas “fiado” do bar. Eles tiveram uma discussão, visto que ele já não mais trabalhava no bar e por estar trabalhando como rodoviário nem teria como realizar as cobranças. Essa discussão foi acalorada principalmente pela esposa de Carlos, que por fim jogou no cunhado esse livro de débitos o xingou e o expulsou da casa. Dois dias depois ele foi demitido sem justificativa e atribui isso ao seu irmão, pois a última frase que lhe disse ai sair foi “*Você só está fazendo isso porque está empregado*”. Esse foi um momento de ruptura entre eles e Carlos se ressentiu muito com ele, mas também carrega até hoje um sentimento de culpa. Eles deixaram de se falar durante dez anos e seu irmão faleceu sem que tivessem se reaproximado. Apesar de seu irmão tê-lo procurado diversas vezes, Carlos não permitiu uma reaproximação por exigências da esposa.

Carlos ficou desempregado por um ano. Fez alguns biscates descarregando caminhão no Mercado São Sebastião. Sua filha já tinha pouco mais de um ano, sua esposa começou a trabalhar com faxinas para ajudar na renda. Ele fala de um sentimento de desespero, visto que houve fases de comerem só feijão. Voltou a trabalhar de carteira assinada numa empresa prestadora de serviços para a Prefeitura do município do Rio de Janeiro para realizar coleta de lixo. Seu vizinho era motorista nessa empresa e o avisou de seleção de vagas quando essa empresa ganhou a licitação. Foi uma seleção complicada, pois foi recusado pela falta de uniforme que lhe coubesse devido à obesidade. Essa frase “*foi como um tapa*”. Rapidamente voltou à psicóloga da seleção e implorou pela vaga chorando. O que conseguia repetir era “eu preciso trabalhar, eu tenho que sustentar a minha família”. Frente ao problema do uniforme, ele propõe que receba dois e que ele faria uma emenda. A psicóloga o acompanhou até o almoxarifado, onde recebeu a negativa, e solicitou que lhe entregassem os dois uniformes.

Recebida a oportunidade, ele pediu para que a esposa costurasse o uniforme e se apresentou ao serviço. Descreve a tarefa como difícilíssima, pois precisava correr atrás do caminhão e jogar os sacos de lixo. Apesar de reconhecer as limitações que seu corpo obeso lhe dava, também o minimiza dizendo que era um trabalho pesado para todos. Ele pediu demissão cinco meses depois alegando não mais suportar os esforços exigidos. Descreve a cena de um tiroteio entre policiais e traficantes enquanto eles faziam a coleta de lixo numa comunidade da zona norte do Rio de Janeiro. O motorista do caminhão arrancou enquanto todos os lixeiros correram e subiram no caminhão. Ele por ser mais lento e pesado só alcançou o caminhão quando ele já tinha saído de dentro da comunidade e já tinha parado

para espera-lo. Hoje conta a cena como um episódio engraçado, mas o sentimento despertado naquele momento foi a mistura de medo, desespero e humilhação. Quando chegou, todos riam dele.

Carlos refere um episódio em que conversando com uma sobrinha que criticava seu peso, lhe falou que caso ela fosse a dona de uma empresa nunca o contrataria por conta do “seu porte”, pois não conseguiria trabalhar. A única resposta que consegue dar é a de que trabalha há 23 anos na mesma empresa.

Foi justamente para essa empresa que voltou quando deixou a coleta de lixo. Ele pediu para que um amigo que ainda trabalhava lá lhe indicasse. E foi assim que retornou a ela. Ele já havia a intenção de prestar seleção para a mudança de função. Ele havia trocado sua habilitação da categoria B para a categoria D vislumbrando o cargo de motorista. Na época o motorista era quem recebia o maior salário, hoje está equiparado a de despachante. A ideia de pleitear um novo cargo veio da preocupação com o desemprego. Ele conta que motorista é uma profissão, enquanto que despachante não, é apenas uma função. Ele preferiria ter registrada na sua carteira de trabalho motorista para que, em caso de necessidade, pudesse comprovar uma profissão. Essa preocupação se deve a sua baixa escolaridade e ao fato de não acreditar que uma nova empresa lhe contrataria como despachante. Diz que este é sempre uma promoção dos funcionários da empresa. Não se entra despachante, se torna despachante. Além disso, hoje é uma função que está sendo ocupada por auxiliares de tráfego que tem um salário menor.

Ele passou pela seleção e treinamento de 10 dias. Quando foi para a avaliação médica para admissão, ele foi chamado pelo chefe do departamento pessoal que lhe falou que ele estaria sendo dispensado do processo. Indignado, questionou-o, de forma que alegou ter a carteira há pouco tempo. Não satisfeito argumentou que havia passado por todas as etapas do treinamento e que não havia nada legal que respaldasse aquela justificativa. Por fim, ele admitiu que ele estava sendo dispensado devido a obesidade, alegando que ele não aguentaria o serviço. Essa foi uma grande frustração, pela negativa, pelo real motivo da negativa, pelo risco da falta de profissão e também porque dirigir é algo que lhe dá prazer. Conta que fez teste para motorista em outras empresas, mas também foi recusado e tem certeza que foi devido ao seu “*tamanhão*”.

Ele continuou na empresa por mais 14 anos na mesma função de despachante. Pediu novamente para fazer um “acordo”. Estava com dívidas no banco devido ao cheque especial há mais de um ano se acumulando. Precisava também fazer reformas na casa e consertar o carro. Foi então demitido, recebeu uma pequena porcentagem do dinheiro que lhe era devido,

passou a receber o seguro desemprego, mas continuou trabalhando na empresa de forma informal. Terminado o tempo do seguro desemprego voltou a ser recontratado e lá permanece há 4 anos. Mantém forte preocupação com a situação atual da empresa, que parece estar prestes a falir. Está tendo dificuldades para dormir, acredita que devido à idade e à baixa escolaridade terá muitas dificuldades de se reintroduzir no mercado de trabalho. Diz ainda que a obesidade lhe trouxe vários problemas de saúde, incluindo uma hérnia de disco que lhe causa muitas dores. Ele se coloca como o grande provedor da casa e ficar sem emprego coloca sua família numa situação de vulnerabilidade. Tem dobrado sua carga horária ao máximo que consegue e há meses não tira uma folga, assim como seu pai fazia quando ele era criança.

Além desses problemas, do humor deprimido, dificuldades para dormir, apresenta forte preocupação em não aumentar seu peso. Com o tratamento conseguiu diminuir o seu peso o que ajudou no controle das comorbidades. Fez mudanças importantes na alimentação, se programando para levar sua própria comida para o trabalho, por exemplo. Apesar de apresentar excesso de peso desde a infância, ele diz que seu casamento foi um marco importante para um ganho exponencial. Era hábito telefonar para casa e pedir para que a esposa preparasse algo, em geral bastante gorduroso. Tanto que sua família toda está acima do peso. Ao longo de um dia de trabalho também consumia vários alimentos, aos quais chamava de “baratos”, como hambúrguer, cachorro-quente, salgados, açaí. Diz que onde trabalha é cercado de barracas com esses alimentos, o que é sempre uma tentação. Porém se controla e não mais os consome, bem como parou de beber. Mas sua maior dificuldade é lidar com o olhar das pessoas.

Esse olhar ao qual refere ser discriminatório, em termos da obesidade é cruel. Carlos compara o olhar das pessoas como se tivesse uma doença contagiosa. Da sensação ruim de estar num ônibus cheio, várias pessoas em pé e ninguém sentar ao seu lado. Em termos de emagrecimento, há também outro olhar, o qual não define como orgulho, mas continua vinculado a uma questão de doença. As pessoas lhe olham com estranhamento e questionam se está doente. A recorrência desse questionamento vem lhe fazendo temer pela sua saúde e tem lhe trazido pensamentos ligados a morte - “*será que vou morrer?*”. Por vezes aceita a dúvida se o emagrecimento é realmente mérito seu ou de uma doença ainda desconhecida ou não diagnosticada.

## 5.2 HISTÓRIAS QUE SE ENCONTRAM

A vida, contada da maneira que é própria do sujeito, permite compreender o universo

do qual ele faz parte. O indivíduo ao se apropriar do social inscreve sua marca e faz em sua subjetividade uma re-tradução deste social, reinventando-o a cada instante. A metodologia história de vida dá acesso justamente essa realidade que ultrapassa aquele que narra sua história (GAULEJAC, 2005). Nesse sentido, destacam-se na fala dos entrevistados alguns pontos que se apresentaram como recorrentes, sugerindo categorias sócio-clínicas de análise.

Todas as entrevistas foram iniciadas pelos dados pessoais e contexto atual de vida como com quem moram e como é o arranjo familiar. Em seguida solicitou-se que contassem como foi a trajetória de trabalho, como se deu ganho de peso e como esses aspectos se articularam. É curioso perceber que alguns se ativeram mais à trajetória de trabalho, outros ao ganho de peso, segundo as questões as quais estavam mais sensíveis e que lhes despertaram maior engajamento.

Procurou-se estar atenta a diferentes aspectos do discurso de cada entrevistado. As falas, a escolha das palavras, as posturas, as emoções, os discursos prontos, as falas emocionadas, as contradições, o tom de voz usado e inclusive as dúvidas e incômodos da entrevistadora foram incorporados à análise de forma a destacar não apenas a complexidade envolvida, mas evidenciar as múltiplas variáveis que atravessam as narrativas dos entrevistados.

De forma geral, a linha que costura a análise é o encontro de uma subjetividade obesa com as exigências do mundo de trabalho atual. Como consequência, tem-se o que se produz nesse encontro: as resistências, a paralisia, o sofrimento, mas também o enfrentamento e as estratégias desenvolvidas.

Seguem-se abaixo algumas pontuações sobre o contexto sócio familiar dos participantes da pesquisa, de forma a melhor compreender diferentes inscrições sociais atravessamentos que contribuíram para que se iniciassem na vida laboral, que valores são transmitidos geracionalmente.

### 5.2.1 O psíquico e o social na balança: marcas e inscrições psicossociais

Como já visto no capítulo anterior quanto à descrição dos pontos de corte que determinaram a amostra desta pesquisa, todos os entrevistados estão inscritos no Centro de Referência em Obesidade com vistas ao tratamento clínico-ambulatorial voltado para a obesidade grave. Só esse aspecto já denota haver uma inscrição no campo da saúde, onde discursos sobre sua condição de obesos são colocados e fazem algumas marcas, que tem efeitos em sua subjetividade.

Avançando-se um pouco mais, tem-se que o local de atendimento é um serviço público. Sabe-se que a Constituição de 88 define a saúde como um direito a todos e a lei 8080 de 19/09/1990, que institui o SUS- Sistema Único de Saúde prevê a coexistência do setor privado de forma que seja complementar e não substitutivo às atividades públicas de saúde. Há hoje, portanto, diversas empresas de planos de saúde, hospitais e clínicas que atendem no setor privado aqueles que se dispõem a pagar por um dado serviço de saúde. Longe de adentrar nas discussões sobre o público e privado na área da saúde, o importante no caso desta pesquisa é sinalizar que o formato de atendimento oferecido pelo CRO não é encontrado na rede privada, que em geral se restringe à avaliação e acompanhamento pré e pós-operatório de cirurgias bariátricas. Trata-se de um projeto inovador, voltado especificamente para o tratamento clínico ambulatorial vinculado a atenção primária à saúde através de uma equipe interdisciplinar, e por isso atrai pessoas, independente de renda, nível de escolaridade, nível socioeconômico. No entanto, não se pode negar que majoritariamente atende um segmento da população com maior restrição financeira.

Se a inserção da pesquisa num serviço de saúde é uma variável que aponta um viés, uma especificidade, e que tem implicações no discurso dos entrevistados, a problemática socioeconômica também o é. As tradições familiar, cultural, econômica e social formam um grande conjunto que “socializa” cada indivíduo, fazendo marcas que contribuem para a construção da identidade, através de identificações e diferenciações (GAULEJAC, 2014).

É em especial por esses motivos que se considera importante compreender esses diferentes aspectos que terão impacto nas diversas inscrições no campo laboral e no ganho de peso desses entrevistados.

### **5.2.1.1 O precoce início da vida laboral**

Sendo a história de vida com o recorte laboral o principal método dessa pesquisa, a inscrição no mundo do trabalho estava no cerne do interesse das entrevistas realizadas. O que os levou a começarem a trabalhar, quais os atravessamentos, critérios e intercorrências e/ou exigências convergiram ou ajudaram na decisão de entrar no mundo do trabalho estiveram presentes ao longo das entrevistas. Com a exceção de três entrevistadas, todos os outros fizeram menção a um “*comecei a trabalhar cedo*”.

Para alguns, essa expressão ressoa como um processo natural de acompanhar os pais ou responsáveis no trabalho. Viviane conta: “*comecei a trabalhar com treze para quatorze, ajudando a minha mãe*”. Neste ponto, ela se refere ao momento em que sua mãe assume as

atividades do comércio familiar herdado da avó de Viviane. Esta é uma atividade mais sistematizada, na qual é exigida de algumas responsabilidades maiores. Sua primeira resposta faz um Carlos para o início do trabalho neste contexto entre treze e quatorze anos. No entanto, sua narrativa, ao fazê-la atualizar sua história, a remete a um período bastante anterior, onde já ajudava sua mãe e que já reconhece como uma forma de trabalho.

Ela [mãe] fazia unha e lavava roupa para fora. Eu ficava ali perto ajudando. Ela sempre me pedia para fazer as coisas. Ajudava a lavar, passar, ia na rua comprar alguma coisa e também servia água e café para as clientes dela. (...) Sempre estava perto para fazer alguma coisa para ela não ter que largar aquele serviço ali.

Apesar de não ser remunerada, ela, ao olhar retrospectivamente, entende o que fazia como atividade de trabalho. Sua função era a de auxiliar, ou como ela destaca “ajudar”. Os seus 14 anos são o marco da ajuda “mais sistematizada” e também remunerada que dá a sua mãe no comércio familiar que tem. *“Minha mãe viu que eu já sabia das coisas, então ela falava ‘Fica aí um pouquinho para mim’.”*

Luiz também se coloca nessa série de trabalhar cedo:

Eu sempre trabalhei, desde garoto, desde treze anos. Informalmente, né, no caso. Tinha um tio meu que era dono de comércio, eu trabalhava com ele. Era um armário, vendia material escolar, artigos de perfumaria. Depois ele mudou para farmácia, aí eu passei para parte da manutenção.

Assim como Viviane, ele usa o marco dos 13 anos, mas em verdade a medida que também reconstrói sua narrativa, ele remonta a um período anterior. Aos 11 anos se inscreveu em um mercado de bairro a partir de um programa de incentivo ao trabalho. Foi apenas ao sair de lá que recebeu apoio de seu tio, que procurou garantir que ele não ficasse sem remuneração. Trabalhava aos fins de semana no armário, passando mais tarde a trabalhar com manutenção nas farmácias de propriedade desse tio, até retornar às atividades em mercados com o benefício de carteira de trabalho assinada mais tarde.

O trabalho vinculado à família de Luiz tinha um caráter protetivo, assim como o de Viviane. O diferencial de Luiz foi o fato de tê-lo trocado pelo benefício da carteira de trabalho assinada, escolha bastante distinta de Viviane que se manteve no círculo familiar-laboral. Para Luiz, esse tio lhe ajudou bastante ao lhe dar espaço nos seus comércios, o que lhe trouxe também muitos aprendizados. Ao mesmo tempo, ele percebia que não teria condições de crescer naquele espaço. Ele reconhece tudo o que aprendeu, porém entende que foi um

começo e que não poderia ficar preso ao que ele poderia lhe dar, gostaria de ter suas próprias conquistas.

Antônio, também numa série familiar, foi o entrevistado que considera a menor idade (cinco anos) para início do trabalho:

Desde pequeno eu trabalho com marcenaria. Meu pai era marceneiro, então eu já peguei a profissão em casa desde pequeno. Desde os cinco anos de idade. Às vezes aos sábados quando meu pai ia trabalhar eu ia junto com ele e ajudava a fazer os trabalhos.

Aqui não havia remuneração, nem obrigatoriedade em acompanhar o pai. Mas era o arranjo estabelecido o qual cumpria e ocupava como um aprendiz. Ele descreve um período de aprendizado que acolheu como uma importante herança deixada pelo pai. Diz:

Com oito anos de idade eu já fazia verniz dentro de armário com pincel. (...). Eu achava sempre interessante ver as coisas depois de prontas. Quando eu brincava na rua, meus primeiros carrinhos de rolimã, eu mesmo que fiz. Então, eu comecei a me fascinar por esse trabalho. Comecei a montar caixa pra fazer tipo porta joia pra minha mãe, fiz uma mala pra mim, e assim eu fui cada vez mais entrando na profissão.

Durante muito tempo, não recebia nenhuma remuneração pelo o que fazia. Ele justifica: *“naquele período era assim, para você aprender uma profissão você tinha que trabalhar de graça”*. Com o tempo e o seu aprimoramento, seu pai começou a lhe pagar por empreitada: *“às vezes quando ele tinha ele dava alguma coisa, mas não era uma coisa fixa, não era uma mesada ou um salário certo não. Era assim, se eu saísse para fazer uma obra com ele, ele pegava e me dava um dinheiro”*. A isso ele chama de “agrado” que seu pai lhe fazia de forma a incentivá-lo a continuar acompanhando-o. Destaca que gostava do processo de aprender e executar as tarefas em marcenaria.

Eu tinha amor por aquilo ali que eu estava fazendo. Eu gostava de ir, de participar dos trabalhos. Era cansativo, mas eu queria. Então, a paixão pela profissão começa assim, você tem a vontade de ver uma matéria bruta se tornar algo bonito. Isso aí me fascinava desde pequeno.

A questão do dinheiro só se impôs aos seus 15 anos quando seu pai sofreu um derrame e ficou acamado. Com isso, ele precisou assumir os negócios do pai e em seguida tanto ele quanto sua mãe buscaram por empregos para sustentar a casa.

Como pode se ver, por vezes, o “começar cedo” também se articula a um discurso sobre necessidade financeira. Este é o caso também de Gilson, caçula da família, órfão

paterno aos seis anos. Ele relata ter visto os irmãos mais velhos trabalharem desde muito jovens, e sua mãe mobilizada a fazer o mesmo, tendo seu primeiro emprego como auxiliar de serviços gerais após ter ficado viúva. É neste contexto que ele fala: *“Eu comecei a trabalhar desde novo porque a situação que minha mãe apresentava era muito difícil. Trabalhava para sustentar sete filhos. Comecei a trabalhar com onze anos de idade”*.

Assim como Antônio, ele começou a trabalhar sem remuneração acompanhando um senhor português que consertava bicicletas. A ocupação inicial se dava no sentido de uma aprendizagem e não de uma remuneração. Foi com o passar do tempo que passou a receber uma pequena quantia por semana pelo o que fazia. Gilson marca algumas diferenças entre começar a trabalhar cedo hoje e há 30 anos. Sabe-se que o Estatuto da Criança e Adolescente é um marco legal que institui uma ilegalidade no contrato formal de empregabilidade de um menor de idade, salvo situações pontuais e específicas, o que não acontecia no início da década de 80, período ao qual Gilson se refere. Ele menciona ter sua carteira de trabalho assinada aos seus 13 anos. Apesar disso, ele menciona certa dificuldade de empregabilidade aos muito jovens, restando os chamados “bicos”, como varrer quintal, capinar terrenos e trabalho em feiras de domingo. Ele menciona que hoje a empregabilidade é melhor e que os programas governamentais ajudam a não ser necessário trabalhar tão cedo.

As coisas eram mais difíceis. Hoje em dia, a gente tem mais flexibilidade para poder ministrar uma ajuda, porque hoje a gente tem vários recursos, ajuda do governo, o serviço mais prático. Ninguém gostava de empregar menor. Menor tinha que fazer carreto, fazer biscate na rua para poder tirar um. Por isso, eu trabalhava, mas precariamente. Não era trabalho fixo. Era um trabalho temporário. Eu capinava o quintal, tirava o entulho, limpava o terreno, entendeu? Além da oficina, eu sempre fiz isso. Eu nunca gostei de ficar parado. Mas eu sempre procurei outras coisas, só que as pessoas não me davam oportunidade por que eu era muito novo.

Marcelo também teve dificuldades financeiras ao longo da infância. Morava em uma comunidade da zona oeste do Rio de Janeiro. Seu pai era rodoviário e sua mãe se ocupava vendendo “de tudo”. Nesse contexto, ele e seu irmão acompanhavam sua mãe enquanto trabalhava e com isso foram introduzidos com campo das vendas. Ele conta:

Comecei a trabalhar com 12 anos. Primeiro vendia picolé. Morava na favela, meu pai era cobrador de ônibus e minha mãe sempre pegou as coisas assim para vender: picolé, cloro, café, salgado, roupa, de tudo. Só que para mim, era muito vergonhoso.

Ele se sentia mal por ter que oferecer produtos na rua e isso é descrito como muito conflituoso: *“era como se eu tivesse me expondo. Parecia que para mim era uma coisa feia, mas na verdade eu estava trabalhando. Não era ruim, não estava fazendo nada de errado”*.

Continua: “*Eu tinha vergonha de pegar uma caixa de isopor e botar no ombro ou então pegar o cloro e sair na rua oferecendo. Eu tinha vergonha, vergonha*”. O tom usado por Marcelo remete a uma dor, um custo, um sofrimento. Aqui o conflito se apresenta de duas formas: a vergonha da exposição e a vergonha por sentir vergonha.

Na época, eu falava assim ‘mãe, deixa eu estudar’. Minhas notas estavam boas, então, eu dizia assim: ‘mãe não quero fazer muito isso não’, mas aí eu também ia junto. Não que eu era forçado, mas a gente ia para a praça, e no meio da praça, via meu irmão fazer. Meu irmão era menor, mas ele já tinha esse desempenho todo com vendas. Ele chegava e gritava ‘olha o picolé’. Fazer isso era muito difícil para mim. Para você ter uma ideia, agora depois de velho, eu comecei a trabalhar com pular-pula e alguém me deu uma ideia de colar uns panfletos com a minha propaganda nos postes. No primeiro dia que eu fui sair com aquele balde de cola que eu fiz, com uma bolsa na lateral assim como os panfletos dentro, quando saí de casa, achei que as pessoas me olhavam assim... Eu senti aquela vergonha. Mas fui assim mesmo. Me dá como se fosse uma vergonha, mas eu sei que que dá resultado. E eu passo por cima da vergonha. Me dá lucro financeiramente.

Ter de trabalhar ainda criança era vivido como grande humilhação. Era a denúncia de uma necessidade, que marcava uma diferenciação social. Como chama atenção Gaulejac (2014), dela pode nascer um “sentimento de inferioridade” à medida que tem um potencial em favorecer a introjeção de uma imagem negativa de sua posição social. “A desvalorização social vem amplificar a desvalorização narcísica” (GAULEJAC, 2014, p. 122), enquanto consequência psíquica.

Seus pais nunca se resignaram em relação à situação de restrições vividas. Ao contrário, usavam o esforço e o trabalho para se lançarem a outra posição. Principalmente mostrando, a partir de um quadro moral ligado ao trabalho, que o acesso ao consumo se dá de forma honesta, em contraposição ao tráfico de drogas que convidativamente atraía crianças e adolescentes da comunidade onde viviam.

Todo esse conjunto o fez desenvolver um forte sentimento de culpa. Sua vergonha é um aspecto de renegação das suas origens, que ao mesmo tempo é sentida como uma traição. Apesar de toda a dureza no entorno do trabalho com vendas e nesse caso como ambulante, ele reconhece que foi importante tê-lo passado e o enfrentado. E é justamente esta constatação que o faz sentir vergonha por ter sentido vergonha. Toda sua trajetória laboral é perpassada por investimentos e vendas. Hoje se considera bem-sucedido e diz ter “*tino para o trabalho*”. Apesar de certa dor, chega a dar um tom de orgulho ao contar as dificuldades vividas e de como as superou, dos acertos que fez e dos planos para o futuro.

Veridiana começou a trabalhar aos 14 anos num projeto de incentivo ao trabalho, chamado patrulheiros, divulgado em seu colégio. Órfã de pai aos sete anos, via sua mãe se

esforçando em trabalhar como doméstica para suprir o que considerava suas necessidades concretas e também afetivas pela ausência do pai. Sua mãe era analfabeta e era a grande incentivadora para que estudasse, se formasse. Veridiana cumpriu em parte com esse projeto materno. Era estudiosa, tirava boas notas e foi classificada em prova junto a dois outros alunos para esse projeto. Ele consistia num curso de 8 meses de auxiliar administrativo e um contrato de trabalho. Sua mãe era contra a que o fizesse, pois queria que ela se formasse e não precisasse trabalhar. No entanto, a realidade concreta era distinta. A mãe de Veridiana já havia sofrido três AVC's e já não podia trabalhar como antes, o que restringiu bastante as possibilidades financeiras.

Esse curso veio pela necessidade mesmo, para trabalhar, ajudar a minha mãe. Na época era só eu e minha mãe. Meu pai já tinha falecido quando eu tinha sete anos. Minha mãe era pensionista e tinha dificuldade, porque ela teve vários AVC's. Então, o interesse que eu tive era por dificuldade mesmo. Nunca tive ninguém para ajudar. Nessa época, o corpo dela mesmo não aguentava. Se ela fazia faxina a semana toda, agora ela só ia duas vezes na semana. Então, eu precisava ajudar minha mãe. (...). Ela nunca me cobrou, até porque ela sempre se esforçou muito para mim, pra me dar as coisas. Mesmo que ela não tivesse condições, ela sempre foi aquela mulher que dizia assim: Não, eu vou te dar sim. Não é porque você não tem pai que você é pior que os outros.

Aparece aqui, um sentimento de inferioridade por parte de sua mãe que vivia uma faceta da pobreza e também as dificuldades de ser mãe solteira após a viuvez precoce. Como reação, buscou compensar essas vulnerabilidades pela via do trabalho. No entanto, sofreu mais uma ferida narcísica pela doença. Se, em princípio, Veridiana incorporou o projeto materno quanto aos estudos vislumbrando uma nova posição, isso também foi ferido pela questão da obesidade. Enquanto aluna aprovada numa disputa com base em prova, foi bem-sucedida, completou o curso e foi direcionada ao estágio, o qual executou com louvor e era reconhecida pelos funcionários. Completado seus 18 anos, terminava seu contrato, e apesar das indicações que recebeu na época não era aprovada devido sua aparência, o que lhe trouxe efeitos bastante negativos.

Marilene optou por começar a trabalhar à revelia dos pais aos seus treze anos, abandonando o colégio. A situação financeira era bastante difícil e agravada pelo alcoolismo do pai, o que gerava também uma sobrecarga sobre sua mãe no cuidado dos filhos.

Eu tinha 13 anos quando comecei. Minha mãe passava muito aperto para criar a gente. Eu tinha umas colegas que já trabalhavam fora, e aí eu me interessei de trabalhar para ter minhas coisas também. Eu fui trabalhar em casa de família. Eu arrumava a casa, eu fazia comida, eu tomava conta de criança. (...). Eles não

aceitaram bem não. Minha mãe me deu uma surra quando soube, porque eu também larguei o colégio.

A mãe de Veridiana, assim como a de Marilene era analfabeta e direcionava aos filhos um incentivo aos estudos. Segundo Marilene, estes lhes renderam “surras” na cobrança por boas notas. Se Veridiana assumiu o projeto materno, Marilene rompe com o dela, recusando-se a terminar o ensino fundamental, buscando maior liberdade e autonomia através do trabalho e dos casamentos.

Carlos começou a trabalhar aos 12 anos por também verificar uma necessidade financeira na família. Todos os seus irmãos começaram a trabalhar cedo e alguns já não mais residiam com ele.

Meus irmãos todos já trabalhavam, mas eu acho que fui o que começou mais cedo. Eu tinha 12 anos e me inscrevi para o Globinho para entregar jornal. Um colega meu já estava lá e resolvi ir também. Lá em casa era assim, se a gente quisesse alguma coisa, tinha que trabalhar. Porque meu pai era padeiro e fazia o que dava. O único dia em que não trabalhava era o Natal. Então, não tinha mais tempo para trabalhar em mais nada. Tinha o dinheiro para comer e para pagar conta. Se quisesse uma roupa melhor, comer melhor, alguma coisa da moda, tinha que trabalhar.

Rosana também atesta ter começado a trabalhar aos seus 15 anos. Sua mãe foi não apenas a principal incentivadora, mas parece ter sido aquela que exigiu que esse fosse o caminho tomado.

Minha mãe era uma benção. Ela era semianalfabeta e tinha algumas coisas bruscas na maneira de tratar. Não era com todo mundo, não. Ela é mais chegada aos homens, as mulheres ela pressionava mais, apertava mais... A gente sempre fez tudo dentro de casa. Ela sempre exigiu muito da gente. Meu primeiro emprego quem arranjou foi ela. Minha irmã casou, separou e teve que voltar para casa. Então, tinha que trabalhar. No meu caso, ela dizia que era para eu manter meus custos, porque eu sempre tive dificuldade. Tipo: quem calça mais? Eu! Calço 42. Para comprar sapatos era um caos, para comprar uma roupa era um caos... meus irmãos não, eles estudavam e jogavam futebol.

Rosana nega necessidade financeira. Refere não saber com exatidão o porquê das diferenças no tratamento dela e dos irmãos, mas levanta como hipótese a história pessoal da mãe que se viu obrigada a trabalhar muito cedo em casa de família por imposição dos pais.

Alana começou a trabalhar, aos treze anos, como empregada numa casa de família. Seguiu com o trabalho de costura em uma fábrica aos quinze anos. Seus irmãos mais velhos já trabalhavam. A necessidade financeira não era a preocupação principal. Mas algumas amigas já trabalhavam e por vezes as acompanhou na busca por empregos em fábricas. Seus pais nunca se opuseram. Sua mãe inclusive a ajudou a encontrar seu primeiro emprego.

Foi por vontade própria mesmo. Meus pais também não me proibiram, deixaram, era uma casa próxima. Trabalhei lá mais ou menos até eu completar os quinze anos. (...). Minha mãe às vezes ia comigo. Eu tirei todos os documentos e comecei a ir com as colegas. Mas quando chegava lá, não sei, acho que era devido ao excesso de peso que eu já apresentava, acontecia delas ficarem trabalhando: “ah você vai ficar, tem vaga para você”, mas quando chegava na minha vez não tinha vaga para mim. Então isso daí foi me angustiando. Foi quando eu resolvi trabalhar em casa de família. Fui pedindo as pessoas para arrumar, aí arrumaram para mim e eu fiquei trabalhando.

Alana vivia dificuldades diferentes da necessidade financeira direta. O casamento dos pais era conflituoso, com traições, a separação, e mudanças. O trabalho foi uma opção para ter mais autonomia e independência.

Em todos esses casos a vida laboral começou muito cedo e a família teve papel preponderante no processo, seja oferecendo um trabalho protegido, seja incentivando a inserção através de valores morais, seja através da necessidade financeira. Mas não se pode deixar de notar que diferentes necessidades foram postas em jogo nessas entrevistas e que estão intimamente ligadas ao estrato social a que pertenciam à época.

#### 5.2.1.2 A aprendizagem do trabalho pela experiência prática

Um ponto não apenas ligado, mas muito valorizado principalmente pelos entrevistados que começaram sua vida laboral cedo, está no trabalho proveniente da experiência. Aqui se pode destacar a experiência em dois sentidos: o primeiro é a aprendizagem do ir fazendo e desenvolver habilidades para e no trabalho; a segunda diz respeito a usar a experiência prática da vida e transformá-la em uma atividade laborativa remunerada.

Ambas carregam uma marca de gênero bastante explícita. A primeira é majoritariamente masculina, e envolve mais claramente uma aprendizagem voltada para o trabalho fora de casa. Enquanto que a segunda não se trata de uma formação para o trabalho formal, mas há a apropriação de um conhecimento proveniente de um trabalho não remunerado já existente, o do âmbito doméstico. Este é basicamente feminino, derivado da dinâmica das relações de gênero dentro da família.

##### 5.2.1.2.1 “O único curso de capacitação foi martelo e serrote na mão”

A frase que dá nome a este tópico é de Antônio, entrevistado que começou a trabalhar ainda na primeira infância acompanhando seu pai. Ele, assim como boa parte dos

entrevistados homens, começou a trabalhar observando o trabalho de alguém. Parece haver uma preocupação primária com a profissionalização do homem, pois ele é depositário do peso social de prover a família no futuro. Assim, há um maior investimento para que sua vinculação ao trabalho se dê mediante a aprendizagem de tarefas que possam render-lhes uma remuneração futura.

A curiosidade foi um aspecto apontado por Antônio e Gilson. Ambos tinham interesse no processo para se chegar ao produto final do trabalho. Antônio tinha seu pai como tutor. Ele o acompanhava e o observava enquanto confeccionava os seus móveis na marcenaria e aos poucos foi recebendo oportunidades de usar o verniz, ou fazer medições. O tempo e o treino em usar a marcenaria em brinquedos e presentes os fez desenvolver essa profissão com a qual trabalha até hoje. *“Foi na prática do dia a dia, herdada do meu pai. Na época de moleque eu fazia patinete, mala esquisita, tudo mal, péssimo acabamento. Depois fui melhorando né, eu ia saindo com a equipe aprendendo uma coisa ou outra.”*

Para Antônio esse caminho foi espontâneo, visto que era chamado a acompanhar seu pai para o trabalho. Por mais que tenha frequentado a escola formal, ele atesta que foi o *“martelo e o serrote na mão”* que o capacitou a exercer a profissão de marceneiro nos dias de hoje. No caso de Gilson, ele precisou buscar um tutor fora de casa. Próximo a sua residência, ele se ofereceu para acompanhar um senhor português que consertava bicicletas. Se inicialmente o interesse era aprender, logo se tornou um trabalho.

Eu tive na oficina de bicicleta que era próxima de casa, eu ia lá sempre consertar bicicleta e me interessei vendo o senhor consertando, que era um português. (...). Eu estudava, quando chegava da escola eu ia lá para a oficina. Pedi, pedi a ele. Eu queria aprender a mexer com bicicleta também.

Ao contrário, para Luiz e Marcelo a curiosidade passou longe de ser um ponto chave nessa discussão. O peso se colocava na necessidade. A dificuldade financeira, respeitadas as diferenças singulares, estava colocada para ambos. As restrições financeiras familiares os levaram a iniciar cedo a vida laboral. Ambos trabalharam com vendas e acompanharam familiares. Luiz passava períodos no armarinho do tio e Marcelo trabalhava como ambulante com a mãe e o irmão. Nos dois casos, aprender a arte das vendas foi um aprendizado. Vale destacar que Luciano aponta ter aprendido, por tentativa e erro, a consertar, pintar, além dos trabalhos com manutenção.

Em todos esses casos, há uma construção de um sujeito trabalhador bastante precoce, guiada ou oportunizada por alguém, com a finalidade de “inicia-los” na vida laboral. Subjaz

para alguns uma mensagem de que enquanto homens eles precisam se responsabilizar financeiramente pelos seus gastos e o de sua futura família. Para outros, como Gilson, isso é falado abertamente pela sua avó: “*ela falava ‘é bom que você tenha as suas coisas. Mais tarde você vai ter a sua família’. E hoje eu cuido deles. Graças a Deus eu ainda tenho condições de sustentar a minha família*”.

#### 5.2.1.2.2 “Era o que eu sabia fazer”

Apesar de também tratar da experiência prática, este grupo, exclusivamente feminino, fez uso dos conhecimentos adquiridos na aprendizagem do trabalho doméstico não remunerado, como limpar e cozinhar e as transformou em capital para o trabalho remunerado. Não havia na aprendizagem dessas atividades a intencionalidade de profissionalização como foi visto acima. De forma geral, eram atividades já exercidas dentro de casa como tarefas regulares, reflexo de uma divisão social entre os gêneros, historicamente construída, existente em muitos arranjos familiares, em que se concentram na figura feminina os cuidados com a casa.

As motivações no aprendizado das tarefas domésticas são, na verdade, reflexo da tradicional divisão sexual do trabalho, em que cabe às mulheres a responsabilidade pelo cuidado com a casa e os filhos, enquanto aos homens o papel de provedor. O fato aqui é que para algumas das entrevistadas, essa aprendizagem no campo doméstico, em determinados momentos de suas trajetórias, se tornou opções de trabalho e remuneração. Se antes executavam essas tarefas de modo obrigatório e não remunerado, puderam deslocar o seu uso para um arranjo de trabalho remunerado. Este último aparece para muitas das mulheres entrevistadas em momentos em que estiveram com dificuldades em encontrar emprego, ou fortes necessidades financeiras. As opções “*trabalhar em casa de família*”, “*fazer faxina*”, “*auxiliar de cozinha*”, “*fazer salgados e bolos por encomendas*” aparecem com bastante força e frequência.

No caso de Alana, que frente a negativas de emprego em fábricas, devido ao seu excesso de peso, optou por seguir os passos da mãe, e foi trabalhar em casa de família. Ambos os pais trabalhavam e apesar de não ser a primogênita, era a filha mulher mais velha. Não aprofunda esse ponto, mas menciona uma diferença de gênero em casa, onde ela e a irmã eram as responsáveis por manter a casa em ordem.

Comecei em casa de família. Era tranquila e perto de casa. Para mim não foi um problema porque era o que eu sabia fazer no final das contas. Tudo o que eu tinha que fazer lá eu já fazia em casa, porque minha mãe trabalhava e chegava cansada. Eu arrumava e cozinhava.

De forma semelhante, Marilene, assim como Alana, também começou a trabalhar aos 13 anos em casa de família. A contragosto dos pais que gostariam que estudasse, Marilene optou por conta própria abandonar os estudos e começar a trabalhar. Seu interesse maior estava em poder se proporcionar a si própria aquilo que seus pais não podiam lhe dar, visto a família ser bastante grande.

Eu tinha 13 anos quando eu fui trabalhar. Eu arrumava, eu fazia comida, eu tomava conta de criança. Eu tinha uma colega que trabalhava fora, e me interessei de trabalhar, porque minha mãe passava aperto para sustentar a gente.

As questões financeiras também tocam Rosana. Para ela, isso não se deu no início de sua vida laboral, mas em outros períodos de sua vida, como a primeira separação. Em vários momentos de sua trajetória lançou mão de trabalhos informais como forma de se sustentar, aos quais chama de “*coisas independentes*”.

Eu sempre fiz coisas independentes assim. Eu aprendi a cozinhar, eu cozinhava. Eu fazia salgado. Eu fazia sacolé. Eu posso dizer que eu cozinho bem. Eu já fiz bolo para fora. Sempre foi um trabalho, tem um nome que se dá. Liberal, né? Trabalho liberal! Nunca foi um vínculo, meu trabalho de vínculos são poucos, foram 9 anos só. Trabalhei em outros lugares. Trabalhei em cozinha, porque o meu negócio não é ficar parada. Eu não queria ficar parada. Então, o que aparecesse eu fazia. Se me falassem “ahhh, vai ser faxineira...” Eu metia a cara. Depois que eu me separei, eu trabalhei de faxineira numa loja, trabalhei de faxineira na Construir. Trabalhei assim, em pensão, cozinha. O que eu soubesse fazer de serviço de casa eu fazia.

Fica evidenciado que as habilidades aprendidas no campo doméstico e principalmente marcada pela questão de gênero, em determinados momentos na vida dessas mulheres se tornaram uma opção de trabalho remunerado. As condições financeiras familiares, a necessidade de aumentar a autonomia ou as opções restritas de empregabilidade, as faziam transformar esses conhecimentos práticos em um capital para o trabalho.

Essa configuração aparece atravessada na história de vida de Lidiane. Ela é a entrevistada com menor tempo de trabalho remunerado. Ela esteve protegida de ter que trabalhar cedo, pois seu pai se colocava como o grande provedor da casa. Havia uma mensagem contraditória quanto à mulher trabalhar ou não. Sua mãe era proibida de trabalhar, tendo como função cuidar da casa e dos filhos. Ao mesmo tempo havia um discurso de que “é

*importante uma mocinha trabalhar para poder ter as suas coisinhas*”, como marca a fala da sua mãe para ela. Sendo assim, o trabalho doméstico sempre esteve presente na sua vida, constituindo, inclusive, sua organização de vida hoje. O trabalho remunerado para ela passa pela questão da necessidade.

Antigamente mulher não trabalhava fora, e meu pai não queria que minha mãe trabalhasse. Quem era do lar, era só do lar. Foi só quando a gente precisou que ela foi trabalhar. Quando eles se separaram e meu pai saiu de casa. Ela começou a fazer uns biscates de faxina na casa dos outros. E eu fui trabalhar numa fábrica por indicação de uma menina, minha vizinha. (...). Mas minha mãe parou logo depois que saiu a pensão. E eu parei quando eu tive a minha primeira filha. Eu tinha que faltar porque ela era doentinha. Tinha que levar no médico, né?! E depois das minhas férias eles me mandaram embora. (...). Meu marido falou que eu não precisava trabalhar e que era melhor eu cuidar dela. Foi o que eu fiz.

Apesar de não ter trabalhado remuneradamente com o trabalho doméstico nesse período, ela atesta que caso precisasse trabalhar hoje era o que lhe restaria:

Graças a Deus, a gente não precisa. Meu marido consegue pagar as coisas. Mas se a gente precisasse, é o que eu sei fazer. Eu cuido da casa e das crianças. Não conseguiria mais entrar numa fábrica não e eu nem sei se eu quero, porque da forma que as coisas estão hoje, eu tenho que estar perto dos meus filhos, ficar de olho.

Frente às limitações de idade e escolaridade, visto que muitas se iniciaram no trabalho precoce, as opções de emprego eram e são mais restritas. Esse contexto as levou a ocupar esses espaços como diaristas, empregadas domésticas, cozinheiras, e do lar. É importante salientar também que a perspectiva de buscar um trabalho remunerado não se restringiu ao mercado formal. Em geral são atividades informais, de baixa remuneração e situações precárias. Mas há também os contratos formais em empresas através do cargo de auxiliar de serviços gerais, ocupado por Marilene e Rosana, por exemplo. E ainda, há as atividades informais e autônomas que também foram desenvolvidas por Rosana em outros momentos de sua vida, no qual se recolheu no espaço de sua casa e fornecia produtos para fora como sacolés, bolos e salgados.

### *5.2.1.3 Trabalho e estudo como valores familiares*

Pôde-se ver no tópico anterior que o contexto socioeconômico dos participantes contribuiu fortemente para a inserção da maioria deles no mundo do trabalho numa média de 13 anos de idade. Além disso, a família teve papel primordial nessa inserção. Sabe-se que ela

é o primeiro espaço de socialização do indivíduo, lhe transmitindo valores, hábitos e comportamentos. Aspectos esses muito importantes para a construção da identidade de cada um.

Bourdieu (1992, p. 101) ao desenvolver sua teoria do *habitus* atesta que esta se trata de “uma subjetividade socializada”. Isso significa dizer que conjuntos de práticas constituídas ao longo do tempo, a medida que são capitalizadas pelas respostas que podem fornecer a questões concretas e objetivas da vida, acabam por ser transmitidas através das gerações. O que se confirma pelas muitas aproximações nos modos de ser e reagir a determinadas situações sociais, de sujeitos com trajetórias sociais semelhantes.

Pelo fato de que a identidade das condições de existência tende a produzir sistemas de disposições semelhantes (pelo menos parcialmente), a homogeneidade (relativa) dos *habitus* que delas resulta está no princípio de uma harmonização objetiva das práticas e das obras, harmonização esta própria a lhes conferir a regularidade e a objetividade que definem sua ‘racionalidade’ específica e que as fazem ser vividas como evidentes e necessárias, isto é, como imediatamente inteligíveis e previsíveis, por todos os agentes dotados do domínio prático do sistema de esquemas de ação e de interpretação objetivamente implicados na sua efetivação, e por esses somente (Bourdieu, 1983, p. 66).

Gaulejac (2014), apoiado em Bourdieu, atesta que a incorporação do *habitus* é em grande parte inconsciente. As condições sociais de produção desse *habitus* “estão ocultadas, negadas, esquecidas” (GAULEJAC, 2014, p. 32). Estariam desprendidos de sua origem concreta, aparecendo nos discursos e atitudes como se fossem “naturais”, “inatas”. E o que Bourdieu (1983) chama a atenção é que o *habitus* não é sinônimo de uma memória sedimentada e imutável, que apenas é reproduzida. Seria um sistema de disposição construído continuamente, sujeito a novas experiências, e respostas às novas condições de existência.

Em todas as entrevistas ficam evidenciadas a contribuição e o papel da família na formação de cada um. A construção sobre o que é trabalho e o porquê de se trabalhar decorre inicialmente desse ambiente e para todos a educação formal aparece como um investimento familiar compartilhado pelos responsáveis. Mesmo aqueles que interromperam os estudos ainda no ensino fundamental referem que esta escolha gerou, pelo menos, um mal-estar e talvez se possa arriscar a dizer decepção e rompimento com o projeto familiar.

Os pais de Viviane, por exemplo, tinham pouquíssima escolaridade. Seu pai analfabeto e sua mãe possui apenas o primeiro segmento do fundamental. Principalmente esta última a incentivou bastante desejando que a filha aproveitasse a oportunidade que ela não teve. Por isso, quando Viviane optou por se desligar do colégio o problema foi grande:

(...). Então, eu resolvi largar o colégio. Não terminei o 3º ano. Minha mãe quase me matou. Disse que eu estava jogando pela janela a oportunidade de ter uma vida melhor. Eu concordo que se eu estivesse procurando um serviço fora eu precisaria do segundo grau completo, mas para o que eu faço hoje, eu não preciso. Sem contar que um dia o comércio vai ser meu.

Para a mãe de Viviane, o estudo e os cursos complementares são projeções para um futuro melhor, a realização de um percurso que ela não pôde fazer. Já na perspectiva de Viviane, está em jogo uma temporalidade diferente: o agora. A esse tempo ela tenta articular a funcionalidade do estudar mais. O tempo futuro fica marcado pela segurança de um negócio próprio, no qual ela julga não fazer falta um nível maior de escolaridade.

Para Rosana isso não é diferente. Sua mãe, apesar de analfabeta, fazia questão que os filhos estudassem:

Ela sempre exigiu muito da gente (...) ela queria que tivesse boa nota. Para ela, os estudos eram importantes. Ela acompanhava o boletim e se tivéssemos nota baixa ficávamos de castigo. Ela não ajudava muito, pois não tinha estudado, mas fazia questão que fôssemos para escola.

Na mesma direção, a mãe de Veridiana se posicionava quanto aos estudos. Esforçou-se para suprir a ausência do pai dela, lhe fornecendo mais do que realmente poderia com muito esforço. Os AVC's que teve a limitaram, o que acabou levando a Veridiana a investir nos estudos e capacitações como forma de melhorar a vida das duas.

Minha mãe sempre falou que sem trabalho a gente não consegue nada. Minha mãe era analfabeta. Desde pequena sempre trabalhou. E ela sempre colocou isso: sem trabalho a pessoa não consegue nada. (...). Estudar, ela me fez estudar, mesmo sendo analfabeta ela ficou em cima para eu estudar. Ela falou: pena que eu não vou poder te dar uma faculdade, mas, pelo menos, o segundo grau. Você vai ter que ter o segundo grau. Eu fiz o segundo grau tudo direitinho e fiz o curso de secretariado.

Veridiana não apenas recebeu essa herança, como transmite aos filhos: *“O que eu passo para eles é assim, estudar bastante.”*. A educação é muito valorizada como uma chave para o futuro e formação profissional. Pautado nisso, mesmo com todos os conflitos existentes na casa de Eunice, seu pai sempre a incentivou e investiu na sua formação:

Nesse ponto, em questão de estudo, ele nunca foi ruim. Ele sempre me estimulou. (...). Todos os dois. Ele sempre me incentivou a estudar muito, sempre me incentivou a procurar ter uma estabilidade financeira, estabilidade profissional.

Gilson perdeu seu pai muito jovem e foi criado pela mãe e pela avó paterna. Segundo ele, era recorrente ouvir das duas o quanto era importante estudar: *“A minha mãe e minha avó sempre gostaram que estudasse para prosseguir na vida e ser alguma coisa mais a frente, né?!”*. Mesmo tendo feito a opção de trabalhar bastante jovem, acompanhando um senhor português em uma oficina de bicicletas, havia uma preocupação em conciliar as duas coisas. Inclusive era uma preocupação desse senhor:

Eu comecei na oficina de bicicleta, que era próximo de casa, eu ia lá sempre consertar bicicleta e me interessei vendo o senhor consertando, que era um português. E fiquei lá ajudando ele. Ele falou para mim: “rapaz, pode mesmo?! E a tua escola?” Ele só me deixou ficar lá se isso não atrapalhasse meus estudos. Aí, eu estudava e quando chegava da escola eu ia lá para a oficina.

Além dos estudos, o trabalho teve um lugar na sua formação. Apesar de ter sido uma escolha sua e não uma cobrança familiar, ele diz que era do agrado de sua avó que ele estivesse se ocupando.

A minha avó sempre gostou que eu estivesse na oficina. Para não ficar na rua à toa, eu ficava lá na oficina. Aí eu conciliava o horário de estudo com a oficina. Estava tudo bem. Eu não ficava na rua à toa, ficava lá na oficina aprendendo, entendeu?

No caso de Helena, os estudos têm um peso bastante importante na sua trajetória de vida. Seu pai a incentivava bastante, pois precisou abandonar os seus próprios estudos para trabalhar e ajudar a cuidar dos outros nove irmãos já que seu pai faleceu quando ele ainda tinha 10 anos. Essa história de sacrifícios fez com que mantivesse seus esforços de forma que seus filhos não vivenciassem o mesmo que ele, e o estudo era um veículo para isso.

Meu pai era muito correto, muito trabalhador e dizia para gente estudar. Que para gente ter oportunidades melhores a gente tinha que fazer por onde. A gente não tinha escolha, tinha que estudar. E foi o que eu fiz. Fiz formação de professores. (...). Ele não deixava a gente trabalhar. Dizia que isso era só depois de terminar os estudos, porque atrapalharia.

Helena seguiu essas orientações até o momento em que as restrições financeiras se tornaram importantes. Na época, seu pai havia sido demitido da empresa onde trabalhava, sua madrasta não tinha remuneração, sendo a responsável pelo cuidado com a casa e ela e o irmão estudavam. Ela cursava um ano adicional à formação de professores como complementação da sua formação. No período, a família recebia uma pequena ajuda financeira de uma tia paterna. Essa situação a mobilizou a se inserir no mercado mesmo a contragosto do pai, que

durante algum tempo insistiu que estudo e trabalho eram etapas distintas e que deveriam acontecer em tempos distintos.

Ele não queria que eu trabalhasse de jeito nenhum. Dizia que se eu trabalhasse eu pararia de estudar e primeiro eu tinha que terminar tudo e só depois que eu deveria procurar emprego. Mas a gente estava precisando. Não tinha condições da minha tia ficar sustentando a gente. Sendo que eu e meu irmão já éramos grandes. Dei uma chamada nele, para ver se ele acordava para vida e eu fui dar aula. Até hoje ele é problemático. Meu pai tentou dar a oportunidade para gente estudar, mas ele não soube aproveitar. Está sempre enrolado e não fica em emprego.

Além do forte investimento nos estudos, aparece na fala de Helena o reconhecimento de uma “vida protegida” que seu pai tentou construir e que foi confrontada com a realidade do desemprego, de uma ruptura na trajetória de trabalho visto que faltavam apenas dois anos para que se aposentasse e isso traria dificuldades para sua reinserção. A necessidade financeira vivida naquele momento através da dependência da ajuda de uma tia se tornou humilhante, “*afinal já tinha dezoito anos*”. A maioria aparece também com um peso, da mesma forma em que ela reproduz uma fala moral com o seu irmão “*dei uma chamada nele*”, pois aos seus olhos era impraticável viver na dependência. E há um julgamento moral sobre sua condição hoje de estar “*sempre enrolado*” e de não ficar “*em emprego*”.

Alana também teve conflitos com os pais quando resolveu abandonar o colégio para trabalhar:

Eles assim, não me apoiaram (...). Falaram que não tinha necessidade, que queriam que eu estudasse, mas eu já estava tendo problemas na escola, brigas, repeti. Aí, eu já não queria realmente estudar. Comecei a estudar à noite. Depois eles viram que era aquilo que eu queria e deixaram. Aí, está bom. Minha mãe foi lá conhecer a casa, conheceu a pessoa. E o serviço era só companhia, só limpar a casa e acabou. (...). Eles falavam para mim que na hora certa eu ia começar a trabalhar, mas que aquele não era o momento ainda, que eu tinha que estudar, fazer curso, para depois começar a trabalhar.

A influência familiar no incentivo ao estudo formal vem articulada a ideia de um futuro melhor e diferente da trajetória que esses pais tiveram. Isso significa um incentivo para alcançarem, principalmente, uma condição financeira diferente da familiar. O trabalho aparece em muitas falas como possibilidade de independência e autonomia, como forma de adquirir bens não fornecidos por esses pais. Para Viviane:

Eu assim, no meu ponto de vista a gente trabalha para ter o que quer, porque nada vem mole. (...). Se eu quero trocar aquela cômoda ali, então, eu vou trabalhar, vou juntar dinheiro. (...). Se eu quero aquilo ali, eu vou batalhar por aquilo ali, vou focar naquilo ali. (...) é assim, trabalho para ter minhas coisas direito. Sou pobre, mas na medida do possível vou comer bem, vou beber bem e vou viver bem.

Ao mesmo tempo em que aparece a possibilidade do consumo, nas entrelinhas há uma forte transmissão de valores. A expressão “*não vem mole*” faz menção a questão da necessidade e do esforço, do sacrifício. E está presente em outras falas como a de Eunice:

Trabalho é uma questão de subsistência. É você criar recursos para sobreviver. E era o que eu via na minha mãe. Que sempre procurou trabalhar para poder complementar o que meu pai na verdade não fazia. (...). Acho que tem a ver com a questão do próprio caráter. Tem que correr atrás de uma forma honesta. (...). Não se trata também de se trabalhar por dinheiro, você tem que ter uma relação com o seu trabalho.

Aparece aqui a palavra “honesto” que parece fazer uma dobradinha com a palavra “esforço”. Ambas as palavras estão presentes nos projetos que constroem. Para Veridiana, trabalho é:

atividade que vai ser remunerada, que vai fazer bem a minha autoestima. Também tem gente que fala que trabalha só por causa do dinheiro, não é nada, não é só por causa do dinheiro. É muito bom você falar “hoje eu quero comprar isso para mim”, mas tem a realização pessoal e o que ele pode promover. Se eu conseguisse me empregar, eu poderia investir em mim mesma, nos meus filhos na minha casa.

As falas de Rosana e Marcelo fazem uma articulação do início da vida laboral e sua inserção ainda bastante jovens no mundo do trabalho, mostrando como a ideia de um trabalho precoce funcionou como anteparo para não serem envolvidos em atividades como prostituição e entrada para o tráfico de drogas. Rosana enquanto reconta sua história, faz uma comparação com o que enxerga nos jovens que moram na sua comunidade. Diz:

Tem uns jovens que eu vi pequenos, que eu moro lá há 15 anos, e você olha e são voltados, nem todos..., mas 70% voltados pra prostituição, vício de drogas. Você não vê se movimentando para nada. Eu tenho uma filha de 10 anos... Aí eu vejo minha filha, minha filha de 25... Não é por nada não, mas a minha filha é lindona, tem um belo corpão, bonitona, e minha filha não engravidou antes do tempo, ela trabalha. Agora vai entrar para o preparatório do bombeiro. Eu não quero que aquilo aconteça com a minha família. Eu acho que minha filha está vendo eu trabalhar, então ela não vai se meter com essas coisas. Eu fui incentivada a ir trabalhar e de repente até na mente da minha mãe era isso. Ela veio de uma família humilde, mas ela falava: vai trabalhar, tem que trabalhar, corre atrás... Não rouba, não mata.

A participação dos pais seja pelas cobranças e exigências excessivas como no caso de Rosana ou pelo incentivo prático da atividade, como no caso de Marcelo, os fizeram assumir para si fortes valores associados ao trabalho. Marcelo traz essa marca com mais clareza no

momento em que fala que colocou seu filho (13 anos) para trabalhar com ele na lanchonete. Diz que não se trata de necessidade, mas de uma forma de ensiná-lo a dar valor ao dinheiro e entender que *“tudo na vida vem com esforço”*.

Comparando eu e meu filho, ele trabalha comigo hoje. Eu pago a ele por semana, ele recebe meio salário mínimo por mês, mas eu dou para ele calçado, casa, comida, roupa, celular, tudo que eu puder agradar meu filho eu dou, e mais o salário. Na minha época, minha mãe me dava tudo o que eu dou para o meu filho, tirando o salário. Eu dou salário para o meu filho para ele entender que nada vem de graça, que para tudo na vida precisa de esforço. Eu moro a três ruas da favela, eu sei qual é a facilidade que tem para ser captado pelo tráfico. Eu morei 26 anos dentro na favela. Então, eu sei como que é fácil, um passo que você der em falso você já está dentro do tráfico. O tráfico está lá dentro para te abraçar. O que o pai e a mãe talvez não deem, o tráfico está lá dando.

Marcelo segue falando de certa indignação quando, mesmo em forma de brincadeira, escuta e é criticado por algumas pessoas sobre a questão do trabalho infantil.

Quando meu filho começou a trabalhar comigo, por eu trabalhar com médicos, pessoas que tem nível superior, eles brincavam assim “olha o trabalho infantil, hein”. E eu também falava assim no mesmo tom de brincadeira com eles “é, ele está aqui trabalhando comigo, mas ninguém vai lá dentro da favela tirar um garoto da idade dele que está com um fuzil, com um saco de cocaína da mão. Ninguém vai lá ver o trabalho infantil de lá, né?! Mas quando o pai está ensinando o filho a ser honesto, a ser trabalhador, isso é trabalho infantil”. Então, eu acho assim: na minha formação isso foi bom para mim. Sabe por quê? Se for fazer em porcentagem, eu creio que 80% dos meus amigos de infância morreram no tráfico e eu sou sobrevivente. Sou um sobrevivente.

*“Sou um sobrevivente”*. Essa é não apenas uma frase de impacto, pela força que tem, como traz junto uma série de valores que recebeu e que tenta transmitir a nova geração. Marca a ideia de que o trabalho leva à salvação. A ideia de ocupar o tempo é importante e também aparece em Gilson quando disse que sua avó preferia que estivesse na oficina *“aprendendo algo de bom do que na rua aprendendo besteira”*.

Eunice fala do trabalho enquanto uma forma de subsistência, de responsabilidade com seu filho e que era isso o que via em sua mãe:

E era o que eu via na minha mãe. Que sempre procurou trabalhar para poder complementar o que meu pai na verdade não fazia. (...). Acho que a questão é com o próprio caráter, né?! O que eu aprendi com ela é que se a gente não correr atrás de forma honesta... você não tem crescimento nem financeiro nem pessoal. Porque, também, trabalhar só por questão de dinheiro, não tem como. Sem gostar do que você está fazendo. Eu, particularmente, acho que eu gosto do que estou fazendo.

Para além da questão da sobrevivência, ela mostra que o trabalho também é um veículo importante no campo de uma realização pessoal. Lembrando que ela já começou e interrompeu duas graduações: matemática e contabilidade. Ela demonstra que se, para ela, fosse só uma questão de sobrevivência ela teria ido trabalhar em alguma outra área ou se acomodaria na sua formação. A clareza em saber que não tinha o desejo de trabalhar como professora, junto a outras dificuldades da vida financeira e familiar, contribuiu para que abandonasse a graduação e construísse outros projetos a médio e longo prazo.

Ao mesmo tempo, seus pais sempre lhe incentivaram nos estudos: “Todos os dois. Eles sempre me incentivaram a estudar muito, a procurar ter uma estabilidade financeira, estabilidade profissional”. No entanto, o relacionamento conflituoso de casal que seus pais experimentaram, fez com que sua mãe lhe dirigisse uma frase de forte impacto em Eunice: “*Até hoje ela fala. Fala que meu melhor marido vai ser o meu contracheque.*”. O valor que aqui transmite é a de que não deve viver na dependência financeira de um homem e com isso ter a necessidade de ser submissa, assim como em determinados momentos sua mãe foi.

Para outros como Alana e Helena, o trabalho vem para agregar outros valores. Para elas, o trabalho tem uma função de integração ou reintegração ao meio social que é muito importante. Alana diz:

As pessoas, muitas trabalham porque precisam e outras trabalham para ocupar o tempo, o tempo livre. E o trabalho para mim seria porque eu preciso e também precisava me ocupar (...) ocupar minha mente, aprender com as coisas (...) ter mais contato com as outras pessoas.

Durante muito tempo ela atribuiu um sentido em abrir mão do emprego para cuidar da casa e dos filhos. No entanto, reconhece hoje que sua vivência de um trabalho doméstico, recluso ao espaço da casa e da família é limitador. Voltou a trabalhar por apenas três meses ajudando uma amiga e diz “*era ótimo. Eu me arrumava para sair de casa, eu conversava com outras pessoas, eu era útil e ainda tirava meu dinheirinho*”. Aparece aqui o valor de utilidade e aumento de autonomia financeira.

#### 5.2.1.4 A memória e ameaça da fome

Como já descrito anteriormente, o local de desenvolvimento desta investigação é um serviço público que atende majoritariamente pessoas com certo comprometimento na renda familiar e muitos passaram por fortes restrições financeiras na infância. Esse aspecto se revela

como interessante, visto que em muitos casos a memória dessas restrições e limitações tinham repercussões importantes na alimentação.

Para Marilene, o alcoolismo do pai impunha uma organização familiar, em que percebia uma sobrecarga materna para manter a subsistência da casa. Emociona-se ao falar de momentos em que as restrições financeiras tocavam na alimentação. “*Quando eu era criança, era difícil. Minha mãe batalhou muito para sustentar a gente, enquanto meu pai torrava tudo no bar. (...) A gente tinha que dividir tudo, e às vezes era pouco, não dava*”. Apesar dessa colocação, em diferentes momentos da entrevista ela também explicita que não faltava a comida, mas havia uma seleção do que era prioridade e do que cabia no orçamento familiar. Sendo assim, por mais que não existisse uma vivência literal da fome, as restrições do que e em que quantidade poderia comer já era vivida como uma ameaça da fome.

No seu caso, o trabalho veio também a ser uma “solução” para esse sentimento de desamparo, associado ao seu quadro familiar de pobreza.

Eu larguei a escola e fui trabalhar na casa da dona Rosa. Minha mãe quase que me matou, porque ela queria que eu estudasse e não trabalhasse. Ela quis me bater e tudo porque eu larguei os estudos. Mas eu queria. Queria poder comprar o meu arroz.

Quanto a esta última colocação – “*comprar o meu arroz*” – fala das dificuldades financeiras que sua família sofria, onde uma imagem de falta se impunha na alimentação. O arroz era, como diz, “*luxo para a gente*”. E o trabalho poderia lhe suprir essa necessidade. Essa ideia de falta não significava fome. Ao contrário, descreve a boa e temperada comida de sua mãe e a presença da “*farinha, feijão, carne no feijão e bastante coisa no feijão*”. A cultura nordestina é marcada e mostra quais alimentos eram valorizados na administração do dinheiro familiar.

Essa experiência de Marilene explicita que a alimentação tem sua função biológica e nutricional, mas também social. Para Santos (2005, p. 16), a cozinha se revela “como um microcosmo da sociedade, com todo o significado simbólico na construção de regras e sistemas alimentares, impregnada de cultura”. Sabe-se que as ações humanas produzem e também reproduzem uma série de valores sociais e culturais constituídos por determinado grupamento social. Pode-se dizer que os processos alimentares estão entre eles.

Contreras e Gracia (2011, p. 211) retomam da época medieval um ditado popular bastante significativo a respeito de como as diferenças sociais determinam a alimentação: “O nobre come quando quer, o padre quando tem vontade, o pobre quando pode”. Apesar de

historicamente datado, ainda persiste uma parcela de realidade nele. Fica claro, que a alimentação sempre fez marcações nos diferentes estratos sociais tendo estado a serviço de uma distinção social.

Nesse contexto em que as restrições financeiras se colocam, faz-se uma marca da pobreza, mas ao mesmo tempo, o que Marilene diz remete a uma distinção entre pobreza e miséria. Gaulejac (2006, p. 83) aborda essa distinção associando à pobreza uma situação econômica precária, sendo a miséria o seu último estágio, quando se estabelece uma privação que “obriga a uma dependência do outro para sobreviver”. Marilene e outros entrevistados buscam se proteger dessa situação, procurando preservarem suas imagens e de suas famílias ao atestar um contexto de faltas em diversos níveis, porém, mantendo a integridade via a alimentação.

Carlos ao falar da sua infância e dos esforços de seu pai como padeiro, que trabalhava quase sem folgas, nem férias, para prover a casa, ele frisa que seu pai “*tinha o dinheiro para comer e para pagar conta*”. Num outro momento ele fala que ao começar a trabalhar ele “*podia comer o que quisesse*”. Numa outra situação, já casado, com “*uma filha para criar*” como diz, ficou desempregado e conta muito mobilizado emocionalmente o fato de só ter feijão para comer em casa.

Gilson conta uma experiência mais extrema: “*Teve um período complicado para gente lá em casa. Minha avó dizia para a gente: vai dormir que a fome passa*”. A experiência da fome é contada com vergonha, sendo parte de histórias tristes e sofridas, algumas vezes acompanhadas de olhos marejados. Gaulejac (2006, p. 47) adverte que “*não há uma correlação direta e simples entre o fato de ser confrontado com a desqualificação social em virtude de sua pobreza e a internalização da vergonha. A pobreza não é em si vergonhosa*”. Mas produz o sentimento de vergonha à medida que se sente desvalorizado no olhar do outro e internaliza essa cobrança. E mais, quando percebe a pobreza como um fracasso pessoal, enquanto que a riqueza seria sinal de êxito.

Essas histórias são retomadas também para justificar outra forma de lidar com o ato de comer: o exagero, o excesso. Parece que a experiência ou o risco de repetir a experiência é vivida como desespero. Esforçam-se, portanto, para garantir uma fatura, nitidamente marcada pela quantidade e não necessariamente qualidade ou variedade, que contribuiu muito para o ganho de peso.

Minha mãe falava que a gente tinha que dividir... até o pão! Teve um dia que eu falei que eu ia trabalhar para poder comprar um pão só para mim. E quando comecei,

comprei 2 pães, tipo baguete e comi sozinha. Até hoje... se deixar eu levo a padaria inteira. Nunca vai faltar pão lá em casa (Marilene).

Nota-se a menção à fome como moralmente pejorativo, como humilhante. Vê-se no discurso de alguns participantes da pesquisa que a experiência da pobreza no passado ou no presente é abordada, mas com ênfase de que o aspecto da alimentação é preservado das intempéries financeiras. Viviane conta “*Sempre fui pobre, mas como pobre a gente tinha as coisas; comida não faltava.*”.

Se historicamente a alimentação esteve ligada ao prestígio social, a um *status*, o desejo de uma promoção social ou de resposta às condições concretas de vida – ligadas à pobreza – pode vir representado pela comida. Nessa direção, ela parece ser usada como um capital, um símbolo de poder.

Gilson e Carlos exemplificam esse ponto quando depois de trabalhadores se esforçam para esbanjar nas comidas e bebidas com base no “*agora eu posso*”. Gilson conta que começou a trabalhar na oficina de bicicletas, e o dinheiro que recebia no final de semana lhe permitia gastar com coisas para si e com comida para a família: “*No final de semana eu tinha meu dinheirinho para curtir um cinema, e dava até para comprar um frango assado no domingo, e sempre foi assim*”. Aos treze anos, quando passou a trabalhar numa sorveteria e lanchonete, onde a remuneração era maior, ele teve maiores condições de proporcionar à família uma ceia de Natal. Com orgulho diz:

Aos 13 anos, eu trabalhava na sorveteria e lanchonete. Foi onde eu pude fazer o primeiro Natal lá de casa. Eu como era o mais novo, caçula, a gente nunca tinha tido uma ceia completa. Então, eu trabalhando me vi na posição de fazer o natal completo com tudo que tinha direito. Fiz o natal para os meus irmãos e para mim, né?! E dali para cá, foi só trabalhar e tentar construir uma família que sempre foi minha vontade. Hoje eu tenho minha família. Tenho quatro filhos, entendeu, um casamento. Meu filho mais velho está com vinte quatro anos, o mais novo está com dezesseis.

Depois de casado, Gilson conta que “*quase todo dia comprava alguma coisa e pedia para minha esposa fazer. Um dia era rabada, no outro carré, no outro era costela*”. De forma muito semelhante, Carlos diz que até pouco tempo atrás telefonava enquanto estava no trabalho e pedia que a esposa fizesse preparados semelhantes aos de Gilson.

Nitidamente a comida aparece como símbolo de poder e orgulho. É curioso pois fazem menção principalmente à proteína do prato. Questão também evidenciada por Luiz: “*A gente passava bastante dificuldade, mas nunca faltou comida, nunca faltou carne na mesa*”. Segundo Contreras e Gracia (2011, p. 2014):

a maior ou menor presença, quantitativa ou qualitativa, da carne na dieta foi desigual não apenas em culturas diferentes, mas, também, no seio de uma mesma sociedade. Historicamente em sociedades estratificadas e hierarquizadas, o acesso à carne era um indicador de bem-estar e, inclusive, de poder e, nessa mesma medida, um elemento de diferenciação social.

Vigarello (2012) também mostrou que o corpo gordo teve uma representação positiva, de prestígio, de poder e ascendência (principalmente da burguesia), porque incarnava as ideias e abundância e riqueza, principalmente num contexto onde havia restrições e escassez de alimentos. Retomando a ideia de *habitus* de Bourdieu (2009, p. 93), que ele define como “a presença operante de todo o passado do qual é o produto: no entanto, ele é o que confere às práticas sua independência relativa em relação às determinações exteriores do presente imediato”, arrisca-se dizer que esse conjunto de representações e práticas, que foram capitalizadas há muito tempo, transmitidas de geração em geração, perduram até os dias atuais, integrando experiências passadas no cotidiano dessas pessoas. Talvez pelo lugar social que ocupam, pressintam que possam viver experiências de escassez alimentar. Pelo excesso de comida se asseguram de estarem protegidas de tais experiências, no entanto, a hipótese aqui desenvolvida é que a ausência de comida se torna um fantasma.

Se alguns desses aspectos se reproduzem até os dias de hoje, o contrário, as impossibilidades, os limites despertam e/ou reforçam um forte sentimento de humilhação e desvalorização, como no caso de Veridiana. O falecimento de sua mãe, somado às dificuldades em conseguir emprego e a não participação financeira do pai de seus filhos – que é usuário de drogas e não paga a pensão – ela conta atualmente com o recebimento do bolsa família no valor de R\$ 154,00 e com a ajuda de uma cesta básica esporadicamente dada pela instituição religiosa a qual está vinculada e de doações de vizinhos. Essa situação que se arrasta há anos é narrada com grande dor, lágrimas nos olhos, e muita vergonha. Ressente-se em não conseguir dar aos filhos uma condição de vida melhor. Se sente humilhada a cada vez que recebe essas doações, pois se cobra de que ela própria deveria ter condições de manter seu sustento e o dos filhos, mas não o consegue. E a ausência da carne é algo descrita como cruel. *“É muito difícil ouvir seu filho perguntar o que a gente vai comer e você ter que responder que vai ser de novo arroz, feijão, farinha e macarrão. Porque é isso que tem na cesta”*. É nítido o sentimento de desvalor o qual assume para si.

#### 5.2.1.5 Processos de vulnerabilização provocados pela obesidade

Até o momento pôde-se ver como as situações concretas de existência, como as inscrições da pobreza, da violência, das privações financeiras tem impactos importantes nas trajetórias desses indivíduos e não se pode deixar de mencionar outro aspecto que têm em comum, e que orienta essa investigação: serem obesos muito graves.

No tópico anterior a vivência ou a representação da fome impactou muitos dos entrevistados no que concerne à alimentação. Com a exceção de três entrevistados: Lidiane, Helena e Márcio, todos os outros participantes da pesquisa apresentavam ou sobrepeso ou obesidade desde a infância ou adolescência. Para alguns o ganho foi apenas gradual, para outros, situações muito específicas os fizeram tem um ganho exponencial em um curto período de tempo. O consenso parece estar nas dificuldades e por vezes impossibilidades que a obesidade os faz se depararem. Alguns fazem referência ao fato do peso já os impactar desde muito jovens ou quando ele passou a ser encarado como um problema na vida adulta.

Viviane relata que foi “*gordinha desde criança*”. Seu ganho de peso foi gradativo e muito ligado aos hábitos familiares. Chega a culpar a mãe em parte por essa condição, já que sua mãe e avó também “*eram gordinhas*”. Segundo Viviane: “*ela vivia tomando chás e fazendo dieta para emagrecer. Podia ter me educado desde pequena. Mas era aquela comidaiada toda. Minha avó falava: come mais um pouco, come*”. Como visto no tópico anterior, existe uma representação negativa da escassez na alimentação e a consequente valorização dos excessos, e a comida é representante da ausência da miséria. É possível e provável que tenha havido uma transmissão intergeracional entre essa sequência de mulheres: avó, mãe e filha.

O incômodo com o peso só apareceu, para Viviane, aos seus 19 anos, quando passou a ter dificuldades com as roupas. Diz:

Me incomodava quando eu queria uma roupa e não tinha. Eu queria aquela roupinha ali da moda e aí não tinha o número. Mas acontecia de me incomodar, mas nem tanto. Porque assim, vamos supor, eu quero uma jardineira que está na moda. Só que a jardineira vai até o quarenta. Eu estou vestindo quarenta e oito. Não tem quarenta e oito, mas ali na frente eu vi uma bermuda quarenta e oito, bonitinha também. Que também está na moda. Eu vou lá e compro a bermuda, que vai dar.

Viviane fala do excesso de peso como um problema apenas quando ele passou a ser impeditivo de realizar algumas atividades como gostaria. Até seus 19 anos ele não lhe limitava. Ela somente criava estratégias para contornar os incômodos. Se era a roupa, comprava uma maior. Se alguém implicava com ela na escola, ela ou revidava a ofensa ou entrava em brigas. Mas chega a dizer que foram poucas às vezes, pois: “*eu era toda*

*grandona, o pessoal da escola tinha até medo de falar algumas coisas, porque eu ia para cima mesmo”.*

À medida que foi ficando mais velha, outros incômodos foram surgindo. No campo da saúde, passou a se preocupar com o longo histórico familiar de obesidade, hipertensão e diabetes. Hoje ela já é diagnosticada com essas doenças e apresenta erisipela de recorrência nos membros inferiores. Mas sua maior preocupação está na dificuldade de engravidar e as cobranças de seu companheiro. Em consultas médicas já lhe foi explicado que o excesso de gordura não apenas dificulta que engravide como a coloca de antemão como uma gestação de risco.

Os seus problemas de saúde e principalmente a erisipela e o inchaço das pernas têm lhe feito se afastar da vida social. Ela se porta de forma bastante extrovertida, falante, divertida, porém faz menção a momentos de tristeza, desânimo e cansaço. Se comprar roupas já há algum tempo era um problema, hoje definitivamente o é, seja para encontrar as que lhe caibam, seja encontrar as que julgue combinarem com sua idade, seja pelo alto custo das roupas *plus size*. De forma semelhante, é também difícil encontrar sapatos e sandálias que caibam, pois em geral as pernas e os pés ficam muito inchados e acha feio como ficam os pés. *“Vou colocar uma sandália não dá. Ai, vou botar o quê? Boto sapatilha, o peito do pé fica muito gordo em cima e fica feio. Isso vai me matando. Vai me entristecendo mais ainda, que não saio, não faço mais nada”.* Com isso não consegue se sentir bem arrumada e também pouco disposta a ir às festas e bailes que tanto gostava. Em relação à rua, diz que o

gordo sofre muito preconceito. A gente vira ponto de referência [grifo da autora]. Vamos supor, alguém quer ir na Caixa Econômica. Aí diz assim: é ali, virando onde está aquela gordinha. Nunca vão falar daquela magrinha, vão falar na gordinha, entendeu? Outra situação: vou entrar na loja para comprar um presente. Pô, eu tenho meu senso, né? Eu não vou numa loja onde não tenha roupa para mim. Mas aí, você vai comprar um presente e a vendedora diz: a gente só trabalha até o número tal. Isso me tira do sério e é onde eu falo: eu estou te perguntando algo? Eu estou te perguntando se tem tamanho para mim? Não, né?! Isso porque é um presente.

Com isso, ela refere se sentir *“desclassificada”*, *“excluída”* nos seus direitos, gostos, na possibilidade de fazer o que quer. A roleta do ônibus se transformou num grande tormento, assim como também acontece com outros entrevistados.

Consigo andar de ônibus, só não passo na roleta. Nem que me paguem. Tem uns seis anos já. Eu peço para o motorista abrir a porta de trás. (...). Porque aconteceu de tentar passar na roleta e eu vi que estava meio estreito aqui [mostra a barriga e o quadril]. Maior medo de passar vergonha. Deus me livre. Não gosto nem de imaginar em ficar presa na roleta. Aconteceu de entrar dentro do ônibus, e o motorista não tinha destravado a roleta e eu vi que ela estava muito apertada e tentei

forçar e ela não foi. Achei que tinha ficado presa. Mas ele destravou e eu passei. Meu rosto queimou, porque estava todo mundo olhando para mim. Nunca mais corro esse risco. Só passo por trás.

Assim como Viviane, a ideia de um “*sempre fui gordinha*” aparece em outros entrevistados. Nos muitos nomes que estar acima do peso recebe, Veridiana fala de “*sempre ter sido cheinha*”. Seu ganho foi progressivo e refere ter passado por muitas situações bastante constrangedoras no colégio e na rua. As crianças de sua turma sempre a insultaram com palavras como “*gorda*”, “*baleia*”, “*barril*”, “*rolha de poço*”, “*Nhonha*”, dentre outros. Sentia muita dificuldade em se defender e buscava se destacar nos estudos pelas notas das avaliações, atestando ser uma das melhores alunas. Como sua mãe trabalhava muito, ela costumava ficar com uma vizinha, não tendo muito contato com outras crianças da rua.

Com o adoecimento de sua mãe, Veridiana passou a cuidar dela. Vale destacar que ambas apresentavam grande excesso de peso, fator que contribuiu para o agravamento da situação de saúde de sua mãe. A história de Veridiana é fortemente marcada por situações de fragilidade. Perdeu o pai jovem, a mãe precisava trabalhar muito para sustenta-la, sofria *bullying* no colégio, sua mãe sofreu vários AVC's ficando debilitada, engravidou do seu primeiro relacionamento amoroso, ele era drogadicto e não assumiu os filhos, foi abandonada, empregos lhe eram negados. Aos seus olhos o que lhe restava era se recolher e comer, o que a fez formar e retroalimentar um forte círculo vicioso.

Minha vida é muito difícil. Às vezes eu tenho medo das coisas boas. É tipo assim, você consegue uma coisa boa e logo acontece uma coisa ruim para eu desistir. Vou te dar um exemplo, assim que eu soube desse programa [se refere ao serviço CRO] eu fiquei super feliz. Dois dias depois meu filho quebrou o fêmur, ficou 15 dias internado, ficou na cadeira de rodas. Agora não está mais na cadeira de rodas, está na muleta, mas de qualquer forma é isso... É uma sequência muito grande de coisas ruins. E com isso, eu quero comer, comer e comer... E pior... às vezes só tem o arroz e o feijão, então é o arroz e o feijão. É o que eu tenho, é o que me resta.

A comida, não importa qual seja, aparece para Veridiana como uma falsa forma de compensação e defesa. Imaginariamente ela alivia os momentos de ansiedade e medo, e proporciona em curto prazo uma satisfação, uma sensação de preenchimento, que mais tarde retorna como culpa. Culpa por ter comido tudo o que tinha, por continuar engordando, por não poder oferecer o melhor para os filhos, por não conseguir emprego. Mas talvez nos momentos em que coma sinta imaginariamente a sensação de estar simbolicamente preenchida, de ter seus desejos plenamente satisfeitos.

Se a reclusão no espaço doméstico é vivida como cruel devido a sua autocrítica, a vivência fora de casa não se apresenta como mais tranquila.

Vontade eu tenho, mas o preconceito é maior que eu. Eu pego uma condução e não olho para cara de ninguém, porque se os outros estiverem me olhando eu não vou saber. Prefiro não saber. Porque dói muito. (...). Eu sei que depois que ela morreu [referindo-se à mãe] eu me entreguei. A minha vida era muito mais ativa quando a minha mãe estava viva, porque eu tinha que fazer de qualquer jeito. Então, um pouco é culpa minha também, eu que deixei. Não sei se psicologicamente me bloqueei. Muitas pessoas que me conhecem falam que eu me bloqueei para o mundo, que eu não dou oportunidade para as coisas. (...). Mas é tudo muito difícil. Você sai na rua e as pessoas te olham, cochicham, às vezes até apontam e riem. Outro dia um garoto começou a gritar “olha lá a moça como é gordona!”. Morri de vergonha. Eu sei que era coisa de criança, mas tem muito adulto que também faz.

A vivência do olhar do outro e o julgamento que dele decorre faz com que se recolha cada vez mais na tentativa de diminuir sua visibilidade e o sentimento de “vergonha”. O se recolher no espaço doméstico, neste sentido, é como querer tornar-se invisível no espaço público; isto fica evidente quando precisa sair. Nestes momentos, enfrenta todo o processo de estigmatização.

Eu sempre encontro uma crítica. Não precisa me falar. Eu sei, eu sinto. Se você entra num ônibus, já tem aquele problema da roleta. Tem 8 anos que eu não passo numa roleta, eu não tenho coragem de chegar até a roleta e passar. Eu fiquei presa uma vez. (...) Eu estava vindo lá do centro da cidade, no antigo 380. E eu fiquei presa na roleta. De lá para cá, eu nunca mais tentei. (...) Eu não sei se a roleta estava ruim ou o que que houve. Mas na hora que eu passei, eu travei. Mesmo eu tendo perdido esses vinte quilos agora, eu não tive coragem. Até cheguei perto, mas desisti, desci e entrei por trás. (...) Foi horrível, o ônibus estava cheio, e a roleta não rodava de jeito nenhum, nem para um lado nem para o outro. Depois de tanto forçar, consegui voltar. Mas aí, eu já estava morta de vergonha. O ônibus cheio, todo mundo olhando, entendeu? Me senti muito, muito mal. Tive que vir no ônibus do centro da cidade até santa cruz. Foi o pior dia da minha vida depois da morte da minha mãe. Já aconteceu de eu entrar num trem e a pessoa falar assim: ‘não vai dar espaço para você sentar aqui não! Eu falei: ‘mas tem espaço se você apertar um pouquinho. Claro que não vão apertar, porque você é desse tamanho, entendeu? Já passei por várias situações.

Marilene, em relação ao seu quadro de obesidade, fala que “*nunca foi magrinha*”. Chama a atenção, que faz o inverso de Veridiana que disse que “*sempre foi gordinha*”. A expressão que escolheu usar foi se atribuir um elogio, completando com um “*tinha um corpão*”, fazendo menção a um corpo bonito e sexualizado. Toda a sua forma de apresentação é curiosa, pois ao mesmo tempo em que parece fazer propaganda de si mesma, também se desculpa. “*Eu não era gorda, eu era fininha aqui em cima [partes do colo e barriga]. Tinha cinturinha e sempre tive bundão. Vestia 42 quando era adolescente*”.

Aqui, ela se apresenta e apresenta o valor do seu corpo, e já o anuncia como um capital. Seu primeiro emprego em casa de família é marcado como um espaço de “brincadeira”, em que sua patroa (também muito jovem) incentivava sua vaidade.

Eu adorava trabalhar lá. Era um pessoal recém-casado, e ela estava grávida. Para mim era uma grande brincadeira. Eu fazia as coisas, mas ela também brincava comigo. Me dava perfume, esmalte, creme, fazia minhas sobancelhas. Dizia que mocinha tinha que se cuidar. Ela deixava eu pentear o cabelo dela, e ela arrumava o meu.

Houve um incentivo em relação à vaidade, à feminilidade, em que o corpo e a beleza tinham papéis fundamentais. O que chama de “corpão” junto a toda vaidade construída a retiram das vivências das necessidades – a situação financeira familiar era bastante complicada – e a coloca numa posição mais empoderada no campo da atração e da sexualidade, ela é objeto de desejo. A beleza, nesse caso, não está ligada à magreza e sim às curvas. É importante destacar que ela tece sua história a partir de diversos relacionamentos conjugais e extraconjugais, vale dizer que também bastante complicados, em que esse charme tinha um lugar privilegiado.

Se apresentava sobrepeso na infância, vindo a emagrecer posteriormente, foi depois da sua primeira gestação que seu corpo foi ganhando outras dimensões agravados pelas gestações subsequentes e a ansiedade.

Eu comecei a engordar depois da minha primeira menina. Mas ainda assim eu era muito bonita. Meu segundo marido morria de ciúmes. Eu só sei que fui ganhando, ganhando [peso]. Quando eu vi, estava assim (...). Só passou a me incomodar mesmo quando fui ver uma vaga e a moça falou que só tinha uniforme até o 46. Foi quando eu tomei aquele susto.

A falta de percepção sobre si e o “susto” que levou quando confrontada à realidade do número do seu manequim num campo valorizado, como o do trabalho, a fez reestruturar a própria identificação com o seu corpo, e conseqüentemente sua imagem corporal. Lembrando que Lacan (1988[1949]), no registro do espelho esclarece que a imagem do corpo próprio se constitui em espelho, na relação especular do sujeito com o outro. O autor propõe compreender esse estágio “*como uma identificação*” (p. 97). Quanto a isso, sua intenção é a de apontar a transformação que se dá no sujeito quando uma imagem é construída/ assumida. Sendo assim, as mudanças do próprio corpo têm implicações na imagem de si mesmo. Faz surgir um novo eu, em espelho. Esse novo corpo captura o olhar do outro e faz emergir um novo sujeito. É imprescindível, portanto um outro para que essa relação se estabeleça. E foi justamente esse circuito que se estabeleceu ao redor desse “*susto*”.

A fala de Marilene revela a inauguração da nova concepção de corpo que tem. Mesmo que já tivesse ouvido antes que estava ganhando peso. Foi necessário que se deparasse com

um corpo que não está apto a vestir um uniforme e que, portanto, também não está apto ao trabalho para se reorganizar em torno dessa nova imagem. Atesta também que passou a ter dificuldades em cuidar de sua própria casa, algo que fazia facilmente e que costumava ser um capital para o trabalho. Relata igualmente a dificuldade em subir num ônibus, passando a depender de sua filha para que lhe leve de carro para os lugares que deseja ir.

Rosana dá continuidade à sequência de entrevistadas que já apresentavam sobrepeso na infância e atesta que era algo da família e que se reproduz na nova geração.

Minha mãe é gordinha, meu pai era gordinho. Eu estou falando gordinho, porque eles são baixinhos, né?! Eles eram obesos na verdade. Meus irmãos também. Só que os meninos jogavam futebol, então, era menos. Mas todos têm tendência a engordar. Eu era gordinha desde pequena. Por exemplo, minha filha, ela tem 10 anos, e tem 1,60m e 62 quilos. Está acima da média dos 10 anos. Ela, assim, com 10 anos ela poderia até ser alta, mas teria que ser mais magra, né? Então, quer dizer, era a minha mesma proporção. Eu tinha 10 anos e já pesava uns 70 quilos e eu já calçava 39. Com quinze anos eu pesava 78.

Apesar do excesso de peso, da mesma forma que Marilene, diz que era uma jovem muito bonita e que se cuidava. *“Mesmo com 78 quilos, eu sempre fiz ginástica. Eu sempre gostei, então, era aquele corpo legalzinho, mas, a obesidade estragou tudo”*. O ganho de peso foi progressivo, agravado nas suas gestações e com as suas *“taras por doces”* em especial nos momentos de ansiedade. Não sabe dizer em que momento da vida se “perdeu”, ou seja, deixou de ter controle sobre seu peso. Para ela, a única coisa boa que a obesidade lhe trouxe, foi o seu segundo marido, pois *“ele é magrinho, mas gosta de gordinha”*. De restante, ela lista uma série de intempéries ligadas ao seu peso.

De positivo só meu marido. Agora de negativo, tem tudo de negativo. A autoestima baixa. É você não poder trabalhar da maneira que gosta. Se eu sentar para costurar, eu não varro casa, porque não aguento. Eu tenho que conciliar, num dia eu faço uma coisa, no outro eu faço outra. Não consigo me abaixar. Não consigo vestir uma roupa que eu gosto. Tem que selecionar. Eu só uso malha. Achar um jeans é um sacrifício. Até porque tudo cresce. O pé cresce se você engorda. O pé cresce, a mão cresce, tudo cresce. Dificuldade para fazer tudo. Até o sexo já não é a mesma coisa. (...). A medida que ganhei peso, a obesidade me trouxe muitas frustrações. Piadinhas sem graça que o povo faz. Preconceito mesmo. Muitas coisas eu tento relevar para não me machucar, eu tento levar na brincadeira, mas é difícil.

Rosana vive intensamente as questões da obesidade, tanto física como emocionalmente. Assim como Veridiana, ela também ficou presa na roleta de um ônibus.

Teve o episódio da roleta, que eu machuquei o quadril. Eu fui toda contente, paguei a passagem e fui tentar rodar. E fiquei no meio do caminho. Eu forcei e machucou aqui [no quadril]. O cobrador ficou olhando para minha cara. Eu falei: ‘dá para

segurar que eu vou empurrar? Porque senão eu vou me machucar mais do que eu estou me machucando'. Aí, ele foi e segurou. Eu falei 'pode rodar'. Ele rodou e raspou aqui [no quadril]. Ficou roxo. Mas graças a Deus que estava vazio o ônibus. Mas eu não desejo isso para ninguém.

A roleta parece ser uma grande prova. E mais que isso, uma grande medida real da protuberância corporal. Consigo passar ou não consigo passar? Rosana diz que consegue rodar a roleta quando pesa *"134 quilos, mas com 136 já faz diferença"*. Se a vivência de ficar preso na roleta foi concretizada ou não, não faz diferença, pois a possibilidade de "entalar" na roleta funciona como um grande pesadelo e só a ameaça já traz um sofrimento e constrangimento enormes, o que leva a alguns a não mais utilizarem esses transportes.

Para Alana, a experiência do excesso de peso vem desde a infância e também é um traço familiar. No entanto, foi ela quem mais se destacou dentre os irmãos tendo dificuldades para, inclusive, encontrar roupas que lhe coubessem.

Eu tinha muita vergonha do meu corpo. Eu sempre estive acima do peso. Com treze anos, as meninas da minha idade andavam em qualquer lugar, compravam qualquer tipo de roupa, e eu não encontrava aquelas roupas. Eu ia em uma loja junto com elas, ou com minha irmã, às vezes meu pai levava a gente, e eu não conseguia comprar para mim. Aquilo ali mexia muito comigo, ficava triste, chorava, chegava em casa chateada porque não encontrava nada. Aí, minha mãe começou a aprender a costurar. Começou a fazer para mim calça com elástico. Aí era pior, eu já me sentia diferente, porque eu tinha que usar aquilo. Todo mundo podia ir na loja comprar, eu já tinha que usar da forma que ela conseguia fazer. Isso ia me machucando muito. Chegava final do ano, todo mundo saía, "ah vamos comprar roupa". Meu pai saía com a gente, levava minha irmã, levava meus outros irmãos. Todo mundo saía da loja vestido, e eu era a única que não tinha nada para mim, não dava nada. O meu número não tinha. Já olhavam para mim: "olha, o seu número não tenho". Dali era igual a uma flecha para mim. Saía dali angustiada, chorava, aí, não queria nada. Já teve vários fins de ano que eu fiquei sem roupa, na adolescência, por não encontrar roupa. E o que eu encontrava não era roupa para minha idade e eu não queria comprar.

Seu peso aumentou progressivamente. As gestações contribuíram para ganhos, os quais não conseguiu perder posteriormente. O fato de passar mais tempo em casa, também ajudou nos exageros na alimentação, pois experimentava receitas, principalmente doces. Passou a fazer parte da rotina da casa ter bolos recheados todos os dias. Chegou a fazer disso um trabalho e enquanto fazia bolos por encomenda chegou a ganhar cinquenta quilos.

Eu devo ter ganhado quase 50 quilos. Uns 50 quilos. Muito mesmo. Assim, eu comia, mas comia muito. Bolo então... Eu tinha um negócio com bolo recheado que eu comia muito. Fazia e botava na geladeira. Ficava dias lá na geladeira. Ali eu ia comendo. Era café-da-manhã, café da tarde, era refrigerante. Muito refrigerante. Torta, sobremesa.

Para ela, ficar em casa cuidando dos filhos, sem outra ocupação lhe gerava ansiedade. O único vínculo que tinha fora de casa era a igreja. Porém diz que todas as festividades também eram comemoradas com muita comida e refrigerantes. Dentre as dificuldades que a obesidade lhe trouxe se referem às dificuldades na mobilidade e o preconceito. Ela também possui uma experiência ruim com a roleta de ônibus. E o receio de enfrentar as dificuldades em coletivos a fez desistir de uma oportunidade de emprego.

Fiquei imprensada uma vez na roleta. Foi desesperador. Para mim foi horrível. Uma sensação muito ruim. Constrangimento, vergonha, foi muito ruim. Eu fui tirar um documento. Eu já quase não andava mais de ônibus, andava só de van. Como tem muita van e Kombi, eu só usava isso. Mas eu precisei pegar um ônibus. Até aquele momento eu achava que estava bem, não tinha essa preocupação, achava que passava tranquila. Mas quando eu fui passar na roleta, não era nada daquilo que eu estava vendo. Eu conseguia passar a alguns anos atrás. Quando eu fui passar, eu senti que atolei de uma tal maneira que ali eu fiquei. Quase chorando. Como é que eu ia passar ali naquela roleta?! Porque eu não queria dar o braço a torcer de voltar e passar pela frente. O pessoal estava esperando atrás e eu ali, parada, tentando sair dali e não conseguindo. O pessoal olhando para minha cara, mas ninguém também falava nada. O ônibus deu uma arrancada, eu acabei deslizando e consegui passar. Mas de lá para cá, nunca mais eu andei de ônibus. Nunca mais. Fiquei com vergonha, toda vez que ia pegar um ônibus, essa imagem vinha. Às vezes o motorista passava direto devido ao ônibus já estar cheio. Eu achava que ele não parava ali porque ele ia ter que abrir a porta da frente. Fiquei com muita vergonha. Passava mal quando falavam de pegar um ônibus.

A roleta funcionou para Alana como um grande medidor de seu corpo com o qual não tinha mais preocupação. Ele lhe trouxe um dado de realidade o qual já não mais estava atenta. Isso lhe fez perder muitas oportunidades. *“Já perdi muita festa por ter que andar de ônibus e ter vergonha porque estou gorda”*. O seu emagrecimento, no entanto, lhe permitiu experimentar novamente a roleta. Porém, não sem sofrimento.

Eu fui perdendo peso. Eu, com muito medo ainda, mas tinha que pegar um ônibus. Não tinha como pegar van, pegar nada, tinha que andar de ônibus. Fui com muito medo, chorei a noite toda, fiquei dias sem dormir porque tinha que sair naquele dia. Mas aí, eu consegui passar na roleta. Quando passei na roleta foi uma sensação muito boa, sentei, comecei até a chorar ali. Eram muitos anos sem andar de ônibus.

Esse foi seu grande teste. Diz: *“Daí para cá, graças a Deus, para qualquer lugar agora, larguei o metrô, larguei as vans. Só vou de ônibus. É uma sensação muito boa você poder passar”*. Além disso, ela faz menção aos olhares que as pessoas lhe atribuem.

É horrível você entrar nos lugares e a pessoa estar te olhando, tipo te recriminando: “ah lá vem a gorda, será que ela vai sentar? Será que a cadeira dela vai quebrar?” (...). Uma vez que eu saí com meu irmão e minha cunhada, fomos a um bar para tomar um refrigerante. Quando eu ia sentar, o dono do bar, ou o rapaz que

trabalhava lá, não sei, correu e gritou: “ah não, perai, perai”, e botou uma em cima da outra. ‘Essa daqui é para ficar mais reforçada’. Eu fiquei arrasada. Falei para o meu irmão, não vou tomar o refrigerante. Entrou aquela mágoa dentro de mim. Parei de ir em bar, parar em qualquer lugar para tomar alguma coisa, parei. Estava com aquela paranoia: será que essa cadeira vai me aguentar?! Vai quebrar comigo?!

Depois da perda de 28 quilos, voltou a se sentir mais forte e disposta a enfrentar situações as quais já havia abdicado há muito tempo. *“A vergonha ficou de lado. Vou para qualquer lugar, sento em qualquer lugar. Vou no shopping. Se tiver que fazer um lanche eu paro para lanchar. E agora eu ando, subo escada, desço escada sem problema nenhum”*.

Eunice também esteve acima do peso desde a infância. Diz: *“Sempre briguei com a balança”*. E começou a fazer tratamento para emagrecer aos 13 anos. Conseguia se manter entre os 65 e 70 quilos com a ajuda de medicação. O período de prestar vestibular foi apontado como muito ansiogênico, não apenas pela cobrança que ela própria lhe fazia para ser aprovada, mas também pelo relacionamento amoroso. Eles logo foram morar juntos e ela engravidou. A gestação foi um marco importante, porém atribui aos problemas com ele o real motivo para o seu ganho exponencial. Ele era viciado em cocaína e tinha negócios escusos com vendas de carros e parece ter gerado dívidas, as quais eram cobradas na porta de sua casa.

Eu engordei depois da gravidez do meu filho. Por quê?! O que que acontecia?! Ele trabalhava com venda de carros. Tinha uma parte que era meio obscura. E a gente convivendo junto, a gente acaba escutando... enfim... Ele fazia umas transações, mas que não eram lícitas. E o que que começou a acontecer?! Com quatro anos de relacionamento, ele começou a levar os problemas da empresa para dentro de casa. Começaram a bater na minha porta. Chegamos ao ponto de romper o relacionamento. Era o melhor. E, em virtude das cobranças que tinham, aí mesmo que ele não aparecia na minha casa. Era meio que assim, vai aparecer corria o risco de morrer, como aconteceu. Só que ele começou a deixar muitos problemas. Desse período em diante, que eu achei que engordei muito. Eu comecei a extravasar na comida... eu não dormia. Às vezes tinha gente onze horas da noite na minha porta, ameaçando, dizendo que se ele não aparecesse iam entrar na minha casa... Então, foi muito complicado. Eu ficava acordada a noite toda e só comia, só comia. Era bobagem o tempo inteiro. Era hambúrguer, cachorro quente, lanche o tempo todo. De refeição mesmo, eu corria.

Diferentemente de outras entrevistadas, Eunice tinha uma consciência corporal maior. *“Eu já tinha consciência de que eu já estava imensa, só não sabia como sair disso”*. As limitações não eram muitas. Seu excesso de peso nunca a impediu de se deslocar ou executar suas atividades, mas há pouco tempo começou a lhe fazer se sentir mais cansada, com inchaço nas pernas e o risco de um impedimento a fez tomar a decisão de procurar ajuda. Segundo ela, *“é que eu cansei de ser gorda”*. Diz que *“um dos pontos que mais me estimulou, é que eu*

*tenho dificuldades de pegar ônibus. Como é que eu vou trabalhar sem conseguir pegar uma condução?!”. A roleta novamente aparece como um terror: “Eu tenho pavor da roleta. Imagina?! Ficar presa na roleta?! Aquela coisa já é justa... O que adianta ter assento para gordo se a roleta continua a mesma?! Acho meio contraditório. Acho que foi aí que comecei a avaliar tudo”.*

Helena não teve problemas com seu peso na primeira infância. Observando um pequeno sobrepeso já no final da adolescência, que a incomodava pela questão estética, mas não pela funcionalidade, como se dava as queixas das entrevistadas supracitadas. Articula seu ganho aos conflitos no seu relacionamento amoroso e que se agravou após um acidente de carro que sofreram, onde ganhou vinte quilos em menos de um ano.

Eu não tinha um grande problema com o peso. Na época que eu estava terminando o curso de formação de professores eu já estava com um pouco de peso que me incomodava um pouco, mas não era nada grave. Eu vestia 40 e tinha uma barriguinha chata. Eu sabia que tinha que ir para academia, mas não tinha tempo para essas coisas. Eu estava estudando e já trabalhava. Era muito cansativo. Mas foi depois do acidente de carro que eu engordei mais de vinte quilos. Eu fiquei quase um ano sem andar. Tinha vinte anos na época. Foi horrível.

Se o sobrepeso já era um incômodo estético, os vinte quilos a mais a colocavam numa condição de obesidade, o que a levou a buscar ajuda medicamentosa. Essa opção a ajudou a controlar seu peso apenas durante o seu uso. *“Só funcionava enquanto eu estava tomando. Todas as vezes que parava eu fazia um boom. Ganhava quase o dobro de novo. E foi piorando, piorando”.* Para Helena, o pior foram as alterações de humor que o uso das anfetaminas lhe provocava. Sua grande preocupação passou a ser o fato de que trabalhava com crianças e que estava extremamente agressiva. Decidiu-se por abandonar o magistério e mais a frente interromper o uso das medicações.

Não tinha condições. Eu larguei as escolas. Eu estava fora de mim. Eu não comia, mas também não dormia, não conseguia manter uma conversa direito porque tudo eu brigava. (...). Eu adorava dar aula, mas eu via que eu não era a mesma. Eu estava muito agressiva e as crianças não tinham culpa daquilo. (...). Quando eu vi que não dava mais, eu parei e engordei tudo de novo e ganhei ainda mais.

Além de suas próprias cobranças, seu namorado na época, também não dava trégua. Os conflitos eram grandes por ele ser muito controlador e ciumento. Ela fala que num determinado momento percebeu que ele a incentivava muito a comer. Chega a compartilhar a hipótese de que ele queria que a engordasse como *“a bruxinha fazia com João e Maria”* porque assim ninguém mais olharia para ela. Sua hipótese decorre não apenas do controle e

ciúmes, mas de frases desmerecendo-a e se colocando como o único que a aceitaria como ela é.

Foi um relacionamento muito difícil. Eu gostava muito dele. Fazia de tudo, mas ele era muito cruel às vezes. Me falava umas coisas horríveis. Dizia que eu tinha que agradecer a Deus por ter ele, porque não era qualquer um que ia me aceitar gorda daquele jeito. Só que era ele que só queria saber de comer fora, comer besteira. Sempre pedia doce. Ele me levava chocolate, docinhos. Parece até que queria que eu ficasse gorda, que eu continuasse gorda. Ele fazia a mesma coisa que a bruxinha fazia com João e Maria. Todo dia ajudava eu engordar um pouquinho mais. Só que João e Maria foram espertos, eu não, caí que nem um patinho. Sempre que eu começava a tomar remédio de novo ele me azucrinava a cabeça.

Ainda com esse namorado conta uma situação constrangedora que passou num restaurante. Seu namorado falou ao garçom: *“então moço, está vendo como ela está gordinha?! Ela está grávida e com desejo. Vê se adianta para gente?!”*. Se a intenção era fazer uma piada e tirar um benefício da situação, ela tomou essa situação como um grande insulto, que somado a várias outras situações a fizeram desenvolver um sentimento de desvalor, de inferioridade, de vergonha de seu corpo a ponto de afetar sua vida sexual. Para ela, um corpo gordo não era mais atrativo e muito menos passível de desejo sexual.

Impraticável a continuidade desse relacionamento, terminaram. Porém, marcas profundas já estavam inscritas no registro da sua imagem corporal e as representações que construiu sobre isso. Levou anos para se dar nova oportunidade de se relacionar amorosamente. Enquanto isso não acontecia fechou-se para os homens, pois *“quem iria querer mulher gordinha?!”*. Tanto no campo do trabalho como no amoroso se esforçou para provar que tinha outras qualidades e capacidades para além do que as pessoas podiam julgar pelo seu corpo.

Gordo não tem vez. Você tem que conquistar as pessoas pelas outras qualidades. Elas têm que te dar oportunidade para te conhecer e nem sempre fazem isso. Te descartam muito fácil. A gente enquanto gordo tem que ralar muito para conseguir alguma coisa. Tem que mostrar que faz a diferença, que você é competente, se não, é o primeiro a rodar. Foi isso que aconteceu lá na empresa de balança. Me demitiram, mas depois me chamaram de novo, porque viram que os números fizeram diferença.

Seu processo de ganho de peso progrediu com o tempo devido aos hábitos alimentares do tipo *fast food* que se replicava no escritório onde trabalhava e que se agravou com seu casamento, já que ele implementou um trabalho em casa com massas. Durante os anos juntos, essa foi a base de sua alimentação. Inclusive ela própria fazia entregas em alguns restaurantes no Centro do Rio quando trabalhava em escritório por lá.

Apesar de não considerar que a obesidade lhe seja impeditiva. Ela reconhece que afetou drasticamente sua vida amorosa e social. Ficou muito mais recolhida, pois sentia vergonha de seu corpo. Vivia quase que com sentimento de perseguição no que concerne ao olhar das pessoas. Percebia que a olhavam e que riam. Nos coletivos, acontecia de mesmo o ônibus estando cheio, não sentavam ao seu lado. Estas são experiências que ao longo do tempo foram aumentando feridas e a forma que via para se defender era se afastar.

É muito difícil achar força para encarar o olhar das pessoas para você. Parece que você é uma aberração. Ficam olhando, tem criança que aponta na rua. Dá um ódio. Mas a vergonha é maior. Acaba sendo mais fácil dizer que não dá para ir, ou que estou doente, do que eu ter que enfrentar tudo isso, e ainda chegar na festa e ficar preocupada onde eu posso sentar ou não, ou o que que eu vou responder quando alguém comentar que eu engordei. Juro que eu queria dizer que não me importo com o que as pessoas dizem. Mas eu me importo sim. E quem diz que não, está mentindo.

Para Lidiane o peso não representa um problema. Viveu sua infância e adolescência sem preocupação com o peso, que apenas surgiu aos seus vinte e quatro anos na gestação de sua primogênita.

Comecei a ganhar peso com vinte e quatro anos. Eu casei e engravidei logo depois. Depois dela, eu comecei a tomar remédio para não engravidar, e comecei a estufar. Não eu percebi logo não. Eu só fui engordando, engordando. Meu número era o 38 e agora estou vestindo 56. (...) Só comecei a me preocupar quando eu coloquei uma roupa e essa roupa não estava me cabendo mais, que era o meu número de 42.

Para ela, o manequim das roupas funcionava como indicativo do ganho de peso. Faz questão de dizer que veste *“56, mas a bermuda ainda fica larguinha. Dependendo da fôrma visto 54”*. Ela faz um esforço para minimizar sua condição e sua avaliação de gravidade se dá por comparação. *“Mas, graças a Deus que eu não disparo, né?! Que nem eu vi na televisão, um dia desses tinha uma mulher com 280 quilos, que teve que quebrar a porta para passar. Deus me livre. Eu fico imaginando isso”*.

Tudo parece convergir para que não pense no ganho de peso como um problema tão grande. Esforça-se por afastá-lo trazendo a comparação com alguém numa situação pior. Ela não julgava necessário procurar tratamentos com vistas ao emagrecimento, sua preocupação vem de uma orientação médica devido à hipertensão de difícil controle. Ela consegue manter sua rotina de casa e no cuidado com os filhos e marido, apenas percebe pequenas dificuldades.

Em muitas coisas a obesidade atrapalha. Nas atividades que a gente quer fazer rápido não pode, porque começa a ter dificuldade. Tem muitas coisas que a gente

quer fazer e não consegue. Por exemplo, agora, de vez em quando sinto dormência na ponta dos dedos. Eu não tinha esses problemas. Tem horas que parece que isso tudo fica dormente. Aí, começo a fazer exercícios e vai passando. Mas também tem a perna pesada. Quando eu era mais nova, não tinha esses problemas. Se falam para mim ‘vamos andar mais rápido’, eu até ando rápido. Mas se eu andar rápido tem uma hora que você vai e não aguenta, e quando você é mais magra é outra coisa. A escada é o meu suplício. Se eu ficar subindo, descendo, subindo, descendo, não dá. Mas uns dois ou três degraus eu subo, mais que isso cansa demais.

De forma semelhante à Lidiane, Gilson diz que o peso não foi uma questão para si na infância e adolescência. Chega a dizer que a obesidade “*nunca foi um problema*”. Expressão que gera, pelo menos, o mínimo de estranhamento. Primeiro porque ele apresenta um nível de obesidade bastante grave e está num serviço com vistas à perda de peso. Ao procurar melhor compreender o que isso significa, algumas questões aparecem. A primeira é que “*ser gordinho*” é diferente de “*ser obeso*”. Para ele, sempre foi “*cheinho*” e isso nunca lhe atrapalhou verdadeiramente a ponto de “*deixar de fazer algo*”. Enquanto que obeso “*é mais grave, não é?!*”. O questionamento que faz busca uma legitimação no campo do saber da pesquisa e da profissional de saúde que também trabalha naquele serviço. Para além disso, também faz supor uma minimização de sua condição, que de forma semelhante a Lidiane, se compara a condições de maior gravidade para concluir que não é tão ruim assim.

É aquela coisa, eu sei que eu estou gordo. Mas tem muita gente pior. Eu consigo andar, trabalhar, fazer as coisas. Outro dia tinha uma moça no grupo, morri de pena dela, uma que vem com o marido. Ela mal anda, não consegue tomar banho sozinha, precisa do marido para tudo, coitada.

Os parâmetros que ele usa para se auto avaliar falam de uma funcionalidade. “*Eu consigo fazer minhas coisas*”. Quanto a isso, ele diz que tem. Mas não nega que vem sentido muitas dificuldades na mobilidade. Seu ganho de peso decorre de vários problemas com a alimentação. A vida marcada por restrições na alimentação na infância compôs um superinvestimento na alimentação nos anos subsequentes. A ideia de mesa farta o acompanha, e o trabalho foi um espaço onde exercitou os excessos na alimentação, como vai ser discutido mais adiante. O seu ganho de peso foi gradual, com aumentos expressivos em momentos específicos: o trabalho na marinha e seu acidente de trabalho quando era encarregado de obras numa empreiteira que prestava serviço para a prefeitura do Rio.

Antes eu não tinha tanto peso como eu tenho hoje. Eu comecei a engordar mesmo na aeronáutica, na verdade. Porque eu trabalhava tanto com digitação sentado e não tinha tempo para almoçar, comia muita besteira, refrigerante demais, tomava muito chopp. Depois, outro momento pior foi quando eu caí. Estava numa escada e quando eu cheguei para pegar na portinhola do alçapão, a escada deslizou. Eu ainda tentei

segurar, mas a mão escapuliu. Essa perna direita bateu direto no chão. Entrou por um degrau da escada e recebeu uma pancada direta no joelho. Fiquei três anos encostado para operar a perna direita. Danificou tudo. Aí, nesses três anos ganhei mais peso.

Gilson conta que ele próprio nunca se interessou pela questão do peso, por mais que fosse alertado pelas pessoas ao seu redor.

eu nunca também me interessei tanto assim como as pessoas em geral falam. Para dizer a verdade, eu nunca esquentei a cabeça com isso. As pessoas falavam: ‘você está engordando’; eu falava: ‘o que que tem? Estou me sentindo bem’. A obesidade nunca foi problema. Eu vim para o CRO, porque o médico mandou. Disse que eu ia acabar infartando, que eu precisava emagrecer, talvez fazer a cirurgia de estômago.

Sua motivação para o tratamento foi o discurso “do risco” utilizado pelo profissional médico que o encaminhou ao serviço. A ameaça da morte por infarto o remeteu ao falecimento dos pais. Seu pai, que era obeso, sofreu um derrame ainda muito jovem e não suportou. Sua mãe sofreu um infarto há poucos meses. O risco da morte encontrou ressonância mobilizando-o ao tratamento.

Apesar disso, Gilson admite que o excesso de peso agrava as dores do joelho operado e sobrecarrega a perna esquerda. Com isso, apresenta muitas limitações para executar o seu trabalho e se deslocar. Como se pode ver a obesidade, é para ele, coadjuvante, nunca é a protagonista. Se há uma queixa, sem dúvidas é a discriminação ligada ao peso. Fala que sua maior dificuldade hoje é encarar o transporte público.

O que me incomoda não é o peso, é a discriminação das pessoas. Isso sim machuca. Tipo, você vai pegar um ônibus, a pessoa fica te olhando. Você vai passar na roleta, a pessoa fala “Ihhh, vai ficar agarrado”. Tem gente que acha que gordo é doença, não é doença. Você senta dentro do ônibus a pessoa não quer sentar do teu lado ou então quer ficar sozinha no banco para você não sentar. Eu tento ignorar, mas nem sempre dá. Se me olhar de cara feia, eu olho também. Se falar gracinha, eu falo também, entendeu? Igual na semana retrasada, estávamos eu e minha esposa dentro do ônibus tipo frescão. Aí, tinha um senhor sentado, eu sentei do lado e botei a perna mais para o corredor, porque do outro lado eu fiquei dentro do banco, no limite do banco. Ele achou que minha perna estava incomodando e toda hora ele estava me tocando. E eu estou fingindo que não estou sentindo, mas teve uma hora que ele me irritou. Ele falou “dá pro senhor fechar a perna?”. Eu falei: “e o senhor é dono do ônibus por um acaso? Seu dinheiro é diferente do meu? Quanto o senhor pagou no ônibus? Doze reais, e eu paguei quanto? Então, seu limite é daqui para lá. Eu estou dentro do meu limite”. Ele ficou resmungando. Mas isso aí é o tempo todo. As pessoas olham o gordo como se fosse um objeto. Não te trata mais como um ser humano. Tem pessoas que acham que gordo não pode pegar um ônibus, gordo não pode sentar num banco de trem e ninguém quer sentar do teu lado. Infelizmente o ser humano é cada vez mais egoísta.

Num caminho parecido ao de Gilson, Marcelo refere pouca preocupação com o excesso de peso. Para ele, *“essa coisa de emagrecer veio do médico. Ele disse que eu posso ter um treco e morrer. Eu já operei o coração. Tive que colocar uns stents<sup>12</sup>. Para piorar ainda fiquei diabético”*. Ao seu ver foi magro até a adolescência, quando foi trabalhar em padaria.

Quando eu comecei a trabalhar em padaria eu tinha 64kg. Sessenta e quatro quilos e um metro e setenta. Eu não era gordo; eu era até magro. Aí, foi aumentando. Isso foi em 91, tinha 64kg. Quando foi em 93, quando eu fui para Salvador, eu já estava com 89kg, em janeiro de 2001, eu tinha 96kg. Foi quando eu casei. Aí, com o tempo, deixa eu ver, onze anos atrás, em 2004, 2005, eu já estava com 115.

Seu ganho de peso foi ascendente. Estava ligado aos excessos de comida e bebida. O trabalho em padaria contribuiu para sua engorda, porém o que mais se destaca foi que o trabalho e a remuneração que tinha eram usados para *“esbanjar”*. Essa expressão que usa fala de uma experiência de poder. O dinheiro lhe permitia comprar boas roupas e tênis. Mas principalmente lhe permitia comer e beber o quanto quisesse. Financiava frequentemente churrascos para os amigos, e isso também lhe era retribuído. Apesar de ter vivenciado dificuldades e privações financeiras em alguns períodos da vida, ele se considera um homem bem-sucedido e a ideia de fartura seria o reflexo disso.

No período em que começou a trabalhar na padaria, foi ampliando seu espaço, fazendo horas extras e o salário que recebia por semana era quase o valor mensal que seu pai recebia.

Mesmo que não tivesse necessidade, eu sempre comprava um gás e pagava a luz. E era assim: se eu queria comer um uma lasanha, eu ia lá e comprava os ingredientes para fazer, se eu quisesse comer churrasco, eu comprava e pronto. Porque nessa época eu já ganhava por semana quase o que meu pai ganhava por mês. Na época eu bebia cerveja. Era farra direto. E é o que eu falo para o meu filho hoje, o que eu puder impor, eu vou impor. Se minha mãe me impusesse assim *“você está ganhando esse tanto, então, você vai juntar esse dinheiro e vai comprar isso aí [terreno]”*. Hoje eu estaria melhor um pouquinho, né?! Mas na época, eu não tinha essa cabeça. Comprava o que eu quisesse comprar porque não tinha, como se diz, esse problema de dinheiro. Eu me arrependo de um bocado de coisa, porque minha mãe falava *“vai lá comprar um terreno, você ganha bem, vai comprar um terreno”* e eu não comprava, só queria farra.

No caso de Antônio, a obesidade é uma questão familiar. Seus pais e sua irmã *“sempre foram obesos”*. Sua irmã inclusive *“já operou o estômago. Ela operou porque no caso dela o peso estava disparado mesmo, demais”*. O que ele atesta como ponto de partida

---

<sup>12</sup> O *stent* é um tubo minúsculo e expansível, usado para tratar a Doença Arterial Coronariana (DAC). A função é a de manter uma artéria coronariana aberta e sustentar o fluxo sanguíneo após uma angioplastia.

para o processo de engordar foi uma internação que sofreu ainda na primeira infância devido a um quadro de pneumonia. Segundo ele, *“disparei a engordar, acho que foi o soro e os remédios”*. No entanto, ao fazer uma avaliação do contexto geral do seu ganho de peso diz:

Mas a questão maior, a que me traz mais dificuldade, é o nervoso mesmo que dá. (...) Eu acho que a pessoa nervosa já engorda por natureza. A gente lá em casa tem tendência a engordar. É impressionante. Não é que eu seja nervoso, mas são os problemas. As dificuldades da vida fazem com que você sinta essa tensão, esse negócio aqui dentro, essa ansiedade por resolver uma questão que não está na sua mão, que você não pode resolver agora. Essa ansiedade, eu acredito que engorda.

Antônio menciona a questão da ansiedade, mas não a relaciona diretamente aos seus hábitos. Fala quase de um destino, já que toda a família é assim, já que há *“uma tendência”*. Aos poucos, durante a entrevista, traz outros elementos que se somam. Ele começou a beber aos quinze anos. E descreve esse período como de grandes exageros: bebia muito e por consequência também comia muito, churrasco e petiscos que em geral acompanhavam a bebida. *“Eu bebia bastante. Quando você pára para beber na rua, tem sempre um tira gosto, um churrasco, uma coisa ou outra. E quando a gente parava para beber era uma coisa firme mesmo”*.

Porém, o agravo foi o casamento. Sua esposa costumava preparar tudo o que ele pedia e ele comia em grandes quantidades. Diz que os intervalos em que esteve desempregado e que ficou em casa foram muito complicados.

A dificuldade maior veio mesmo depois que eu me casei, porque minha esposa é muito boa na cozinha e sempre fez tudo o que eu queria. E também tiveram esses periodozinhos que eu fiquei sem trabalhar. Esse período para mim foi o mais complicado, que eu acho que ganhei mais peso. Nos intervalos que eu ficava parado, sem trabalhar... eu comia, comia e comia.

Hoje se interessa por se submeter à cirurgia bariátrica, assim como a irmã, pois sente fortes dores e elas têm limitado sua mobilidade, afetando seu trabalho.

Porque eu sinto muita dor nas solas dos pés, tenho problemas de circulação. Sinto muita queimação nas pernas, no calcanhar, na coluna. Eu também tenho problema de coluna. Eu estou com um problema de hérnia de disco e esfarelamento nas L2, e L3<sup>13</sup>. Já tive crises de não conseguir levantar da cama. E isso cria muita dificuldade, claro. Por exemplo, tem muito serviço que eu não pego para fazer, justamente por causa da obesidade que atrapalha demais. Ainda mais porque sou eu quem sustenta a casa.

---

<sup>13</sup> L2 e L3 se referem às vértebras da coluna localizadas na região lombar.

Aqui também aparece um discurso sobre a saúde, ou melhor, sobre doença, que assim como Gilson e Marcelo precedem a queixa sobre o peso. Esse é um ponto que persiste entre os entrevistados homens. O emagrecimento configura-se como chance de controlar as outras doenças. Essas sim são alvo de preocupação. Outro aspecto pregnante entre os homens é a ausência de queixas sobre a imagem e aparência, as dificuldades em encontrar roupas que lhes caibam. O aspecto que converge com o discurso das entrevistadas mulheres é a discriminação vivida no dia a dia. Antônio compartilha com Viviane a problemática em *“se tornar um ponto de referência”*. Segundo ele, *“Cara grande igual a mim, o pessoal fica olhando e fala assim: ‘olha lá, tá vendo aquele grandão lá’. Rola muita brincadeira do pessoal lá no trabalho e eu tento levar na esportiva. Eu falo: ‘olha lá hein, isso é bullying, cuidado’. Pessoal usa muito”*.

De forma semelhante a outros entrevistados, Antônio descreve a sua versão da saga da roleta de ônibus e das cadeiras de plástico em festas.

A maior dificuldade para o gordinho hoje em dia é o meio de transporte. Ônibus é o maior preconceito que a gente vê. A pessoa se sente para lá de humilhada. Por muitas vezes eu fui passar em roleta que eu vejo que uma pessoa magra já passa com dificuldade, por ela ser muito reta. Tem roletas que até magro é difícil de passar. E aí não tem jeito, a gente tenta passar e dá encrenca. Tem trocador que é gente boa e que fala: “olha cara, é melhor você ir por trás, por aqui não vai dar não”. Mas tem outros que ficam quietos, que deixa a coisa acontecer. Que gera um mal-estar danado na gente, um transtorno. Você tentar passar e não conseguir, porque têm aquelas piadinhas, outros ficam rindo, zombando. Várias vezes eu não consegui passar, de me machucar e tudo. Tem motorista que aceita abrir a outra porta, mas tem outros que não. Pegam e arrancam o ônibus e vão embora. Acham que você quer pegar carona. Então é meio complicado, é bem complexo. Quando você tem uma rotina de pegar o mesmo motorista e trocador, isso acaba ficando melhor, mas quando você vai pegar um ônibus aleatório, qualquer um assim, ir para outro destino, aí complica. E da mesma forma são os lugares para sentar. É muito, muito estreitinho, muito apertado. Eu sempre tive grandes dificuldades nos joelhos, porque eu sou grande, não sou só gordo. Eu sou grande, sou alto, então para sentar é difícil. Meus joelhos sempre ficam arrastando no banco da frente. Há pouco tempo eles criaram esses bancos especiais, mas na maioria das vezes, está ocupado e ninguém quer levantar, nem todo mundo levanta. Já pedi para levantar, mas não quiseram. E eu também não vou brigar. Às vezes a vida é assim, tem muita coisa que é feito assim de uma maneira universal, não pensa no gordinho nesse sentido, entendeu? Se você olhar hoje em dia, as festas de agora, 99% das festas são feitas com cadeiras de plástico. Eu já caí de duas. Então toda vez que vou em festa minha maior tensão é na hora de sentar, tem que observar onde vai sentar. Eu tenho que olhar tudo porque eu sei que sou pesado e que se eu abusar posso me machucar e ainda passar vergonha. As coisas não são preparadas para a gente que é gordo.

Assim como Antônio, Carlos e Luiz também apresentavam sobrepeso já na infância e adolescência, eles se mantêm numa sequência muito semelhante a dos entrevistados homens, sinal de uma saturação na análise marcada pela questão de gênero.

Carlos conta que a base da alimentação em casa era o pão. Este era o alimento que nunca faltava, visto que seu pai era padeiro. *“Meu pai era padeiro. Era pão, pão, pão. Na*

*minha casa não faltava pão, podia faltar qualquer coisa, mas o pão estava lá.*”. Esse era o alimento que garantia a subsistência concreta da alimentação e a subsistência da família enquanto trabalho do pai, figura provedora da casa. Se não faltava pão, também não faltava trabalho, pois menciona que *“O único dia em que não trabalhava era o Natal”*. Era o trabalho que garantia o “pão de cada dia”.

Nesse contexto toda a sua família apresentava excesso de peso, com a exceção de um irmão:

O meu irmão, eu sacaneio muito até hoje. Ele trabalha no Tribunal de Contas do Estado, mas quando era mais novo, ele ia trabalhar comendo meia bisnaga de pão pela rua. “Hoje você tira onda porque tem condições, mas esqueceu que você já andava na rua com meia bisnaga cheia de manteiga?” A gente comia pão o dia inteiro. Deu fome, comia pão. A família toda é acima do peso com exceção desse irmão, que sempre foi muito vaidoso. Somos três e três. Minha mãe tem três filhos do primeiro casamento e três do outro. Aí, nós três sempre estivemos acima do peso. Eu penso hoje que para você comer bem também é muito caro. Hoje uma fruta é cara, uma dúzia de bananas está custando cinco reais. Manter fruta em casa é caro, agora salsicha e linguiça é barato. É meio difícil você manter um certo cuidado com o corpo.

Essa fala de Carlos traz alguns elementos interessantes. Frente à ascensão social e financeira desse irmão, ele faz questão de confrontá-lo à sua origem pobre, na qual o pão é o grande representante nessa história. Algo que não se pode “esquecer”; isso seria uma traição às suas origens. Ele também faz menção aos alimentos e produtos<sup>14</sup> baratos, os quais ele associa como aqueles acessíveis aos pobres em contraposição a pessoas com melhor situação financeira que poderiam, por isso, consumir alimentos de melhor qualidade. Esse é um discurso muito presente e, portanto, compartilhado por usuários do CRO. Há certa verdade nisso, pois, muitos produtos ultra processados como a salsicha e a linguiça, como mencionado por ele, tem um custo mais baixo que outros alimentos como carnes frescas. O mesmo acontece com a farinha e o macarrão, que além do feijão e arroz (base da alimentação brasileira) complementam o prato do “pobre” como lembra Veridiana ao falar que *“é isso que tem na cesta”* básica. Como as verdades nunca são absolutas, tem-se um outro lado na história. Pois se *“uma dúzia de bananas está custando cinco reais”*, uma garrafa grande de *Coca Cola* custa sete reais. E o que Carlos segue dizendo com sua história não é que faltava dinheiro para comprar certos alimentos, era a prioridade de acesso e com excesso de outros.

<sup>14</sup> No campo da nutrição, faz-se uma diferenciação entre o que são alimentos e o que são produtos alimentícios. Os primeiros são aqueles vendidos na mesma forma como são encontrados na natureza, sem aditivos ou conservantes que interfiram na sua validade. Enquanto que os produtos alimentícios sofreram modificações na sua forma original. Eles podem ser minimamente processados (moagem, limpeza, pasteurização), processados (recebem aditivos para aumentar o prazo de validade ou para aumentarem o sabor) e ultra processados (fórmulas produzidas pela indústria, muito longe, portanto, do alimento na forma original).

Eu já tinha 95kg quando casei. Já era cheinho. Minha esposa é uma cozinheira de mão cheia. Quando casei, eu ligava para casa e falava “estou com vontade de comer um mocotó, ela fazia. Estou com vontade de comer uma rabada, ela fazia. Minhas comidas eram todas assim. E só fui ganhando peso, ganhando peso. No trabalho também, toda hora era um negocinho. Era um açai, era um cachorro quente, eram dois salgados, era refrigerante. Todo dia...

A ideia de trabalhar veio para ele precocemente e, assim como Marcelo e Antônio, lhe permitia ter acesso àquilo que queria. Novamente a carne aparece como signo de poder e o exagero como fartura. A consequência aparece como obesidade, que só passa a ser problematizada pelos problemas de saúde que causou. *“Eu passei mal com dor no peito. O médico falou que eu tinha que perder peso para ontem. Eu não enfartei não, mas eu quase. Fiquei com medo. Eu já estava com problema na coluna. Às vezes nem conseguia ir trabalhar, porque estava todo travado”*. As falas médicas passam a ter um grande peso na opção pelo emagrecimento, não sendo suficientes as vivências sofridas no dia a dia.

Eu sempre fui cheinho. E isso sempre me trouxe problemas. Quando mais novo menos. Mas agora é muito. Eu não me preocupava tanto porque sempre fiz a minhas coisas. Mas foi ficando cada vez mais complicado. Quando eu fui servir no quartel, me dispensaram porque eu estava acima do peso. A gente é discriminado o tempo todo. Já perdi muitas oportunidades por causa disso. Minha própria sobrinha me falou uma vez “se eu fosse uma empresária, a dona de empresa eu não te contrataria por causa do seu peso, porque você não daria conta”.

Carlos fala desse comentário com muita mágoa; foi-lhe uma grande ofensa a qual respondeu: *“Como assim?! Tanto dou conta que trabalho na mesma empresa há 23 anos.”*. Assim como a fala dessa sobrinha foi-lhe muito dura, refere-se de forma semelhante ao que acontece recorrentemente na rua com outras pessoas.

A gente é discriminado o tempo todo. No ônibus para sentar, as pessoas olham como se você tivesse uma doença. Tinha vez que o ônibus estava lotado e você estava sozinho no banco. Ninguém senta do lado de gordo. São muitas as coisas que a gente passa como obeso.

Luiz também registra as suas dificuldades com o peso. Dificuldades também ligadas ao preconceito e à mobilidade. Esta última afeta sua vida social e laborativa, colocando-o numa condição de vida bastante complicada e dependente de benefícios governamentais e ajuda da esposa.

Ele sempre esteve acima do peso, porém o seu ganho expressivo se manifestou após o adoecimento de sua mãe. Ele conta que sua mãe *“sempre foi cozinheira de forno e fogão.*

*Então, quer dizer, calha de comer também, né? Quem é que quando tá fazendo um negócio ali, não vai comer também?”*. Sua mãe era obesa, com muitos problemas de saúde associados. E ele parece ter seguido pela mesma direção.

Ele fala com muita mágoa do pai que nunca foi presente, que *“fugia dele”* e que faleceu quando ele ainda era pequeno. Começou a trabalhar muito jovem e, assim como os outros, procurava usar o dinheiro com o que ele chama de *“farra”*. A isso ele vincula a saída com mulheres, os excessos com bebida e a comida sem nenhuma preocupação ou crítica sobre o que estava fazendo. Ele afirma que *“ostentava mesmo, como dizem por aí, nas festas e nos churrascos. Era sem limite, até dar PT [perda total]”*.

O adoecimento de sua mãe foi um marco para o seu próprio ganho de peso. Sendo obesa, hipertensa e diabética desenvolveu uma trombose que a limitava. Os médicos diziam que a obesidade era uma das causas e davam várias orientações restritivas quanto à alimentação. Fato este que desestabilizou Luiz, visto que ao seu ver a alimentação de sua mãe não poderia ser a causadora daquele quadro. Para ele, ela já tinha mudado a alimentação e não entendia o porquê dessa sua condição. Conta que seu pensamento era:

Será que isso tem relação mesmo?! Porque minha mãe come tão pouco... Já teve almoço de minha mãe falar: *“filho, me dá dois reais aí para eu comprar meu almoço?”*. Eu falava: *“como você vai comprar seu almoço com dois reais? Não dá para comprar nada com dois reais”*. Ela respondia: *“vou dar uma rodada na rua, comprar um pezinho de alface, dois tomatinhos. Vai dar para comprar sim”*. E ela comia sem sal, sem um azeite, e se dava por satisfeita. Aí, como é possível? Como que é obesa desse jeito, gorda desse jeito? Aí, eu comecei a comer para ver o bicho que ia dar.

Dentre os diversos descompassos no seu discurso, está a colocação *“comecei a comer para ver o bicho que ia dar”*. Ele forja um teste. Altamente identificado com essa mãe, ele ganha sessenta quilos em dois anos.

Eu comia de propósito mesmo. E eu ainda trabalhava com uns colegas lá de Caxias, e era sagrado: sexta, sábado e domingo era churrasco e cerveja. Parti para dentro. E foi aí que comecei a sentir diferença de peso. Comecei a sentir o corpo mais cansado. E daí eu falei *“aaaah, então eu tenho tendência a engordar através de alimentação”*. E pensei *“então agora eu vou procurar saber por que minha mãe não come e está gorda desse jeito”*. Depois de muito tempo descobri que ela tinha um negócio na tireoide. Não é só alimentação, é como se fosse hereditário, como se fosse de família. (...). Eu sempre trabalhei, tomava café em casa, mas chegava no ponto de ônibus, aí tinha um cara parado vendendo chocolate, salgadinho. Comia. Chegava na empresa, lanchava de novo, e tal. E só ganhava peso. Quando eu cheguei nos meus cento e vinte quilos, eu pensei: *“vou segurar a onda”*. Mas era um excesso de comilança total.

Mesmo reconhecendo que precisava “*segurar a onda*”. Após o falecimento de sua mãe por embolia cerebral, ele ainda ganhou mais trinta quilos. Somando noventa quilos ao total. Com isso tem dificuldades para caminhar, subir e descer escadas. Mas também apresenta dificuldades, inclusive, para falar, pois afeta a respiração, deixando-o com a voz mais grave e anasalada e muito dispneico. Falta-lhe ar enquanto fala e principalmente quando dorme, necessitando ficar recostado para conseguir dormir. Apesar desses aspectos, o que ele aponta como queixa é o inchaço dos pés que o impedem de calçar um sapato fechado, requisito para o cargo de encarregado em supermercado. Diz: “*Eu sempre passei de um emprego para o outro. Era difícil eu ficar desempregado. Agora, depois de eu estar com esses problemas na perna, por causa do excesso do peso, tem dois meses parado*”.

Como pôde ser visto, a fala de muitos dos entrevistados foi permeada por adjetivos no diminutivo – gordinho, cheinho. São eufemismos que retratam uma negação do corpo gordo, fazendo um cruel contraste com o olhar do outro, seja ele uma pessoa, um empregador ou uma instituição, que denuncia que sua real condição corresponderia a uma hipérbole. Eles passam por uma prova de realidade que é se ver diferente no olhar o outro. Ao mesmo tempo em que é vivenciado como duro e cruel, também favorece que o sujeito se veja gordo. Esta mesma questão é evidenciada no olhar do empregador que pensa primordialmente na excelência e o sujeito gordo se coloca fora dos padrões de empregabilidade.

É nesse sentido que se vê que dentre os muitos aspectos apontados como vulnerabilidades provocadas pelo excesso de peso, o trabalho é uma delas. E essa é uma fragilidade que retroalimenta outras vulnerabilidades, como se verá mais adiante. Vale fazer apenas um adendo de que esta questão se apresenta diferente segundo o gênero e a função que pode ocupar, pois esse corpo obeso poderia ser reapropriado de forma positiva por algumas ocupações masculinas, como a de segurança, por exemplo.

### **5.2.2 Os encontros da subjetividade obesa com o trabalho**

Até o momento pôde-se ver o quanto que as condições concretas de existência tiveram impacto no ganho de peso, mostrando como posições sociais podem ser determinantes da obesidade. Aqui, o uso da palavra “determinantes” se refere ao que no campo da saúde coletiva se denomina Determinantes Sociais da Saúde (DSS). Segundo a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), os DSS correspondem aos “fatores econômicos, culturais, étnico-raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de saúde e seus fatores de risco na população” ou simplesmente como as

“condições sociais em que as pessoas vivem e trabalham” segundo definição de comissão análoga da OMS (BUSS, PELEGRINI FILHO, 2007).

Ao mesmo tempo, parece que a obesidade grave é também um determinante de posições sociais, uma vez que as limitações físicas impostas pelo excesso de gordura e as doenças associadas somadas à estigmatização e ao preconceito tem impacto na forma de inserção social e mais, na mobilidade social. É neste último que a categoria trabalho ganha evidência, uma vez que o encontro do sujeito obeso com as novas exigências do mundo do trabalho apresenta um forte descompasso.

As exigências atuais no campo de trabalho abarcam mecanismos de produtividade e competitividade que passam por avaliações de competências técnicas a contemplação de certos padrões estéticos valorizados. Em cada um desses pontos a obesidade grave esbarra sendo profundamente marcada por uma fragilização.

#### 5.2.2.1 Trabalho, obesidades e preconceitos

Muitos entrevistados, ao abordarem a busca por empregos formais, esbarraram em situações que os mobilizaram negativamente e às quais associam diretamente ao preconceito pela aparência física. Entre olhos marejados e falas cheias de mágoa referem ter sido vítimas de preconceito, onde pouco havia espaço para avaliação de suas competências para o trabalho. Excluídos de seleções devido ao excesso de peso, denunciam um movimento de vulnerabilização no trabalho devido à aparência física fora dos padrões socialmente valorizados.

Alana, ainda muito jovem, recebeu negativas de emprego em fábricas, enquanto colegas suas eram facilmente chamadas para ocuparem as vagas. Ela não tinha dúvidas de que isso acontecia devido ao seu já precoce excesso de peso.

Achava muito difícil. Às vezes saía para procurar emprego não conseguia. Eu tinha muita vergonha já da minha obesidade, e acho que isso me atrapalhava. Ninguém me chamava. (...). Não sei, acho que era devido ao excesso de peso que eu já apresentava. Eu comecei a ir com minhas colegas. Quando chegava lá muitas delas ficavam trabalhando. Mas quando chegava na minha vez não tinha vaga para mim. Então isso daí foi me angustiando.

Se ela já apresentava diversos incômodos com o seu peso, com a dificuldade de encontrar roupas que lhe coubessem e que fossem adequadas à sua idade, sofrer uma sequência de recusas de emprego reforçava uma dor já existente e aumentava uma grande

ferida. A solução encontrada foi a de trabalhar como empregada doméstica numa casa próxima à sua residência, por indicação de uma conhecida. Ambas as atividades, a vaga pleiteada em fábrica de roupa e a vaga por indicação, não apresentavam critérios específicos para a seleção. Não exigiam qualificações, nível de escolaridade nem experiência prévia. Mas da parte de Alana, havia um interesse maior no trabalho em fábrica, pois há uma ideia de que o trabalho como empregada doméstica é menos valorizado. O trabalho em “casa de família” surgiu como uma oportunidade e como ela própria diz “*era o que eu sabia fazer no final das contas*”. Sua mãe sempre trabalhou em “casa de família”, porém a incentivava e a acompanhava nas vagas para outros cargos.

Minha mãe, no início, ia comigo. Tinha aquela fábrica em Del Castilho e lá eles davam vaga para empacotadeira, ajudante de empacotadeira e guarda feminino. Minha mãe me levou duas vezes, e depois que eu tirei todos os documentos eu comecei a ir com as colegas, ia sozinha. Mas como não entrava, me rendi à casa de família mesmo. Eu queria trabalhar.

Vale destacar que no caso de Alana, não havia uma desvalorização do trabalho doméstico pela atividade em si e sim uma valorização de outros empregos devido à Carteira de Trabalho assinada, algo valorizado por seus pais e conseqüentemente para ela. Quando surgiu a oportunidade de uma indicação para o trabalho em fábrica, ela não duvidou e o aceitou.

Rosana também começou a trabalhar cedo, porém por exigência da mãe. Foi ela a responsável por lhe conseguir uma vaga de recepcionista numa lavanderia. Nesse contexto, Rosana percebeu que seu ganho de peso passou a ser um problema, sendo demitida tempo depois. Para ela, sua demissão se relaciona com seu peso, diz: “*Eu fui engordando. Então, no mercado de trabalho eu fui entrando na rejeição*”. Com o passar do tempo foi notando que cada vez mais as portas de emprego se fechavam para ela.

Por exemplo, tem eu, você e mais alguém, a gorda fica de fora. Tem preconceito! Eu enfrentei muito preconceito... de cor, de obesidade! Entendeu?! De estar estudando ainda. Aí, vai mudando os níveis. Antigamente era o ensino até a quarta série. Depois passou a exigência ser o ensino fundamental. E depois, agora é o ensino médio, e assim por diante. Assim... eu ia procurar emprego, ia dar a carteira e não era chamada. Na seleção, eu nunca fui chamada. Só fui chamada nesse que a minha prima trabalhava e nesse que eu fui indicada pela minha mãe e pelo Dr. Jorge. (...). Eu lembro que fiz um teste, era uma empresa que vendia produtos de audição. Então, no currículo não tinha foto. Eu fiz inscrição, botei o currículo e tudo. Fui na entrevista e mandaram aguardar em casa.

Apesar de a obesidade ser vivida com muito sofrimento, Rosana mostra que os níveis de exigências aumentaram gradativamente, selecionando aqueles que sobrevivem a uma peneira bastante fina. É necessário ter capacitação comprovada e para alguns cargos é exigido que a aparência cumpra determinados requisitos, que muitas vezes produzem situações de preconceito, por vezes direto e em outras situações velado. *“Acho que o preconceito é muito grande, tanto pela cor quanto pelo peso”*.

Rosana diz que teve dificuldades em conseguir empregos em que precisasse de ter contato com público. Diz:

Nunca consegui nada que fosse de frente. Por exemplo, como recepcionista, naquilo que eu gostaria de exercer, já que eu fiz datilografia, eu fiz digitação. Não entrava por conta da aparência, da cor... Nunca entrei em questão por conta disso. Só o olhar da pessoa já te conscientiza. No dia que eu fui chamada para essa entrevista nessa empresa de aparelhos auditivos, eu já era gordinha. Quando eu fui chamada, que eu entrei, a menina perguntou meu nome e ela fez aquela cara. Sabe quando a pessoa torce o nariz?! Fez umas perguntas, fez um testezinho, um psicotécnico. Mas só tinha poucas pessoas. Aí, a garota do lado falou assim para mim: “já sabe que nos sobramos, né?!” Aí, eu falei: “por quê?!”. Essa empresa não trabalha com negros. Eu falei: “por que você está falando isso?!”. Ela falou: “Olha só o quadro de funcionários”. Aí eu olhei em volta e só tinham pessoas brancas. Eu falei: “poxa, mas isso não tem nada a ver”. E ela insistiu: “Olha só, pode ver, eu e você, ela vai mandar aguardar em casa”. E não foi isso mesmo o que aconteceu?! Entramos, fizemos o psicotécnico. Todo mundo entrou. A salinha estava cheia de pessoas. Quando a gente saiu, “Vocês podem aguardar em casa”. Estou aguardando até hoje. (...). Há pouco tempo, fiz uma entrevista na UERJ, e claro que fui vetada de novo. Era para trabalhar com o público, um serviço burocrático. Teria até que andar bastante. Tenho certeza de que fui vetada ou por causa da cor ou da obesidade. Um ou outro. Existe um preconceito. Isso é um fato.

Na verdade, o que Rosana afirma é que existem diversos preconceitos, que ficam evidenciados, aos seus olhos, em vagas que lidam com o público diretamente. Nelas, a aparência é muito valorizada segundo certos padrões. O que a fez com que Rosana se voltasse para um outro perfil de vagas e acabasse se envolvendo com atividades como autônoma.

O mesmo tipo de preconceito e descarte nas seleções foi vivido por Eunice. Ela aborda essa questão quando conta que buscava empregos como vendedora de loja e já apresentava excesso de peso.

Tiveram dois empregos de venda que eu tenho certeza que eu não fiquei porque eu já era gordinha. Não tanto quanto hoje, mas já era. O que diziam é que não era perfil praquilo. Imagina uma pessoa entrando numa loja, numa dessas boutiques, dessas bem chiques e vem uma vendedora gorda. Não condiz.

Aqui, a palavra “perfil” poderia facilmente ser substituída por “corpo”, “manequim” ou “silhueta”. É explícito que o excesso de peso atualmente condiciona negativamente a

autoimagem e a autoestima. Eunice logo começou a trabalhar por indicação numa empresa na área administrativa e não mais procurou ou precisou buscar empregos em lojas, atribuindo menor valor no seu discurso sobre o acontecido. Porém, a escuta plural também fica atenta às mudanças do tom de voz, à direção do olhar, à postura corporal. E nitidamente ficou evidenciado um grande desconforto em narrar esse episódio. Os ombros e olhos baixos, a voz decepcionada só voltaram ao normal quando pôde falar das suas conquistas.

A percepção da imagem corporal é construída e se altera ao longo da vida, porque se dá no encontro com o outro. A forma como os outros os veem tem impacto naquilo que formulam para si próprios, afetando muitas vezes a autoconfiança, como aconteceu com Veridiana. Ela fez um curso de secretariado pelo PRODERJ quando ainda estava na escola e diz que era muito reconhecida no estágio por ser aplicada e eficiente. Porém, terminado o seu contrato, visto ter completado 18 anos, se confrontou com a situação de participar de seleções para emprego na área administrativa e de recepção. As dificuldades foram muitas devido a sua obesidade.

Logo depois que eu saí do estágio no PRODERJ, tinha uma moça lá que gostava muito de mim. Ela falou: “poxa Veridiana, você podia ficar numa firma como auxiliar administrativo, porque você trabalha tão bem”. E me indicou para Bonsucesso, para uma loja de materiais de construção. Quando fui fazer a entrevista, o rapaz falou na minha cara “olha, você não vai ficar por causa da sua aparência, entendeu? Você tem todas as características, a Ângela falou que você faz tudo muito bem, mas realmente com essa sua aparência não dá para você ficar”.

A decepção de Veridiana foi bem grande, pois contemplar as competências exigidas não eram suficientes. Havia uma avaliação da aparência física, com a qual não contava. Seu sentimento de vergonha e humilhação abalaram sua confiança em si mesma. Quando foi questionada por Ângela sobre a entrevista, não teve coragem de contar a verdade, e reviver novamente a humilhação. *“Ela me ligou: “E aí Veridiana, como foi?” Eu respondi: “Não deu para ficar. Ela insistiu em saber o porquê. Eu só falei: “Ele não falou o motivo não”. Eu não quis dizer o porquê dele. Eu fiquei envergonhada”*. Descreve com muita tristeza a forma com que tratou dessa questão com ela. *“Ele falou claramente: “você é obesa, sua aparência não colabora, para você ser auxiliar ou uma atendente você tem que ter uma aparência boa”*. *Ele foi bem direto e reto. Não teve discussão. Me levantei e fui embora. Chorei muito. Muito mesmo”*.

A partir daí, optou por buscar empregos na área de limpeza, apesar de contemplar os requisitos de capacitação e experiência na área de secretariado. Fato este que reforça sua certeza de ter sofrido situações de preconceito e exclusão.

Eu distribuía currículo para limpeza. Eu achava assim que pelo meu físico, as pessoas eram preconceituosas, não iam me dar em outro lugar. Eu nunca mais procurei emprego de recepção. As pessoas até conversam comigo. Falam assim: “Veridiana, você é tão entendida, você teve estudo, entende de tudo, por que você procura só na área de limpeza?” E é exatamente por isso. Esse preconceito que eu tive aí, eu também sei que não é só culpa dos outros, eu também me bloqueei.

Veridiana passou a acreditar que nunca mais poderia ocupar essas vagas e que o melhor para ela era buscar por empregos de menor prestígio. Começou a se candidatar a vagas de auxiliar de serviços gerais, apostando numa invisibilidade do trabalho. Porém, também não foi o que aconteceu, pois se o trabalho em recepção exige uma “boa aparência”, o trabalho com limpeza exige “agilidade” e “esforço físico”, quesitos que a obesidade atrapalha. E isso fica evidenciado pelo tamanho dos uniformes com as quais essas empresas trabalham, funcionando como um critério concreto da seleção, como se verá mais adiante. O que lhe resta são *“os bicos que aparecem”*. Às vezes ela é chamada para ajudar a fritar salgados em festa e isso lhe rende uma pequena remuneração.

Carlos viveu situações semelhantes quando precisou procurar por emprego. Ele saiu e retornou para a mesma empresa de ônibus algumas vezes e todas elas foram por indicação, seja do irmão, seja de algum amigo. Mas o fato é que ficou um tempo desempregado, e nesse período soube de seleção para ocupar vagas de gari numa empresa prestadoras de serviço para a Prefeitura do Rio de Janeiro. Lá, passou por uma seleção, na qual se sentiu muito humilhado pela possibilidade de ter o emprego negado por não caber no uniforme. Além da vivência da humilhação, ele próprio refere se humilhado ao chorar copiosamente e implorar pelo emprego. Que ao fim foi lhe dado por *“pena”*. *“Eu voltei chorando atrás da psicóloga. E comecei a chorar, dizendo que eu precisava do emprego, que eu precisava sustentar a minha família. Falei eu quero trabalhar, eu preciso trabalhar. Eu estava desesperado e ela viu que eu estava desesperado. Eu acho que ela ficou com pena.”* Mas se essa entrada foi delicada, o trabalho não foi menos pior. As atividades requeriam muito esforço físico. E era muito desgastante correr atrás do caminhão o dia inteiro. Reconhece que apesar de ser não exclusivo à obesidade, de fato ela dificulta a execução de tarefas. Não conseguiu ficar mais que cinco meses nessa função.

Novamente por indicação, conseguiu voltar ao cargo que ocupava antes na empresa de ônibus, de despachante. Porém, vislumbrava poder trocar de cargo. Queria ter a experiência de motorista, pois se lamentava por não ter uma profissão. O tempo desempregado e as dificuldades de se empregar, o fizeram refletir sobre sua formação e sua experiência e os

limites de empregabilidade que tinha. Ele não havia completado seus estudos, não tinha cursos de capacitação e se considerava sem profissão, pois o cargo de despachante é uma função e não uma profissão. Além disso, o cargo de despachante é ocupado por pessoas que já estão na empresa em forma de promoção. Pleitear a vaga de despachante em outra empresa não era uma opção real. E a obesidade grave se soma a todo esse quadro lhe tornando quase um inempregável.

Esse tempo que fiquei parado foi horrível. Parado, parado, eu não fiquei, mas também não conseguia pagar as contas. (...). Quando eu voltei para empresa, eu já tinha tudo maquinado. Eu queria passar para motorista, porque se de um dia para outro eu saísse, eu tinha uma profissão. A minha intenção era essa. Porque dizem que despachante é função. Nenhuma empresa contrata para despachante. Você vira despachante lá dentro. Só que agora eles nem querem mais pagar alguém como despachante, tão colocando gente do controle de tráfego para fazer o serviço e ainda paga menos. Então, eu renovei minha carteira e troquei para D, e quando eu voltei, eu me candidatei para motorista, fiz os testes, fiquei 10 dias em treinamento. Com 10 dias fui aprovado. Quando eu fui lá só medir a pressão e mudar a função na carteira, o chefe do DP me chamou e falou: “olha, não vai dar para você ser motorista não”. Eu falei: “Por quê?”. Ele respondeu: “Ah, porque você renovou sua carteira agora.”. Eu respondi dizendo que isso não colava porque a maioria das pessoas que estavam ali tinham trocado a habilitação para ser motorista e de qualquer forma não tem nenhuma lei que diga que eu não posso ser motorista se eu já sou habilitado para isso. Daí ele falou assim: “Então Carlos, eu vou falar para você a realidade. Você não vai aguentar ser motorista, porque é um serviço muito pesado”. Eu falei assim para ele: “Eu aguento coisas na vida que você não aguentaria, mas já que a empresa não está deixando eu ser motorista, então tudo bem”. Daí eu fiquei frustrado com aquilo. É uma coisa que eu gosto de fazer. Eu adoro dirigir. Mas aí eu cheguei a fazer um teste numa outra empresa. Passei no teste de direção e no exame médico. Mas eu acredito que ele viu o meu tamanho também e não me deu a vaga.

Novamente, a questão das competências para os cargos não é suficiente. Há explicitamente um juízo de valor quanto à imagem desse corpo gordo. É um corpo estigmatizado, em que a característica “desviante” fica evidenciada e torna outras qualidades como secundárias. Se Carlos procurou enfrentar essa situação e insistir em outra empresa, não se pode dizer o mesmo de Veridiana que se fechou num círculo vicioso, ao assumir para si e aceitar esse julgamento. Houve uma alteração da autoimagem, que legitimou esses tratamentos discriminatórios.

Antônio também recebeu diversas recusas no campo do trabalho. Mas afirma que não foi apenas pela obesidade, incluía a idade dos candidatos.

Não foi só por conta da obesidade. Eu observei o seguinte: a gente chegou na empresa para poder conseguir a vaga. Aí eles separaram pessoas assim, umas para cá, outras para lá. Primeiro preconceito que foi era acima de 42 anos. Ele falou “Quem está acima de 42 a gente não quer não”. Foi o que foi falado lá na porta. “Aí vocês ficam para cá”. E ele falou assim: “e você também fica para cá”, entendeu?!

(...) Quando eu cheguei também na empresa que eu trabalho hoje, na primeira semana que estava trabalhando lá teve um cara que falou assim: “caramba, ele trabalha mesmo gente”. Entendeu?! A pessoa duvida que a gente pode exercer certas funções. E não é por aí, às vezes você tem que ver a capacidade da pessoa, tem que ver o lado profissional, a disposição. Não é porque você é gordo que você não pode fazer certas coisas, mas claro, existe muito muito preconceito contra gordo seja no mercado, seja na rua.

Antônio descreve a cena onde havia uma separação entre os que estavam sendo considerados empregáveis e não empregáveis. Além disso, fala da desconfiança em relação ao seu trabalho que as pessoas têm de uma forma geral, como se o atributo físico minimizasse a capacidade intelectual ou disposição para o trabalho. Marcelo conta que quando trabalhava como promotor de vendas em supermercado passou por algo parecido.

Sempre tem um preconceito com o gordo. Um dia chegou um supervisor da *Coca Cola* lá e o cara falou para o meu supervisor assim: “ih, pode mandar esse gordo embora, muito lento”. Aí o meu supervisor falou assim: “Poxa, a minha equipe tem cinco promotores e esse é o melhor promotor que eu tenho. Ele só é gordo, é devagar, mas ele vai lá dentro, ele conta tudo e volta com o necessário”. Era assim mesmo. Eu contava as prateleiras, quantas garrafas cabiam em cada uma, na largura e no comprimento, e sabia do que que eu ia precisar. Eu contava tudo de uma vez só, trazendo quase tudo de uma vez só e arrumava. O magrinho dava dez viagens, o depósito era longe para caramba. O tempo que ele perdia indo lá e voltando, indo e voltando, eu acabava primeiro do que ele.

Diferentemente dos outros, Marcelo conseguiu através da sua produtividade romper, naquele espaço, com a ideia de que por ser gordo seria lento e incapaz. Helena passou por uma situação na qual algo parecido se colocou. Ela foi demitida da empresa onde trabalhava, pois, frente às cobranças de ter que oferecer cada vez mais para a empresa e o estresse que isso causava, acabou por responder mal a sua chefe.

Minha chefe veio me falar que a gente tinha que dar o sangue pela empresa. Eu na mesma hora respondi para ela que era impossível porque eu já estava anêmica. Logo depois me demitiram. Um tempo depois eles me ligaram para eu voltar porque viram que teve diferença nos números na minha ausência.

Helena e Marcelo foram os poucos que conseguiram, em meio aos vários processos discriminatórios, receber algum reconhecimento no campo do trabalho. Dejours (2001) já alertava para a função psíquica que o trabalho tem, sendo um alicerce importante para a constituição do sujeito e de sua rede de significados. Helena completa: “*Voltar a trabalhar é maravilhoso. A gente se sente útil porque somos reconhecidos pela nossa capacidade e não pelo nosso corpo*”. Enquanto que a ausência ou a fragilidade do reconhecimento social, para esses entrevistados, os fizeram experimentar formas de sofrimento social (vergonha,

humilhação), que deixaram marcas psíquicas. Segundo Carreiro (2003), essas dimensões do sofrimento social compõem facetas do imaginário de inutilidade, no qual se destacam os valores de fracasso, de falta de inserção e desqualificação.

#### 5.2.2.2 O peso do uniforme

A maior parte dos entrevistados aborda a questão da obesidade, menos pela questão estética e muito mais pelas dificuldades enfrentadas, os preconceitos e as limitações físicas. Muitos discorreram sobre o enfrentamento da roleta do ônibus como um grande desafio, pois em geral ela corresponde a uma grande ameaça. Ela tomou a configuração, nesse grupo de entrevistados, de uma grande prova, pois funciona como um objeto concreto de medição da protuberância corporal. Mesmo que esta não seja a sua finalidade, passar ou não pela roleta parece ser um crivo social de um estado muito grave de obesidade. E isso impacta a vida dessas pessoas, pois trata de um dos principais veículos de deslocamento para o trabalho. E essa foi uma das motivações de Eunice para buscar tratamento. *“Eu cansei de ser gorda. Um dos pontos que mais me estimulou a procurar tratamento é que eu tenho dificuldades de pegar ônibus. Como é que eu vou trabalhar sem conseguir pegar uma condução?!”*.

No campo do trabalho, o que foi visto nesta amostra de entrevistados é que assim como a roleta se mostrou um objeto concreto de confronto social e psíquico com o real da obesidade, o uniforme também o foi.

Carlos, depois de ter ficado desempregado por um ano, quase perdeu a vaga de gari, sendo inicialmente recusado pela falta de uniforme que lhe coubesse devido à obesidade. Ele descreve esse fato *“como um tapa”*. Um “tapa” carregado de humilhação pelo tamanho do seu corpo.

Eu simplesmente não acreditei no que estava acontecendo. Parecia um pesadelo. Quando eu fui no almoxarifado e eles disseram que não iam me dar a vaga porque não tinham uniforme para mim. Foi como um tapa. Eu voltei chorando atrás da psicóloga. E comecei a chorar, dizendo que eu precisava do emprego, que eu precisava sustentar a minha família. Falei eu quero trabalhar, eu preciso trabalhar. Eu estava desesperado e ela viu que eu estava desesperado. Eu acho que ela ficou com pena. Eu falei: “Me dá dois uniformes que eu mando minha esposa costurar e fazer um. Eu só quero trabalhar”. Aí quando ela me viu chorando lá daquele jeito, ela falou: “dá dois uniformes aí para ele, que ele vai fazer um para trabalhar”.

Se Carlos conseguiu contornar a situação, essa não foi a realidade dos outros. Marilene teve diversas inserções no trabalho com limpeza. Seja em “casa de família”, como faxineira ou como auxiliar de serviços gerais. Neste último sempre vinculado a empresas e

com a carteira de trabalho assinada. Para ela, foi a recusa em uma entrevista de emprego devido ao número do uniforme que a atentou para a gravidade de sua condição.

Essa coisa do peso foi um problemão. Aconteceu várias vezes de não me darem serviço porque não tinha tamanho para mim. Eu quase caí dura quando fui para uma entrevista e a mulher me disse que eu não poderia ficar não porque os tamanhos dos uniformes eram padrão e só ia até o 46. Eu nem tinha me dado conta desse negócio do manequim, porque realmente você percebe que a roupa vai ficando apertada, mas aí a gente vai usando essas aqui [mostra a bermuda de malha] que esticam e são confortáveis e pronto. Eu não tinha ideia do tamanho que eu estava.

Confrontada ao fato de um uniforme manequim 46 não lhe caber, o que lhe restou foi procurar antigos empregadores que conheciam o seu serviço e que pudessem recomendá-la a alguma vaga. Veridiana também valorizava o trabalho formal, com a carteira de trabalho devidamente assinada e seus direitos sociais garantidos. Já que não se sentia forte o suficiente para insistir nas vagas na parte administrativa ou de recepção, pois, foi traumática sua primeira entrevista de emprego, visto a sua crucificação pelo seu corpo obeso, passou a buscar emprego em empresas de limpeza. E nelas, todos os funcionários usam uniformes.

Eu botava para limpeza. Eu achava que pelo meu físico, as pessoas eram preconceituosas, não me dariam emprego em outro lugar. Em todas as empresas que eu mandei currículo eu fui chamada. Só que pediam para aguardar em casa por causa do uniforme. (...). Todas elas falavam do uniforme. “Aguarda que vão te ligar para ver sua numeração de uniforme. Eu respondia “Tá”. E eles nunca me ligaram. (...). Só uma foi sincera e falou para mim: “Olha só, vou ser bem sincera. Você passou na entrevista. Mas não adianta, porque não vai ter uniforme para você. Quando você sair, o pessoal do RH vai falar para você aguardar em casa que vão te ligar por causa do uniforme. Eu estou sendo sincera, não vão te ligar, porque tem um padrão de numeração de uniformes, entendeu? Então não vou te iludir, estou falando a verdade”. Até agradei a menina pela sinceridade. Eu acho injustiça, porque eles não falam a realidade. A pessoa fica com esperança que vai ser chamada, entendeu?! E não vai. E não vai mesmo. O padrão deles é até x e não passa daí. Essa foi a última vez que eu botei o meu currículo. (...) Não é exatamente desistir. É você necessitar. Não ter armas para usar, não ter pernas para ir. E eu também penso assim, eu vou gastar dinheiro de passagem que eu posso comprar amanhã alguma coisa para os meus filhos comerem para ir lá e dar de cara na porta. Quando as pessoas me ligam falando que tem uma festinha e tal, eu vou porque eu sei que é certo. Vou lá fritar os salgados e vou conseguir um dinheirinho.

Veridiana valorizava a segurança de um trabalho que, pelo menos, lhe oferecesse a segurança de uma remuneração fixa mensal, fosse ela formal ou informal. No entanto, as diversas vulnerabilidades de sua trajetória de vida, em especial marcada pelo excesso de peso a faz viver num ciclo de pobreza e de exclusão social de difícil rompimento.

A entrevista de emprego tem se mostrado como um momento em que o outro duvida ou tenta escancarar as possíveis dificuldades que esses sujeitos poderiam vir a ter no exercício

de suas atividades, devido a sua condição física e de doença, visto que se torna um trabalhador oneroso. E é nesse eixo que o uniforme se encaixa, denunciando uma potencial limitação ao trabalho que exige um grande esforço físico como é o caso dos cargos gari e auxiliar de serviços gerais. As palavras de ordem na atualidade são produtividade e agilidade. E a obesidade grave se coloca na contramão dessas questões.

### 5.2.2.3 O trabalho que participa no engordar e emagrecer

O trabalho, de forma geral, é uma categoria de forte investimento na vida das pessoas. E para quem trabalha, ocupa boa parte do tempo do dia, sendo um período importante e que impacta na problemática do peso, seja no ganho de peso ou no emagrecimento, como se verá a seguir. Também vale destacar que se sua presença tem uma articulação com o ganho e a perda de peso, a ausência de trabalho também tem.

No caso de Helena e Eunice, que trabalham em escritório na parte administrativa, é fato que passam horas do dia sentadas, com menor gasto energético do que outras atividades poderiam provocar. Ultrapassando a discussão sobre o balanço energético, a dissonância do que se consome e do que se gasta, interessa mais a essa investigação a forma como lidam com as altas cobranças de produtividade. Helena, por exemplo, foi cobrada a *“dar o sangue pela empresa”*.

Essa é uma expressão que reflete o alto nível de exigências e uma “obrigação da excelência” (GAULEJAC, HANIQUE, 2015), em que há uma obrigação de ultrapassar e superar a si mesmo. Está em jogo um ideal de performance, em que um “sempre mais” (GAULEJAC, HANIQUE, 2015, p. 134) é evocado. Em muitos casos ele se torna insustentável à medida que poderia levar a falhas e à exaustão. Porém, antes disso, muitos atores interiorizam as exigências e critérios de avaliação e ajustam os seus comportamentos em função desses parâmetros, levando ao que os autores chamam de “paradoxo da liberdade”. Nesse caso, os trabalhadores são convidados a exercer sua autonomia, mas internalizam esses valores e cobranças que dão ensejo à questão da performance e a colocam como base do reconhecimento, fazendo emergir uma “servidão voluntária”.

Esses ideais de alta performance e excelência geram uma sobrecarga no trabalhador, uma vez que estão submetidos a um “estresse profissional extremamente forte” (ENRIQUEZ, 1999, p. 77). Quanto a essa sobrecarga, Lhuilier (2009) a aborda em termos de “atividade aprisionada”, em que se associam sofrimentos físicos e mentais à carga de trabalho. É em relação a isso que a resposta de Helena emerge como grito desesperado e agressivo: *“Na*

*mesma hora respondi para ela que era impossível porque eu já estava anêmica. Logo depois me demitiram*". Se um imaginário da excelência (CARRETEIRO, 2003; ENRIQUEZ, 1999; ERHEMBERG, 1998; GAULEJAC, HANIQUE, 2015) tem prevalecido nas sociedades contemporâneas, tem-se concomitante a produção de uma subjetividade permanentemente insuficiente. E essa foi a denúncia que Helena fez, sua punição veio com a demissão. Situação vivida com muito sofrimento, pois valorada negativamente, abriu um processo de intensa desvalorização pessoal.

Nos empregos posteriores, situações muito parecidas apareceram na sua vida, o que a impôs aumentar o ritmo de trabalho como uma forma de compensar as fragilidades do excesso de peso. *"Quando eu estava na VIVO, era uma loucura. As pessoas já acham que você é mais lerda porque é gorda. Então, a gente tem que trabalhar mais que os outros. Não tem jeito"*.

Helena reconhece que as cobranças vêm para todos, sem distinção. Porém assume para si que o seu desafio de superação é mais pesado:

É chefe falando a toda hora, é e-mail chegando. É muita pressão. Todo mundo quer tudo para ontem. E não acaba nunca. Tem dia que a vontade é a de sair correndo. Mas a gente não pode. Final de mês era o pior. Ter que fechar tudo. E aí não tem sindicato, leis trabalhistas, não tem nada que faça a gente cumprir horário. Não dá. Tinha dia de sair onze horas da noite de lá. Porque ou você faz isso, ou você não serve mais. Depois que eu comecei a trabalhar em escritório, com todo esse estresse, as cobranças, as exigências do fechamento do mês... só ganhei peso. A gente trabalha muito tempo sentado e se movimenta pouco. Você não tem tempo para nada, não tem tempo de comer, nem fazer xixi. (...). Não é que proibissem. Mas você mesmo deixa de fazer, você se adapta. Uma hora de almoço?! Isso não existe. Vira tudo improvisado e aí as besteiras vem com a gente. Você come qualquer coisa na sua mesa e continua trabalhando. Principalmente quando a gente fazia hora extra, o pessoal do trabalho se juntava quando a gente ficava até tarde e pedia comida, era sempre uma pizza, um hambúrguer no Mc Donald's, um refrigerante, um biscoito. Era isso que a gente fazia para não perder tempo. E óbvio que eu fiquei mais gorda do que eu já estava. Acho que todo mundo um pouco. Mas sou eu que estou diabética, sou eu que não consigo calçar um tênis. (...). Isso porque eu nem contei como era a minha gaveta. Na verdade, isso é até hoje. Apesar de ser um pouco mais tranquilo onde eu trabalho agora, não é tão diferente assim. Eu belisco o dia todo, porque eu prefiro correr com o trabalho na hora do almoço. E as pessoas pensam: "Tinha que ser a gorda mesmo. Ali, já corre para ir almoçar". (...). Não sou eu que acho não. Eu já ouvi esse tipo de gracinha. As pessoas são muito escrotas.

Esse depoimento vai de encontro com o que Eunice também narra. Apesar de trabalhar numa repartição pública estadual, seu vínculo de trabalho não é o de concurso público. Ela é contratada e se sente todo o tempo ameaçada pelo fantasma da demissão. Ela foi contratada por indicação de um amigo que trabalhava na FAETEC, o que a ajudou a estar empregada

hoje. As falas de Eunice e de Helena convergem no quesito das cobranças que aumentam a cada dia e que soam por vezes cruéis.

Trabalhar lá é muito complicado. Nada nunca está completamente bom. Tem sempre um “mas”. Minha chefe é muito engraçada. Ela mesmo não faz nada, só manda os outros fazerem. Toda hora ela me chama. Sou eu que faço o trabalho dela e ela é quem recebe os créditos. E ainda assim ela sempre vem com um “mas você demorou” ou “faltou não sei o que”, “podia ter colocado logo no papel timbrado”. Ela não sabe de nada ali, faz parte dos cargos comissionados aí da vida. E toda hora fica inventando um negócio novo e inútil para a gente fazer. E quando a gente propõe alguma coisa ou ela apresenta como se a ideia tivesse sido dela ou ela ignora. Dá muita raiva. E eu fico nervosa, muito nervosa, estressada. E eu dano a comer. Minha gaveta está sempre cheia de porcarias, claro. Você sabe que ninguém belisca alface, é sempre uma bala, um bombom, um biscoito. E com isso, a Eunice aqui vai ficando enorme. (...). Eu sei que está errado, mas eu não consigo controlar. Eu, na verdade, queria voar nela, mas a gente não pode, né?! Então eu vou comendo para aliviar. Eu sei que eu tenho que sair dali; eu não vejo a hora de sair dali. Ontem eu quase mandei todo mundo ir à merda. Mas a gente pensa um pouquinho e desiste, engole mais um pouco. Eu tenho um filho para criar e eu sei o quanto foi difícil conseguir emprego. Eu sei que eu sou boa no que eu faço, mas também sei que as pessoas julgam pela aparência e vai ser difícil encontrar outro.

Assim como Helena, o nível de tensão subjetiva produz uma reação agressiva, seja ela com passagem ao ato ou não. Ela descreve a tensão entre atender as demandas e o sentimento de que a ordem recebida não deveria ser cumprida, pois o reconhecimento não virá para ela própria. Seu trabalho só pode ser reconhecido pela chefe a quem ela própria destituiu o tempo todo, não reconhecendo nela capacidade ou autoridade para ocupar aquele cargo. E que, além disso, não reconhece completamente seu bom trabalho.

É curioso que Eunice se alimente mal e use a comida e os doces de sua gaveta para tamponar um mal-estar. Não é à toa que fala sobre “engolir mais um pouco” a situação, devido a um sentimento de impotência que vivencia, e que é representada objetivamente por engolir “suas porcarias”. A “porcaria” vai literalmente para dentro.

Em ambos os depoimentos o trabalho acaba por ter uma participação no ganho de peso. Não se trata de fazer uma associação direta entre trabalhar e engordar, mas perceber que muitas situações favorecem o ganho de peso e que são mais visíveis em pessoas que já sofrem com o seu excesso. Resguardadas as diferenças, acontece em outras atividades, principalmente aquelas vinculadas diretamente à comida, uma associação mais explícita com o ganho de peso, ou pelo menos, um agravamento. A maior parte aparece como atividades enquanto autônomos.

A própria Helena conta que no período em que o marido começou a trabalhar em casa com massas, essa se tornou a base da alimentação do casal e o ganho de peso foi inevitável.

Em diversas situações, principalmente os períodos de dificuldade financeira, algumas entrevistadas mencionaram ter optado por trabalhar em casa se utilizando dos conhecimentos culinários. Muitas delas falam da sua “boa mão na cozinha”, e arriscaram usar essa qualidade como um capital para o trabalho. Esse foi o caso de Rosana, que fala com orgulho de sempre ter se esforçado para trabalhar, e mais, de sempre ter sido muito criativa e versátil, tendo ocupado distintas funções ao longo de sua trajetória laboral. Ao que concerne ao período em que trabalhava com encomendas, diz:

Eu fazia bolo, doce e salgados para fora. Foi um período em que a gente estava bem apertado de grana. E modéstia à parte eu cozinho muito bem. Não é à toa que eu sou gordinha. Eu gosto de comida, e gosto de comida bem-feita. (...). Era assim, até me dava um dinheirinho, mas parei de fazer porque acabava que eu comia junto. E assim não dá... muito trabalho, lucro pouco e ainda aumentava o peso. Parei.

O que em princípio deveria servir à uma remuneração passou a ser não apenas despesa, como saiu caro no sentido de um agravo. O mesmo pode-se dizer que ocorreu com Alana. No seu arranjo familiar, seu marido é o provedor da casa, e ele faz questão de dizer que ela não precisa trabalhar caso não queira. Porém, ela frisa que é importante para ser sentir útil e ter seu próprio dinheiro. Chega a compartilhar o desejo de que pudesse trabalhar fora de casa. Enquanto isso não foi possível, se utilizou das encomendas de bolos para ocupar seu tempo e obter alguma remuneração própria. No entanto, optou por diminuir o trabalho com isso quando começou a fazer tratamento no CRO.

Eu trabalhava em casa com bolo. Fazia bolo para fora, quando aparecia alguma encomenda. Comecei fazendo por fazer e aí um começou a falar para outro e meio que começaram a divulgar e acabei trabalhando com isso. Antes eu só fazia para igreja, para festa de família, casamento. Tudo confeitado. (...). Eu aprendi só vendo. Eu tinha uma colega que trabalhava com isso, e eu pedi à ela para fazer o bolo de um ano da minha filha. Enquanto ela fazia o bolo, eu fiquei com ela na casa dela e observei. Foi ali que eu aprendi, porque eu não sabia fazer nada. Vi como ela confeitava e a partir daí eu mesma comecei a fazer. Depois fui aprimorando com essa coisa da internet e tal, comecei a ver alguns pontos de glacê. Fui aprendendo por mim mesma. Aos poucos foi aparecendo uma encomenda e outra de bolo e de torta. Eu adorava trabalhar com bolo. Cheguei num momento de não comer mais nenhum outro bolo. Só o meu, achando que o meu era o melhor. E eu tinha uma coisa de ficar provando. E eu comia que era uma maravilha. O glacê então... Eu comia muito para provar, para ver se estava no ponto, tinha que provar aquela gordura. A mesma coisa com o recheio. Me perguntava: “mas será que esse recheio está bom?”. E era a minha desculpa para provar aquilo ali. E daí só fui adquirindo mais peso, fui ganhando peso. (...). Eu acredito que assim que eu comecei, eu devo ter ganhado quase 50 quilos. Muito mesmo. Eu comia, mas comia muito. Bolo então... Eu tinha um negócio com bolo recheado que eu não sei explicar, eu comia muito. Fazia e botava na geladeira e ali eu ia comendo. Era café-da-manhã, café da tarde, era refrigerante. Muito refrigerante. Torta, sobremesa. Mas agora, eu praticamente parei de fazer bolo para fora. Quando um ou outro me pede muito eu até faço, mas em geral, parei. Depois que descobri o diabetes resolvi parar porque eu

estava comendo junto. Para cada bolo que me encomendavam, eu fazia outro lá para casa. Assim não tem jeito de emagrecer. E meus filhos também estão gordinhos.

Veridiana também participa desse esquema, porém parcialmente. As condições sociais e financeiras são bastante limitadas a ponto de precisar continuamente administrar com prioridades o pouco dinheiro ao qual tem acesso. Isso significa que nem mesmo o investimento de preparar um bolo, ou fazer teste de receitas seria possível. O que surgiu enquanto oportunidade foi realizar “bicos” em festas na parte da cozinha. Recebia um certo valor para fritar salgadinhos em festas.

Eu tinha uma amiga que tinha um buffet. Hoje em dia, ela não tem mais. Ela me chamava para ajudar e me perguntava: “Veridiana, você quer fritar salgado ou ficar nas carocinhas?! Era assim que conseguia tirar um dinheirinho. Mas era muito difícil. Porque você fica ali fritando, com aquele cheiro no seu nariz, aquela quantidade toda. Aí você come umzinho, mas quando se dá conta já comeu um montão. O que é horrível, porque eu estou lá para trabalhar e não para comer. E eu já ouvi gracinha assim. E no fundo estão certos. É muito difícil resistir. É melhor eu não ir.

Gilson durante algum tempo trabalhou diretamente com comida também. Seu segundo emprego se deu numa lanchonete/sorveteria.

Eu trabalhava nessa lanchonete e sorveteria. Eu vendia e também preparava. Fazia de tudo lá. E quando eu estava lá eu comia muito lanche. Eu não comia comida. Não almoçava, nem jantava. O que eu fazia? Eu comia um x-burger, misto quente, pudim... Eu acabava de fazer um pudim, deixava lá esfriar e ia lá e comia dois, três pudins daqueles pequenos. (...). O rapaz que era dono, sempre deu a liberdade para gente comer. Nunca inibiu a gente de comer nada. Ele só pedia para a gente não estragar. Se estivesse a fim de tomar um suco, eu ia lá e fazia o suco, bebia. Era liberado, tudo liberado. Mas eu acho que eu não engordei muito nessa época não. Não afetava tanto porque eu malhava, então eu gastava caloria. Eu não era gordo porque eu malhava, fazia halterofilismo. Depois que eu fui para a aeronáutica eu passei a diminuir a parte de exercício. Foi aí que eu comecei a ganhar peso mesmo.

Gilson fala estranhamente de uma liberdade de comer em excesso no seu local de trabalho. O estranhamento maior se dá pelo fato de os objetos de trabalho serem os lanches, os doces e os sorvetes, os quais, em princípio, deveriam ser vendidos e não consumidos, visto que se colocaria aí um prejuízo para o estabelecimento a medida que o produto ao ser consumido não gera lucro. Existe uma diferença entre a orientação do chefe em não deixar “estragar” e a compreensão de que deveria, portanto, ser consumido, e que parece uma conveniente distorção para Gilson. Mais curioso ainda é a insistência de certas “liberdades” que menciona ao longo de sua narrativa sobre sua trajetória de trabalho.

Ele atribui o início do ganho expressivo de peso na Aeronáutica, onde não trabalhava diretamente com comida. Dentre as diversas atividades desempenhadas lá dentro, passou um tempo maior trabalhando na parte administrativa. Diferentemente de Helena e Eunice que apontaram as pressões do trabalho e como isso gerava uma ansiedade que contribuía para que comessem não apenas em maiores quantidades, mas também em pior qualidade, Gilson faz menção apenas à dita “liberdade” que tinha.

Lá [na Aeronáutica] tinha aquelas máquinas de refrigerante. Eu não bebia água, ia lá e tomava um refrigerante. Não precisava pagar, era da Aeronáutica mesmo. Nós tínhamos lá no rancho tinha uma máquina de refrigerante. Aí, vamos dizer, eu ia almoçar, ligava para o rancho e falava: “olha, o coronel mandou vir um lanche”. Aí, vinha na bandeja duas latas de refrigerante, dois danones, pão com queijo, aquele Ana Maria. E não era pão com queijo, era pão doce com queijo, presunto... Entregavam qualquer coisa que eu pedisse. (...). Isso mesmo, eu pedia no nome do coronel. Ele autorizava usar o nome dele, porque ele sabia que eu não tinha, quase não tinha hábito de sair para almoçar. Era uma regalia que eu tinha mesmo. Eu sempre fui uma pessoa comunicativa e sempre tive um bom diálogo com todo mundo. Sempre fui uma pessoa de comunicar, dialogar com as pessoas certas. Então, por isso eu tinha essa liberdade com ele. Eu sabia que muita gente ficava com ciúme. (...). Eu entrei para aeronáutica tinha setenta e seis quilos. Quando eu saí da aeronáutica eu estava com noventa e dois. Aí depois eu fui trabalhar no Carrefour. Lá eu também tinha a flexibilidade de comer o que quisesse. Se quisesse comer ia lá dentro da loja pegava e comia. E lá a gente tinha o refeitório, que também tinha uma máquina de refrigerante. Tinha uma sala de descanso que você ficava lá o tempo todo comendo também. Era biscoito, era batata e o que você quisesse comer a gente pegava lá e comia. (...). O Carrefour dava para a gente mesmo. Eles davam para a gente não precisar pegar nada escondido. Eu até achava legal, mas mesmo assim ainda tinha gente que queria levar para casa, né?! E eu era segurança. Peguei muito. Só que nunca gostei muito de prejudicar ninguém, aí eu só falava para pessoa: “Não estou vendo nada, mas vai lá e bota isso no lugar”.

Gilson nitidamente articula a comida a um poder. A “liberdade” a qual se refere parece uma grande distorção do que projeta a essas figuras de chefia ou da própria instituição. Parece uma fabulação montada para não ferir uma imagem de integridade ou algo do tipo. Segundo ele, o coronel permitia que pedisse comida no seu nome, pois ele não saía para almoçar e se considerava bem relacionado com essas figuras “de poder”, o que lhe dava um lugar privilegiado aos seus olhos. O Carrefour deixou de ser uma empresa varejista de grande porte, e passou a liberar sem restrições o consumo de seus produtos aos seus funcionários como forma de reduzir roubos. E ele, enquanto segurança “gente boa” evitava que os funcionários levassem os produtos para casa. Parece muito mais um desejo de identificação com essas figuras de poder, o que lhe dava imaginariamente a sensação de ter poder também.

Marcelo, em certa medida, também criou para si justificativas que justificassem o seu maior consumo de alimentos. Durante muitos anos trabalhou diretamente com comida. O pão foi um ingrediente de peso na sua história. E hoje ele mantém uma lanchonete próximo a um

hospital. Em ambas as situações, ele fala do desperdício de uma forma distorcida. *“Nessa época [na padaria], eu comecei a engordar. O patrão falava assim: “pode comer o que for, só não pode estragar. Se eu pegar estragando, eu mando embora, mas se comer com vontade não tem problema”*. Se o seu patrão de fato mantinha essa postura ou não, não é possível saber. O que se tem acesso é a construção de Marcelo sobre o que ouviu ou quis escutar do que lhe foi dito. De forma geral, as exigências do trabalho na contemporaneidade partem da ideia de maior produtividade, redução de custos e aumento dos lucros. A ideia de se *“comer com vontade não tem problema”* não encaixa. O não desperdício e o não estragar parecem passar, do lado da empresa e do empregador, muito mais pela *“gestão enxuta”* do que pela benevolência. Esse ponto insistiu e persistiu mesmo quando ele abriu seu próprio negócio.

Essa coisa da lanchonete tem umas coisas desorganizadas lá e acaba saindo muito pedido errado. E nem sempre dá para passar o pedido para um outro cliente. Todo mundo quer tudo feitinho na hora. E aí você faz o que?! Vai jogar fora?! Claro que não. Meto para dentro.

Ele próprio reconhece que há uma desorganização do seu estabelecimento que produz um desperdício, o que seria um aumento de gasto e diminuição de lucro. Porém, desperta certa conveniência, a ponto de não modificar o esquema de funcionamento da lanchonete e mantém um consumo exagerado de lanches, o que agrava sua condição de diabético, cardiopata e obeso grau III.

Ao mesmo tempo em que o trabalho pode contribuir para o ganho de peso. O *“não trabalhar”* contribui para a ociosidade e ganho de peso. Veridiana contempla os dois extremos. Especificamente o trabalho com comida a fez aumentar de peso, uma vez que não conseguia controlar a vontade de comer. Mas também atesta que enquanto trabalhou como cuidadora, conseguiu ter uma perda expressiva de peso.

Quando eu trabalhava eu perdia peso. Teve uma época que eu perdi 17 quilos. Eu estava trabalhando de cuidadora. Mas depois voltou tudo de novo. Fico parada só pensando em comer. Acho que é isso, a gente se acomoda. Eu levantava de madrugada, tinha que pegar o trem, vinha e voltava. Você não tem tempo de ficar pensando só em comida. Se você está à toa dentro de casa, você faz o que? Besteira! Come, come e come.

A ociosidade também é um aspecto apontado por Alana e Gilson. Alana não tinha o compromisso com o trabalho fora de casa, apenas com as encomendas de bolo, enquanto que Gilson, devido a um acidente, ficou um período em casa para recuperação. No caso de Alana:

Só da pessoa ficar dentro de casa sem fazer nenhuma atividade física, a pessoa já ganha peso, era meu caso. Muitos anos parada, só comendo, vendo televisão, dormia direto. Então ali eu já estava adquirindo peso. Só acordava para comer, porque já tinha problema de pressão, mas nunca fui cuidar, então quando a pressão subia me dava aquela sonolência, passando muito mal. Então queria caçar cama, queria dormir. Só acordava para comer. E eu comia praticamente o dia todo.

Gilson fala do período do acidente como crítico, apesar do seu ganho progressivo ser anterior ao acidente.

Eu consegui pegar mais peso depois que eu me acidentei. Eu diminui muitas coisas. Fiquei três anos para operar. Cheguei a 166 quilos, 167 quilos. Já mexe mais com o psicológico da pessoa. Porque a pessoa se sente... começa a se sentir incapaz, a verdade é essa. Eu me sentia incapaz, porque eu sempre fui uma pessoa ativa e você se acidenta e imagina que aquela perna ali nunca mais vai ser a mesma. Eu pensava que nunca mais ia subir uma escada de novo. Aí o que que eu fiz?! Mesmo com a perna toda estourada, eu voltei a trabalhar. Mas eu estava me sentindo bem abatido. Minha cabeça não estava legal não. Porque mesmo trabalhando, tendo voltado a trabalhar, eu estava me sentindo limitado a fazer muitas coisas. Muitas coisas que eu fazia antes não tinha mais como fazer. Fui ficando desgostoso, ia comendo umas coisas sem noção. Era comer, comer, comer.

Gilson, assim como Veridiana, fala da relação valor/desvalor que a presença ou ausência do trabalho tem nas suas vidas e como isso se articula com o ganho do peso. Segundo Lhuillier (2002, p. 210) o trabalho é “realizado com outros, para outros, é subordinado a um fim coletivo, organizado, coordenado, canalizado, gerido (...). É realmente o palco onde actuam simultaneamente e dialecticamente a relação consigo próprio, a relação com o outro e a relação com o real”. E, portanto, pode ocupar um lugar privilegiado para os sujeitos. E no seu impedimento pode proceder uma desvalorização, visto que uma inatividade imposta pode levar à perda de suportes subjetivadores do sujeito, ao fragilizar, por exemplo, as trocas interpessoais, ou bloquear o próprio investimento naquela atividade.

#### 5.2.2.4 Algumas estratégias de “sobrevivência” no campo do trabalho

A maior parte dos entrevistados não atribui ao excesso de peso um impedimento de exercer a atividade laborativa. De forma geral, eles apontam o preconceito direcionado ao peso como o grande dificultador na inserção no mercado de trabalho. Em segundo lugar, eles falam da avaliação médica nesse processo que reconhece neles as doenças preexistentes à contratação e que tem impacto na assiduidade do trabalhador. Como consequência poucos são contratados formalmente e tem os direitos trabalhistas garantidos. Como se pode ver, o reconhecimento da obesidade como um limitador do campo empregatício na percepção dos

entrevistados passa por um processo de negação, pois ela sempre aparece através do olhar do outro.

Se a empregabilidade é a possibilidade de um sujeito inserir-se ou manter-se no mercado de trabalho, tem-se que neste grupo ela é diminuída. Algumas questões se colocam. A primeira e anterior à obesidade é que se trata de um grupo com baixa escolaridade e pouca qualificação. Isso restringe as opções disponíveis de atuação no mercado de trabalho e os tornam menos competitivos. O segundo ponto diz respeito de fato ao peso. Não se pode perder de vista que não se trata de um tipo de obesidade qualquer. Trata-se de uma obesidade grave, grau III, o que gera senão um impedimento, produz ao menos dificuldades físicas, o que poderia ser um problema. E o é a medida que existe uma forte concorrência. E a obesidade acaba por ser um fator decisório e excludente nas entrevistas de emprego.

As dificuldades e limitações são pontos reconhecidos, principalmente os de mobilidade. Mas o que persiste enquanto sentimento é a injustiça de não concorrer com outro candidato em termos de capacidade e ser podado, pois a aparência impacta de antemão a seleção. Nesse complexo quadro torna-se importante criar estratégias de sobrevivência, pois o que se nota é que prevalecem valores como fracasso, desvalor, e que refletem formas extremas de vulnerabilidades nos laços sociais. Eles gradativamente se dirigem a uma categoria de trabalhadores “sem-emprego” (CASTEL, 1997; 1998), e que sentem o peso da invalidação social mais do que o peso do corpo.

Quanto a essas estratégias desenvolvidas face a essas dificuldades descritas por esse grupo de entrevistados, podem-se destacar duas como se verá adiante: a indicação e a autonomia.

#### *5.2.2.4.1 A rede de relações como modo privilegiado de inserção no campo laboral*

Dos treze entrevistados, pode-se falar que apenas cinco apresentam vínculo empregatício formal no momento: Helena, Eunice, Gilson, Antônio e Carlos. Destes, apenas Helena não foi aprovada na seleção por ter recebido indicação de alguém. Ela já apresentava experiência na área administrativa e, além disso, já havia trabalhado numa empresa concorrente do mesmo segmento, o que tornou seu currículo interessante, visto ter inclusive conhecimento sobre fornecedores. Mas no início de sua carreira como professora do fundamental, menciona a indicação de uma amiga para o seu primeiro emprego.

Eunice conta que depois de ter sido recusada em entrevistas, um amigo lhe indicou para um contrato na FAETEC. Mas, na verdade, seus dois empregos foram conquistados a

partir de indicações. A única contratação via currículo foi com trabalho de telemarketing que não durou mais que dois meses, pois pediu para sair. Ela praticamente o desconsiderou na sua narrativa.

Eu passei por várias entrevistas. Das que eu fiz, eu só passei na de telemarketing que eu tinha um curso. Era no Water Planet. Tinha até esquecido de falar porque foi tão pouco tempo. Eu detestava aquilo. Foi antes do escritório contábil. Fiquei lá uns 2 meses, não fiquei mais que isso não. Pedi demissão, não aguentava. Fiquei mais ou menos um ano desempregada. No escritório eu comecei por indicação. Eu não passava em nenhuma seleção. (...). Uma amiga minha conhecia o dono do escritório. Eu entrei para auxiliar de uma forma geral. Tudo ali foi ele quem me ensinou na parte de RH. A filha dele era responsável, e eu comecei a ficar como auxiliar dela. Nesse escritório eu fiquei quase 3 anos. Só saí de lá porque não era carteira assinada. Eles já estavam me enrolando. (...). Eu procurava outras coisas por fora. Depois eu fui pra FAETEC. Também por indicação de um amigo meu. Ele era professor de lá. Estava trabalhando nesse setor, que era um setor novo na fundação. Aí teve um processo seletivo. Passei por uma entrevista e fiquei. Inicialmente era para ser recepcionista, mas me jogaram 5 meses depois no setor de compras. Que é onde estou hoje.

Gilson refere ter conseguido seu primeiro emprego pela indicação de um amigo para a lanchonete de sua tia, o que à época era bastante comum de acontecer, principalmente devido à sua idade. Ele apenas saiu de lá no período da maioridade em que precisava se apresentar para o serviço militar. Sua tática ao sair de lá foi a de avisar aos amigos que estava em busca de emprego e logo surgiu a oportunidade do trabalho como segurança. Vale aqui fazer um adendo que este foi o único momento, dentre todas as entrevistas, que o excesso de peso foi valorizado explicitamente. O período em que esteve na Aeronáutica foi bastante expressivo quanto ao ganho de peso. Este último, que o tornava “grandão”, junto ao título de ex-militar funcionaram como um capital de trabalho para o cargo de segurança.

Mantendo a estratégia de avisar aos amigos que estava em busca de outras oportunidades, foram surgindo indicações para serviços de elétrica, e que culminou na sua contratação numa empresa, onde está até hoje.

De forma muito semelhante Antônio também precisou lançar mão da indicação como forma de se empregar. Apesar de ter trabalhado junto a seu pai e até hoje manter uma marcenaria, em diversos momentos de sua trajetória manteve preferência por uma forma de vínculo formal no trabalho, assim como seu pai o fez por algumas vezes. Os pontos valorizados nesses momentos eram a segurança de um salário fixo mensal e os direitos assegurados pela carteira de trabalho.

Antônio durante o período mais crítico de adoecimento do pai buscou por empregos através de anúncios em jornal. Mas o trabalho em marcenaria só veio pela indicação de seu

próprio pai. Ele era bastante conhecido e reconhecido pelo seu trabalho e Antônio se beneficiou da rede de relações de seu pai, ganhando credibilidade. Ele não abandonou o uso de anúncios em jornal. Mas conta que ao se apresentar nas seleções ele acabava sendo bem recomendado por funcionários que já o conheciam de outros espaços, o que favorecia a contratação, visto que funcionava como uma recomendação.

Eu sempre procurei em anúncio de jornal. Mas meu pai também me ajudou muito. Foi ele que me levou lá para a empresa onde ele trabalhava. Ele era muito bom e conhecia muita gente. Mas eu também sempre corri muito atrás. Nem sempre foi ele que me colocou para dentro não. Que nem quando eu saí daquela empresa onde meu pai trabalhou e eu fiquei oito anos, tive que começar tudo de novo. Fiquei de olho no jornal e descobri que uma concorrente estava precisando de marceneiro. Fui o segundo da fila. Cheguei lá e descobri que eu conhecia várias pessoas que trabalhavam lá. Isso porque sempre tinha confraternização no barzinho lá em São Cristóvão, e a gente conhecia todo mundo. Aí o pessoal falou: “Esse cara aí é bome tal”. E aí a entrevista foi outra história. O patrão me chamou, eu sentei, conversei e deu certo. Comecei a trabalhar lá em 2005, trabalhei lá até 2013. Fiquei um bom tempo lá. Só saí porque começou a reduzir custos. Mas até hoje eu tenho contato com ele.

Há em sua fala um discurso de que nem sempre foi dependente e que não ficou à sombra de seu pai. Mas há o reconhecimento de que a indicação e a recomendação tiveram papéis importantes na sua trajetória e que ajudaram a compor o currículo que hoje apresenta.

Carlos fala com orgulho trabalhar há 23 anos na mesma empresa, apesar desses anos não terem sido todos em sequência. Sua trajetória laboral foi entremeada por outras atividades e um de seus irmãos teve papel de protagonista. Seu primeiro emprego surgiu como sugestão de um colega que já trabalhava como entregador de jornais. Ao sair de lá, seu irmão lhe indicou para um emprego de *office boy*, e posteriormente também lhe indicou para essa empresa de ônibus, onde hoje trabalha. Foi esse mesmo irmão quem lhe ofereceu uma oportunidade num bar de sua propriedade, e foi o mesmo quem novamente lhe indicou para a mesma empresa de ônibus.

Carlos o chama de “*paizão*”, pois sempre olhou por ele, abrindo-lhe oportunidades por ser uma pessoa bem relacionada. Para ele, essa trama de relações favorecia que suas indicações se transformassem em aprovação na contratação. Apesar do agradecimento que Carlos tem por seu irmão, também guardou rancor por acreditar que ele foi o responsável por sua demissão da empresa depois de uma grande briga que tiveram. Tempo depois voltou à empresa por indicação de um amigo, que trabalhava lá.

Como se pode ver, a indicação esteve presente em todos os entrevistados até o momento. Para alguns, a indicação foi fundamental à aprovação nos processos seletivos. Vale

destacar que isso não se relaciona diretamente com a condição de obesidade. Muitos começaram a vida laboral ainda adolescentes e independentemente do peso. A indicação parece funcionar muito mais como apoio vindo de uma rede relacional que esses sujeitos têm. Essa rede de sociabilidade é protetora à medida que há uma mobilização e investimento para que o outro possa trabalhar. O que se pôde também notar até o momento é que a indicação teve seu valor ampliado nos momentos em que alguns entrevistados já apresentavam um excesso de peso importante, como no caso de Eunice.

Os exemplos acima compreendem aqueles que hoje se encontram empregados, mas não estão distantes da realidade dos outros entrevistados. As diferenças estão na gravidade das vulnerabilidades e recursos disponíveis.

Alana, obesa desde a infância, era recorrentemente recusada em seleções de emprego. Sua primeira atividade em casa de família se deu por indicação, bem como seu segundo emprego numa fábrica de roupas.

Às vezes saía para procurar emprego e não conseguia. (...) Não sei, acho que era devido ao excesso de peso que eu já apresentava. Eu comecei a ir com minhas colegas. Quando chegava lá muitas delas ficavam trabalhando. Mas quando chegava na minha vez não tinha vaga para mim. Então isso daí foi me angustiando. Foi quando eu resolvi trabalhar na casa de família. Fui pedindo as pessoas para arrumar. Uma colega minha que já trabalhava nesse lugar soube que a vizinha da patroa precisava de uma menina só para arrumar a casa e me indicou. (...) Eu saí de lá para poder ir para a fábrica. Minha tia trabalhava lá e pediu a chefe de costura para arrumar uma vaga para mim.

A indicação é apontada por ela como a principal forma de empregar-se e associa as limitações na empregabilidade ao excesso de peso. A mesma conjuntura se apresentou para Marilene depois do agravamento de seu peso: “Aconteceu várias vezes de não me darem serviço porque não tinha tamanho [de uniforme] para mim”. A solução encontrada por ela foi a de procurar antigos empregadores de forma que eles pudessem lhe ajudar, indicando-a ou recomendando-a a outras empresas. Aqui, o que lhe interessava era não apenas aumentar as oportunidades, mas também ter o apoio de pessoas que conheciam seu trabalho e que poderiam favorecê-la em alguma seleção. Se a imagem impacta a seleção com um prejuízo da avaliação das competências para a atividade, a recomendação aumentaria o peso do currículo e das experiências anteriores, podendo atuar como minimizadores da exclusão. De qualquer maneira, Marilene não deixa de reconhecer as dificuldades com o peso e o trabalho. Assim que teve oportunidade deixou de trabalhar. Ela passou a receber uma pensão após o falecimento do ex-marido, que substituiu o salário que recebia como auxiliar de serviços gerais. Nesse caso, a possibilidade de receber uma remuneração independentemente de um

investimento seu no trabalho, lhe permitiu se poupar do desgaste que tinha em relação ao deslocamento, o próprio desgaste físico do trabalho com limpeza e as cobranças intermináveis da chefia.

Eu já não estava aguentando mais. Tudo já era muito difícil. Abaixar, subir escada, descer escada, no fim do dia o corpo estava arrebentado. Ainda tinha o problema de chegar lá e depois voltar. Ônibus cheio, lotado. Eu também já estava sofrendo perseguição. Cobrança, atrás de cobrança. Começaram a inventar umas coisas, era uma fofocaiada, uma querendo passar a outra para trás. Quando meu marido morreu fiquei com a pensão dele. Por mais que a gente fosse separado, a gente era casado no papel. E confesso que foi a minha salvação porque senão eu nem sei como estaria sobrevivendo.

Se para Marilene receber uma pensão funcionou como uma zona de proteção, o mesmo não se pode dizer de Rosana. Esta última sempre referiu dificuldades em conseguir empregos. Seus empregos formais se deram, assim como outros entrevistados, por indicação.

Eu ia procurar emprego, ia dar a carteira e não era chamada. Na seleção, eu nunca fui chamada. Só fui chamada nesse que a minha prima trabalhava e nesse que eu fui indicada pela minha mãe e pelo Dr. Jorge. (...). Sempre só por indicação! Era muito preconceito!

O investimento em atividades como autônoma lhe liberaram de muitos constrangimentos desse tipo. Porém, o ganho progressivo de peso lhe gerou tantos outros problemas de saúde, que efetivamente lhe impuseram uma limitação no trabalho com a costura e que culminaram no seu afastamento pelo INSS. Nesse quesito, diferentemente de Marilene, Rosana não se sente protegida pelo Estado, pela remuneração recebida. O auxílio que recebe não supre suas necessidades, lhe impondo continuar trabalhando, num processo de quase negação de seus limites.

Os casos de Luiz e Veridiana revelam ainda uma peculiaridade nesse contexto de inserção no mercado de trabalho por indicação. Ambos se inseriram em contextos de trabalhos remunerados se utilizando desse recurso e atualmente os dois se encontram desempregados e reconhecem que a obesidade é o principal fator para a não contratação. Lhuillier (2012, p. 16) adverte que “as exigências produtivas, a seleção na contratação, o rigor do controle e do enquadramento eliminam os sujeitos cujo estado de saúde se manifestam por uma queda, uma redução das performances profissionais. (...). A alteração da saúde comporta sempre um risco de exclusão do mundo do trabalho”. Isso significa dizer que se mantém vulneráveis, e em alguns casos desfilados, esses sujeitos partícipes de um grupo que apresenta não apenas morbidades, mas limitações de mobilidade.

Tanto Luiz quanto Veridiana, mesmo com indicações, não tem conseguido retornar ao trabalho. Em comparação aos outros entrevistados são os que apresentam maiores vulnerabilidades nas condições concretas de existência. Parece que Veridiana, apesar do sofrimento, já naturalizou essa posição social que ocupa, diminuindo seu investimento e aceitando uma impossibilidade de mudança ou melhora. Se ela se resigna, Luiz nutre esperanças e faz avaliações contingenciais.

A situação de Luiz, em termos de saúde, é bastante delicada. Além da obesidade grau III, é hipertenso não compensado, apresenta grande dificuldade para caminhar e se mostra nitidamente dispneico<sup>15</sup> inclusive para falar. E essas características não podem ser escondidas numa entrevista de emprego, o que justifica a não contratação. Ele reconhece essa dificuldade e aponta como estratégia se lançar a vagas em estabelecimentos de menor porte, que teriam menos exigências, e que poderia lançar mão do recurso da indicação. Diz: *“Não entra. Em empresa grande não entra. Eles dizem que a gente dá prejuízo. O que nem é verdade, pois eu me doo totalmente, coloco a mão na massa e não dou motivo”*. Sua fala é bastante contraditória, pois faz queixas sobre as dificuldades que o corpo obeso lhe impõe.

Ele fala de uma lentidão, de dores, da impossibilidade de calçar sapatos e ficar muito tempo em pé. *“As pernas incham, não tem como ficar em pé. Meu pé fica essa bola que você está vendo, ele queima”*. Se assim o é, a sua apreensão do que é se doar é bastante distinta das exigências e expectativas da empresa, o que lhe gera também um constrangimento.

Por exemplo, hoje tem uma empresa lá perto de casa que está precisando de gente para trabalhar. Só que eles têm departamento, eles têm psicólogo dentro da empresa. Então, não vou nem botar a cara para tentar uma vaga porque vão falar assim: *“Levanta a barra da tua calça”*. Só de ver, eles vão me barrar. A não ser se fosse uma pessoa conhecida, que eu já tenha trabalhado. Por indicação eu até consigo trabalhar. Agora, eu sei que enquanto eu não diminuir o peso, enquanto eu não melhorar a situação desse inchaço nas pernas, eu acho que eu não consigo não. Só posso procurar nesses mercados pequenos, de bairro. São minha única chance agora.

Como pôde ser visto, a experiência da indicação foi muito usada por esse grupo de entrevistados. Ela não é um recurso específico para pessoas obesas. É, de forma geral, uma estratégia que se aplica a qualquer pessoa e em diversas situações, a fim de aumentar as chances de se ocupar uma vaga. Seja porque a indicação amplia a capacidade do currículo, incrementando-o com aspectos menos objetivos, seja pela recomendação por haver um conhecimento prévio do trabalho desempenhado em termos de qualidade. O importante aqui é

---

<sup>15</sup> Dispneia é um termo médico usado para descrever experiência subjetiva de sensações respiratórias desconfortáveis.

que frente a uma grande dificuldade em se inserir no mercado de trabalho, a indicação é uma saída importante para esse grupo de pessoas extremamente obesas, que se veem tão fragilizadas no contexto de trabalho, e principalmente quando estão fora dele.

#### 5.2.2.4.2 *Autonomia – ser patrão de si mesmo*

Assim como a indicação se mostrou como um ponto de convergência entre os entrevistados, a questão da autonomia também aparece como um ponto de saturação nas narrativas. Frente às dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho, muitos trabalharam informalmente, recebendo uma remuneração, porém sem os direitos associados à contribuição à Previdência. Outros, por outro lado, investiram em negócios próprios, melhor estruturados ou não. Daqueles que se descrevem como autônomos, apenas Rosana contribuía para a previdência, pagando o seu carnê de autônoma, o que permitiu que recebesse o auxílio-doença após avaliação da perícia médica do INSS.

Nos tópicos anteriores pôde-se ver que, principalmente, as mulheres trabalharam com encomendas de bolos, doces e salgados. Estas são atividades ligadas ao ambiente doméstico, que passaram a atividades remuneradas. O ambiente doméstico é um local “mais protegido” para esses sujeitos obesos. O processo de estigmatização e vulnerabilização de suas posições sociais os fazem se afastar da vida social e também vão afetar a vida no trabalho. Estar em casa significa não precisar enfrentar as dificuldades com os ônibus e as roletas por exemplo. Quanto a isso, Alana conta que há pouco tempo cogitou voltar a buscar emprego fora de casa e seu marido a lembrou dessas dificuldades.

Teve um tempo atrás que eu quis voltar a trabalhar. Não é que meu marido não apoie, ele até deixa, mas ele falava para mim: “Tem certeza mesmo?! Tem certeza que você vai aguentar pegar ônibus todo dia?” Ele ficou me lembrando de eu ter ficado atolada na roleta do ônibus. Ele acha que seria melhor trabalhar em casa.

É também uma forma de não precisar insistir em processos seletivos, que não os aprovam pela condição de obesos graves, com comorbidades associadas. Essa estratégia, acaba sendo, portanto, protetiva de diversos conflitos que se produzem nesses sujeitos no encontro com o outro social. Dessa maneira, é possível minimizar os processos de fragilização que eles vivenciam e reproduzem no dia-a-dia.

O caso de Viviane ilustra bem essa questão, pois nunca teve a experiência de trabalhar fora, ela sempre atuou junto a sua mãe. Aos poucos, recebeu algumas responsabilidades e hoje

responde por determinado horário de trabalho no comércio familiar. Viviane justifica nunca ter se mobilizado para buscar um emprego fora da proteção familiar porque “*sua mãe precisa de ajuda*”.

Sempre trabalhei em casa, nunca tive essa experiência de trabalhar fora. Eu até trabalharia, mas só se fosse de manhã até o meio dia, nem que cinco horas da manhã eu fosse para o serviço e uma hora saísse do serviço. Isso, para chegar em casa umas duas ou três horas e ajudar a minha mãe ou então pegar no serviço de noite e chegar de manhã.

Ajudar sua mãe é uma forma de reconhecimento ao seu esforço e cuidado, ao mesmo tempo é marca de uma inscrição familiar, presente nas três gerações. Aparece como a principal justificativa para não sair de certa zona de proteção. Ela menciona situações hipotéticas que poderia sofrer sendo empregada fora:

dependendo do patrão ou da pessoa responsável, que são muito arrogantes, que não chegam na humildade, que se sentem por cima, porque é superior... Não tenho paciência não. Se está ali é porque com certeza teve um momento igual ao meu, passou por algum sofrimento para estar lá em cima.

Sua fala anterior descreve opções de “trabalhar fora” com condições que dificilmente seriam contempladas. Sua última fala aponta a um receio de humilhação. E há um arranjo familiar-laboral cômodo e protegido. Ali ela é colaboradora, uma ajudante de sua mãe, ao contrário da imagem de empregada subjugada e humilhada que seu medo a ajuda construir. Assim, não precisaria reatualizar os sentimentos de insuficiência e impotência que a acompanharam no campo das amigas e nos estudos, que a levaram a se reservar e abandonar o colégio. Ela recusa possibilidades no campo laboral, pois está incluída numa linha sucessória desse comércio e ele tem se mostrado suficiente para a reprodução do seu arranjo familiar.

Antônio também cresceu em meio a um negócio próprio de seu pai: a marcenaria. Frente ao adoecimento do pai, assumiu a responsabilidade por terminar as encomendas. Porém, sendo menor de idade não tinha condições ou credibilidade ainda para realizar novos negócios com clientes. Avaliando as condições gerais do negócio familiar e da casa, ele buscou por emprego e durante sua trajetória laboral oscilou entre o trabalho via emprego e trabalho como autônomo em negócio próprio. Ele fala com grande apreço do trabalho na marcenaria, enquanto um bem seu, recebido de seu pai. Durante três anos, ele se dedicou e se manteve financeiramente apenas com a marcenaria. Porém, a concorrência com a ampliação de lojas de móveis populares diminuiu o número de clientes, dificultando a manutenção do

negócio. A organização possível foi a de manter em paralelo as duas atividades. Com seu emprego garante o valor fixo mensal e os direitos vinculados à carteira de trabalho assinada, que já precisou fazer uso devido aos problemas de coluna necessitando se afastar no trabalho. Com o outro, ele complementa e amplia sua condição material, mantém a ideia de propriedade de um negócio próprio, e se assegura de ter algo em caso de ser dispensado da empresa. Afinal, ele faz questão de destacar que é o provedor da casa.

Se Antônio aponta na sua trajetória a dificuldade com a concorrência, Gilson também o faz. Gilson conta que trabalhou durante um tempo com *“biscate, era freelance”*. Ele segue dizendo que *“gostava dessa sensação, dessa coisa de trabalhar para você mesmo”*. O seu único inconveniente era a instabilidade do mercado.

Se eu pudesse eu estaria trabalhando para mim até hoje. Mas só que tem época que dá e época que não dá. O mercado tem a flexibilidade de você estar trabalhando hoje, estar com campo aberto para bastante serviço. Mas aí, do nada fecham-se as portas. Aí, se você não tiver um caixa para te segurar, você arrebenta. Enquanto que se você já é empregado, você não se preocupa com isso. Tendo serviço ou não, quando acaba uma obra, eles me mandam para outro lugar.

Frente à instabilidade, a formalidade do trabalho oferece garantias em caso de adoecimento e contribui segundo o tempo de serviço à aposentadoria. No caso da autonomia, ela permite maior liberdade, diminui os constrangimentos de cobranças e expectativas do empregador, porém produz outras cobranças para si próprio. Não é à toa que usa a expressão *“trabalhar para você mesmo”*. Você dita as próprias regras. Mas não se pode negar que o resultado também depende apenas de seu próprio esforço para executar todo o processo de trabalho. Enquanto autônomo com contribuição ou não ao INSS, a remuneração se dá enquanto se trabalha. Se há demanda, há trabalho e há remuneração. Se não há essas condições, também não há remuneração. O benefício da contribuição ao INSS se dá pelo respaldo que oferece em caso de adoecimento, no qual se coloca uma impossibilidade direta de assumir o compromisso de trabalho. É em termos de segurança, que Gilson optou por se manter como contratado de uma empresa, pois assim como Antônio ele se preocupa por manter a segurança financeira da casa, compensando, ao seu ver, lidar com os constrangimentos no trabalho.

Marcelo, dentre os entrevistados, é aquele melhor sucedido financeiramente. Ele também oscilou entre empregos e negócios próprios. E hoje é proprietário de uma lanchonete e um estacionamento e tem a intenção de investir em casas para alugar. Para ele, suas experiências de trabalho desde a infância o levaram a investir em atividades que o

permitissem desenvolver um negócio próprio. Em suas palavras: *“isso aí me ajudou a ser o que eu sou hoje. O tino que eu tenho para negócios já veio nessa experiência que tive lá como criança”*. Ele já produziu pão em casa, abriu padarias, já teve um brechó e hoje têm esses dois estabelecimentos e continua projetando novas formas de fazer investimento. Nesse caso, construir pequenas casas que ao serem alugadas lhe renderão “lucro” ele vislumbra a possibilidade de diminuir a carga de trabalho que hoje tem. Pois enquanto autônomo, depende da presença e do seu esforço para que eles funcionem. Ele diz: *“empregado é diferente do dono. Não dizem que é o olho do dono que engorda o gado?! Funcionário quer receber o dele. Se o negócio está bem ou se está mal ele vai receber o dinheirinho dele. Eu não. Se eu não correr atrás o negócio não vai para frente”*.



As análises das entrevistas mostraram até esse ponto como um grupo de pessoas que compartilha de um mesmo problema, a obesidade grau III, passa por complexos processos de vulnerabilização social e como isso impacta e fragiliza as relações com e no trabalho. Trata-se também de um grupo de pessoas majoritariamente com restrições financeiras que variam em grau, mas que em geral não se dizem abastados financeiramente.

Segundo Gaulejac (2014), a socialização de cada indivíduo se dá no entrecruzamento de diversos campos, o familiar, o cultural, o econômico e o social, contribuindo para a construção da identidade, por via de identificações e diferenciações. Todos esses aspectos ajudam a compor a trajetória de vida de cada um, estando articulados tanto no processo de ganho de peso quanto no das inscrições no trabalho, interesses dessa investigação.

Pôde-se ver grandes dificuldades com as vivências dolorosas do olhar do outro, com a discriminação e o preconceito, mas também foi possível notar as estratégias desenvolvidas para o enfrentamento. As vulnerabilidades são muitas e precarizam suas posições sociais, mas ainda assim resistem enquanto sujeitos ativos de sua história.

Aqui cabe mais uma observação final que retorna à questão do gênero. Ela apareceu quando se abordou o início da vida laboral dos entrevistados, mas é curioso pensar que dos cinco (5) entrevistados homens, apenas um (1), o mais grave em relação ao IMC e comorbidades não trabalha atualmente. Todos os outros, mesmo com as limitações, estão ou empregados formalmente ou tem seu próprio negócio. Em contrapartida, apenas três (3) de oito (8) mulheres entrevistadas estão trabalhando, uma (1) como autônoma vinculada a um negócio familiar e as outras duas (2) também jovens com emprego formal. As dificuldades na

empregabilidade se colocam para todos que apresentam essa condição, porém parece mais cruel com as mulheres. Houve inclusive um exemplo em que foi possível que essa protuberância corporal fosse valorada positivamente no campo do trabalho para um dos homens quando se candidatou a um cargo como segurança. Às mulheres eram vetadas qualquer vaga que as deixassem em evidência. Historicamente essa tolerância era também maior aos homens que as mulheres. A elas cabia o corpo esguio, com o uso de espartilhos, por exemplo, enquanto aos homens certa protuberância era não apenas permitida como bem vista enquanto sinal de abundância e poder.

O que se confirma é que as histórias individuais e coletivas estão intimamente ligadas e que como diz Ferrarotti (1983) cada pessoa faz uma reapropriação particular do universo social e histórico que a circunda e isso transparece quando é suscitado que se conte sua história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao fim de um doutorado após quatro anos de inquietações, leituras, construção de ideias, desconstrução de valores, reformulações, discussões, e a custosa escrita, espera-se ter muito o que dizer sobre o objeto de estudo, que vem com o “peso” do dever cumprido. Ao mesmo tempo, é uma grande ilusão pensar que quatro anos de estudo sobre um objeto conseguiria elucidar ou mesmo apontar toda a complexidade envolvida. Muito distante desta ilusão, tem-se nesse estudo a clareza que um recorte foi feito, escolhas teóricas e metodológicas também e elas apontaram uma direção.

Tomar a obesidade e o trabalho como campos de estudo foi um instigante desafio, iniciado na prática clínica como profissional de uma equipe interdisciplinar voltada para o tratamento desses sujeitos obesos grau III. Muitas foram as inquietações despertadas a partir da escuta desses sujeitos no Centro de Referência em Obesidade. Espaço esse importante que foge de uma ideia que para emagrecer “é só fechar a boca”, e que reproduzindo um discurso de que se trata de falta de força de vontade. A escuta é o que permite entender os diferentes e complexos processos que envolvem não apenas o ganho de peso, mas principalmente o ganho de peso que chega a esse nível de gravidade. Essa condição é acompanhada de vários desconfortos físicos como dores e dificuldades na mobilidade, mas também se nota o peso da invalidação social que sofrem rotineiramente e que os fazem cada vez mais se recolher no campo doméstico. O conjunto desses fatores denuncia a fragilização e vulnerabilização que essas pessoas vivenciam e isso ressoa no campo do trabalho.

Se a escuta foi o principal veículo para que essa inquietação florescesse, ela também foi a escolha ética de conduzir o trabalho de campo. Se o objetivo principal dessa pesquisa era o de investigar os processos de vulnerabilização sofridas por pessoas portadoras de obesidade grau III no campo laboral, o mínimo a se fazer era o escutar o que eles tinham a dizer sobre isso. Alguém que nunca foi gorda e que está muito distante de ser diagnosticada com obesidade grau III não pode nem deve fazer suposições sobre o que se passa com esses sujeitos. Pode-se aproximar e inferir alguns apontamentos a partir do que compartilham e dar voz e uma visibilidade outra a essas questões, visto que a visibilidade que provocam pelo quesito imagem é negativamente valorada pela sociedade nos dias de hoje. Propôs-se, então, realizar entrevistas baseadas no método de história de vida laboral. Sua condição básica é a de solicitar que o sujeito narre a sua história de vida no trabalho. No encontro do sujeito com a entrevistadora uma narrativa se costura, com evocações a memórias, afetos e afetações. A presença da entrevistadora, seus questionamentos e observações tiveram impacto na narrativa,

o que tornou cada entrevista única. Entendendo que é uma fala dirigida a alguém e a interação estabelecida influencia a escolha dos fatos relatados, ela pode ter como consequência a reconstrução de sentidos para a sua própria história. Não se pode perder de vista que o protagonismo é sempre do sujeito entrevistado.

Cada sujeito apresenta uma história que obviamente é singular, porém ela está vinculada a uma história familiar e uma história social. Diversos elementos interagem e se entrecruzam formando essa história. E é um cuidado que se procurou ter: a da dupla atenção ao singular e a conjuntura mais geral. A revisão bibliográfica, apoiada na psicossociologia, mostrou que o corpo não ocupa apenas um espaço num determinado tempo, e sim que ele sustenta uma série de discursos e práticas, que o torna um grande analisador da sociedade ocidental.

Percebe-se que há, na contemporaneidade, uma excessiva valorização da imagem, da aparência e da visibilidade, que são incorporadas ao tratamento dado ao corpo, trazendo consequências às subjetivações atuais. Diversos são os procedimentos, produtos e serviços voltados para cuidados e modificação corporais, preconizando um corpo magro, jovem, considerado bonito e saudável. Construiu-se, portanto, uma associação direta entre saúde e forma do corpo. Nesse contexto, um corpo obeso grave, como é o caso dos entrevistados, sofre diversos tipos de constrangimento social. A supervalorização da magreza e o imperativo para sua apreciação transformam a obesidade num grande problema: visual, moral, social, de saúde pública...

Ao mesmo tempo, se obesidade grave atualmente se contrasta com o ideal de corpo, beleza e saúde atuais, e que vale destacar que nem sempre foi assim e a história mostra isso, por outro lado ela se apoia em outros processos subjetivos como urgência do tempo e a vivência do prazer sem limites que também são incentivados. Essa ambiguidade a torna paradigmática nos tempos atuais. A “gordura” é encarada como um mal a ser enxugado, ou melhor, extirpado, ao mesmo tempo em que é produzida. São muitos os discursos de como combatê-la. Disciplinas rigorosas e diversos campos profissionais, como a nutrição e a educação física, se destinam ao controle do que comer e como gastar os excessos alimentares. É como se a existência da obesidade passasse a ser aceitável apenas se vinculada ao processo de emagrecimento. De outra forma, parece que o sujeito é capturado por uma subjetividade obesa e como se deixasse de ocupar outros papéis na vida social. Tudo passa a girar em torno do seu excesso de peso. A vivência desse quadro é extremamente sofrida, fazendo-os se recolherem do espaço público, o que leva a um desgaste psicossocial. Acabam por aumentar seu grau de dependência, bem como os sentimentos de insuficiência e inutilidade.

Como pôde ser visto, há um forte processo de vulnerabilização e de desfiliação em jogo, que leva as pessoas obesas a ocupar lugares marginais na sociedade. E o trabalho é uma categoria social importante que é atravessada por essas questões. O olhar de horror e ojeriza dos outros são vividos de forma extremamente persecutória, levando a uma fragilização tamanha e muitas vezes despotenciadora, que reforça um grande círculo vicioso, que os fazem ocupar uma zona franjal na sociedade.

O uso da história – como disciplina – permitiu verificar que o corpo e, neste caso, o corpo obeso teve diferentes concepções, discursos e práticas sobre ele ao longo da história da humanidade. Foi possível notar que muitas representações sobre o corpo obeso foram construídas ao longo do tempo e como muitas delas coexistem ainda hoje. Da mesma forma isso se dá em relação à categoria trabalho, que hoje mantém algumas características mais pregnantes.

Atualmente cada vez mais aqueles que são expulsos do mercado de trabalho seja pela exigência de maior qualificação, seja pela idade, ou pela baixa empregabilidade, encontram menores possibilidades de se reintegrarem ao mundo do trabalho formal, reforçando a instabilidade. O que torna importante discutir sobre o lugar que ocupam aqueles que estariam à margem desse processo, como é o caso do perfil dos sujeitos dessa investigação. Reinam as exigências sobre a produtividade, a competitividade, os desempenhos superiores, a disponibilidade, a disciplina e a abnegação. Há um culto à performance e uma concepção gestionária no trabalho que se alimenta de um imaginário social que combina individualização, culto da excelência e negação dos limites. E frente a esse quadro, sujeitos obesos grau III apresentam uma imagem que denuncia uma condição de doença, uma gravidade e junto a isso um julgamento moral que desvaloriza as potencialidades.

Nesse contexto preconiza-se trabalhadores que comprovem boa saúde de forma a investirem o seu melhor, que por sinal parece nunca ser o suficiente. A doença comporta, portanto, um risco de se não a exclusão do mundo do trabalho, pelo menos uma grande fragilidade. Isso se dá não apenas porque vive-se num momento de cobranças ascendentes em termos de capacitações, produtividade e superação, mas principalmente porque esse corpo obeso, pela própria imagem que apresenta, desperta no empregador dúvidas quanto a sua real condição e capacidade para o trabalho. Independentemente se existe alguma verdade nesse julgamento ou não, o fato é que frente à acirrada concorrência, um sujeito nessas condições está muito mais vulnerável e tendencioso a perder a disputa.

Este é um cenário contado de forma muito sofrida pelos entrevistados. Buscou-se manter uma escuta clínica plural, procurando entender e sinalizar nas histórias individuais os

diferentes aspectos que convergiram nesse ganho de peso e as consequências dos mesmo no campo do trabalho, através das sínteses apresentadas. É claro que sendo uma intérprete, faço uma leitura discursiva, dentre tantas possíveis, segundo minhas afetações, implicações e bagagem teórica-metodológica. Nunca foi a intenção a de desvendar sentidos ocultos nas narrativas, mas compreender aquilo que se produziu naquele encontro numa complexa trama de expectativas, de ambos os lados. As transcrições e as leituras repetitivas do material permitiram que dentro da variedade de tipos de formas de inserção no trabalho que os entrevistados apresentaram se notasse muitas aproximações o que se transformou em categorias de análise.

A primeira observação a ser feita se refere às variáveis que atravessam a pesquisa. Primeiramente ela se dá numa unidade de saúde pública, sendo critério de seleção de amostragem que estejam inscritos no serviço com vistas a tratamento para a obesidade. Existe, portanto, um viés marcado por uma intenção ao emagrecimento e um discurso médico sobre saúde que atravessa a pesquisa. Uma segunda característica é que sendo um serviço público, ele atente, não exclusiva, mas majoritariamente um segmento da população com maiores restrições financeiras, o que também se revela como um aspecto importante na construção de representações sobre o corpo, a comida, e o trabalho. Por essas questões, as análises partiram de um grande tópico ponderando as interseções entre o psíquico e o social, de forma a compreender esses diferentes aspectos que tiveram impacto nas diversas inscrições no campo laboral e no ganho de peso desses entrevistados.

Como já apontado, a maior parte dos entrevistados viveu fortes restrições financeiras na infância, o que levou a muitos deles, se agarrarem na questão da “necessidade” tanto para ingressar muito jovens no trabalho, e ao mesmo fazer certa manutenção dessa memória que insiste e persiste, quase como um “fantasma da falta”, o qual precisariam preencher. A falta e o preenchimento se tornam coadjuvantes nessas histórias, numa injunção paradoxal (GAULEJAC, 2014; 2015). E a comida em excesso se encaixa nessa dinâmica, levando a um estado de obesidade que produz efeitos bastante negativos para esses sujeitos.

Pôde-se notar que a família transmitiu valores sobre trabalho e estudo, porém viveram a dificuldade da conciliação. Iniciando as atividades laborativas muito jovens, mantê-las concomitantemente muitas vezes se mostrou como inviável, o que mais tarde se revelou como um aspecto dificultador na busca de certos empregos, devido ao crescimento das exigências

quanto à escolaridade e capacitações. Essa inserção “precoce”<sup>16</sup> no trabalho carrega muitos valores consigo: ajudar financeiramente em casa, ter acesso enquanto consumidor a produtos que os responsáveis não podiam contemplar, era também uma forma de evitar a ociosidade e afastá-los de atividades ilícitas. Apesar da variedade há marcadamente uma questão de gênero.

O trabalho proveniente da experiência se colocou para ambos os sexos. A diferença se depositou no como e a partir do que. Ficou bem marcado que se direcionava aos homens uma maior preocupação numa profissionalização precoce. Havia um incentivo para que aprendessem ofícios e que a aprendizagem a partir do “ir fazendo” os fariam desenvolver habilidades para e no trabalho, e mais, um trabalho voltado para fora de casa. Às mulheres cabia uma formação para o trabalho doméstico. Apesar de não ser uma formação para o trabalho formal, muitas mulheres se apropriaram desse conhecimento prático e o transformaram em uma atividade laborativa remunerada.

Nesse contexto de trabalho e de possibilidade de consumo, a comida aparece também como símbolo de poder e de distinção em relação à miséria. Falas como “*sempre fui pobre, mas como pobre a gente tinha as coisas; comida não faltava*” e “*a gente passava bastante dificuldade, mas nunca faltou comida, nunca faltou carne na mesa*” trata-se de marcar uma distinção, pois a falta da comida é a marca da miséria que vem acompanhada de um forte sentimento de humilhação. Sabe-se que historicamente a alimentação esteve ligada ao prestígio social, a um *status*, porque incarnava as ideias e abundância e riqueza, principalmente num contexto onde havia restrições e escassez de alimentos. Segundo a teoria do *habitus* (BOURDIEU, 2009), conjuntos de práticas constituídas ao longo do tempo, a medida que são capitalizadas pelas respostas que podem fornecer a questões concretas e objetivas da vida, acabam por ser transmitidas através das gerações. O autor a define como “a presença operante de todo o passado do qual é o produto: no entanto, ele é o que confere às práticas sua independência relativa em relação às determinações exteriores do presente imediato” (BOURDIEU, 2009, p. 93). Sendo assim, arrisca-se dizer que esse conjunto de representações e práticas, que foram capitalizadas há muito tempo, transmitidas de geração em geração, perduram até os dias atuais, integrando experiências passadas no cotidiano dessas pessoas. Possivelmente pelo lugar social que ocupam, pressintam que possam viver experiências de escassez alimentar. Através do excesso de comida se asseguram de estarem

---

<sup>16</sup> Vale o esclarecimento das aspas na palavra precoce, pois ela é uma qualidade atribuída pela pesquisadora. A inserção no trabalho no período da infância ou adolescência não é visto como pejorativo ou proibido, ao contrário, para muitos é uma trajetória comum às formas de sociabilidade no contexto de suas trajetórias.

protegidas de tais experiências, no entanto, a hipótese aqui desenvolvida é que a ausência de comida se torna um fantasma. Muitas vezes o desejo de uma promoção social ou mesmo de resposta às condições concretas de vida – ligadas à pobreza – aparece representada pela comida, e em geral pelos excessos. E é fato que muito contribuiu para o ganho de peso, levando-os a um nível de gravidade muito grande.

A descrição da rotina de vida sempre retorna a uma reclusão. A lista de dificuldades é extensa que passa desde as dificuldades em subir num ônibus e passar na roleta, à necessidade de avaliar onde vão sentar pois a cadeira pode quebrar, ou mesmo pelos constrangimentos do olhar do outro. Esta última tem um peso maior e é descrita como muito sofrida. Há um julgamento moral em relação à condição de obeso grave que leva a que se recolham cada vez mais na tentativa de diminuir sua visibilidade e o sentimento de “vergonha”. O se recolher no espaço doméstico, neste sentido, é como querer tornar-se invisível no espaço público. No entanto, os processos de subjetivação atuais se direcionam à visibilidade, o que também atravessa as exigências do mundo do trabalho com o culto à performance. E sendo o trabalho uma categoria socialmente valorizada e que recebe investimento dessas pessoas, elas não apenas querem como precisam trabalhar. E aqui, as análises conduzem ao segundo grande tópico que se destina à discussão dos processos de vulnerabilização se dão no encontro dessas subjetividades obesas com o mundo do trabalho e que estratégias foram possíveis de serem desenvolvidas.

Incongruências e dificuldades se colocam, pois, aos seus olhos as diversas situações de negativas em seleções para emprego são vividas como preconceito e discriminação. Fica o sentimento de injustiça. Isso de fato procede. No entanto, não é o único aspecto em jogo. As pessoas que compuseram a amostra dessa pesquisa apresentam uma condição física e de mobilidade bastante reduzidas em comparação a pessoas de IMC mais baixo. Esse é um fator importante na avaliação de um empregador, que está interessado em diminuir custos e aumentar lucros. Selecionar uma pessoa que já apresenta uma ou mais doenças preexistentes, é concordar que ela precisará se ausentar do ambiente de trabalho com certa regularidade mesmo que esparsa. Sendo assim, num mercado competitivo estar obeso é uma grande desvantagem.

Apesar de reconhecerem as dificuldades vividas devido à obesidade, a maior parte dos entrevistados não atribui ao excesso de peso um impedimento para o trabalho. O reconhecimento da obesidade como um limitador nesse campo passa por um processo de negação, pois só aparece através do olhar do outro, seja ele um empregador, seja ele um uniforme, seja a roleta do ônibus. A falta ou a dificuldade em se perceberem obesos, os fazem

se confrontarem com situações muito difíceis, mas que também funcionam como reestruturadores da própria identificação com o seu corpo, e conseqüentemente sua imagem corporal. Um dos problemas que se produz é que sendo uma imagem desvalorizada socialmente, pode acontecer um processo de identificação a essa posição em que o sujeito se fecha num círculo vicioso, ao assumir para si e aceitar esse julgamento. Nas palavras de Gaulejac (2014, p. 122): “a desvalorização social vem amplificar a desvalorização narcísica”, enquanto consequência psíquica.

Nota-se, dessa maneira, que a obesidade grave funciona também como um determinante de posições sociais, uma vez que as limitações físicas impostas pelo excesso de gordura e as doenças associadas somadas à estigmatização e ao preconceito têm impacto na forma de inserção social e principalmente, na mobilidade social. É nesta última que o trabalho tem grande relevância. Mas o encontro do sujeito obeso com as novas exigências do mundo do trabalho se dá em um descompasso. O que torna imprescindível que usem estratégias de enfrentamento e resistência. As principais estratégias descritas foram a indicação e o trabalho autônomo.

A inserção, manutenção e reingresso à vida laboral para esses sujeitos depende de um sobre-esforço para comprovar sua capacidade laborativa. A visão é o primeiro dos sentidos a ser afetado numa entrevista de seleção para um emprego, seja ele formal ou não. E essa imagem se antecipa à análise das habilidades e competências para o cargo, sem contar a própria limitação física, que a depender da vaga, é critério básico para a exclusão.

A fala dos entrevistados revelou que a indicação é um recurso eficiente em vista da grande dificuldade de empregabilidade que sofrem. Ela se apoia na rede relacional que esses sujeitos possuem. Ela obviamente não é exclusiva a sujeitos obesos graves. Uma indicação sempre reverbera como uma recomendação de alguém de confiança, fazendo associar àquele currículo outros valores. E no caso de sujeitos fragilizados pela questão da obesidade isso é muito importante, visto a fragilidade que sua imagem carrega, tornando outras qualidades secundárias. A indicação pode propiciar uma inversão, atribuindo maior valor a outras qualidades, ao contrário de desvalorizá-las por conta da aparência. Vale destacar que essa rede de sociabilidade que a indicação aciona é protetora à medida que há uma mobilização e investimento para que o outro possa trabalhar.

Há os casos em que a inserção no campo do trabalho já existe, mas que pelos mesmos motivos já apontados tornam a ocupação do cargo muito frágil. Circulam crenças de que sujeitos obesos são menos implicados em objetivos e metas, já que não “conseguiriam se aplicar no próprio cuidado. Com isso, são considerados menos capazes, menos dispostos,

mais descuidados, o que novamente aparece fragilizando suas posições. Sendo assim, ao contrário da realização, reconhecimento e valorização no campo do trabalho, esses sujeitos sofrem de discriminação, prejuízos decorrentes do estigma (GOFFMAN, 1988). Por conta das avaliações negativas vivem ameaças constantes (veladas ou não), que contribuem para o que Lhuilier (2012) chama de “ativos precários”. Eles se esforçam por manter a atividade a qualquer custo, mesmo em detrimento da saúde devido à precariedade de emprego e a fragilidade de sua empregabilidade.

Assim como a indicação foi um ponto de convergência entre os entrevistados, o trabalho como autônomo também o foi. A dificuldade em se estabelecer como empregados fez com que alguns entrevistados investissem em atividades que dependessem de si próprios, como autônomos. É o caso daqueles que vendem seus serviços e/ou produtos. Sendo contribuintes da Previdência Social, conseguem manter os direitos vinculados a ele, ao contrário mantém-se com as mesmas fragilidades daqueles empregados em atividades precárias e informais.

De forma feral, pode-se dizer que longe de valores positivados, esses sujeitos vivenciam situações de desqualificação social, que reforçam um imaginário da inutilidade (CARRETEIRO, 2003). Eles vivem rotineiramente vulnerabilidades múltiplas que podem desembocar em processos de desfiliação. O trabalho aparece, portanto, como mais uma vulnerabilidade, que agrava as condições de existência.

Este trabalho mostra que ao abordar a problemática da obesidade é necessário que se possa pensa-la no plural. Um quadro de obesidade leve ou moderada não é o mesmo de uma obesidade grave. Da mesma forma que a experiência da obesidade em contextos de restrições financeiras também não é o mesmo que em outras condições. Não se teve nessa investigação esse outro lado, por isso restringe-se a apontar que a obesidade é extremamente impactante nas camadas sociais com maiores restrições financeiras, de acesso escolaridade, capacitações etc. E ela aparece intrincada em processos de precarização das condições de vida, tanto como efeito como causa, num grande círculo vicioso.

Foi visto que esse perfil de sujeitos obesos está relacionado a menores oportunidades de alcançar postos de trabalho e nem se está referindo àqueles de maior qualificação e melhor condição salarial. A discussão é inclusive anterior a essa, pois há uma referência explícita em se “fazer qualquer coisa”. Há, portanto, uma incidência maior, mas não exclusiva em se ocupar de atividades de menor prestígio e menor visibilidade.

Para finalizar, a experiência dessa investigação confirma como a história pessoal é representativa de um determinado tempo, cultura, lugar social, de um grupo, e mais ainda de

um passado que se mantém ativo por diversas e complexas práticas. É fato que cada pessoa faz uma reapropriação particular do universo social e histórico que a circunda. E encerra-se essa pesquisa de doutorado, agradecendo a cada história de vida compartilhada, que mostram não apenas as vulnerabilidades e sofrimentos vividos, mas que também apontam as estratégias e linhas de fuga construídas. As muitas palavras desta tese mantinham essa intenção, a de ser também porta voz e dar visibilidade a essas questões na atualidade, tendo em vista que o sobrepeso e a obesidade acometem 49% dos adultos maiores de 20 anos de idade no Brasil. Não se acredita, portanto, que este seja um final, como um esgotamento das discussões e sim como uma experiência de complexidades que torna esta tese um terreno fértil para disparar outras e múltiplas discussões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. I. M. D. Nada além da epiderme: a performance romântica da tatuagem. In: BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Ed FGV, 2006.
- ALSINO, J. ΔΙΑΙΤΑ ΑΠΤΟΦΑΓΩΝ: A saúde põe a mesa entre os gregos. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 2009. Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.
- BAHIA, L. R.; ARAÚJO, D. V. Impacto econômico da obesidade no Brasil. **Revista HUPE**, Rio de Janeiro, v. (1), n. 13, p. 13-17, 2014.
- BARUS-MICHEL, J. Clínica e Sentido. In: BARUS-MICHEL, J.; ENRIQUEZ, E.; LEVY, A. **Dicionário de Psicossociologia**. Lisboa: Climepsi, 2005.
- BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. 70. ed. Lisboa: [s.n.], 2008[1979].
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, P. **Pierre Bourdieu avec Löic Wacquant; réponses**. Paris: Seuil., 1992.
- BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: obesidade., Brasília, 2014. Disponível em: <[http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno\\_38.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_38.pdf)>.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Prevalência de déficit de peso e excesso de peso na população com 20 ou mais anos de idade, por sexo. Brasil – períodos 1974-1975, 1989 e 2002-2003. **Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição (CGPAN), Ministério da Saúde, Brasília, 2007a**. Disponível em: <[http://dtr2004.saude.gov.br/nutricao/boletim\\_sisvan/documentos/](http://dtr2004.saude.gov.br/nutricao/boletim_sisvan/documentos/)>>.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. (2007B). **Institui diretrizes para a atenção à saúde, com vistas à prevenção da obesidade e assistência ao portador de obesidade, a serem implantadas em Portaria nº 1.569/07**. Ministério da Saúde. Brasília. 2007b.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Obesidade. Cadernos de Atenção Básica, 12. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).** Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política nacional de alimentação e nutrição.** Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. MS. Brasília. 2003.

BUSS, M.; PELLEGRINI FILHO, A. A Saúde e seus Determinantes Sociais. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro., v. 1, n. 17, p. 77-93, 2007.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CAREGNATO, C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 4, n. 15, p. 679-84, Out-Dez 2006.

CARRETEIRO, T. C. O. C. A doença como projeto: uma contribuição à análise de formas de filiações e desfiliações sociais. In: SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis: Ed V, 1999.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Psicossociologia em exame. In: MACHADO, M. N. D. M., et al. **Psicossociologia: análise social e intervenção.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

CARRETEIRO, T. C. O. C. Corpo e Contemporaneidade. Em: **Psicologia em Revista**, v. 17, n. 11, p. 62-76., 2005.

CARRETEIRO, T. C. O. C. **Pesquisa Trabalho, Valores, Contextos Sociais e Histórias de Vida Intergeracional.** CNPq. [S.l.]. 2009.

CASTEL, R. Da indigência à exclusão, a desfiliação – Precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: LANCETTI, A. **Saúde e Loucura.** São Paulo: Hucitec, v. 4, (1994)..

CASTEL, R. **As Metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário.** Petrópolis: Ed Vozes, 1998.

CASTEL, R.; EWALD, F. Robert Castel: O advento de um individualismo negativo. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, Niterói, n. 9(2 e 3), p. 4- 12, 1997.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2006.

CONTRERAS, J.; GRACIA, M. **Alimentação, sociedade e cultura.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COUTINHO, W. Consenso Latino-Americano de Obesidade. **Arquivo Brasileiro de Endocrinologia, Metabologia.**, São Paulo, n. 43(1), 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abem/v43n1/12049.pdf>>.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

- DEJOURS, C. **A Banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- DEJOURS, C.; CARDOSO, M. R. Christophe Déjours. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, n. 4(2)., jul./dez. 2001.
- DIAS, H. F. P. **Auto-imagem e obesidade: uma abordagem neuropsicológica cognitiva**. Campos dos Goytacazes, RJ: [s.n.], 2008.
- ENRIQUEZ, E. Perda do trabalho, perda da identidade. In: NABUCO, M. R.; CARVALHO NETO, A. M. D. **Relações de trabalho contemporâneas**. Belo Horizonte: Instituto de Relações do Trabalho - IRT/PUC-Minas, 1999. p. pp. 69-83.
- ERHENBERG, A. **La fatigue d' être soi**. Paris: Odile Jacob, 1998.
- ERHENBERG, A. **O culto da performance**. 1ª. ed. Paris: Ed. Management, 2010.
- FAURE, O. O olhar dos médicos. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo - Da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FERRAROTTI, F. **Histoire et Histoire de vie**. Paris: Librairies des Méridiens, 1983.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 2 – O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984a.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984b.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed Graal, 2006 [1979].
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2011 [1988].
- FRANCO, T. B.; MAGALHÃES JR, H. M. Integralidade na assistência à saúde: a organização das linhas de cuidado. In: MERHY, E. E. **O Trabalho em Saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano**. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- GAULEJAC, V. Psicossociologia e Sociologia Clínica. In: ARAÚJO, J. N. G.; CARRETEIRO, T. C. O. C. **Cenários Sociais e Abordagem Clínica**. Belo Horizonte: Fumec, 2001. p. 35-47.
- GAULEJAC, V. **As origens da vergonha**. São Paulo: Via Lettera, 2006.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. São Paulo: Ideias, Letras, 2007.

GAULEJAC, V. **A neurose de classe: trajetória social e conflitos de identidade**. São Paulo: Via Lettera, 2014.

GAULEJAC, V.; HANIQUE, F. **Le Capitalisme paradoxant - Un système qui rend fou**. Paris: Le Seuil, 2015.

GIUST-DESPRAIRIES, F.; LÉVY, A. Análise de Discurso. In: BARUS-MICHEL, J.; ENRIQUEZ, E.; LEVY, A. **Dicionário de Psicossociologia**. Lisboa: Climepsi, 2005.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GORZ, A. **Metamorfoses do Trabalho**. São Paulo: Annablume, 1985.

HORTA, C. R. Desemprego e Cultura: uma leitura política da desconstrução da cidadania do trabalhador. **Ser Social Trabalho e Cidadania, Revista do Programa de Pós-Graduação em Política Social do Dep. de Serviço Social da UnB**, Brasília, 1999. 111 – 122.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008\\_2009\\_encaa/pof\\_20082009\\_encaa.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_encaa/pof_20082009_encaa.pdf)>. Acesso em: 13 setembro 2010.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). In.: **Escritos**. Jorge Zahar, 1998.

LANCMAN, S. O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 25-36.

LAZZARINI, E. R. O excessivo peso da obesidade. In: VIANA, T. C.; LEAL, I. **Sintomas alimentares, cultura, corpo e obesidade**. Lisboa: Placebo, 2013.

LE BRETON, D. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. História e etnologia. In: LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LHUILIER, D. Trabalho. In: BARUS-MICHEL, J.; ENRIQUEZ, E.; LÉVY, A. **Dicionário de Psicossociologia**. Lisboa: Climepsi, 2005. p. 210-220.

LHUILIER, D. Travail, management et santé psychique. **Connexions**, Paris, v. 91, p. 85-111, 2009.

LHUILIER, D. Filiações teóricas da clínica do trabalho. In: BENDASSOLLI, P.; SOBOLL, L. A. **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 22-58.

LHUILIER, D. A invisibilidade do trabalho real e a opacidade das relações saúde-trabalho. **Trabalho, Educação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 13-38, 2012. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/991/854>>.

MARQUES, D. As Vênus Contemporâneas. **Revista Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 18, 2007. Disponível em: <[http://www.polemica.uerj.br/pol18/cimagem/p18\\_dayse.htm](http://www.polemica.uerj.br/pol18/cimagem/p18_dayse.htm)>.

MATTOS, R. **Sobrevivendo ao estigma da gordura**. 1ª. ed. São Paulo: Vetor, 2012.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MERHY, E. E.; FRANCO, T. B.; MAGALHÃES JR, H. M. Integralidade e transversalidade das necessidades de saúde nas linhas de cuidado - movimentos moleculares na micropolítica do trabalho em saúde, 2003. Disponível em: <<http://www.uff.br/saudecoletiva/p>>. Acesso em: dezembro 2013.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MOTTA, E. F. O Peso da Obesidade: O Excesso de Peso como Sintoma. **Psicologado**, 2001. Disponível em: <<http://psicologado.com/abordagens/psicanalise/o-peso-da-obesidade-o-excesso-de-peso-como-sintoma>>. Acesso em: dezembro 2012.

NARDI, C. A genealogia do indivíduo moderno e os suportes sociais da existência. **Psicologia, Sociedade**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 2002.

NARDI, H. C. A propriedade social como suporte da existência: a crise do individualismo moderno e os modos de subjetivação contemporâneos. **Psicologia, Sociedade**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, 2003.

NOVAES, J. V. **O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Garamond, 2006.

NOVAES, J. V. **Com que corpo eu vou?: sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Pallas, 2010.

OFFE, C. **Trabalho e Sociedade. Problemas estruturais e Perspectivas para o Futuro da Sociedade do Trabalho**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. 1 - A crise, 1989.

OLIVEIRA, M. L. **Estimativa dos custos da obesidade para o Sistema Único de Saúde do Brasil**. Brasília: UnB, 2013.

ORTEGA, F. Práticas de Ascese Corporal e a Constituição de Bioidentidades. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 59 – 77, 2003. Disponível em: <[http://www.projcnpq.mpbnet.com.br/textos/ascese\\_corporal.pdf](http://www.projcnpq.mpbnet.com.br/textos/ascese_corporal.pdf)>. Acesso em: março 2014.

ORTEGA, F. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ORTEGA, F. **O Corpo Incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R. **Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PINTO, B. O. S.; CARRETEIRO, T. C. O. C.; RODRIGUEZ, L. S. R. Trabalhando no “entre”: a história de vida laboral como método de pesquisa em Psicossociologia. **Revista de estudos organizacionais e sociedade. Face/ UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 729-760, 2015.

PINTO, M. S.; BOSI, M. L. M. Muito mais do que pe(n)sam: percepções e experiências acerca da obesidade entre usuárias da rede pública do município de Fortaleza – Ceará. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 443-457, 2010.

POULAIN, J. P. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: SENAC, 2013.

PRADO FILHO, K.; TRISOTTO, S. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121., 2008.

RABELO, L. S. **Promoção da Saúde: a construção social de um conceito em perspectiva comparada**. Rio de Janeiro: fiocruz, 2010.

ROCHA, L.; VILHENA, J.; NOVAES, J. V. Obesidade Mórbida: quando comer vai muito além do alimento. **Psicologia em Revista.**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 77-96, 2009.

RODRIGUEZ, L. R. **À Flor da Pele: considerações sobre o corpo na atualidade através do uso da tatuagem**. Niterói: UFF/ICHF/PPGP, 2011.

RODRIGUEZ, L. S. **Trabalho, Emprego e Mal-Estar**. Niterói: UFF/ICHF, 2006.

SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, D. B. **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANT'ANNA, D. B. Corpo e História. In: CABEDA, S. T. L.; CARNEIRO, N. V. B.; LARANJEIRA, D. H. P. **O corpo ainda é pouco: seminário sobre corporeidade**. Feira de Santana: NUC/UFFS, 2000.

SANT'ANNA, D. B. Transformações do corpo – controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M. M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. **Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, C. R. A. A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa. **História- Questões, Debates. Revista do Departamento de História da UFPR**, Curitiba, v. 42, p. 11-35, 2005.

SEIXAS, C. M. **Comer, demandar, desejar**: Considerações Psicanalíticas sobre o corpo e o objeto na obesidade. Rio de Janeiro: Dissertação – Universidade Estadual do Rio de Janeiro. UERJ/ CHS/IMS., 2009.

SILVA, S. Entre a cultura da magreza e as sociedades da abundância: o corpo obeso. Sociedades Contemporâneas: reflexividade e Acção. **Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. Atelier: Contextos Organizacionais e Organizações**, 2004.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

VARELA, A. P. G. Você tem fome de quê? **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 26, n. 1, p. 82-93, 2006.

VIGARELLO, G. **As metamorfoses do corpo gordo**: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Vozes, 2012.

WANDERLEY, E. N.; FERREIRA, V. A. Obesidade: uma perspectiva plural. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 15, p. 185-194, 2010.

WHF. WORLD HEALTH FEDERATION. History. **World Obesity Federation**, s/d. Disponível em: <<http://www.worldobesity.org/who-we-are/history/>>. Acesso em: novembro 2013.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Obesity**: preventing and managing the global epidemic. Geneva: World Health Organization, 2004a

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Integrated prevention of noncommunicable diseases Draft global strategy on diet, physical activity and health**. World Health Organization. [S.l.]. 2004b

## ANEXO I

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Dados de identificação:**

**Título do Projeto:** “Entre o peso da gordura e da exclusão do trabalho: considerações sobre a obesidade mórbida na atualidade”

**Pesquisador Responsável:** Luciana da Silva Rodriguez

**Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:** Universidade Federal Fluminense

**Telefones para contato:** (21) 982192015; 26525107.

**Nome do Voluntário:** \_\_\_\_\_

**Idade:** \_\_\_\_\_ **Telefones:** \_\_\_\_\_

O(a) Sr<sup>o</sup> (a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Entre o peso da gordura e da exclusão do trabalho: considerações sobre a obesidade mórbida na atualidade”, vinculada ao curso de Doutorado em Psicologia da Universidade Federal Fluminense e de responsabilidade da pesquisadora Luciana da Silva Rodriguez.

Durante todo o período da pesquisa o(a) sr (a) tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail lulu\_psico@hotmail.com ou telefone (21) 982192015.

Os objetivos da referida pesquisa são estritamente acadêmicos, que, em linhas gerais pretende investigar os processos de filiação/desfiliação sofridas por pessoas portadoras de obesidade grau III no campo laboral. A pesquisa é relevante, pois articula duas problemáticas bastante complexas na atualidade: corpo e trabalho. A vulnerabilidade decorrente do ganho progressivo de peso pode desembocar em vários processos de desfiliação social para o obeso e o trabalho, ou a falta dele, é um dos laços que são cortados ou impedidos. Frente à complexidade da temática seria importante e necessária uma investigação mais aprofundada e que articulasse contribuições em uma perspectiva inter e transdisciplinar.

A colaboração se fará de forma anônima, por meio da análise do prontuário e entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O objetivo da gravação em áudio consiste em manter a fidedignidade das informações obtidas. Os materiais gravados não serão disponibilizados a qualquer tempo para nenhuma outra pessoa ou pesquisa de campo que venha a ser realizada sobre a temática em questão.

Esses procedimentos não incorrem em riscos, pois tem como foco a história de vida laboral. Ao contrário, contribuirão para uma compreensão ampliada sobre a vida e as redes de apoio do sujeito, o que é interessante também para o seu tratamento.

Sabe-se que os sujeitos podem viver as mesmas situações de diferentes maneiras, e por isso, estar-se-á atenta a qualquer sinal de sofrimento psíquico que o sr(a) manifeste. Caso ocorra, o(a) sr(a) será questionado sobre o desejo de interrompê-la. Ainda assim, caso opte por não fazê-lo, é possível neste caso, já que se trata de um entrevistador-psicólogo, dar o apoio necessário para manejar e contornar a situação. É importante salientar que a perspectiva ética que engloba o bem estar dos sujeitos é prioridade em relação a qualquer outro procedimento.

Sua participação é voluntária, com a finalidade exclusiva de colaborar com a realização da pesquisa. Dessa forma, não haverá qualquer incentivo financeiro ou qualquer ônus por isso. Caso tenha gastos com deslocamento ou alimentação para participar da pesquisa, estes serão ressarcidos pelo pesquisador responsável.

Os usos das informações prestadas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

O(a) sr(a) poderá se retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para seu acompanhamento no Centro de Referência em Obesidade ou sofrer quaisquer constrangimentos por esta decisão.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Eu, \_\_\_\_\_,

RG nº \_\_\_\_\_, declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_